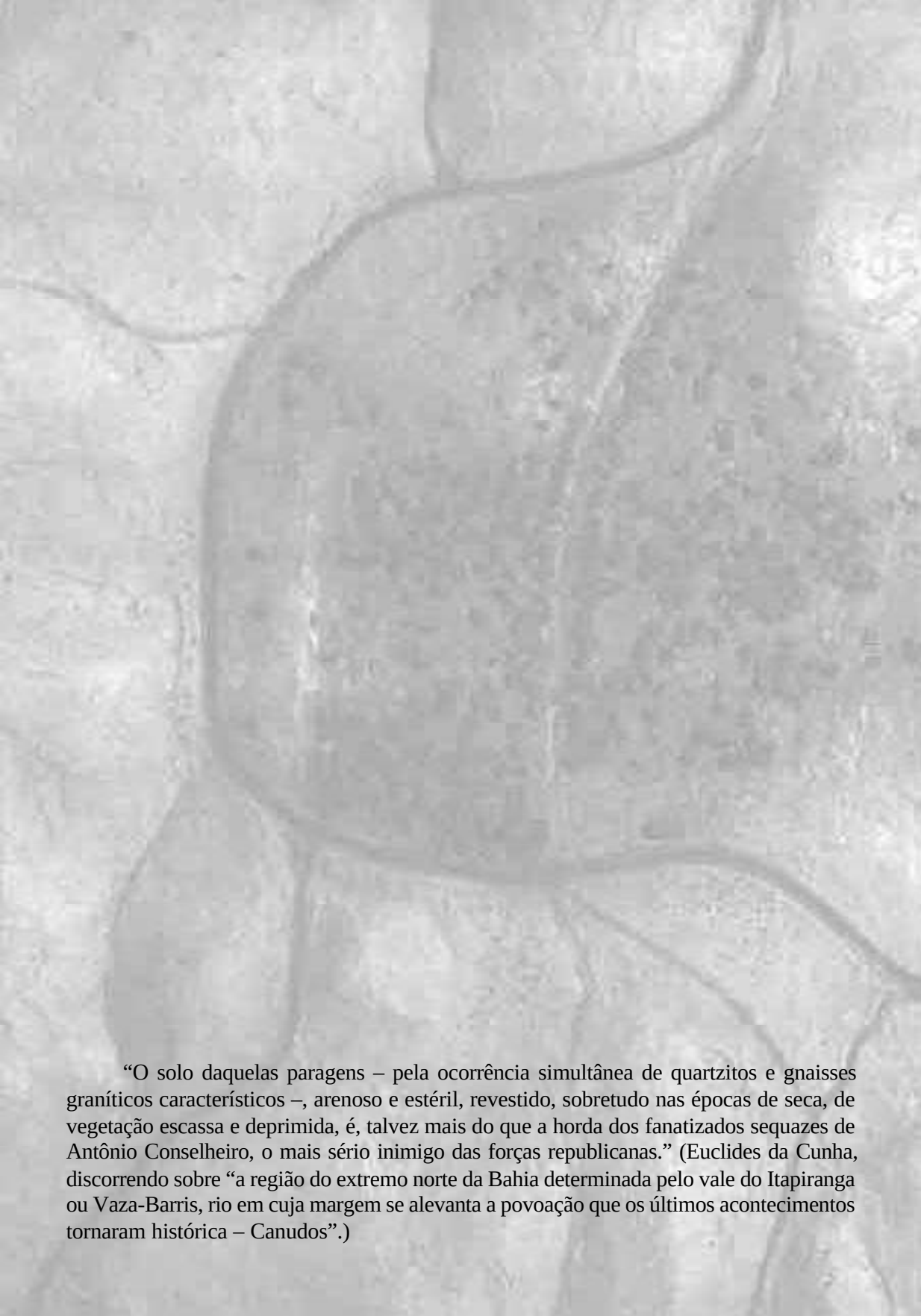




“O solo daquelas paragens – pela ocorrência simultânea de quartzitos e gnaisses graníticos característicos –, arenoso e estéril, revestido, sobretudo nas épocas de seca, de vegetação escassa e deprimida, é, talvez mais do que a horda dos fanatizados sequazes de Antônio Conselheiro, o mais sério inimigo das forças republicanas.” (Euclides da Cunha, discorrendo sobre “a região do extremo norte da Bahia determinada pelo vale do Itapiranga ou Vaza-Barris, rio em cuja margem se alevanta a povoação que os últimos acontecimentos tornaram histórica – Canudos”).)

.....

CANUDOS E OUTROS TEMAS



Mesa Diretora
Biênio 2003/2004

Senador José Sarney
Presidente

Senador Paulo Paim
1º Vice-Presidente

Senador Eduardo Siqueira Campos
2º Vice-Presidente

Senador Romeu Tuma
1º Secretário

Senador Alberto Silva
2º Secretário

Senador Heráclito Fortes
3º Secretário

Senador Sérgio Zambiasi
4º Secretário

Suplentes de Secretário

Senador João Alberto Souza
Senador Geraldo Mesquita Júnior

Senadora Serys Slhessarenko
Senador Marcelo Crivella

Conselho Editorial

Senador José Sarney
Presidente

Joaquim Campelo Marques
Vice-Presidente

Conselheiros

Carlos Henrique Cardim
João Almino

Carlyle Coutinho Madruga
Raimundo Pontes Cunha Neto

.....
Edições do Senado Federal – Vol. 2

CANUDOS E OUTROS TEMAS

Euclides da Cunha



Brasília – 2003

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

Vol. 2

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país.

CANUDOS E OUTROS TEMAS

Edição comemorativa dos 100 anos de publicação de *Os Sertões*

4ª Edição – revista e ampliada

Este livro contém as reportagens intituladas “Canudos – Diário de uma Expedição”, que deram origem a *Os Sertões*, dezesseis trabalhos e duas cartas.

Introdução geral, seleção, cronologia e apresentações de

OLÍMPIO DE SOUSA ANDRADE

Estabelecimento do texto da 1ª edição a cargo de

DERMAL DE CAMARGO MONFRE

Apresentação, notas e

estabelecimento do texto das 2ª, 3ª e 4ª edições a cargo de

CYL GALLINDO

Capa: Reginaldo Esteves

Projeto Gráfico: Achilles Milan Neto

© Senado Federal, 2003

Congresso Nacional

Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70168-970 – Brasília – DF

CEDIT@cegraf.senado.gov.br

<http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm>

.....

Cunha, Euclides da, 1866-1909.

Canudos e outros temas / Euclides da Cunha – Brasília :

Senado Federal, Conselho Editorial, 2003.

LXXXVI + 260 p. – (Edições do Senado Federal ; v. 2)

1. Guerra de Canudos (1897). 2. Brasil, história. I. Título.

II. Série.

CDD 981.0521

.....

.....

Sumário

APRESENTAÇÃO À 2ª E 3ª EDIÇÃO

por Cyl Gallindo

pág. XV

APRESENTAÇÃO À 4ª EDIÇÃO

por Cyl Gallindo

pág. XXIX

INTRODUÇÃO

por Olímpio de Sousa Andrade

pág. XLV

Os 43 anos de Euclides – Cronologia

pág. LXXXI

NOTAS DO REVISOR

pág. LXXXV

CANUDOS

A Nossa Vendéia I

pág. 3

A Nossa Vendéia II

pág. 9

A campanha de Canudos (Série de reportagens
publicadas em *O Estado de S. Paulo*, de agosto a outubro de 1897,
enviadas do teatro de operações, no sertão da Bahia)

pág. 15

O batalhão de São Paulo
pág. 107

OUTROS TEMAS

Distribuição dos vegetais no Estado de São Paulo
pág. 113

O 4º centenário do Brasil
pág. 119

As secas do Norte (I-II-III)
pág. 123

Relatório sobre as ilhas dos
Búzios e da Vitória
pág. 137

Viajando...
pág. 155

Posse no Instituto Histórico
pág. 161

Entre os seringais
pág. 165

O povoamento e a navegabilidade
do rio Purus
pág. 169

Última visita
pág. 189

Numa volta do passado
pág. 193

Um atlas do Brasil
pág. 199

Duas cartas
(a Joaquim Nabuco, de Lorena, em 18-10-1903;
a Oliveira Lima, do Rio, em 10-1-1909)
pág. 205

Quatro artigos em 1892 –
pág. 215

Dia a dia – 27 de abril
pág. 217

Dia a dia – 1º de maio
pág. 221

Dia a dia – 22 de maio
pág. 225

Instituto Politécnico I – 24 de maio
pág. 229

Instituto Politécnico II – 1º de junho
pág. 235

ANEXOS

Depoimentos sobre *Canudos e Outros Temas*
pág. 241

Dados sobre o autor da Apresentação
de *Canudos e Outros Temas*
pág. 251

Dados sobre o autor da Capa
pág. 253

ÍNDICE ONOMÁSTICO
pág. 255

.....

CANUDOS E OUTROS TEMAS, DE EUCLIDES DA CUNHA,
MARCA A HOMENAGEM DO CONSELHO EDITORIAL DO
SENADO FEDERAL AOS 100 ANOS DE PUBLICAÇÃO DE
OS SERTÕES, OBRA-MESTRA DE EUCLIDES DA CUNHA

Aos
Senadores Lúcio Alcântara, Mauro Benevides e
Humberto Lucena (*in memoriam*).

Ao
Povo da cidade de São José do Rio Pardo – SP, pelos
festejos da Semana Euclidiana, que realizam todo mês
de agosto, desde 1912.

Ao
Jornal *O Estado de S. Paulo* que põe em questão
os sonhos de Euclides e os pesadelos do nordestino.

C. G.

.....

Apresentação à 2ª e 3ª Edição

Cyl Gallindo

CANUDOS E OUTROS TEMAS,¹ de Euclides da Cunha, saindo em 3ª edição pela Subsecretaria de Edições Técnicas do Senado Federal,² visa, como obra germinativa, a marcar as comemorações dos 90 anos de publicação de *Os Sertões* – dezembro de 1902/1992.

Embora com atraso, aí está o livro um pouco mais completo do que o que fora realizado por Olímpio de Sousa Andrade e Dermal de Camargo Monfrê: consta o artigo “Entre os Seringais”, não localizado à época pelo organizador, conforme notifica no final da “introdução”, e o texto composto das cartas a Joaquim Nabuco e Oliveira Lima.

1 Título da primeira edição: *Canudos e Inéditos* – Edições Melhoramentos. Suprimidas a orelha, escritapor Paulo Dantas, e a capa de Teresa Nazar. C. G.

2 O Presidente do Senado, Senador Humberto Lucena, autorizou esta 3ª edição, revista e melhorada no aspecto gráfico, tendo em vista a estrondosa repercussão no próprio Senado, na Câmara dos Deputados, na imprensa e nos meios intelectuais do Brasil e do exterior, mesmo antes do lançamento da 2ª edição, eloqüente testemunho vivo da importância de Euclides da Cunha e da sua obra. C. G.

O trabalho continua oferecido à juventude, para que possa tomar conhecimento do que de mais puro e forte existe na literatura brasileira, embora já não haja dúvida do grande interesse pela obra demonstrado por gentes de todas as faixas etárias, de todos os níveis e de todos os pontos, donde nem se poderia imaginar. As “opiniões”, sintetizadas e reduzidas ao máximo possível, são retrato colorido sem retoque da grande realidade euclidiana. Atestado de que não há poder que afogue a realidade.

Ao ser procurado por emissário de Virgílio Moretzsohn, para saber se teria meios de interceder junto a alguém capaz de reeditar o volume, de imediato aflorou-me à memória um nome: Senador Mauro Benevides, então Presidente do Senado Federal. A lembrança não veio por acaso. É que, não obstante o alto posto em que estava investido, como estadista de primeira grandeza, o senador sempre me desarmara de formalidades com singular atenção e, além da condição de intelectual, recém-eleito para a Academia Cearense de Letras, é conterrâneo do Conselheiro, personagem central da obra-prima euclidiana.

A confiança confirma-se: o Senador Benevides ouviu o pleito e orientou-me a formalizá-lo, encaminhando-o ao Diretor-Geral do Senado, Sr. Manuel Vilela de Magalhães, o que foi feito por meio da Casa de Pernambuco, com o seguinte argumento:

“Move-nos tão-somente o interesse único de não se permitir que sucumba ao peso do esquecimento e da indiferença uma das mais importantes obras, tanto pela temática como pela estrutura e estilo, escrita em língua portuguesa, por um brasileiro. Como, sobre quaisquer obstáculos, mantém a Itália compromisso com Dante Alighieri; a Inglaterra, com Shakespeare; a Alemanha, com Goethe; Portugal, com Camões, e tantas outras nações com seus filhos mais ilustres, é igualmente dever do Brasil conduzir acesa a chama Euclides da Cunha.”³

3 Ofício C. PE. 012/92, enviado ao diretor-geral do Senado, em 26-5-92.

No período do vagaroso curso da burocracia, dependente de parecer de comissão, orçamento e outros detalhes, houve recesso do Congresso Nacional e eleição para a Mesa Diretora. Eleito Presidente, o Senador Humberto Lucena, paraibano, grande incentivador da cultura, do que dou testemunho com livros cuja edição foi de sua responsabilidade,⁴ o compromisso foi mantido com a mesma grandeza de espírito.

Nesse íterim, travei contato com o Sr. Joel Bicalho Tostes, representante da família Euclides da Cunha, que encaminhou documento ao Senado, esclarecendo: “Não cabe mais aos descendentes do escritor pagamento de nenhuma espécie pela utilização de quaisquer obras ou trabalhos literários por ele produzidos, pois todos caíram em domínio público.”⁵ E em correspondência, num excesso de generosidade, disse: “Oxalá a sua idéia (que não fora minha, mas do Virgílio) de escrever a orelha da obra a ser editada sob patrocínio do Senado possa ser concretizada. Honraria Euclides.”⁶

Honrar Euclides da Cunha com a minha insignificância? Adicionar uma única letra ao que produziu? Nenhuma pretensão. Honra-me sobremaneira a luta de alcançar o sentido de sua monumental obra, de majestoso estilo harmonioso e belo, cujo defeito, apontado por Paulo Dantas, é ser “brilhante ou clássico demais”.⁷

“Educado numa rude escola de dificuldades e perigos”,⁸ justifico-me: meu primeiro contato com a obra euclidiana foi quando fazia, tardiamente, o curso ginasial noturno, no Recife. O Professor Augusto Wanderley deu-me um velho exemplar de *Os Sertões*, profetizando:

4 *Uma Vida Viva em Poesia* – Jansen Filho – Brasília – Senado Federal – Gráfica do Senado, 1989.

5 TOSTES, Joel Bicalho. Correspondência endereçada ao Sr. Manuel Vilela de Magalhães, datada de 8-2-93.

6 TOSTES, Joel Bicalho. Correspondência endereçada a Cyl Gallindo, datada de 9-2-93.

7 DANTAS, Paulo. *Canudos e inéditos* – Orelha – Ed. Melhoramentos, 1967.

8 CUNHA, Euclides da. “A Nossa Vendéia”. In: *O Estado de São Paulo* – São Paulo, 14 de março de 1897. Incluído neste volume, p. 48

“No dia em que você entender toda a verdade aqui exposta, considere-se um cidadão.” Como a grande maioria do povo brasileiro, porém, ainda não atingi essa cidadania, embora a persiga como um cão danado. E só Deus sabe quanto me é negada.

Dispus-me a escrever esta nota por duas razões. A primeira, como ato de justiça, para esclarecer donde veio a idéia e o motivo da publicação deste livro bem como os verdadeiros responsáveis pela sua concretização. É o que está escrito acima.

A segunda, muito mais na qualidade de jagunço do que de intelectual, visto que sou consciente da minha “ortografia bárbara”,⁹ da “escrita irregular e feia”¹⁰ como se pode observar neste “desgracioso”¹¹ texto, tem como finalidade primordial fazer ver ao espírito de Euclides da Cunha que, em contrapartida às suas verdades, ocultadas ou esquecidamente lembradas, o engodo e a mentira continuam massacrando, espezinhando, segregando e marginalizando o povo nordestino. A Canudos que falsamente afronta o poder, envergonhando a burguesia, não é mais um arraial fincado no sertão baiano, é toda a região, com formidáveis ramificações no Brasil inteiro.

A República até o presente ainda não se estruturou definitivamente. A democracia, e conseqüentemente a liberdade, jamais alcançaram plenitude. Continuam palavras perigosas e simultaneamente frágeis. Tão frágeis que um membro do próprio Congresso, égide dessa democracia/liberdade, propôs recentemente o seu fechamento e a reimplantação do regime de força no país.

O Estado, forte demais para os fracos e fraco demais perante os fortes, nunca conseguiu, não digo se erigir no platônico ser perfeito, pelo

9 CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Edição didática preparada pelo Prof. Alfredo Bosi, 2ª edição. São Paulo: Editora Cultrix, 1975, Pág. 154. CALASANS, José. *Canudos na literatura de cordel*. São Paulo: Editora Ática, 1984. (Ensaio: 110), p. 2.

10 Vide item 9.

11 Vide item 9.

menos fazer do Brasil um país à altura do seu povo e das suas potencialidades. A reforma agrária,¹² que deveria ter sido executada quando da libertação dos escravos, para que esses continuassem, na qualidade de proprietários, a cultivar a terra, como sempre o fizeram, permanece tabu. Aquelas “abusivas concessões de sesmarias à posse de uma só família”¹³ permanecem intocáveis. As famílias, sem nenhuma vocação agrícola, vivem nas grandes cidades, como construtoras, banqueiras, industriais. Cultivar a terra só com alguns produtos para exportação: soja,¹⁴ café, carne. Enquanto isto, o rurícola vive entre a cerca e a estrada de rodagem e ai de quem ousar cruzar o arame. Perigo, aliás, já nem tão preocupante: a população rural brasileira migrou para os grandes centros, em busca também de vida melhor. Infelizmente, a maioria esmagadora sobrevive alimentando-se de lixo, sem moradia, emprego, escola para os filhos e qualquer tipo de assistência. Tão exaustivamente raquítica, confunde-se hoje com os “mestiços neurastênicos do litoral”.¹⁵

Um dos mais sérios e comoventes depoimentos sobre o assunto, porquanto ditado pelas próprias vísceras, foi prestado por Carolina Maria de Jesus, no seu diário, com contundente recomendação: “O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que tenha passado fome. A fome também é professora.”¹⁶

12 A questão agrária já promoveu inúmeras crises neste país. De um lado os sem-terra, o povo faminto – acenderam esperanças na Constituinte, carradas de assinaturas foram despejadas no Congresso pedindo a Reforma Agrária –; do outro lado o latifúndio dizendo não. Aí está o resultado: apenas um quinto das terras disponíveis é aproveitado para a agricultura e 70% da população brasileira continuam sem se alimentar regularmente, criando a geração de nanicos com a fome endêmica. C. G.

13 CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Edição citada, p. 92.

14 37 a 38% da produção de grãos no Brasil são de soja, para exportação e produção de óleo, segundo a Confederação Nacional da Agricultura. C. G.

15 CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Edição citada, p. 99.

16 JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo – Diário de uma favelada*. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1960, p. 31.

Corroborando-se minha mágoa com a realidade de Carolina, faço uma advertência: fome não se confunde com vontade de comer! Fome passa por estômagos de Biafra, do Nordeste brasileiro, dos lixões das grandes cidades, das favelas e dos mangues. Fome passa também pela consciência de quem tem dignidade humana. A exemplo do próprio Euclides da Cunha, de Josué de Castro, de Nelson Chaves.

Como “a nossa evolução biológica reclama a garantia da evolução social”¹⁷ contrariando também Gilberto Freire, o “tipo abstrato”¹⁸ do brasileiro está definido; é descendente do dono das sesmarias, alto, loiro, olhos azuis, enfim, é ariano;¹⁹ habita o Centro-Sul do país, tem nome de origem estrangeira, usa camisas de malha legendadas em inglês, língua da qual fala algumas expressões, masca chicletes e só ouve rock and roll, ritmo já citado pelos meios de comunicação como da MPB. A maioria prefere morar em países do Primeiro Mundo, mas aqueles que não o conseguem começam a promover a divisão territorial do Brasil e a escrever nos muros de suas cidades: “fora os paraíba safá-

17 CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Edição citada, p. 72.

18 CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Edição citada, p. 71.

19 Tanto Euclides da Cunha como Gilberto Freire jamais imaginariam a dominação da nação brasileira pela raça ariana, apontada como protótipo das classes sociais do Sul do Brasil, o que absolutamente não é verdade. Eles acreditaram na possibilidade da formação de um tipo brasileiro, geneticamente miscigenado com as três raças predominantes: branca, negra e indígena. Não é que o tipo ariano não exista ou que isto por si só constitua crime ou direitonnatural sobre quaisquer coisas. Ele existe disseminado por todo o país e com importantes concentrações no Sul, como os municípios de Blumenau, Canela, Gramado. Quem, porém, como eu mesmo, conhece o Brasil de um extremo a outro privou da convivência de famílias como Djaír Ceza e Roberto Clauhs, Criciúma – SC; Avelino Gaiardo, Tomazzoni e Heinrich Gerstner, Caxias do Sul – RS, sabe que essas gentes existem com muita dignidade, vivem padrão de primeiro mundo e têm muito mais sentimento de brasilidade do que todos esses cafuços que pregam “morte aos nordestinos” e separatismo, simplesmente porque não têm perspectiva de vida no plano pessoal e querem atribuir culpa a outrem. Se alguma região se beneficiasse com a divisão territorial do Brasil, essa região seria o Nordeste, por se livrar da imposição de mercado obrigatório de produtos deteriorados e de segunda categoria. O Nordeste exporta para o exterior, mas só importa do Centro-Sul. C. G.

dos”.²⁰ Paraibas ou baianos são nordestinos, nortistas, negros, mestiços e miseráveis de maneira geral, a quem aquela gente está “cansada de sustentar ou ajudar”.²¹

Como estava escrito: “Ou progredimos, ou desaparecemos”,²² o progresso foi promovido, mas apenas num Estado do Centro-Sul, onde já se havia desenvolvido a lavoura do café, erradicando-a do restante do país.²³ Aí também a cana-de-açúcar foi mecanizada. Nos demais Estados permaneceu o processo primitivo. Duas importantes repartições foram criadas para financiar a juros baixos ou a fundo perdido todo o processo, do plantio à exportação, da cana e do café.²⁴ Como se não bastasse, todas as grandes repartições são aí sediadas, pagando altos salários a um exagerado contingente de funcionários, que assegura o consumo da produção da indústria nascente.

Com doação de terrenos com infra-estrutura, incentivos fiscais, isenção de impostos, mão-de-obra barata, as multinaçionais não vacilaram em transferir as obsoletas fábricas de “carroças”²⁵ e outros produtos para o nosso País, até então considerado eminentemente agrícola. Elas já dispunham de tecnologia de ponta. As fábricas, portanto, em nada mudariam nossa condição de subdesenvolvidos e dependentes.

20 Expressão pichada num muro da capital paulista, inicialmente entendida como forma de oposição à Sra. Luísa Erundina, paraibana de nascimento, e à época prefeita de São Paulo. Mais tarde, com a reportagem “Polícia neles”, revista *Veja*, edição 1256, de 7-10-92, quando foi pichada a parede da Rádio Atual com a expressão “morte aos nordestinos” ficaram claras as raízes da questão, pois a corja neonazista prega também o extermínio de negros, homossexuais e judeus. C. G.

21 Declaração de um colunista social do Rio de Janeiro. C. G.

22 CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*, Edição citada, p. 72.

23 Garanhuns e Buíque, no Estado de Pernambuco, eram bons produtores de café e foram forçados a erradicar a plantação, atendendo política do IBC. C. G.

24 Instituto do Açúcar e do Alcool – IAA, e Instituto Brasileiro do Café – IBC, este inclusive com importantes escritórios no exterior. C. G.

25 Denominação dada aos automóveis fabricados no Brasil, em comparação aos fabricados na Europa, por uma autoridade brasileira. C. G.

Internamente, porém, o novo panorama trouxe inúmeras mudanças. O Centro-Sul, concentrando mais forte ainda toda a riqueza nacional, converteu-se no Eldorado do “paraíba” que para lá se mudou. Em face de tanta disposição para o trabalho pesado, sem nenhuma exigência nem assistência, salário condigno, moradia, escola, não tardou a ser reconhecido como “antes de tudo um forte”.²⁶

Para os que permaneceram no seu torrão, houve uma impostura notável: criaram uma agência de desenvolvimento regional, que ainda sobrevive falida e desacreditada. Mas também viveu seus tempos áureos. Alardeava: as taxas do crescimento nordestino são maiores do que as do restante do país. Seguiam-se as estatísticas: dez fábricas implantadas no Nordeste, contra três nas demais regiões. Examinados os dados, verificava-se que as dez fábricas eram de caixas de fósforo, sorvetes, cervejas, alpargatas, refrigerantes, sabão em barra, curtume, camisas, sacolas para supermercados e uma de geladeira. Esta, por atender o mercado de uma região cuja temperatura é de 29° a 30°, de janeiro a janeiro, só não ascendeu ao posto de protótipo do desenvolvimento porque não havia mão-de-obra especializada local. Arregimentou-se na matriz mais da metade do seu pessoal. Oferecendo, como não poderia deixar de ser, altíssimos salários, casa, comida e roupa lavada, esse pessoal amealhou gorda poupança no Estado de origem. A fábrica foi à falência, não sem antes receber da referida agência inúmeras injeções financeiras. Já as três fábricas das demais regiões, compreenda-se Centro-Sul, eram simplesmente indústrias automobilística, naval e aeronáutica. Secundadas por siderurgias, refinarias, petroquímicas, ferrovia do aço, aeroporto supersônico, mais as sedes de quantas repartições, algumas das quais com atuação específica noutras regiões, como a Chesf,²⁷ afora bancos privados e públicos, para assegurarem o fortalecimento da empresa nacional, que haveria de fazer frente aos países desenvolvidos.

26 CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Edição citada, p. 99.

27 CHESF – Companhia Hidro-Elétrica do São Francisco, sediada no Rio de Janeiro até fins de 1973.

Por outro lado, os centros financeiros internacionais abarrotados de petrodólares, porque seus donos não tinham como aplicá-los no deserto, ofereciam empréstimos à mancha. Com tanta riqueza, grande parte dos precavidos empresários abriu suas continhas no exterior, numeradas e protegidas pelo sigilo bancário.

Vivíamos o milagre. Não do Conselheiro ou do Padre Cícero. O milagre industrial. Infelizmente durou pouco. A crise do petróleo derrubou a máscara e a cortina da farsa despençou. Ainda tentaram salvar as aparências com a criação da tecnologia do álcool. E as haveriam salvado se o programa tivesse sido em nível municipal, sabendo-se que a cana-de-açúcar pode ser cultivada até em quintais. Com o programa centralizado, no entanto, além de incentivos para usineiros, perdão de dívidas astronômicas, o álcool disputa preço com a gasolina e ameaça colapso, nos transportes e no abastecimento.

Os escolhidos foram com tanta sede ao pote que as fontes se esgotaram. É chegado o momento de começar a pagar a dívida externa. E paga-se uma média de 10 bilhões de dólares, só de juros, por ano. O principal é rolando, em direção aos nossos filhos e netos. Internamente, a solução encontrada foi a socialização dos prejuízos, criando-se impostos. Sempre ouvi dizer que não se risca um palito de fósforo sem que o imposto esteja pago, daí não entender como 58 impostos não abarrotam os cofres do Governo. Aliás, entendo: da mais insignificante à mais importante, as empresas incluem nas suas planilhas o item impostos e os cobram do povo, mas os somam aos lucros ilícitos. O Governo sabe disso, mas nunca pensou em criar outra sistemática e prefere promover um carnaval de publicidade, pago a preço de ouro, dizendo: "Peça a nota fiscal."²⁸

28 As campanhas cíclicas visando aumentar a arrecadação de impostos são famosas pelas ofertas de brindes valiosos, como se isso não fosse uma forma cínica de cumprir a lei. Empresas, muitas computadorizadas, mantêm rígido controle de venda das suas mercadorias, mas sem recolhimento do imposto. Se o freguês pede a nota fiscal, perde possibilidade de abatimento no preço e assiste a um maçante exercício burocrático. C. G.

Uma boa lembrança: carnaval e futebol. O primeiro já é permitido por mais de 30 dias em alguns Estados, com bebidas, sexo e drogas. O outro, como reinado independente, atua o ano todo. Nenhuma outra atividade neste país envolve tantos recursos nem merece tanto espaço na mídia. Além de programas específicos e cadernos especiais, é noticiado pela manhã, à tarde e à noite. Um gol é enfocado de frente, pela direita, esquerda, por trás, com duas, três reprises. É o único motivo que leva milhões de brasileiros numa frequência acumulada às ruas, de bandeira em punho, gritando: Brasil, sil, sil, sil, sil...

Argumentei certa vez para Gilberto Freire que o nordestino já não mais se alimentava da mandioca:²⁹ farinha, beiju, tapioca, cuscuz, papas e bolos. Agora come pães, bolachas e biscoitos finos, com bromato de potássio ou, no mínimo, com uma das vinte adulterações apontadas por Marx, como praticadas na França do século passado.³⁰ Sendo que a maior gravidade não está na substituição do alimento, mas da mandioca pelo trigo que é importado. O mestre mostrou-se tão impressionado que me prometeu a coordenação de uma pesquisa sobre o assunto, que não se realizou.

No plano cultural, não há nada diferente. Se houvesse, publicar um livro de Euclides da Cunha não seria quase um ato de bravura

29 O grande produtor nacional hoje é o Paraná, exportando farinha inclusive para o Nordeste, especialmente nos períodos de flagelos. Ainda mantenho cópia da proposta de pesquisa apresentada à Fundação Joaquim Nabuco. C. G.

30 MARX, Karl. *O Capital* – Livro 1 – Vol. 1 – 2ª edição. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1971. Pág. 282. Ironizando os eleatas, que afirmavam que “toda a realidade é mera aparência”, Marx assegura que a “sofisticaria” dos falsificadores é muito mais capaz e exemplifica com o trabalho do químico francês Chevalier que, “tratando das adulterações das mercadorias, passa em revista mais de 600 artigos e apresenta para muitos deles, 10, 20, 30 diferentes processos de falsificação... Para o açúcar há 6 métodos de falsificação; para o azeite de oliva, 9; para a manteiga, 10; para o sal, 12; para o leite, 19; para o pão, 20; para a aguardente, 23; para a farinha, 24; para o chocolate, 28; para o vinho, 30; para o café, 32, etc. Nem mesmo o bom Deus escapa dos falsificadores. Vide Ronard de Card sobre as falsificações das substâncias do sacramento. – Paris, 1856”.

ou heroísmo. Mas basta dimensionar na mídia o espaço que o autor brasileiro ganha, especialmente os novos, para quem somos muito lentos em reconhecer na fisionomia particular de um novo escritor o modelo que traz o nome de “grande talento”,³¹ segundo Proust, e certificarmo-nos de que está se apagando a luz no fim do túnel. Não se trata de fato isolado. A despeito de von Martius e Langgaard,³² os laboratórios substituíram a medicina natural pela alopatia e remédios são vendidos até em barracas de feiras; os tecidos de linho ou algodão foram trocados pelos sintéticos, mesmo que no Nordeste se produzisse um algodão somente comparado ao do Egito;³³ a música, com sua profusão de ritmos, como samba, choro, baião, frevo, apontados como dos mais harmoniosos do mundo, virou “brega”. Chegou a vez da Literatura. As livrarias estão empilhadas de péssimos livros de autores medíocres em péssimas traduções, mas é isto o que a nossa imprensa divulga e recomenda, como sinal de que nossa burrice generalizou-se.

Mesmo assim, o Nordeste continua “o cerne vigoroso da nossa nacionalidade”.³⁴ Nessa região, por ser Brasil com limites exclusivos de Brasil, a cultura no correr dos séculos tornou-se tão arraigada às condições sertanistas e ruralistas em geral, onde predominam o patriarcalismo,

31 PROUST, Marcel. *Em Busca do Tempo Perdido – No Caminho de Swann*. Tradução de Mário Quintana, 2ª edição, 3ª impressão. POA – Editora Globo, 1972, p. 89.

32 von MARTIUS. Botânico alemão. Autor de importantíssimos trabalhos sobre a flora brasileira, por isso mesmo muito conhecido em todo o país. Parte das informações do Dr. von Martius foram colhidas no *Tratado Descritivo do Brasil*, de Gabriel Soares de Sousa – 1587 – no qual foi dado grande destaque à flora e suas propriedades medicinais. LANGGAARD, Theodoro J. H. Doutor em medicina pela Universidade de Copenhagen e Kiel. Dele guardo com zelo o *Dicionário de Medicina Doméstica e Popular*. Três volumes: 707 p.; 724 p.; 732 p. mais 236 figuras intercaladas no texto. Rio de Janeiro. Editora E. & H. Laemmert, 1865. C. G.

33 No tempo de repórter, cobrindo o setor agropecuário, tomei conhecimento de que “somente o Nordeste brasileiro produz algodão comparável ao do Egito, com fibra de 11mm”. Esse orgulho se desfez: o bicudo, uma praga importada, infestou os campos, o algodoeiro foi alcançado e muitas usinas de beneficiamento de algodão faliram. C. G.

34 CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Edição cit., p. 91.

o semifeudalismo, a monocultura, estribados numa sociedade tricontinental e causadora do surgimento de um misticismo exagerado, um cangaceirismo militante e muitos outros aspectos não menos fortes, principalmente os políticos, quase extremistas, passando por esse tipo brasileiro, se não geneticamente, pelo menos artesão dos seus próprios sentimentos, que resultou numa gama enorme de criação artístico-literária, da qual não pode a nação arredar-se. Sem maior digressão, embora haja motivos estruturais nesta nacionalidade, a partir da expulsão dos holandeses, o misticismo atingiu o ápice na figura de Antônio Conselheiro, tão bem retratado por Euclides da Cunha, em *Os Sertões*, e criou uma quase dinastia mística ao transmitir a liderança à figura do Padre Cícero Romão Batista, também de atuação belicosa, ao lado de Floro Bartolomeu, no Ceará, como demonstrou Rui Facó, em *Cangaceiros e Fanáticos* e, com acentuada queda de autoridade, porém com grande significado no terreno místico-religioso, ainda vive o Frei Damião, prometendo o fogo do Inferno para os amancebados e desobedientes das leis de Deus.³⁵

Com clarividência plena deste contexto, escreve Euclides da Cunha, *Os Sertões*, e Gilberto Freire, *Casa Grande & Senzala*. Destas raízes também vieram Gonçalves Dias, Castro Alves, José de Alencar, Artur e Aluísio Azevedo, Joaquim Nabuco, Augusto dos Anjos, Jorge de Lima, José Américo de Almeida, José Lins do Rego, Raquel de Queirós, Graciliano Ramos, Manuel Bandeira, Osman Lins, Álvaro Lins, João Cabral de Melo Neto, Ariano Suassuna, Nelson Rodrigues, José Condé, Aguinaldo Silva, Gilvan Lemos e mais uma lista imensa de outros nomes. Até Guimarães Rosa, com sua subversão joyciana, em vez de promover uma trama diplomática, sob reflexos de um rio São Francisco, a lhe desaguar na medula a unidade nacional, realizou *Grande Sertão: Veredas*. E, ainda hoje, literatura, teatro, cinema, música, artes plásticas,

35 GALLINDO, Cyl. *O Urbanismo na Literatura*. Editora Livros do Mundo Inteiro. Conselho Municipal de Cultura do Recife. Rio de Janeiro, 1976.

rádio, televisão, enfim, quaisquer atividades intelectuais, neste país, somente evidenciam traços de brasilidade se descerem às raízes do Nordeste.

O cerne desta nacionalidade, não obstante o bombardeio sistêmico do poderoso processo dominador, permanece vivo, imperativo, valente, como o demonstrou recentemente na defesa da música *Águas de Março*, cujas letra e melodia, como inúmeras outras da MPB, vêm do povo nordestino, para que não servisse de fundo musical numa publicidade de um refrigerante que não é nosso. Felizmente o brilhante arranjador soube recuar em tempo, com medo de cair no ostracismo em que muitos já caíram, por traírem “a gênese das raças mestiças do Brasil”.³⁶

E o que se fez para enfrentar “o terror máximo dos rudes patrícios que por ali se agitam, a seca”?³⁷ Numa só palavra: nada! Esclarecendo: nada dos nada! Não imagino um trabalho como o realizado no Estado de Israel, onde se cultivam flores e frutos no deserto. Cultivadas no Nordeste “são as flores dos esgotos”,³⁸ de Cruz e Sousa, que, desde o tempo do Império, quando houve juras de se gastar até a última jóia da Coroa para acabar com a miséria na região, enfeitam estatísticas, relatórios, pedidos de empréstimos, discursos, comícios e manchetes de jornais.³⁹ Nem o exemplo de José do Egito, aproveitando os períodos em que “o Sertão é um paraíso...”⁴⁰ um vale fértil”,⁴¹ é seguido.

Dentro da minha hipótese de que a vida é comparações, eis duas significativas: o Rio Grande do Sul tem um sistema de irrigação

36 CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Edição cit., p. 69.

37 CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Edição cit., p. 49.

38 CRUZ e SOUSA, João. *Obras Completas*. In “Litania dos Pobres”. “Os miseráveis, os rotos/ são as flores dos esgotos.” Editora José Aguilar – Rio de Janeiro, 1961, p. 147.

39 Se o Nordeste recebesse os recursos que os governantes anunciam e a imprensa divulga, sem dúvida seria o centro mais desenvolvido das Américas. A realidade é outra, inclusive sugere pesquisacriteriosa nestesentido. C. G.

40 CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Edição cit., p. 49.

41 Idem, idem.

maior do que o dos dez Estados que compõem o Polígono das Secas;⁴² na construção da ponte Rio–Niterói⁴³ foi gasto um montante superior ao aplicado durante nove anos no Nordeste.

Substituindo a apresentação de Canudos e Outros Temas, já feita em alto estilo pelos seus organizadores, este é meu recado a Euclides da Cunha; e, asseguro, trata-se apenas do que está na superfície de uma realidade maior. O que corre nos subterrâneos é muito mais tenebroso.⁴⁴

Ninguém me tache, porém, de pessimista. Os pessimistas tiraram o rabo e meteram a cara entre as pernas: têm vergonha de serem brasileiros, assim como os do Nordeste negam a naturalidade nordestina.

Os que admitem que nacionalidade é a própria identidade com digital aposta no espírito; os que lutam pela publicação de obras como a de Euclides da Cunha que tanto quanto o rio São Francisco costuram essa unidade nacional, batendo forte na empáfia dos poderosos e enaltecendo a pureza dos humildes, com a dignidade de quem analisa sob “a luz crua”⁴⁵ da verdade, estes são otimistas. E vamos permanecer assim: “O mesmo desprendimento pela vida e a mesma indiferença pela morte.”⁴⁶

Brasília – DF, maio de 1994.

42 *Revista do Interior* – nº 2, p. 18. Ministério do Interior, Brasília fev./1975. In: *Idéias e Posições*, de Sebastião Barreto Campelo. 2ª edição. Recife. Círculo Católico de Pernambuco, 1978.

43 CAMPELO, Sebastião Barreto. Obra citada, item 42, p. 7.

44 A CPI do Orçamento, instalada no Congresso Nacional, em 1993, após a elaboração da apresentação para a 2ª edição desta obra, revelou ângulos do que considere “tenebroso”, ao mostrar o destino de parte de 3% do Orçamento da União. Não se falou, porém, até o presente momento, do que foi feito dos 97% restantes do Orçamento. O que se sabe é que a saúde, educação, transportes, moradia, abastecimento, enfim, tudo está deficitário e a cada dia “os rombos” são anunciados, em quase todos os setores do Governo. C. G.

45 CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Edição cit., pp. 41 e 317. Esta expressão foi também usada por Manuel Bandeira no poema “Plenitude”. In: *A Cinza das Horas – Poesias Completas*, volume único, p. 177. Rio de Janeiro. Editora Nova Aguilar. 1977.

46 CUNHA, Euclides da. II “A Nossa Vendéia”. In: *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 17-7-1897. Incluído neste volume, p. 53.

.....

Apresentação à 4ª edição

COMEMORAM-SE os 100 anos de publicação de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Não existe livro mais discutido do que este, no Brasil. Para uns, trata-se de obra impenetrável, de difícil entendimento ou de linguagem áspera. Para outros, é uma obra cristalina, fundamental para o bom entendimento do Brasil, entrelaçado de poesia lírica e de leitura amena ou agradável.

Veja-se pelo ângulo que se queira ver, aí está *Os Sertões* centenário. Mais vivo do que nunca. Mais atual do que milhares de livros recém-publicados. E no seu rastro centenas de autores a se projetarem e milhares de livros o seguirem, na tentativa de contestá-lo ou explicá-lo. Entre eles, este *Canudos e Outros Temas*, do próprio Euclides, organizado por Olímpio de Sousa Andrade e Dermal de Camargo Monfrê, publicado em 1967, sob o título de *Canudos e Inéditos*, Edições Melhoramentos, com orelha de Paulo Dantas⁴⁷ e capa de Teresa Nazar.

47 Texto incluído neste livro, em *Depoimentos*.

Após 27 anos da primeira edição, chegou a Brasília – DF um emissário da família de Euclides, à procura de alguém que pudesse propiciar a reimpressão desta obra, para comemorar os 90 anos de publicação de *Os Sertões*. No gabinete do então Deputado Artur da Távola, indicaram-me como a pessoa capaz de cumprir essa missão. Não entendi a escolha do meu nome, mas fui à luta. Dias depois, o Senador Mauro Benevides autorizava a edição da obra pelo CEGRAF. No entretanto, vieram as férias parlamentares, eleições no País e no Senado. Ao reabrir a legislatura, a presidência da Casa estava com o saudoso Senador Humberto Lucena, que manteve o compromisso do colega e, em 1993, a obra foi entregue ao público sob o título de *Canudos e Outros Temas*.

A repercussão daquela edição foi “retumbante”, no dizer do próprio Humberto Lucena, a completar: “E, evidentemente, não apenas no âmbito do Congresso Nacional.” Com efeito, o que chegou ao Congresso e à minha própria casa de cartas, telegramas, telefonemas do Brasil e do exterior, merece a adjetivação de retumbante. Senadores, deputados, ministros, embaixadores, professores, estudantes, especialistas, leitores comuns, em diferentes idiomas, solicitavam, a qualquer custo, um exemplar do livro de Euclides da Cunha. Senti-me no centro de Canudos a ouvir todos os canhões da 4ª Expedição ribombando de uma só vez, em homenagem à obra e à História.

No ano seguinte, 1994, saía a 3ª edição, revista e ampliada, com orelha do Senador Humberto Lucena.⁴⁸ O livro, segundo funcionários da Subsecretaria de Edições Técnicas, transformou-se na vedete de vendas em todas as feiras de livros, que contaram com a participação do Senado Federal.

Por tudo isso, julguei-me autorizado a apelar para que fosse feita esta 4ª edição, em comemoração aos 100 anos de publicação de *Os Sertões*. Felizmente, o apelo caiu nas mãos do Senador Lúcio Alcântara,

48 Texto incluído neste livro, em *Depoimentos*.

Presidente do Conselho Editorial do Senado e autor da orelha desta edição. Lúcio Alcântara e sua esposa, a escritora Beatriz Alcântara, estão na vanguarda da Cultura Brasileira, pela contribuição dada à Literatura e às Artes, incluindo publicações de livros e de revistas. Foi ele quem levou o Senado a participar dos movimentos literários brasileiros, das feiras de livros, das bienais, como a 17ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, onde recebeu uma placa do Senador Carlos Wilson, 1º Secretário da Mesa do Senado, e de Paulo Afonso Lustosa, da Comissão de Feiras de Livros, “em homenagem ao seu apoio à participação do Senado Federal em eventos literários pelo país”.

De todos esses acontecimentos, merecem destaque também os laços de amizade que angariei com familiares de Euclides da Cunha, especialmente o escritor Joel Bicalho Tostes,⁴⁹ sempre atento a incentivar, orientar e defender tudo que diz respeito à obra e ao nome de Euclides da Cunha; o convívio com o povo de São José do Rio Pardo – SP, que há 90 anos, sob patrocínio da Casa de Cultura Euclides da Cunha, festeja a memória do escritor e a sua obra máxima, escrita naquela cidade, à beira do rio Pardo; e o relacionamento com centenas de euclidianistas espalhados por este mundo fora.

Antes mesmo de sair o livro, Joel Bicalho disse-me que o meu texto “honraria Euclides”. Honrar Euclides da Cunha com a minha insignificância? Adicionar uma única letra ao que produziu? Nenhuma pretensão. Honra-me sobremaneira a luta para alcançar o sentido de sua monumental obra, de majestoso estilo harmonioso e belo, cujo defeito, apontado por Paulo Dantas, é ser “brilhante ou clássico demais”. “Educado numa rude escola de dificuldades e perigos”⁵⁰ justifico-me: meu primeiro contato com a obra euclidiana foi quando fazia, tardiamente, o curso ginasial noturno, no Recife. O Professor Augusto Wanderley deu-me um velho

49 Joel Bicalho Tostes é o responsável pelo espólio de Euclides da Cunha.

50 CUNHA, Euclides da: “A Nossa Vendéia!”, in *O Estado de S. Paulo* – São Paulo 14 de março de 1887. Faz parte deste Livro.

exemplar de *Os Sertões*, profetizando: “No dia em que você entender toda a verdade aqui exposta, considere-se um cidadão.” Como a grande maioria do povo brasileiro, porém, ainda não atingi essa cidadania, embora a persiga como um cão danado. E só Deus sabe o quanto me é negada.

De São José do Rio Pardo, deve-se anotar que talvez seja a única cidade brasileira a festejar, com feriado municipal, uma obra literária, com as mesmas pompas com que as demais cidades festejam a independência do Brasil, ou a própria emancipação.⁵¹ Nessa cidade, heróis não são os que bombardeiam, brigam, matam. São aqueles que lêem, estudam, pesquisam, ensinam, e dão continuidade ao exemplo do Professor Oswaldo Galotti, idealizador da Semana, e seus incontáveis seguidores, como Álvaro Ribeiro de Oliveira Neto, Adelino Brandão, José Santiago Naud, as irmãs Maria Augusta e Rosaura Escobar.

Falo com a segurança de quem já participou de quatro Semanas Euclidianas e que lá estará novamente neste 2002, contaminado pelo entusiasmo de mestres, crianças e jovens a estudarem *Euclides da Cunha*. Este não é um dado tolo. Num País de analfabetos, onde quase não lê; em o grau escolar, segundo resultado de pesquisa realizada pela ONU, em 36 países,⁵² é vergonhosamente o mais baixo; em que doutores procuram desclassificar uma obra como *Os Sertões*, estrutural sob o ponto de vista histórico, geográfico, lingüístico, científico e literário, São José do Rio Pardo é única a desmentir a farsa de que “estamos no caminho certo, rumo ao futuro”. No rumo certo está São José do Rio Pardo. Ali se comprova que, dando as condições, o povo quer, aceita e vive um padrão cultural elevado, sem nenhum mistério; que “a cara do Brasil”⁵³

51 Os festejos da Semana Euclidiana, em São José do Rio Pardo, desde 1912, vão de 9 a 15 de agosto.

52 Dados publicados na imprensa falada e escrita de todo o país, neste ano de 2002.

53 Essa determinação foi atribuída a um jovem, participante de um programa da TV Globo, que, após dar escândalo por causa de uma boneca, resultou vitorioso. Justificando a vitória, o apresentador disse que o moço “é a cara do Brasil”. Pelo que ouvi depois, muitos telespectadores reprovaram aquela designação.

não é de debilóide ou alienado, mas de jovens lúcidos, estudiosos e bem informados. Não se diz que *Os Sertões* é um livro inacessível. Discute-se, interroga-se por quê, cem anos depois, todas as injustiças praticadas pelos poderes públicos deste País, e então denunciadas, continuam vivas, atuantes e a atacar impunemente as classes menos favorecidas; e, ainda, por que e como as diferenças regionais persistem e se ampliam, muito mais vorazes. Intriga, sim, o fato de os problemas estruturais do Brasil permanecerem insolúveis.

A primeira agressão veio contra a Geografia, com a divisão territorial do País em cinco regiões, como aparece nos mapas, projetadas nos gabinetes, exatamente para demarcar fronteiras entre o lado rico e o pobre. Uma região é determinada pela fauna e flora que a compõem. Desta forma, partindo da serra da Mantiqueira em direção ao Sul, temos a bacia do Prata, percorrendo a bacia do São Francisco, temos a região Nordeste, que chega até a metade do Maranhão, daí em diante, temos a bacia amazônica, na região Norte. Dentro destes limites, podem existir sub-regiões, nunca regiões.

Esta divisão é tão definida, em si mesma, que me tem levado a declarar que se Guimarães Rosa, outra expressão literária inconfundível, houvesse descido a Serra em direção aos pampas, por certo teria escrito um livro tipo *Ulysses*, de James Joyce. Como, porém, desceu para a banda de cá, o resultado foi *Grande Sertão: Veredas*, que ombreia, em muitos aspectos, com *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Este assunto, evidentemente, é uma tese, que poderá, um dia, vir a público.

A Joel Bicalho, na recepção à Apresentação deste livro, entre muitos outros, juntaram-se o biógrafo de Euclides da Cunha, Adelino Brandão, apontando-a como “Uma das mais sucintas e substanciosas ‘apresentações de E. C. de nossos dias”,⁵⁴ e o Professor José Santiago Naud, catedrático fundador da UnB e euclidianista dos mais notáveis, que declarou:

54 BRANDÃO, Adelino. *Euclides da Cunha – Bibliografia Comentada* – Editora Literart, SP/2001. Págs. 177 e 477.

“O Gallindo jogou ali o muito que sabe: limpeza de informação segura e adesão ao assunto. Com o mérito maior. Não se enredou na erudição, nem se deixou levar pela frieza das letras. O protesto que lavra é a atualização de Os Sertões.”⁵⁵

A este, respondi que “não aderi ao assunto: eu sou o assunto”, uma vez que assumo de peito estufado a condição de nordestino, consciente da minha “ortografia bárbara”,⁵⁶ da “escrita irregular e feia”⁵⁷ como se pode observar neste “desgracioso”⁵⁸ texto, que tem como finalidade primordial fazer ver ao espírito de Euclides da Cunha que, em contrapartida às suas verdades, ocultadas ou esquecidamente lembradas, o engodo e a mentira continuam massacrando, espezinhando, segregando e marginalizando o povo nordestino. Lutando até onde posso contra essa discriminação violenta e arrasadora que se impõe sobre o Nordeste e seus habitantes, sendo eu um deles, é que, mesmo sem talento, me curvo à premente necessidade de escrever, sem quaisquer recompensas.

Os impactos com a Apresentação devem-se aos relatos nela contidos, que fogem do conhecimento público, como, por exemplo:

Que a irrigação, executada nos nove Estados nordestinos, ciclicamente devorados pela seca, é inferior à praticada no Rio Grande do Sul. Que a Agência de Desenvolvimento do Nordeste, criada por Juscelino Kubitschek e Celso Furtado, foi um engodo: pagava para as multinacionais transferirem fábricas obsoletas do Centro-Sul do País para o Nordeste, oferecendo-lhes terrenos com infra-estrutura para as suas instalações, financiamentos de até 70% dos recursos a serem aplicados e a dispensa do pagamento de praticamente todos os impostos por um período de dez anos.

55 TOSTES, Joel Bicalho. Carta a Cyl Gallindo, incluída neste livro, em *Depoimentos*.

56 CUNHA, Euclides da. Termo usado por E. C. para definir o nível cultural do Conselheiro. *Os Sertões*, 2ª edição, Editora Cultrix/MEC, 1975. Pág. 154.

57 Idem. Pág. 154.

58 Idem. Pág. 154.

Tanto isto é verdadeiro que ainda hoje não existe uma única indústria de porte nacional na região. Era o governo cessar a liberação de verbas, as tais empresas fechavam as portas, abandonavam as sucatas à ferrugem e sumiam. Nem sequer uma fábrica de geladeiras, numa área em que a temperatura média é de 30° C, permaneceu. Não vamos esquecer as estatísticas alardeadas pela Agência, a proclamar a eficácia de sua atuação, que informavam que “enquanto no Centro-Sul do País foram implantadas três fábricas, dez empresas optaram pelo Nordeste”. Só que as três fábricas do Centro-Sul eram de aviões, navios e automóveis, as do Nordeste, de sorvete, cerveja, caixas de fósforos, alpargatas e saquinhos de papel para supermercados.

A cada calamidade, com a população atingida alimentando-se de cactos e de ratos, vêm presidentes e ministros para abrirem “frentes de trabalho” e anunciarem a liberação de milhões e milhões para minorar o sofrimento dessas gentes. Se as verbas anunciadas nas manchetes da imprensa fossem liberadas integral e criteriosamente, o Nordeste seria o espaço mais rico da face da terra. Os convênios assinados têm torneiras que se fecham dia a dia, à proporção que o assunto sai dos jornais e a população esquece que no Nordeste morre-se de inanição. Famílias inteiras, vítimas de fome endêmica denunciada por Josué de Castro e Nelson Chaves, ao chegar a seca, acabam-se pelas caatingas, como animais inferiores, tísicas. Os óbitos não acusam a fome como causa mortis, registram tuberculose, diarreia, dengue, gripe, doença de chagas ou outras. O destino do restante das verbas dos “programas de combate às estiagens”⁵⁹ não se sabe. Descem pelos ralos dos poderes. Como descem os resultados das campanhas filantrópicas: denuncia-se que de cada R\$100,00 arrecadados para combate à fome e à miséria, para ajuda à criança e à velhice abandonadas, apenas R\$15,00 chegam ao objetivo final. Por acaso,

59 O termo “estiagem” existe, mas não pode ser confundido com seca. Entretanto ele é empregado para confundir. Como usam “país em desenvolvimento” em lugar de “subdesenvolvido”.

algum brasileiro sabe o que é feito dos milhões arrecadados, semanalmente, em todo o país, através dos jogos de loteria, da sena, da mãe da sena, da filha da sena? A tática dos responsáveis é a criação de programas com orçamentos próprios para, no meio do percurso, esvaziá-los, mudar suas denominação, ou simplesmente extingui-los.

A ponte Rio–Niterói ilustra muito bem o assunto: custou mais aos cofres públicos do que o que o governo aplicou, durante nove anos, no Nordeste.⁶⁰ E um colonista social do Rio de Janeiro ainda teve a petulância de dizer que sua região “está cansada de sustentar ou ajudar o Nordeste”.

O Estado, forte demais perante os fracos, e fraco demais perante os fortes, permanece sem conseguir fazer do Brasil um país à altura do seu povo e das suas potencialidades. Sofre de uma crônica vocação colonial.

A reforma agrária, que deveria ter sido executada quando da libertação dos escravos, para que esses continuassem, na condição de proprietários, a cultivar a terra, como sempre o fizeram, permanece tabu. Aquelas “abusivas concessões de sesmarias à posse de uma só família”⁶¹ persistem intocáveis. As famílias, sem nenhuma vocação agrícola, vivem nas grandes cidades, como construtoras, banqueiras, industriais. Cultivar a terra, só com alguns produtos para exportação: soja,⁶² café, carne. Enquanto isso, o rurícola vive entre a cerca e a estrada de rodagem, e aí de quem ousar cruzar o arame! Perigo, aliás, já nem tão preocupante: a população rural brasileira migrou para os grandes centros, motivada

60 CAMPELLO, Sebastião Barreto. *Revista do Interior*, nº 2, pág. 18. Ministério do Interior, Brasília – DF. fev. 1975.

61 CUNHA, Euclides da. *Os Sertões* – edição citada.

62 37 a 38% da produção de grãos no Brasil são de soja, para exportação e produção de óleo, segundo a Confederação Nacional da Agricultura. Até aí, tudo bem, são divisas para o País. O que nos sobra desse fato é que constitui um grande problema para o futuro: o plantio da soja requer enormes áreas, que são usadas apenas por um período de 5 a 6 anos, após o que deve ser abandonada em virtude da enorme carga de adubos químicos e agrotóxicos usados na produção da soja. Isto está desertificando todo o interior do Brasil, numa área que se estende do Paraná ao Maranhão, passando pelo Planalto Central. C. G.

pelos próprios poderes, com a promessa de vida melhor, para eliminar a pressão sobre o latifúndio, cujo poder veio à tona, recentemente, no episódio denominado de “massacre de Carajás”

O passo inicial foi dado pelo governo, aposentando os maiores de 60 anos de idade, através do Funrural.

Como no interior ninguém tinha terra para trabalhar, nem podia plantar nas terras alheias, com os aposentados vieram filhos, netos e suas respectivas famílias.

Nas cidades, viraram párias ou bandidos, até mesmo pela simples aparência. Não é difícil imaginar do que é capaz um indivíduo sem emprego, sem qualquer compromisso com o Estado ou com a sociedade, sem bens de qualquer natureza, que, para todo canto que se vira, encontra as portas fechadas, e que se sente discriminado, desolado, perdido.

Infelizmente, uma grande maioria, em disputa com porcos, ratos e urubus, sobrevive alimentando-se de lixo, sem moradia, emprego, escola para os filhos e qualquer tipo de assistência. Tão exaustivamente raquítica, confunde-se hoje com os “mestiços neurastênicos do litoral”.⁶³

Ainda agora, um dos mais sérios e comoventes depoimentos sobre o assunto, porquanto ditado pelas próprias vísceras, foi prestado pela favelada paulista Carolina Maria de Jesus, no seu diário/romance, *Quarto de Despejo*⁶⁴ com contundente recomendação: “O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que tenha passado fome. A fome também é professora.” Corroborando-se minha mágoa com a realidade de Carolina, faço uma advertência: Fome não se confunde com vontade de comer! Fome passa por estômagos de Biafra, do Nordeste brasileiro, dos lixões das grandes cidades, das favelas e dos mangues. Fome passa também pela consciência de quem tem dignidade humana. A exemplo do próprio Euclides da Cunha, de Josué de Castro, de Nelson Chaves.

63 CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*, edição citada, pág. 92.

64 JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo – Diário de Uma Favelada*, Livraria Francisco Alves, São Paulo/1960.

De algum tempo para cá, nas favelas, esse pessoal presta-se muito bem à prostituição, à função de “mula” para levar papalotes de narcóticos. Após a adaptação ao meio ambiente, também pegam em armas para defender seus territórios, como fizeram em Canudos.⁶⁵

Luiz Gonzaga advertiu, numa de suas toadas: “Mas doutor, uma esmola, — a um homem que é são — ou lhe mata de vergonha — ou vicia o cidadão.”⁶⁶ Viciaram a grande maioria dos nordestinos.

No campo, mais ninguém planta mandioca, jerimum, macaxeira. Todos esperam por um carro-pipa, uma “cesta básica”, uma “bolsa escola”, por qualquer importância que o governo decida lhes mandar ou pelas campanhas filantrópicas. Há políticos que consideram as secas os mais eficientes cabos eleitorais de suas campanhas.

De repente, aparece um grupo que dá dinheiro ao miserável, muito dinheiro, para levar de táxi um pacotinho no outro bairro ou na outra rua. Que escolha faz esse indivíduo? A favor de quem ele deve se posicionar, do Estado ou dos traficantes?

A Canudos que falsamente afrontou o poder, envergonhando a burguesia, não é mais um arraial fincado no sertão baiano, é todo o Brasil, especialmente, as favelas das grandes cidades. Quem não assistiu a um tiroteio entre morros, no Rio de Janeiro? Mais uma vez a irresponsabilidade dos poderes é gritante.

Um delegado sobe num morro, mata dez, quinze pessoas, apreende U\$ 3 ou 4 milhões de entorpecentes e armas moderníssimas, anuncia haver desmantelado um grande esquema do tráfico de drogas. Com isto, justifica-se tudo. Em nenhum momento, porém, foi questionado

65 A bravura do homem do Nordeste em Canudos foi assustadora para as forças do Exército que lá combateram. Talvez seja gente dessa mesma tempera que esteja combatendo nas favelas dos morros e dos mangues das grandes cidades. Como advertência, quero lembrar uma frase que escrevi num dos meus contos: “No momento em que o Estado oprime o cidadão a ponto de torná-lo descrente da própria pátria, já não há mais pátria nem cidadão.”

66 DANTAS, Zé e GONZAGA, Luiz. Toada.

que dezenas de pessoas foram mortas sob a simples acusação de “traficante”, e que se uma favela dispusesse de 3 ou 4 milhões de dólares, não seria favela, seria uma Wall Street. Delegado algum se dispôs a investigar as verdadeiras origens de tamanha fortuna. Que banco ou casa de câmbio fornece essa fábula aos “traficantes”?

Jamais, porém, passou pela consciência da burguesia a idéia de promover uma distribuição de renda justa e honesta, que tire o Brasil da condenável liderança de praticar um dos mais baixos salários do mundo, ostentando taxa de desemprego assustadora. Promoveu-se a revogação das leis que bem ou mal defendiam o trabalhador. O rico prefere instalar grades de ferro nas portas e janelas das residências, residir em condomínios fechados, e se deslocar em carro blindado ou helicóptero, desde que as suas contas nos bancos da Suíça sejam mantidas intocáveis.

Como estava escrito: “Ou progredimos, ou desaparecemos”⁶⁷ o progresso foi promovido, mas apenas num Estado, do Centro-Sul, onde já se havia desenvolvido a lavoura do café, erradicando-a do restante do País.⁶⁸ Aí também a cana-de-açúcar foi mecanizada. Nos demais Estados, permaneceu o processo primitivo. Como se não bastasse, todas as grandes repartições são aí sediadas, pagando altos salários a um exagerado contingente de funcionários, o que assegura o consumo da produção da indústria aí instalada.

Com isto, o recado foi dado em 1993. De lá para cá, porém, o quadro se transformou de grave para trágico.

O Brasil, que em meados do século passado era eminentemente agrícola, tinha que se industrializar. Industrializou-se. O rurícola passou a ser operário. Milhares de indústrias foram implantadas em São Paulo, que se transformou no Estado que “não pode parar”. Parecera

67 CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*, obra citada, pág. 72.

68 Buíque e Garanhuns, interior pernambucano, foram bons produtores de café, mas, obedecendo determinações do extinto IBC – Instituto Brasileiro do Café – erradicaram essa cultura do seu solo, que hoje está coberto de forrageira para gado.

uma escolha brasileira, mas não fora. A decisão viera de fora. Atualmente, São Paulo está quase parado: as fábricas se transformaram em montadoras, importando praticamente todos os componentes mecânicos dos seus países de origem. O meio ambiente está poluído. O grande Estado está virando um enorme problema para os próprios paulistas. Do mesmo modo como não fora determinação nossa de participar da II Grande Guerra, da qual nos restaram de glória 400 túmulos em Pistoia. Seguiu o mesmo diapasão o Golpe de 1964, para “salvar Brasil do comunismo”. Finalmente, caímos nas mãos de um presidente que recebeu a incumbência de “privatizar”, para globalizar. O lema é levar o País para o primeiro mundo. Nós somos 3º mundo, sem contudo haver segundo. Ninguém seria contra melhorar o padrão de vida da população nem, muito menos, exigir que o Estado permaneça proprietário de todos os meios de produção. Mas o que estamos assistindo nos assusta. De um momento para outro, todo o patrimônio do país, construído com o suor e o sangue do povo, é vendido, sem uma criteriosa avaliação, por um preço aviltante. Lá se foi o parque siderúrgico nacional, o petroquímico, os meios de comunicação, e até o subsolo brasileiro, que foi doado com a privatização da Companhia Vale do Rio Doce. De saldo nos restam denúncias não apuradas de que rolaram milhões de propinas na transação.

Quem não se lembra das promessas de que o minério extraído em Carajás pagaria a dívida externa em, no máximo, dois anos? Faz mais de uma década que os trens cruzam diuturnamente do Pará ao Maranhão, transportando metais nobres, e ninguém vê a cor desse dinheiro. Na época a dívida externa era de U\$103 bilhões, hoje está avaliada em U\$580 bilhões.⁶⁹ Que país no mundo poderá se equilibrar pagando, somente de juros, U\$100 bilhões, por ano?⁷⁰ Sem contar com a dívida interna, que monta igual valor.

69 *Jornal do Senado.*

70 GALLINDO, Cyl: Conferênciapreparada para a Semana Euclidiana de 2002.

Com isto, a educação caiu para o padrão mais baixo possível; a saúde saiu da responsabilidade do governo e está nas mãos de multinacionais, com planos a preços exorbitantes. Os hospitais públicos estão amontoando doentes pelo chão. Os remédios... ah! temos os laboratórios fabricando comprimidos de farinha. Um deles, ao ser descoberto, confessou que a produção das 600 mil cartelas, dentro de todos os critérios normais de produção, com bula e caixa, havia sido apenas uma experiência com um maquinário novo,⁷¹ e ficou por isso mesmo.

Em Conselheiros, pelo interior, ninguém acredita mais: graças às fantásticas redes de televisão implantadas neste País, qualquer lugarejo tem um aparelho de TV, instalado pela prefeitura, no centro do arruado. Da manhã à noite, a população inerte assiste à cuidadosa programação. Desta forma, os ídolos são artistas, jogadores de futebol, os mocinhos dos enlatados, capazes de armarem as piores ciladas contra seus adversários e de vencerem exércitos, praticamente sozinhos. Estimula-se a ociosidade, no lugar da produção. Desta cuidam os países desenvolvidos. No lugar das tapiocas, beijus, cuscuz, bolos e mil iguarias feitas de milho e mandioca, comem-se biscoitos e bolachas, feitos de trigo importado. Contestadas, as emissoras alegam desconhecer ou não acreditar no poder de influência de sua programação. Mas, ao venderem o espaço para a propaganda, elas sabem avaliar esse poder.

O processo de globalização teve início há uns dez anos, mas os danos causados à humanidade são superiores aos benefícios apregoados.

Pessoas de bom senso, naturalmente, são contra um Estado que controle todos os bens de produção e os serviços de uma sociedade, como hotéis, fábricas, siderúrgicas.

71 Este fato foi amplamente noticiado pela imprensa. Os comprimidos de farinha destinavam-se para fins anticoncepcionais. As denúncias vieram à tona pelas centenas de mulheres que engravidaram. Imagine remédios para outros fins, cujo efeito não vivifica, mata?

Isso, porém, não quer dizer que esse patrimônio deva ser entregue de qualquer maneira e a preços aviltantes, para empresas multinacionais ou mesmo governos de outros países, como vem acontecendo no Brasil.

Nessa ânsia de atender às determinações do Fundo Monetário Internacional, do Banco Mundial e da Organização Mundial do Comércio, estamos hoje nas mãos dos estrangeiros, cujo lema é lucro. A arrogante dominação chega a tal ponto que já se discute, abertamente, a internacionalização da Amazônia. Cientistas estão invadindo nosso território, estudando nossa flora e patenteando seus resultados. Brevemente chegará o dia em que, para tomar um chá de cidreira, teremos que pagar “dividendos” a outro país. Impossível? Desde quando a Suíça planta e colhe café? Mas nós pagamos para usar o Nescafé. Alguém já parou para avaliar o volume de divisas que remetemos para a Microsoft?

No entanto, um brasileiro inventou um sistema, denominado BINA, pelo qual detecta-se o número do telefone que faz uma ligação para outro – algo tão importante quanto a Internet. Esse sistema caiu nas mãos das multinacionais, sem que as autoridades brasileiras fizessem nada para protegê-lo, e nem o autor nem o Brasil lucram com ele, a exemplo da Microsoft, cujo inventor ostenta o título de homem mais rico do mundo.

Em defesa da Amazônia surge, aqui e acolá, uma voz para dizer que “a Amazônia é nossa”, mas ação concreta de ocupação do território não sai. O caboclo está lá isolado e só. As madeiras e mineradoras promovem impunemente o desmatamento.

Recentemente, numa universidade dos Estados Unidos, um jovem indagou ao escritor Cristóvão Buarque se ele era contra ou a favor da internacionalização da Amazônia. O Professor Cristóvão Buarque respondeu que seria a favor se internacionalizassem Nova Iorque, como sede da ONU – Organização das Nações Unidas – se internacionalizassem as crianças pobres do mundo, que morrem milhões de fome a

cada ano, se internacionalizassem o Museu do Louvre, as fontes do petróleo e tantos outros bens que estão nas mãos de meia dúzia de países, mas que deveriam pertencer a toda a humanidade.

Quantos levantam a bandeira do Professor Cristóvão Buarque? Quantos vão às ruas com bandeiras do Brasil em punho, em defesa dos nossos verdadeiros interesses, como o fazem nos jogos de futebol?

O que se vê é a nossa juventude migrando para outros países. Rapazes e moças detentores de cursos universitários que preferem lavar carros ou pratos no exterior a permanecerem aqui sem oportunidade e sem esperança.

A globalização, pelo menos nos discursos dos defensores, parecia irrecusável. E o seria desde que respeitasse as diferenças de cada povo. Imaginem uma globalização que concedesse a cada indivíduo uma identidade universal, tornando-o cidadão do mundo, com a qual pudesse viver e trabalhar onde bem lhe aprouvesse! Mas a globalização implantada é apenas para o mercado, que torna os ricos cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres e dependentes.

Para esses poderosos lembro as palavras de Mahatma Ghandi, que disse: “Tolerância mútua é uma necessidade em todos os tempos e para todas as raças. Mas tolerância não significa aceitar o que se tolera.”⁷²

Euclides da Cunha, em São Paulo, lendo notícias sobre Canudos, aprovava total repressão contra o Conselheiro e seus jagunços, mas à medida que se aproximava do campo da guerra, e ia se apercebendo da realidade, mudava de opinião. O resultado final está no livro Os Sertões. Mais que isto está na frase: “O que aqui se fez foi um crime.”

Diante de Ghandi e de Euclides, confesso que o que espero do restante deste País é uma visão euclidiana sobre o Nordeste, que sequer

72 GHANDI, Mahatma. Frase guardada, mas infelizmente sem anotação da fonte.

conta mais com a sua Agência de Desenvolvimento. Ela foi fechada, não por representar uma sangria dos nossos recursos, mas porque seria uma contradição para o governo atender à globalização, promovendo o desenvolvimento de uma parte do país.

É um crime o que estão fazendo com este País, mas eu ainda sou capaz de firmar, afirmar e reafirmar a minha esperança no seu futuro. O Brasil é uma grande Nação à espera de um grande governo.

Recife – PE, julho de 2002.

CYL GALLINDO

.....

Introdução

AQUI SE ENCONTRAM em livro, além das reportagens de guerra saídas do caderninho de bolso de *Euclides*, os dois artigos intitulados “*A Nossa Vendéia*”, anteriores às atividades do repórter, bem como uma série de dez outros trabalhos, sobre outros assuntos, que o escritor não quis ou não pôde retirar da publicação original. Da sua prosa válida, aquela que realizou após colocar-se ao largo da política mais ou menos militante que tanto o atraiu na juventude, dessa prosa temos aqui o princípio e o fim: alguns artigos pioneiros, anteriores à elaboração de *Os Sertões*, ou seus contemporâneos, e outros posteriores à publicação da obra-prima, inclusive o último, não terminado, interceptado pela morte, provavelmente no mesmo dia em que o deixara em inútil espera. Além desses artigos, inéditos em livro, incluímos duas cartas igualmente desconhecidas, uma delas, admirável, a Joaquim Nabuco, a outra a Oliveira Lima.

Incluímos ainda, no final do volume, pelas razões ali expostas, quatro artigos de 1892.

Vamos tentar ver as possíveis razões de *Euclides* para os abandonar; vamos dar as nossas razões de haver colocado aqui alguns deles, abandonando outros tantos; vamos a observações sumárias sobre

cada um, dando as datas, as circunstâncias, as revistas ou jornais em que foram publicados. Antes, entretanto, desejamos lembrar, homenageando-os com inteira justiça, os promotores da publicação da correspondência pela primeira vez em livro, situando-a em seguida, examinando-a sob alguns aspectos de maior importância.

As reportagens que a *Melhoramentos* está lançando foram publicadas em *O Estado de S. Paulo* entre agosto e outubro de 1897. Organizadas por Antônio Simões dos Reis, foram lançadas em livro pela Editora José Olímpio em 1939, com admirável introdução de Gilberto Freire, também apresentada pela *Revista do Brasil* em janeiro do mesmo ano. Mas a série, republicada pelo jornal para o qual foi escrita, por ocasião da passagem do cinquentenário de *Os Sertões*, tinha sido antes, em 1927, divulgada por uma revista de pequena circulação, a *Revista do Grêmio Euclides da Cunha, do Rio*. A obra, lançada em 1939, encontra-se desde há muito esgotada, constituindo mesmo raridade, e tem no presente volume a sua segunda edição, a bem dizer um livro novo, suprimidos os telegramas, fragmentos de reduzido interesse, e acrescentados os trabalhos parcial ou totalmente desconhecidos em livro, além das cartas.

Estes constituem parte maior e melhor de um conjunto que tivemos a satisfação de ir encontrando nas longas pesquisas que fizemos em jornais e revistas do entre-séculos, preliminar de elaboração da *História e Interpretação de “Os Sertões”* como do volume que é seu prosseguimento, sobre *Euclides* depois de *Os Sertões*, que estamos terminando. Provavelmente não sejam os únicos. Mas não temos razões para duvidar de que são os que maior interesse apresentam nos vários aspectos sob os quais possam ser analisados, dentre os não reunidos em volume.

Veremos um por um, depois de observarmos, com as reportagens, os dois artigos que precederam as atividades do repórter em suas andanças pelo sertão da Bahia, acompanhando as forças federais em luta contra os sertanejos, mas voltando para verberar por conta própria, com a responsabilidade exclusiva do seu nome, o tremendo equívoco que presenciara.

A realidade pungente do que ali se passara, desvirtuada pela má-fé de alguns e a ignorância de quase todos, a verdade sobre aquilo tudo caíra de repente sobre o amontoado de sofismas com Os Sertões, não há dúvida. Mas a obra singular de arte e de coragem tem mesmo a sua nascente nos dois artigos e nas reportagens que vamos conhecer.

I – CANUDOS

Em pleno sertão da Bahia, num vilarejo que crescera rapidamente dia e noite, junto ao rio Vaza-Barris, atingia o seu auge, em 1897, a luta de origem aparentemente próxima e sem importância mas que, na verdade, vinha, em estado latente, crescendo há três séculos, revigorando-se no abandono, na distância e no conseqüente desconhecimento recíproco de duas populações que não se interpenetravam – a do litoral e a do sertão. O vilarejo de Canudos, onde se concentravam os sertanejos aguerridos, afeitos às duras penas de viver junto a uma natureza agressiva, era o alvo único de milhares de soldados bem armados e municiados, mas que, não obstante, perdiam sucessivamente as batalhas a que eram conduzidos.

A explicação para tais sucessos inexistia. Os comentários de esquina, calcados nos comentários dos jornais, só faziam baralhar mais a situação já de si desfigurada pelo calor das paixões: dos republicanos recém-introduzidos no poder, e dos monarquistas acusados de estarem alimentando aquela luta com objetivos de restauração.

Em todo o país foi assim. Em São Paulo, onde se encontrava Euclides da Cunha exercendo a sua profissão de engenheiro e colaborando no grande jornal a que estava ligado desde as lutas da juventude, pela implantação da República, tudo ardia ao calor dos patriotas exaltados que juravam haver intuitos de restauração monárquica na rebelião sertaneja. Na fogueira que ali também se acendeu foi reduzida a cinzas muita

afirmação de fidelidade ao regime derrubado, inclusive O Comércio de São Paulo, mantido por Eduardo Prado e dirigido por Afonso Arinos.

Euclides, já reiniciando suas colaborações, mantinha-se calado diante dos fatos de que se falava com tão nítidos acentos políticos, fazendo-o naturalmente por isso mesmo, embora a essa altura ainda se mantivesse preso aos velhos ardores republicanos, em indubitável fase de abrandamento. O maior desastre daquela guerra para os soldados do litoral — a derrota de Moreira César — iria, entretanto, tirá-lo do mutismo a que se entregava de público, não, porém, intimamente, como se observa em cartas a amigos, nas quais já percebia o novo feitio da guerra que se desenvolvia no sertão, nada impressionado com as derrotas, mas com “as derrotas sem combate, em que o chão fica vazio de mortos e o Exército se transforma num bando de fugidos”.

Foi exatamente uma semana depois do noticiário sobre aquele desastre, 14 de março de 1897, que O Estado de S. Paulo trouxe, em suas páginas, o primeiro artigo “A Nossa Vendéia”.

O escrito, que só em sua parte final, e por meio de antigas leituras sobre a França, continha alusões diretas às ligações dos sertanejos com os propagandistas do Império, era, em essência, visão de conjunto da geografia física da região coberta pelos choques militares, deixando perceber, mais que preocupação com o aspecto político do que se passava, a preocupação com o mistério que era preciso desvendar, com a razão do que se passava, como e por que se passava. Reduzido, porém denso, era, antes de tudo, o artigo de um estudioso que se revelava às voltas com Caminhoá, Martius, Saint-Hilaire, formulando hipóteses sobre climas, vendo a flora maltratada, anotando intermitente emigrar de aves e de homens, comparando fatos locais com observações de Livingstone nas baixas latitudes africanas, sublinhando o seu já alarmado determinismo geográfico, para frisar lucidamente que, naquela luta, o inimigo sério era acima de tudo o solo áspero, original.

O segundo artigo com igual título, evidenciando o mesmo desejo de não se manter na superfície em que os comentaristas se mantinham, de

estudar o assunto desconhecido o quanto fosse preciso para trazer alguma coisa de novo sobre ele, só veio quatro meses depois, a 17 de julho, quebrando uma sucessão de outros, sobre outros assuntos, válidos apenas como documentos.

Vinha confirmar, reforçando-a, a impressão inicial: era a primeira tentativa de ver corretamente os sucessos no sertão, de apresentar razões novas e aceitáveis para as derrotas do Exército, embora continuando a supor em toda aquela correria uma outra Vendéia onde experimentadas forças monarquistas estariam lutando contra a República ainda jovem...

O argumento emocional não era, porém, o que interessava ao articulista. Tendo, no decorrer de quatro meses, estudado os fatos sob novos aspectos, procura infundir ânimo nos que viam com pessimismo o desenrolar dos acontecimentos, citando exemplos de reveses colhidos na História, de exércitos regulares aguerridos quando em luta num meio desconhecido, indo direto ao que mais o interessa: o perfil do jagunço, o perfil do terreno. De posse das duas pedras essenciais à compreensão daquele xadrez — a feição caótica e acidentada da terra, a capacidade de ver sem ser visto e de raro desprendimento pela vida, do homem —, tece leve crítica a erros de estratégia que já enxergava no sertão.

Viu com tal carga de lucidez o vácuo que se abria entre a frente e a retaguarda das tropas, que antecipou de muito as coordenadas do plano com que o Marechal Bittencourt conseguiria vencer, pondo fim àquela difícilíssima campanha.

Nos dois artigos, pontos da maior importância para a identificação de Euclides: estudara com tanto afincio o seu assunto, àquela época esquivo, dificilmente encontrado nos livros, que, sem experiência pessoal, nem com o homem nem com a terra, de ambos nos deu, corretamente, os lineamentos gerais; arredando na medida do possível argumentos emocionais, presentes, às vezes, segundo todos os indícios, em homenagem à opinião geral num momento doloroso, o que fez mesmo foi raciocinar, abordar com objetividade fatos em torno dos quais só se observavam lamúrias,

críticas desprovidas ou entusiasmos injustificados; forte no seu método, já deixava em ambos os trabalhos, com grande nitidez, a sua veia de escritor, a sua alma de artista, imaturo embora, mas capaz de conferir aprumo e elegância viris, e durabilidade, às suas idéias e às suas frases, construídas com algo da sua poesia, da sua imaginação rica e poderosa, a ponto de muitas delas continuarem vivinhas, facilmente identificáveis pelo conhecedor de Os Sertões...

O chão apresentava-se como sob os efeitos da “vibração interior de um terremoto”; as cactáceas “patenteiam a conformação típica e bizarra de grandes candelabros firmados sobre o solo”; a rocha granítica “apruma-se largamente fendida em direções quase perpendiculares, dando a ilusão de lanços colossais e semiderruídos de ciclópica muralha”; os sertanejos em luta, “invisíveis como misteriosas falanges de duendes”, praticavam como mestres “a tática da fuga” após “combates rápidos e indecisos” nos quais “os batalhões sentem a morte rarear-lhes as fileiras e não vêem o inimigo”, invariavelmente “bárbaro, impetuoso, abrupto”, pois, no desprendimento pela vida, “o jagunço é uma tradução justalinear quase do iluminado da Idade Média”.

E, enquanto de um lado era assim, do outro, as colunas na plena ignorância da realidade avançavam, deixando claros, desprotegidos, os espaços cada vez maiores entre elas e a retaguarda cuja assistência era indispensável ao êxito da sua missão: “nesse investir impávido para o desconhecido, como se levassem a certeza de uma vitória infalível e pronta, não se ligaram por intermédio de pontos geográficos estratégicos à longínqua base de operações em Monte Santo, deixando, portanto, que entre elas e esta última se interpusesse extensa região crivada de inimigos”...

O articulista que assim se exprimia, de modo inteiramente novo sobre aqueles sucessos que traziam o país em suspenso, revelando um amadurecimento imprevisito na sua capacidade de ver e criticar, teria que cair nas graças da direção do jornal, que passou a assediá-lo, induzindo-o a seguir como seu

CORRESPONDENTE DE GUERRA NA BAHIA

A decisão do jornalista, conquanto tivesse que ser rápida, não veio senão após inúmeras recusas aos argumentos de Júlio de Mesquita, reforçados, a pedido deste, por amigos comuns aos dois: aquela era missão de alto nível jornalístico, junto à comitiva do próprio ministro da Guerra que, diante da gravidade da situação, iria assumir pessoalmente o comando das operações; exigia homem cuja capacidade transcendesse à de um mero noticiarista, cujas notas se tornassem inconfundíveis nas páginas do jornal; tratava-se de interpretar um acontecimento da maior importância para o país, de travar contacto direto com o sertão, de assunto cujas dimensões exatas ninguém estava mais capacitado que ele, Euclides, para dá-las, quem sabe ampliando-as, apontando-lhes a projeção sobre os vários caminhos do nosso destino...

Resiste daqui, resiste dali, Euclides, afinal, cedeu. A família acomodada na casa do pai, em Descalvado, interesses postos em ordem, colhidos com o amigo Teodoro Sampaio novos informes sobre a região de Canudos, que este bem conhecia, lá foi para a Bahia, embarcando por via marítima com a comitiva do ministro em 4 de agosto.

De bordo do vapor Espírito Santo, no dia 7, foi datada a primeira carta para O Estado de S. Paulo. De Salvador, no dia 10, a segunda. Iniciava a série de trinta reportagens publicadas, mas cuja extrema irregularidade de chegada à redação, patente no desencontro de suas datas com as do jornal, em que vemos trabalhos mais velhos só publicados depois de outros mais recentes, autoriza a suposição de que algumas ali nem tenham chegado, extraviando-se. Dessas trinta, onze, entre 7 e 23 de agosto, são datadas da capital, aparecendo a 31 a primeira enviada de Alagoinhas, seguida das demais, escritas sucessivamente em Queimadas, Tanquinho, Cansanção, Quirinquinquá, Monte Santo e, finalmente Canudos, de onde a última foi expedida em 1º de outubro.

A inesperada permanência em Salvador foi para o repórter muito mais dolorosa que a travessia marítima, dificilmente tolerada, a ponto de ele silenciar sobre o mar, só entrando a escrever quando deu com

“a entrada belíssima e arrebatadora da Bahia”, vendo o oceano “tranqüilo como um lago”, dizendo-se “homem afeito ao aspecto imponente do litoral do Sul”, para salientar o sensível abrandamento da paisagem ao Norte. Daí por diante, dia a dia mais irritado com a demora da entrada no sertão, dependente que se encontrava das ordens militares, procurou, entretanto, a notícia em todos os cantos onde existisse, e até onde aparentemente não existia, como se deu com as entradas pelos arquivos, dos quais logrou sair como um vitorioso, brandindo documentos sobre as razões mais remotas daquela guerra no sertão.

Tais idas e vindas do jornalista singular, o leitor as tem ao vivo nas próprias reportagens. Assim sendo, e dados os pontos essenciais, indispensáveis à exata colocação destas no tempo e no espaço, vamos apenas a umas tantas observações que poderão ser úteis à sua compreensão como jornalismo da melhor categoria, capaz, inclusive, de constituir-se, como se constituiu, em fonte de inspiração para ultrapassar a si mesmo.

PROCURANDO VERDADE ENTRE SOFISMAS

Foi exatamente o que Euclides andou fazendo por lá, como convinha a um repórter da sua estirpe.

Os grandes olhos bem abertos para tudo, os ouvidos atentos a todos os rumores, a inteligência no pleno exercício de seus poderes, como um filtro destinado a reter a mentira, deixando passar, quando muito, o simplesmente verossímil, ele ia tirando de tudo as suas próprias conclusões, após conferir as palavras que ouvia com os fatos que presenciava. Capaz, entretanto, de ir muito além desse simples registro, punha em ação, paralelamente a essa extraordinária capacidade de operar à superfície, os dados da sua cultura incomum, dos conhecimentos regionais de que se encontrava bem provido, tudo subordinando aos seus dons de poesia, à sua intuição prodigiosa, que o levavam, senão a enxergar claro, de pronto, no mistério, pelo menos a pressentir a razão de ser das coisas como as coisas se passavam... O poder de expressão do escritor, do artista

consumado encoberto em pele de repórter, transmitia, então, com a força de origem, o que naquele instante era possível transmitir.

Que outra razão, senão esta de engenho e arte, existiria para justificar a reedição, ainda hoje, daquelas simples anotações de repórter, que jamais supôs que isso viesse a acontecer, tentando, ele mesmo, deixá-las definitivamente no esquecimento, com o superá-las nas páginas grandes e soberbas de *Os Sertões*?

Absolutamente nenhuma. O melhor jornalismo que se conheça ou que se possa imaginar tem naquelas três dezenas de notas do fim do século todos os elementos de que se honre e que timbre em cultivar — honestidade, amor à verdade, resistência aos empecilhos, inteligência, conhecimento de causa, coragem, objetividade, ausência de provincianismo, permeabilidade às dores humanas...

São atributos de quase tudo quanto escreveu, visíveis também em todos os seus atos. Portanto, conferindo-lhe a missão, o “olho clínico” de Júlio de Mesquita não falhara, acertando, também, em sua previsão Otávio Mangabeira, então simples acadêmico de Medicina na Bahia, ao dizer daquelas reportagens, que “garantiriam um triunfo literário” para o seu autor.

Fazendo a cobertura dos acontecimentos já se encontravam em Canudos, quando Euclides lá chegou, vários representantes de outros jornais, mas, ainda que se abandone, por impossível, qualquer desejo de comparação formal entre o que ele e os outros escreveram, põe-se de manifesto a distância que os separava, como simples relatores do que acontecia, como tomada de posição diante do que estranhamente acontecia, como observadores do conjunto perturbador que todos tinham diante dos olhos. Foi o último a chegar, mas o primeiro a ver tudo, vendo o que os outros não viam no mais fundo daquela tragédia que, sem o seu concurso de poeta e de profeta, teria passado em vão, já não digamos para aquela época atarantada que ele logrou abalar com o seu livro de que as reportagens eram o princípio, mas para o futuro, que muito aprendeu e ainda tem o que aprender naquele relato de atrocidades inconscientes.

Na capital ainda, via chegando feridos, em frangalhos, como se visse “uma procissão dantesca de duendes”; logo mais, conhecendo por menores dos reveses, observava que a guerra se fazia erradamente, dizendo que o que se estava executando ali era “uma diligência policial com oito mil homens”; conhecendo detalhes, já era capaz de enxergar no Conselheiro “uma espécie bizarra de grande homem pelo avesso” a exercer o mando sobre “uma sociedade velha de retardatários”. As suas eram correspondências curtas, incisivas, capazes de, numa frase, definir um quadro, um homem, uma situação inteira, e, ainda assim, cheias de desculpas do autor pelas possíveis incorreções formais que contivessem... Ele as escrevia, provavelmente as reescrevia, saindo em seguida atrás das novidades, como esta que não era possível perder: interrogatório de um jagunço de 14 anos, o próprio repórter podendo fazer-lhe perguntas, como fez, com grande inteligência, mandando, ao final, para O Estado um excelente “furo”, a carta admirável de 19 de agosto, precedida por outra famosa, a do episódio dos filhos do Macambira. Naquela trazia ao conhecimento geral quadros da vida interna do vilarejo que abalava todo o país, nítidos instantâneos do Abade, do Pedrão, do Vilanova, do Taramela, do Manuel Quadrado, do Conselheiro, colhidos diretamente da boca do menino, na qual acreditava porque, dizia, “não mentem, não sofismam, não iludem, naquela idade, as almas ingênuas dos rudes filhos do sertão”.

Mas o tempo corria, as novidades escasseavam e o repórter, vagando pelas ruas da velha Bahia “como um grego antigo pelas ruas de Bizâncio”, mostrava-se cada vez mais preocupado com o retardamento da partida para o sertão.

Vai procurar novidades... nos arquivos. Sabia o que honestamente podia e não podia fazer como repórter. Num arquivo descobre carta reveladora de que há anos o Conselheiro já constituía séria ameaça ante a absoluta passividade do governo, e a transcreve na correspondência assinada; nos comentários de esquina e de alguns chefes militares percebe um emaranhado de contradições, que procura evitar, quando muito passando-as pelo telégrafo, sem a sua assinatura. Aproxima-se das fontes puras, foge

das inverdades e, quando acontece tê-las agasalhado, apressa-se, tão logo percebe isso, em retificar-se a si mesmo. O leitor o verá muitas vezes fazendo isso que examinamos pormenorizadamente em nosso livro sobre Os Sertões. Punha-se em guarda, lembrando uma comparação de Fox para as informações duvidosas que obtinha: “Como que se formam através de um filtro invertido, no qual os elementos entram límpidos e puros e saem impuros e turbados.”

Assim mesmo, procurando apenas o encontro com a verdade que, faltando nas fontes comuns, ele lo grava encontrar levantando “a poeira dos arquivos de que muita gente fala sem nunca ter visto ou sentido”, é que o vemos nos seus dias de capital baiana. Dias incômodos, vividos com muito esforço, com muito pouco da alegria íntima e dos sentimentos humanos que caracterizavam aquele jornalista, quando em contato com a natureza e com as gentes humildes e deserdadas, como prova a primeira correspondência datada de Alagoinhas em 31 de agosto — o repórter já aboletado no trenzinho “ruidoso e festivo” que o levava para o interior, rumo ao vilarejo inexpugnável de Canudos.

A TERRA, O HOMEM, A VERDADE SOBRE OS FATOS

Então começamos a sentir em proporções crescentes neste noticiário dotado de poderes excepcionais, que mais tarde, em livro, atingiria o seu clímax, a verdade contida na apresentação da edição italiana desse mesmo livro, onde se observa que no “*Brasile Ignoto*” tem-se “*tutto visto con animo umanamente dolente ed eccezionalmente obiettivo*”.

Sim, por estranho que possa parecer. Objetividade: investigação, exposição, crítica com olhos de ver, de ver só a verdade, sem prevenções. Dolência: mágoa bem funda, tristeza infinita, profundo sentimento da dor alheia, advinda das incompreensões forjadas pela distância enorme que se estabeleceu entre os homens, causa lastimada a mais não poder pelo repórter que, começando a ver a realidade, passou a dizê-la tão cruamente quanto possível numa página de jornal em momento grave, túmido de incompreensões e receios, de prevenção e insensatez.

O mistério que envolvia aquela luta de gigantes ia ficando cada vez mais claro aos seus olhos, à sua compreensão, confirmando o que dissera, basicamente, nos dois artigos “A Nossa Vendéia”, fazendo-o pouco a pouco desvencilhar-se dos preconceitos políticos que escureciam os raciocínios.

A causa profunda daquilo tudo é que passava a interessá-lo, e não apenas a causa das batalhas sem decisão. Via-a agora com seus próprios olhos, no espaço, vendo a terra e vendo o homem, e a via também no tempo, ao referir os três séculos de isolamento geradores do desnível bruto entre o sertão e o litoral, advertindo ser de nosso dever

“incorporar à civilização estes rudes patrícios que — digamos com segurança — constituem o cerne da nossa nacionalidade”; e indo além, muito além, sendo mais claro, tentando retirar daquilo tudo o aspecto político que não enxergava, desejando dizer o indizível numa página de jornal em momentos perigosos como aquele, de republicanismo esaldante a enxergar o que naquilo tudo não existia: sinais de vida do monarquismo derrubado.

A primeira manifestação desse propósito nós a encontramos sutilmente expressa no trecho relativo à casa de Saraiva nos arredores de Pojuca, a cuja frente o repórter se descobria descobrindo-se ante o próprio passado que, como propagandista da República, ajudara a destruir: “Ainda não desci à concepção estreita de fazer de um grande dia, o 15 de Novembro, um valo entre duas épocas. Não há autos-de-fé na História. Passemos adiante.”

A digressão interrompida por esse brusco “passemos adiante” era intencional. Advertia que ele já estava disposto a dar tratamento diverso ao assunto explosivo, cercado de paixões por todos os lados até o seu final dantesco, que presenciou.

A EXPRESSÃO

Eis aí algumas das razões que justificam o interesse crescente pelas reportagens de que estamos falando, que deram origem a Os

Sertões. Mas, junto à sua honestidade, à sua coragem, à sua lucidez como justificativas daquele interesse pelo escritor cujo centenário de nascimento estamos comemorando, temos que destacar, ainda, os exemplos que já demos da outra razão essencial das reedições de seus livros, e, depois, da procura de páginas que o escritor abandonou, mas que vamos descobrindo surpresos pelo muito que representam, lançando-as sem a sua prévia licença...

Falamos da sua inteligência e daquele poder de expressão que Deus lhe deu, presentes também nestas simples notas de campanha que o leitor tem agora nas mãos.

Poder de expressão de que já vimos alguns exemplos nas suas cartas de guerra, nas que são simples traços gerais, debuxos apenas de pormenores do quadro mais amplo e mais profundo que o escritor traçaria em seguida, em que se esmeraria no decorrer dos três anos de beirra-rio, em São José do Rio Pardo, dando contornos, cores e nuances definitivos às suas estranhas visões.

Nas reportagens, também Gilberto Freire viu com razão — a razão que dificilmente não damos por inteiro à sua acuidade, à sua lucidez — esse poder expressivo a garantir a permanência daquele jornalismo singular. Euclides seria, com as palavras, um El Greco da prosa brasileira a ressaltar os traços esculturais de tudo, de homens, de árvores, de momentos, a tudo, até ao sol do sertão, quase fazendo parar para o “retrato”, dando dimensões estranhas a corpos e rostos, chegando até, diríamos, a lembrar o Greco da tela sobre Toledo, cujas tintas estranhas não sabemos se põem aos nossos olhos o esplendor do dia ou o suave mistério da noite... Com suas cores violentas, por outro lado, poderia nos lembrar também aquele outro “pintor”, Vitor Hugo, e através dele, Delacroix, mas misturando-as com maestria, sem se lambuzar, principalmente quando descrevia, como no Quatre-Vingt-Treize, as paixões que desejava fazer visíveis: os soldados sem comando, ao sabor das circunstâncias, lembrando os canhões, do Hugo tão nosso conhecido que, arrebatando as amarras, dançavam loucamente ao sabor das oscilações

violentas que as ondas imprimiam ao barco, esmagando lutadores, destruindo convés, precipitando-se... As manhãs sertanejas, o toque da Ave Maria, o homem em luta com a suçuarana, o cavalo do alferes Wanderley, o primeiro combate de Uauá conduzido por cruzeiros inclinadas em aríete, o episódio dos filhos do Macambira, aquela massa de soldados espalhada como um pé-de-vento sobre palhas ou como um rio imenso transbordando, rolando para todas as dobras de montanhas...

Tudo relevo e cor, e também som, que, não se encontrando nas reportagens, estão nas páginas de *Os Sertões*, o que efetivamente já é uma outra história, mais profunda, mais ampla, onde os debuxos ganharam feições definitivas, os croquis se completaram, as linhas leves viraram traçados fortes e permanentes. Mas a nós nos parece que aí, e não só nas reportagens, salvo raras exceções de disciplina rigorosa no dizer, as palavras também continuam soltas, com a mesma sem-cerimônia que Gilberto vê mais acentuadamente nos escritos do repórter.

Sim ou não, o caso é que, já nas suas reportagens, ele cultivava os atributos do jornalista perfeito e mais: revelava-se escritor, na acepção do termo.

É este repórter que o leitor vai conhecer traçando os lineamentos de um grande livro, dando-nos o pressentimento desse livro, do seu processo antitético, da sua visão, da sua técnica de lidar com as palavras, dando uma idéia das colunas-mestras que sustentariam o conjunto, das vigas que o cruzam de ponta a ponta, travejando-o por inteiro, de acordo com um plano geral amplo, ambicioso como o do maior dos portugueses no terceiro canto de *Os Lusíadas*: “Além disso, o que a tudo enfim me obriga,/É não poder mentir no que disser;/Porque de feitos tais, por mais que diga,/Mais me há de ficar ainda por dizer./Mas porque nisto a ordem leve e siga,/Segundo o que desejas de saber,/

Primeiro tratarei da larga terra,

Depois direi da sanguinosa guerra.”

É o plano pressentido nas reportagens e que está bem claro na obra-prima do escritor nato que se dizia “chefe de operários e homem de

letras”, da qual, com acerto conhecido o mesmo Gilberto Freire nos diz “não precisar da condescendência de crítico nenhum” ao situá-la, na introdução já aludida, como obra-prima da literatura, como obra-prima de síntese sociológica na língua portuguesa que, indo como foi aos problemas da formação territorial, social e política do Brasil, esclareceu aspectos importantíssimos de nossos antecedentes e da nossa atualidade, caracterizando a paisagem física e cultural dos sertões, iluminando-as com seguro critério ecológico e profundo senso dramático dos antagonismos que turvam a unidade brasileira.

II – OUTROS TEMAS

“Realmente, creio tanto no meu destino de bandeirante, que levo esta carta de prego para o desconhecido com o coração ligeiro. Tenho a crença largamente metafísica de que a nossa vida é sempre garantida por um ideal, uma aspiração superior a realizar-se. E eu tenho tanto que escrever ainda...”

Neste trecho de carta de Euclides, enviada de Manaus em março de 1905 a Alberto Rangel, temos um bom começo de conversa a respeito dos inéditos em livro que aqui estamos publicando, à passagem do centenário do seu nascimento. O fragmento está sublinhando o seu destino de bandeirante, a levar carta de prego para o desconhecido, sabendo como conduzir a bom termo a sua missão em face do mistério dos lugares nunca vistos ou raramente pisados por alguém. E aqui está ele a abrir-se em confissão sobre os seus ideais, suas aspirações sempre superiores, que realizou porque ia a elas com o coração ligeiro... E, principalmente para o nosso caso, o escritor está aqui avançando outro dos seus conhecidos desejos, exatamente aquele em que iam bater todos os demais: *“E eu tenho tanto que escrever ainda...”*

Isto em 1905, quando, na fase provavelmente mais atarantada da sua vida, já havia escrito quase tudo o que viria a formar o Contrastes e Confrontos onde, de posterior só há mesmo o discurso na Academia, no qual confessava-se “escritor por acidente”, embaraçado de estar sendo recebido como escritor, embaraçado entre o sentido primitivo e o novo da palavra, sem encontrar o termo que o satisfaria como satisfez a Racine, que se chamava poeta, a La Fontaine que se dizia fabulista, a Molière que se apresentava só como comediante do rei...

Tinha muito o que escrever. Mas não teria outra vez as condições indispensáveis para isso.

De lá do extremo Norte, precisamente, é que traria, no seu caderno de anotações, os dados de que se munira, e, estereotipados na retina, os quadros admiráveis que esperava alinhar num livro coeso, inteiro como Os Sertões — e que se chamaria Um Paraíso Perdido, contra as brutalidades das “gentes adoidadas”, ali, desde o século XVIII. Talvez por pressentir ser-lhe impossível realizá-lo é que tenha entregue ao seu editor português os originais incompletos desse livro sobre as águas como o outro fora sobre os sóis, fragmentos que, com aquele famoso esboço de História Política que vai da Independência à República, formam as duas partes essenciais e mais compactas do seu melhor livro depois do outro a pretexto da campanha de Canudos.

À margem da História é realmente o seu último livro, organizado por ele mas lançado quando já não existia. À sua própria margem, entretanto, seria possível acrescentar muita coisa. Muita coisa em torno da qual têm sido divulgados vários planos de publicação, mas que, possivelmente, por não ter contado com argumentos capazes de despertar interesse editorial em torno do que efetivamente representa, permaneceu desconhecida.

Por que não teria Euclides juntado àquele livro pelo menos mais alguns poucos dos seus escritos, que, ao contrário, colhido pela morte, deixou definitivamente nas páginas dos jornais e das revistas onde foram publicados? Teria juntado a título provisório apenas, no Contrastes e

Confrontos, os estudos sobre Floriano que lhe dariam o livro sobre a revolta de setembro, do qual aqueles estudos seriam parte, como dera a entender em uma das suas cartas? Teria também só por antecipação incluído em À margem da História aquelas apreciações fundamentais sobre a Amazônia que, inteiramente transformadas, lhe dariam com o vagar que sempre esperava o seu “segundo livro vingador”? E aquelas belíssimas páginas que aqui neste volume estamos incluindo em livro pela primeira vez — Numa Volta do Passado — lembranças restauradas “a todo poder da fantasia”, não seriam um prolongamento, um quase final de romance, talvez para Os Homens Bons, que espelhava escrever, fixando-se, de início, no Rio de Janeiro seiscentista?

São perguntas. Palavras apenas. Que jamais serão respondidas com precisão.

Mas que admitem hipóteses, hipóteses ditas muito rapidamente, em homenagem ao leitor que também não goste de construir sobre a areia. Uma delas seria esta: Euclides voltaria a rever alguns daqueles estudos, publicando-os, como desejasse. Outra possível razão do ineditismo em que largou uma porção dos seus escritos: nas mudanças contínuas de casas e de cidades, ele os teria perdido, deixando para mais tarde conseguir dos amigos um recorte que releria e modificaria inteiramente. Haveria ainda a considerar o fato de, uma vez enviados os originais ao editor, nada mais poder ser acrescentado, pois à época os livros brasileiros eram, em sua maioria, impressos em Portugal ou na França, que na Europa se encontravam as oficinas dos grandes editores. E mais uma: dos trabalhos da plena juventude, como de outros tantos, escritos à pressão da necessidade, ele jamais voltaria a falar.

Respeitando-o na medida em que nossas suposições sejam válidas, deixamos estes últimos de banda. Não os incluímos aqui. Mas sentimos ser necessário dizer porque incluímos os que aqui se encontram, um deles trecho de Os Sertões em primeira redação, inteiramente modificada no livro; outro, primeira redação também inteiramente transformada, incluída no Contrastes e Confrontos; os demais nunca revistos pelo autor.

Sinceramente, não cremos que todos eles venham acrescentar algo de substancial à obra conhecida. Mas cremos que nenhum deles a reduz no mais mínimo que se possa imaginar, e que, dada a grandeza de Euclides, não podiam permanecer no esquecimento. Senão vejamos, localizando cada um no seu tempo e dando as nossas razões de inclusão.

1 – DISTRIBUIÇÃO DOS VEGETAIS NO ESTADO DE SÃO PAULO

É o título do primeiro dos inéditos em livro que incluímos neste. A data de sua publicação, 4 de março de 1897, traz à lembrança aquela época que analisamos na História e Interpretação de “Os Sertões” como sendo a dos escritos pioneiros, da ida a Canudos, e da conseqüente mudança de destino do escritor. Mudança de destino nesse sentido de se transformar, passando de observador e comentarista tão-somente interessado nos acontecimentos do dia, a leitor e autor de estudos brasileiros no seu sentido mais amplo e mais profundo. Exemplos sem precedente dessa mudança são o primeiro dos dois “A Nossa Vendéia”, já examinado, e este de que estamos falando, publicado exatamente dez dias depois.

Este sobre os vegetais, provavelmente, nunca mais visto por Euclides, é importante como o mais antigo da série que evidenciava nele aquela completa mudança nas preocupações intelectuais, mas também por outras razões. Está, em essência, comentando um trabalho de Loefgren a cujas conclusões não sabemos que valor se possa atribuir em nossos dias, mas, qualquer que seja este, o que a nós nos interessa aqui é sentir o escritor que despontava absolutamente em dia com a melhor ciência do seu tempo e observá-lo a alinhar autores que andava lendo, a avançar expressões características da obra-prima que viria a prever prodígios que o futuro iria confirmar. Os autores referidos são muitos, mas, dentre eles, é de salientar Warming, que esteve no Brasil e lançou, em 1909, os fundamentos teóricos da Ecologia, “empurrando porta aberta”, no dizer de Afrânio Peixoto, provavelmente com alguma razão, pois, em Os Sertões,

escrito entre 1898 e 1901, Euclides já revelava amplo e seguro critério ecológico, pleno domínio das inter-relações do meio ambiente com as espécies animais e vegetais, da complexa dependência de uns com os outros, de todas essas sutilezas que formam mesmo a trama da vida, cujos desequilíbrios provêm da ação nefasta do homem contra a natureza, exatamente o assunto da *Ecologia*, lançada por Warming, cujas obras em alemão são básicas, nesse particular, citadíssimas, pelos melhores autores em todas as línguas. Outro mencionado no artigo seria aquele Buckle a que ele deu tanta importância, que está bem junto da expressão *manageability of nature*, conhecida do leitor de *Os Sertões*”, como tantas ali também colocadas: “vegetação incomparável e forte sob a adustão perene dos dias tropicais”, “bracejar de desespero, vigor e resistência heróica na luta pela vida”.

Quanto às suas previsões nesse artigo, dizem respeito ao extraordinário surto de progresso que por volta de 1920 se espalhava por todo o oeste paulista abrindo clareiras nas matas, cortando estradas, erguendo cidades, puxando trilhos de aço ao sabor das ondas de prosperidade do “mar de café” que avassalava as meias-encostas e os espigões com seu verde-escuro, manchado nos vales pelos claros de outras culturas e pastagens, vedetas da arrancada que transfigurou paisagens infindas ao realizar a ocupação daquele solo no planalto ocidental de São Paulo.

Foi o que Euclides, em suas contínuas viagens pelo interior paulista, observou e disse neste artigo de 1897, principalmente do meio para o fim, a partir do décimo parágrafo; e, ainda mais adiante, no parágrafo antepenúltimo:

...“preponderam neste Estado as regiões campestres, geralmente consideradas estéreis e inaptas a qualquer cultura regular — regiões destinadas, entretanto, a notável ação sobre o nosso desenvolvimento econômico em próximo futuro, quando...”

.....

“Exaustas as regiões ubérrimas nas quais a decomposição das rochas eruptivas origina a terra roxa que está atualmente para o nosso desenvolvimento econômico como a terra negra da Ucrânia, a fecunda tchernoizem, para o da Rússia meridional, o aproveitamento das extensas regiões hoje abandonadas tornar-se-á inevitável...”

Note-se duas vezes a expressão “desenvolvimento econômico” que circula como novidade, observe-se o “próximo futuro” que seria o dos arredores da década de 1920 que ele previa para a faixa triádica que abrange todo o interior paulista, da parte média de seus rios até o sulco do rio Paraná. São terrenos de arenito vermelho e mole, de “terra roxa”, originariamente revestida de matas de grande porte, mas onde predomina a vegetação campestre de que fala o escritor, indo além das observações de natureza geológica, topográfica, climatológica, botânica ao referir suas projeções de natureza econômica, ao prever o recuo das capoeiras e das matas diante das culturas que transmutariam a paisagem do far west paulista que se estende entre o rio Grande, o Paraná e o Paranapanema.

Esse clairvoyant que previa o surto da extensa rede de “cidades vivas” no oeste, como logo mais, muito antes de Lobato, seria o Jeremias das “cidades mortas” do vale decadente do Paraíba, já se apresentava com aqueles traços pragmáticos que também o caracterizam, chamando a atenção para o porvir em termos de visão e previsão dos problemas em conjunto, de revolução das mentalidades diante da coexistência de dois brasis antagônicos, um moderno e outro arcaico, um do passado distante, outro do futuro que chegava...

2 – O 4º CENTENÁRIO DO BRASIL

É título do artigo seguinte, que o escritor, apesar de muito solicitado pelos jornais da capital e atarefado com o ponto final sobre Os Sertões, dera, em maio de 1900, para um jornalzinho de São José do Rio Pardo. Apresenta-se como gesto de cortesia, de agradecimento do engenheiro que se retirava da cidade ao seu órgão principal.

Seriam umas linhas que ele — é lícito supor — retirara do velho caderno em que, com Teodoro Sampaio, andara certa vez a rascunhar coisas para uma quase *História do Brasil*. Mas linhas aqui acolhidas porque também têm o seu valor intrínseco, além do de origem: revelam-nos um Euclides como que transformado no nosso professor de Grupo Escolar a nos trazer uma surpresa bem agradável com este tema, tratado com mais finura, mas nem por isso tirando de nós aquela impressão amorável dos tempos fagueiros... Os termos usuais, a estrutura da frase, nos mostram o Euclides que conhecemos, mas o “clima” específico do assunto apresenta-nos um outro, aquele que num misto de grandeza e humildade, nuns ares de muita ternura, vai baixando a voz à lembrança de um simples marco, a cruz de madeira aqui deixada pelos descobridores “avultando nas solidões do novo continente e dominando o mar”.

3 – AS SECAS DO NORTE

“As Secas do Norte” é título de extensa parte comum de estudo publicado em três vezes, mas saído de Os Sertões que Euclides ainda escrevia e reescrevia quando o deu à publicidade em outubro e novembro de 1900. Aqui está por nos parecer muito útil aos professores, aos estudiosos interessados numa comparação como a que procedemos com as páginas famosas sobre o sertanejo, o jagunço e o gaúcho em *História e Interpretação de “Os Sertões”*. Quem se der a esse trabalho verificará mais uma vez os cortes extensos, e as acrescentações, impostos por Euclides à redação definitiva do seu texto. A primeira parte deste “As Secas do Norte” o leitor a localizará às páginas 32, 33 e 34 da 12ª edição de Os Sertões (todas as nossas referências dizem respeito a essa edição), mas só a partir do seu 26º parágrafo, que os 25 anteriores, alguns longos, outros curtos, muitos de uma só linha, foram sumariamente eliminados, sendo reconhecíveis ao leitor atento da obra-prima apenas por meio de certas palavras e frases encontradiças aqui e ali no livro... Outro exemplo do rigor, da severidade de tratamento sempre dispensada pelo escritor

às suas páginas, só se responsabilizando, como é óbvio, pelas que ficaram na edição definitiva.

Essa eliminação de quase duas terças partes do primeiro “As Secas do Norte”, publicado evidentemente com alguma forte razão, fosse a da remuneração, a de não perder contato com o jornal ou de experimentar a impressão que produziria; esse trabalho de eliminação de tão extenso fragmento, o leitor o observará igualmente na segunda parte do artigo aqui publicado, da qual o escritor só aproveitou uns poucos parágrafos, quando não apenas linhas, que uniu às de outros, de antes ou depois, como pode ser visto às páginas 34 e 35 do livro. Nas seguintes, 36 e 37, encontraremos, então, os parágrafos finais do artigo, mas também inteiramente modificados.

Para tais modificações de expressão é que julgamos muito importante chamar a atenção do leitor. Elas não dizem respeito apenas às palavras e frases substituídas em grande número, mas, principalmente, às transformações de estrutura dessas frases, com substituições sistemáticas de conjunções e por ponto final, eliminações sumárias de travessões e ponto-e-vírgulas, trabalho de que temos exemplo bem significativo nos oito últimos parágrafos da segunda parte, da qual foram eliminados os dois finais, encontrando-se os restantes às páginas 36 e 37 do livro. Dentre estes, o que se inicia “Segundo numerosos testemunhos...” evidencia nas transformações que sofreu, o escritor percebendo o exagero dos seus travesões e ponto-e-vírgulas, eliminando-os a tempo no livro, com o que deu mais força e clareza ao período que, apesar da intercalação de um ponto final no início, conservou-se — coisa digna de observação em *Euclides* — ao longo de quase vinte linhas... As substituições de palavras nos levariam longe, mas, rapidamente, poderíamos observar “inabordável” por “insolúvel”, “encachoeirados” por “correntosos”, “repulsadas” por “repelidas”, “galhadas” por “esgalhos”...

A terceira parte desta série de três publicações que estamos examinando foi a que — num pulo da página 37 para a 56 no livro, tendo de permeio passagens belíssimas, sobre as caatingas, o juazeiro, a

tempestade, a ressurreição da flora, o umbuzeiro, as manhãs sertanejas —, essa terceira parte colocada assim tão distante da segunda, foi a que Euclides, apenas unindo parágrafos a mais não poder, deixou quase que intacta na publicação definitiva.

Das três, é, realmente, a mais clara, a mais precisa, a de cunho mais pessoal e a mais bela, por mais entrecortada de poesia, assim: “tendas de tetos curvos branqueando nos ares como quilhas encalhadas”, “incêndio surdo das secas”, “molduragem de contornos ásperos”...

Prosseguindo pela ordem de data da primeira publicação, ou de conclusão, passaremos ao exame do

RELATÓRIO SOBRE AS ILHAS DOS BÚZIOS E DA VITÓRIA

Trabalho técnico que Euclides considerou apenas como tal, muito embora, à margem desse característico essencial, contenha belos trechos e nos revele o domínio de uma terminologia que não é freqüente na sua prosa.

Esse relatório de trabalhos destinados a escolher local adequado ao estabelecimento de uma colônia penal, foi publicado pela primeira vez em 1903, como parte de outro do então chefe de polícia de São Paulo. Euclides provavelmente preferisse o que a sua grandeza de escritor não permitiu: que ele se mantivesse enterrado naquela peça burocrática. Em 1954, entretanto, O Estado de S. Paulo o publicou novamente, e, não conseguindo localizar a publicação original, foi aí que o colhemos, dessa transcrição que bem pode apresentar alguma falha.

A peça, longa, escrita sem outros cuidados que os indispensáveis ao seu gênero, possibilita uma série não pequena de observações. Em primeiro lugar é trabalho que o engenheiro esqueceu mas que não merecia esse destino; é digno dele, do seu método, fundado no contato direto com as coisas que o interessavam, na clareza e precisão de linguagem que o distinguem. Depois, constitui outra prova do escrúpulo, da meticulosidade com que executava todos os encargos, os que se impunha a si mesmo ou os que recebia, indo a detalhes, esmiuçando-os, destacando suas próprias

dúvidas, lançando advertências sobre pontos controvertidos, sublinhando meras suposições, avançando conceitos, e, ainda por cima, insistindo na necessidade de novas operações destinadas a corrigir possíveis enganos... Foi muito além do que normalmente se exigia da sua missão o engenheiro encarregado de dar uma notícia baseada em reconhecimento ligeiro. Mergulhou na questão, dando da realidade que fora investigar rapidamente um amplo estudo acompanhado de plantas e croquis em que ficamos conhecendo por meio de extraordinário poder de síntese o quadro físico do território investigado, a sua posição histórica, os lineamentos dos aspectos geológicos e botânicos que o distinguem, as relações, ali, dos homens entre si, destes com as coisas, destas consigo mesmas...

A própria história da sua primeira viagem àquelas ilhas, como no-la conta Vicente de Carvalho, que o acompanhou, é digna de ser conhecida. Mas é uma outra história que encompridaria muito estas considerações e que contamos no livro que estamos finalizando, sobre Euclides depois de Os Sertões.

Aqui desejamos observar, além do que já dissemos, que no Relatório sobre os Búzios temos nada menos que Euclides falando de assunto raro, quase inexistente na sua obra, o mar, as ilhas abandonadas, os homens do mar afeitos às duras penas do seu trabalho, defendidos numa linguagem de muita admiração e afeto que contém o pleno domínio da terminologia nova para o escritor.

É interessante ver o ex-repórter, que fizera calado diante do mar a travessia entre Rio e Bahia, mostrar-se quase alegre agora, diante da imensidão das águas que isolavam ilhas e homens necessitados de defesa, que exigiam da expressão termos novos, difíceis para quem sempre se apresentara indiferente diante deles como eufórico diante da terra, dos seus acidentes. Apresenta-se lesto nos seus trabalhos de “levantamentos à vela”, rodeando a terra em canoa para avaliar as distâncias a relógio, atento a “todas as linhas vivas do relevo” como às enseadas, aos abrigos seguros, aos fundeadouros notados nas proximidades dos “dois ilhotes” cujos contornos revoltos, percebidos “na alvura dos cordões de rochas desmanteladas

que os debruam, lhes prenunciavam perigosos parciais e desembarque penosíssimo”. Observa “costões volvidos para o sul”, registra “as lufadas diferentes e a movimentação variável das vagas”, mostra-se partindo “com mar remansado e chão” mas dando adiante com o avolumar-se das ondas “ao longo do desabrigado costão de sueste”, notando sobre um outro, desprotegido, que “as vagas investem-no de chapa, perpendicularmente, batidas pelos ventos ponteiros”, mas que, contorneada a ponta de leste, vê-se “um ancoradouro que contrapõe às tempestades perigosas dos quadrantes do sul toda a massa dominante da montanha”, não tendo, além disso, “nenhum escolho ou Recife encoberto”, sendo praticável em todos os sentidos e tendo profundidade para navios de calado regular... Fala em “dias de muito mar” e sublinha os “notáveis efeitos da força erosiva do mar, exercitada por meio das marés e dos ventos sobre uma costa rígida, de pedra”.

O Relatório sobre os Búzios apresenta-nos, em suma, o engenheiro e escritor nato com a sua indisfarçável queda para a Geografia, continuando a nos dar dela lições que antes não tivemos, a traçar a história daqueles lugares abandonados, defendendo-os junto aos governos, solicitando para eles, quando menos, uma escola, descendo longe no seu assunto, mas dizendo que apenas fornecia uma notícia... Singular notícia, que vai ao fundo do objeto e transborda dos seus limites...

O trabalho seguinte, um artigo intitulado

VIAJANDO...

Publicado em setembro de 1902 em O Estado de S. Paulo, saiu posteriormente em outros jornais e teve a sua redação definitiva incorporada por Euclides ao Contrastes e Confrontos sob o título de “Entre as Ruínas”, única redação válida, portanto, para o autor. Aqui está em primeiro lugar por constituir, em confronto com a redação definitiva, que não fica a dever às melhores páginas do escritor, excelente fonte de estudo, relativamente ao rigor com que ele emendava os seus textos. Mas está também pela importância de que se reveste como provável veio

originário de grande parte do “*Urupês*”, de Monteiro Lobato, no qual Wilson Martins enxerga, com a razão que não lhe falta, um primeiro manifesto modernista.

Examinemos as duas proposições, ainda que com a brevidade exigida por esta introdução que muito tem ainda pela frente.

“*Entre as ruínas*”, capítulo do *Contrastes e Confrontos*, do qual este “*Viajando*” é a primeira redação inteiramente alterada, é admirável traçado do declínio do Vale do Paraíba no lado paulista, em confronto com a riqueza também extinta no lado fluminense. A linguagem repassada de melancolia, ternura e crítica acerba em termos de beleza, poesia, precisão, contém todos os traços da crua realidade de um momento, mas envolta nas brumas do passado de grandezas, que se fora. Um dos seus característicos, a objetividade, nos apresenta o Euclides que bem conhecemos, mas o outro, a memória, nos dá dele uma visão bem rara em toda a extensão da sua obra.

Os cortes a que o escritor submeteu a primeira redação foram extensos, foram sumários, a ponto de reduzir-lhe nada menos de noventa linhas, aproximadamente uma quarta parte do conjunto. Além de dar força ao que havia de muito vago no título primitivo, substituindo-o, alterou por completo a pontuação, trocou palavras e expressões em profusão, cortou quase todo o final, do qual ficou com duas linhas apenas, provavelmente porque percebera que repetia em riscos bem marcados o que já ficara em traços leves no corpo mesmo do seu trabalho. Embora fazendo-nos perder alguns bons fragmentos da sua prosa, é inegável que a supressão deu a ganhar ao texto, mostrando-nos como era afiada a auto-crítica do escritor que, parece, não reviu provas da redação definitiva.

Quanto a este escrito ter sido fonte ou inspiração do artigo “*Urupês*” de Monteiro Lobato, de grande importância para a eclosão do movimento modernista em São Paulo, desejamos lembrar que a indicação é de Brito Broca, dono, como raros, da volúpia do fato literário, excelente conhecedor da região descrita por Euclides e Lobato, cuja obra conhecia muito bem. Ei-lo em “*Pontos de Referência*”, indo além, a ver no con-

frangimento, no sofrimento do primeiro, em comparação com o menosprezo, o escárnio do outro, diferença apenas aparente: “tudo indica que o realismo de Lobato derivou diretamente do de Euclides, de quem o escritor paulista se mostrou, desde cedo, o mais fervoroso admirador. Quero crer mesmo que grande parte de “Urupês” saiu de “Entre as Ruínas”. E que o famoso artigo “Velha Praga”, que constitui o início da carreira do escritor Monteiro Lobato, não é senão a reprodução, com outras palavras, da página de Euclides, “Fazedores de Desertos”.

O DISCURSO DE POSSE NO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO,

em novembro de 1903, por certo foi também publicado sem a revisão de Euclides. Prova-o a pontuação estranha, presente, sem dúvida, nas suas primeiras redações, mas que ele modificava posteriormente; atestam-no também prováveis ausências de certas palavras, como presenças de outras, talvez por desinteligência do copiador dos seus originais, em letra de difícil decifração. A peça aqui está como documento de um dos instantes mais perturbados da sua vida, e mais incaracterísticos da vida nacional, ambos refletidos nas alusões a “uns restos de mocidade”, que esperava aproveitar, às “aventuras de antigo caçador de miragens”, das quais desejava ficar liberto, às “fórmulas inexpressivas e artificiosas dos partidos”, que atacava, atacando “o feudalismo anárquico dos governadores que as eleições não elegem” e a “agitação tumultuária de onde raro se destaca o caráter social dos acontecimentos”.

Os Sertões estava nos comentários gerais como o maior sucesso editorial daqueles tempos e, a bem dizer, o discurso apenas reafirmava, em palavras mais diretas, num trabalho de reduzida extensão, algumas das suas passagens contundentes, que logo mais o autor alargaria em outros sentidos, na série de comentários que daria origem ao Contrastes e Confrontos. Aproveitando bem aqueles “restos de mocidade”, expressão só justificada pelo seu estado de espírito no momento,

ele, considerando-se “exilado no tempo”, isto é, exilado do que chamava “o presente abominável em que estamos”, e que analisava com umas tintas de ironia, ainda iria escrever tudo o que lhe daria este livro, tudo o que escreveu e abandonou, e mais À margem da História. O discurso é importante porque, pelas verdades que avança, seria a primeira definição explícita dele como um exilado no tempo, mas não só assim no seu tempo, porém, no futuro, no porvir... Contém em embrião o que dissera antes e diria mais amplamente depois, adiantando-se muito aos programas de reformas que surgiriam logo mais e desfechariam vestidos em frases de Rui, no da Aliança Liberal, em 1930.

O POVOAMENTO E A NAVEGABILIDADE DO RIO PURUS

É a segunda parte das notas complementares ao Relatório da Comissão de Reconhecimento do Alto Purus, cuja primeira é intitulada “Observações sobre a História da Geografia do Purus”. Ambas são de autoria exclusiva de Euclides, desejoso de imprimir maior densidade àquele Relatório. A própria redação da parte descritiva dos trabalhos de rotina das Comissões brasileira e peruana, formadas para fixação dos limites entre os dois países no Alto Juruá e no Alto Purus, assinada por ele e pelo delegado peruano em dezembro de 1905, parece ser também de sua lavra exclusiva.

A inclusão acentua fortemente a presença de Euclides, mas a parte relativa ao relatório propriamente dito bastaria para dar àquela peça o cunho de documento exemplar no seu gênero, que realmente é, pela responsabilidade que revela na execução da tarefa exigente de inteligência, de informação segura sobre a Amazônia em geral, de redação clara e objetiva, coisas de que o chefe da Comissão brasileira dispunha como poucos, e de que deu exemplos a mais não poder. A luta desesperada na subida, acampando às noites, descampando pelas madrugadas, à margem de “um rio tão monótono, tão sempre o mesmo” a ponto de dar a ilusão de uma viagem circular, ali está definida, descrita numa linguagem solta,

que revela os mil e um aspectos do que foi realizado: determinação de coordenadas, levantamento hidrográfico do Purus e seus afluentes, coleta de dados sobre o clima da região, os seus caracteres físicos, os atributos das duas sociedades originais que ali resistem, a dos seringheiros e a dos caucheiros.

Com efeito, não seria mesmo preciso mais para a perfeição de um relatório. Todavia, Euclides, sempre rigoroso consigo mesmo e com os seus desejos nunca sofreados de penetrar o fundo das coisas que o interessavam, foi além, dando o complemento, os dois excelentes estudos que, com a parte geral, no-lo mostram voltando do Amazonas com aquela bagagem impressionante de conhecimentos da região que esperava transformar num grande livro compacto como *Os Sertões*, bagagem de que constituem exemplos os vários estudos que abrangem quase a metade de *À margem da História*, apenas alinhavados a pontos largos e assim mesmo suficientes para se erigirem em referências infalíveis, em ponto de partida até, para os grandes autores que se aventuraram naquelas águas. É que de lá ele veio, trazendo algo de que não nos falaram, ou não nos falaram com a sua força, nem mesmo um Humboldt, um Wallace, um Agassiz, um Chandless, um Silva Coutinho ou um Tavares Bastos.

As páginas incluídas naquele famoso relatório, e que estamos incluindo aqui, simplesmente expositivas, cumprem a função complementar que o escritor lhes atribuiu, não nos dando, portanto, em termos de prosa de alto nível, a medida de Euclides falando da Amazônia, como acontece com aquelas “considerações gerais” que abrem o seu livro já referido, e as páginas singulares sobre “*Os Caucheiros*”, o “*Judas-Ashverus*”. O relatório sobre o Purus em sua totalidade é, assim, excelente introdução ao que de melhor o escritor nos deu sobre a Amazônia, é exposição singela, e direta, do que seus olhos viram, evidenciando, ainda, como ele foi para lá bem informado. E é também um hino à atuação, naquelas calhas retentoras do Dilúvio, de três homens tão diferentes em tudo, um inglês culto, Chandless, um sertanejo desassombrado, Manuel

Urbano, e um fundador de cidades, dotado do mesmo espírito aventureiro e desbravador, *Manuel Rodrigues Pereira Labre*.

Dos levantamentos efetuados por *Euclides*, revelando, numa distância de apenas 40 anos, extrema divagação do rio, *Roquete Pinto* disse ser um dos mais importantes fatos geológicos adquiridos pela ciência brasileira.

O trecho destas páginas foi incluído aqui porque, publicado na *Revista Americana* um ano depois da morte do escritor, apresenta algumas pequenas discrepâncias com a publicação do relatório inteiro por parte da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia há alguns anos.

ÚLTIMA VISITA

Publicado no dia seguinte ao da morte do autor de *D. Casmurro*, é *Euclides* falando sobre *Machado de Assis*... O artigo, sempre referido mas dificilmente visto pela maioria dos leitores, porque até agora perdido em publicações inacessíveis, dá bem a medida da compreensão do autor de *Os Sertões* pela “infinita delicadeza de pensar, de sentir e de agir” da-quele que, como ele próprio, foi uma “fortaleza”, provavelmente de outros materiais, certamente erguida em outra região. Sabe-se que *Machado*, como símbolo de honestidade intelectual, foi admiração constante de *Euclides* e que este foi para a *Academia* ladeado por ele e por *Rio Branco*.

O artigo que aqui reproduzimos, revelando em diminuta extensão o seu entendimento do sentido da obra de *Machado* quando ainda, e naturalmente, não seria profunda a sua bibliografia, é também excelente depoimento sobre a morte do grande criador, a que *Euclides* assistiu, de que fala no trabalho, à qual, por mais um lance de rara beleza — coisa curiosa —, ligou o seu nome definitivamente: *Augusto Meyer* nos conta que, “quando se velava o corpo no Silogeu, um popular procurou *Euclides da Cunha* e lhe fez entrega de uma bandeja de flores naturais enviada para *Machado de Assis*”, acrescentando que o desconhecido

negara identificar-se, dizendo apenas que recebera a missão de um moço no Largo de São Francisco... *Euclides*, sempre *Euclides* — Machado pela honestidade e pela grandeza, não Machado pelas preocupações intelectuais —, sempre ele em posição destacada nesses episódios admiráveis de que era centro aquele outro artista, como ele próprio, por razões diversas, e até inversas, singular em nossas letras...

NUMA VOLTA DO PASSADO

É invocação, em 1903, numa vivenda de beira de estrada que servira de pouso ao engenheiro em atividade no Vale do Paraíba, do que ali se passara numa noite qualquer de setembro de 1822, segundo o relato singelo do seu quase centenário hospedeiro. O escrito, de cinco anos depois, compõe-se de duas partes, uma de memória de viagem em lombo de burro por serras e vales de caminhos abandonados, outra de transposição da realidade que o viajante ficara conhecendo.

Emparelha-se com “Entre as Ruínas” no quadro geográfico que descreve como na beleza de que se reveste, mas sobressaindo pelo poder de fantasia do autor, e até pelo tom de “suspense” em que este consegue manter o pormenor de episódio importante da nossa história.

E — por que não? — pelo embaraço em que nos deixa diante da lição de que, na dúvida entre dois adjetivos, o melhor será abandoná-los, ficando só com o substantivo... Parece que aqui o conjunto perderia com a ausência de detalhes, até de palavras, mínimos. O mesmo episódio, focalizado em “Da Independência à República”, em sua generalidade, com extrema economia de palavras, não acrescenta a nós mais do que este, nem ficará como este em nossa memória. O escritor aqui se apresenta liberto do policiamento a que sempre procurou submeter a sua imaginação rica e poderosa, e sem cortar largo do lado dos adjetivos... É apenas uma observação, junto da qual lembramos o que ficou dito no nosso livro sobre Os Sertões, no sentido de que *Euclides* pagou tributo à imaginação criadora, e não negou, em certa ocasião, o desejo de vir

um dia a escrever um romance, que teria seu ponto de apoio no Rio de Janeiro do século XVI...

O relato — detalhe de momento culminante na vida do jovem rei varonil — é destes que, uma vez lidos, jamais nos abandonarão.

UM ATLAS DO BRASIL

O último dos inéditos em livro ora comentados é também o último artigo escrito por Euclides, o último dos seus escritos, que ele sequer chegou a terminar, deixando-o para ir ao encontro da morte, com a palavra “descrição”, provavelmente, partida ao meio: descri-. Como sempre acontecia, voltaria a lê-lo, emendando-o aqui e ali, cortando ou acrescentando coisas. Aqui está como foi encontrado dias depois entre seus papéis e publicado pelo Jornal do Comércio, em 29 de agosto de 1909.

Não singulariza este trabalho apenas o fato de ter sido o último do escritor, ou o traço de curiosidade ou mistério que alguns poderão enxergar naquela palavra inacabada. Singularizam-no o fato de aí ele estar expondo, com oportunidade, seus excepcionais conhecimentos de história da Geografia, especialmente a brasileira, e, principalmente, o de, num último artigo, ter-se voltado exatamente para um balanço do que até então se fizera no Brasil com a disciplina que o fascinava.

Fascinava. É o termo. E seria preciso repeti-lo? A Geografia física e a humana estão também na base da sua obra de escritor que amava, sem idolatria, a ciência; que dava a esta o tratamento mais delicado, dando, sempre que fosse o caso, a noção científica da impressão artística que tivera antes... A História mesma, que no seu conceito englobava as ciências sociais, e, mais ainda, num todo que parecia conter a gama infinita dos problemas humanos, a História mesma ele raramente a tratou sem as suas razões geográficas, e as outras, como se tivesse presente a sabedoria de Alain que, a propósito das explicações “históricas” sobre os telhados pontiagudos das casas da Normandia, lembrava as folhas da trepadeira, filhas de um mesmo arbusto mas de formatos diversos

ao alto e embaixo, por razões impostas pelo lugar que ocupam, asseverando: “*L’historien dit: nous avons des toits pointus parce que nos ancêtres en avaient; mais le géographe dit: nous avons des toits pointus parce qu’il pleut beaucoup en Normandie.*”

Mas é tão lícito imaginá-lo considerando assim o assunto, como seria ilícito vê-lo fazendo sua, apesar de muito fina, a conclusão de Alain: “*Fermons notre livre d’histoire, et allons voir des feuilles de lierre*”... Não o faria porque a “sua” história ele a praticava em função de todos os meios adequados de que dispunha a sua imensa cultura, que se movimentava em todos os sentidos, que se firmava na base sólida de que um dos componentes era precisamente a Geografia, capaz de “*penser le monde réel au lieu de son fantôme*”, e que, assim, também Valéry sobrepunha à história convencional, feita de datas exatas, falsas lembranças e falsas paixões.

Estas observações a propósito do excepcional destaque que Euclides sempre deu à Geografia tornam evidente a importância do artigo que encerra esta parte, e que é o último de todos os que escreveu, que não chegou a terminar, o único dos seus, talvez, que contém, assim juntas, observações dispersas na sua obra a respeito de história da Geografia, da qual, relativamente à região do Purus, tinha nos dado antes um capítulo inteiro do relatório ao qual já nos referimos.

Este balanço que o escritor apresentou em 1909 dá-nos bem a medida das suas dificuldades para traçar o imenso painel de Os Sertões no entresséculo com a correção exemplar no método e singular nas perspectivas que abriu e que, como já o demonstramos em outra parte, não tem sido, tanto quanto pode parecer, silenciada por especialistas dentre os que mais se recomendam no setor da Geografia, como nos demais ramos de que tratou. Nestes últimos anos a Geografia vem se enriquecendo extraordinariamente no Brasil. Mas, em 1909, quando Euclides já tinha dado muitíssimo de si mesmo para ela, com relação a este país que é quase um continente, ele podia dizer: “*Dilata-se no desconhecido. Está em plena idade heróica das explorações ou longínquas batidas no deserto.*”

E reclamar “as relações entre a constituição dos terrenos e as formas topográficas que dão à geografia moderna noutros países o caráter dedutivo de ciência inteiramente organizada.” E satirizar quase, como fez muito em Peru versus Bolívia, com os preconceitos dos que “perturbaram por mais de um século toda a geografia européia”. E reconhecer, criticando os desejos de classificação de montanhas por parte dos autores em exame, que “durante largo tempo as nossas idéias a este respeito serão forçadamente provisórias”...

* * *

Pelo que vemos, os escritos aqui reunidos não mereciam o destino de ignorados a que o rigor de Euclides os condenou, sem que tivesse deixado provas de que assim os desejava para sempre. Referimo-nos, é óbvio, aos que só conhecemos em redação única. Devidamente revistos, alguns até sem essa revisão, não desmereceriam as páginas do livro em que tivessem sido incluídos.

Em essência, é certo, não acrescentam algo de novo à obra elaborada no decorrer de pouco mais de dez anos de atividade. Fundamentalmente falando, não; mas em termos de detalhe, de uma vista ou expressão nova sobre pontos importantes dessa obra, em termos de esclarecimento sobre as atividades do escritor, estes trabalhos aqui reunidos valem, e valem enormemente, sob um sem-número de aspectos. Valem pelo mesmo motivo que, apesar de Os Sertões, mantém desperto o nosso interesse em torno das reportagens de guerra; valem por todas as razões específicas de cada um, que já alinhamos nos comentários que estamos ultimando, e que vão do caráter de pioneirismo intelectual que caracteriza o nosso grande “comedor” de horizontes, ao de domínio da expressão, do rigor para com ela, visto nos que emendou, principalmente, alguns excelentes para confronto de textos e, pelo menos um — Numa Volta do Passado — para nos dar da sua imaginação rica e poderosa um dos exemplos mais notáveis.

Rio, 16 de agosto de 1965.

OLÍMPIO DE SOUSA ANDRADE

Diante das provas finais, desejamos esclarecer que era nosso propósito acrescentar aos inéditos em livro, selecionados dentre muitos, pelo menos mais um – Entre os Seringais –, páginas admiráveis como definição de muita coisa da Amazônia. Não o fizemos agora porque só conseguimos a publicação original, não existente na Biblioteca Nacional, quando este livro já se encontrava paginado. E desejamos destacar a presença, aqui, do Prof. Dermal de Camargo Monfrê, indicado pelos editores para o confronto das primeiras provas com as publicações originais dos textos de Euclides, já que não é possível fazê-lo com os seus próprios manuscritos. Trabalho indispensável, mas demorado, para o qual, não dispondo de tempo, alertamos os editores. Indispensável, por exemplo, porque no texto da edição anterior das reportagens nós mesmos, em antigas leituras com outro objetivo, já encontramos discordâncias com o texto do jornal onde saíram pela primeira vez, o que consta da 1ª edição do nosso livro sobre Os Sertões. Fazendo aquele confronto, o Prof. Dermal de Camargo Monfrê, além de descobrir a carta de 6 de setembro, não constante da edição anterior, deliberou redigir umas tantas chamadas, quase sempre indispensáveis, aos textos que examinava.

São suas, portanto, as referidas chamadas (N. do R.) que o critério da repaginação faz aparecer às vezes junto a outras (N. do Autor), obviamente de Euclides.

O. S. A.

.

Os 43 Anos de Euclides

1866 Janeiro, 20	Nascimento em Santa Rita do Rio Negro, Município de Cantagalo, Estado do Rio.
1869	Morte de sua mãe, Eudóxia Moreira da Cunha.
1869–1879	Em Teresópolis, com uma tia, Rosinda; em São Fidélis, com outra tia, Laura (71–76); na Bahia, com os avós paternos (77–78); no Rio, com o tio Antônio Pimenta da Cunha. Primeiros estudos: Colégio Caldeira, (São Fidélis – 74), colégio na Bahia, e Colégio Anglo-Americano (Rio).
1880–1884	Prosseguimento, no Rio, dos estudos iniciais: Colégios Vitório da Costa e Meneses Vieira (80-82); Colégio Aquino onde, no jornalzinho O Democrata, imprimiu-se o seu primeiro artigo.
1884–1885	Exames e matrícula na Politécnica, onde só cursou um ano.
1886	Na Escola Militar, cadete 308.
1888	Fiel à palavra empenhada, à sua coragem, às suas paixões, provoca incidente diante do ministro da Guerra, deixando cair o sabre, sendo preso e excluído do Exército. Confessando-se propagandista republicano, vai ser submetido a Conselho de Guerra, mas é perdoado pelo próprio Imperador, seguindo para São Paulo onde, em O Estado, inicia série de artigos de “revanche”.
1889	Regresso ao Rio. Novos exames para a Politécnica que, outra vez, não cursou. Proclamação da República. Reversão ao Exército, promovido a alferes-aluno.
1890	Matrícula na Escola Superior de Guerra. Termina o curso de Artilharia, enquanto, meio descontente com a República, escreve no jornal Democracia. É promovido a 2º-tenente. Casa-se.
1891–1892	Termina na Escola Superior de Guerra os cursos de Estado-Maior e Engenharia Militar (91) e de Bacharel em Matemática, Ciências Físicas e Naturais, quando é promovido a 1º-tenente (92). Neste mesmo ano escreve outra série de artigos para O Estado de S. Paulo, defendendo a situação criada pelo contragolpe de Floriano, no qual tivera a sua participação. É coadjuvante de ensino na Escola Militar.

1893	<i>Floriano oferece-lhe posições, mas ele só deseja o que a lei prevê para militares do seu posto... Engenheiro praticante na E. F. C. B., depois na Diretoria de Obras Militares. Revolta da Esquadra. A Esfinge.</i>
1894	<i>Cartas à Gazeta de Notícias contra um senador, em defesa de presos políticos, criando embaraços para Floriano, que o mandou para Campanha, Minas Gerais. No “exílio”, aos 28 anos de idade, viu inaugurar-se na cidade uma praça com o seu nome, começou a dedicar-se seriamente aos estudos brasileiros e às teorias socialistas. Assim decidido a mudar o curso da sua vida, vai, de licença, a São Paulo: tentativa de abandonar em definitivo a carreira das armas e iniciar-se na Engenharia Civil.</i>
1895	<i>Deixa Campanha, indo para a fazendinha do pai, em Descalvado, São Paulo. Oficialmente agregado ao corpo do Estado-Maior, trabalha em caráter precário como engenheiro da Superintendência de Obras de São Paulo, estudando e fiscalizando obras no interior.</i>
1896	<i>Saída definitiva do Exército. Nomeação para a Superintendência de Obras e prosseguimento das atividades aí. Relatório sobre exploração de um trecho do rio Grande.</i>
1897	<i>Outra vez na redação de O Estado: atividades internas e colaborações assinadas, dentre as quais sobressaem as relativas à distribuição dos vegetais, a Anchieta e os dois artigos “A Nossa Vendéia”, revelando excelentes conhecimentos dos assuntos brasileiros e determinando a ida a Canudos como correspondente de guerra. Vai em princípios de agosto, volta em fins de outubro, para a fazendinha do pai, começando a escrever Os Sertões.</i>
1898–1901	<i>Publica o Excerto de um Livro Inédito (1–98). Muda-se para São José do Rio Pardo para reconstruir uma grande ponte, a serviço da Superintendência (3–98); aí correram os três anos mais calmos e proveitosos de sua vida, durante os quais escreveu a quase totalidade de Os Sertões e executou com absoluta correção a obra de engenharia. Saiu da cidade em maio para São Carlos do Pinhal, com promoção, sendo, em seguida, transferido para o Distrito de Guaratinguetá, com residência em Lorena.</i>

1902	<i>Revisão de provas e lançamento de Os Sertões (12–1902). Relatório sobre as ilhas dos Búzios e da Vitória, após reconhecimentos in loco, tão trabalhosos como as contínuas viagens pelas serras e pelos vales da região do Paraíba, na mesma época, e a cujo respeito publica um artigo famoso com o título “Viajando”, mais tarde mudado para “Entre as Ruínas”.</i>
1903	<i>Aclamado membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e empossado com um discurso corajoso que provocou muitos rumores. Eleito para a cadeira 7 da Academia Brasileira de Letras, da qual só tomaria posse 3 anos depois. Com vencimentos reduzidos, solicita demissão da Superintendência de Obras.</i>
1904	<i>Engenheiro da Comissão de Saneamento de Santos, com residência no Guarujá. Desempregado em virtude de incidente com a chefia. Escreve para a imprensa a maior parte dos artigos que viriam a formar o Contrastes e Confrontos. Chefe da Comissão de Reconhecimento do Alto Purus, parte para Manaus a serviço do Itamarati.</i>
1905	<i>Todo o ano no Amazonas, em aventuras no desconhecido.</i>
1906	<i>No Rio, adido ao gabinete do Barão do Rio Branco. Publicação do Relatório sobre o Alto Purus. Posse na Academia. Publicação do Contrastes e Confrontos.</i>
1907	<i>Artigos no Jornal do Comércio, publicados em livro no mesmo ano: Peru versus Bolívia, Conferência “Castro Alves e seu tempo” no Centro Acadêmico 11 de Agosto.</i>
1908	<i>Continua no Itamarati retificando, esboçando, projetando mapas em geral, vários regionais do Purus, do Juruá, do Acre, da Lagoa Mirim. Envolvido num incidente diplomático por Zeballos, desfaz intrigas publicando todas as cartas que deste recebeu, exigindo-lhe a publicação das suas.</i>
1909	<i>Concurso de Lógica. Nomeação. Primeiras aulas. Morto quando já havia revisto as provas de À margem da História, mas sem ter terminado o seu último artigo para o Jornal do Comércio: “Um Atlas do Brasil”. Morreu a 15 de agosto.</i>

Esta cronologia tenta ser mais completa e exata que as anteriores, incluindo os dados novos constantes da História e Interpretação de “Os Sertões”, bem como os que aparecerão no novo volume, que estamos concluindo, sobre os outros livros de Euclides. – O. S. A.

.

Notas do Revisor

A) Não tendo sido possível localizar os originais do autor, ao estabelecer o texto para a presente edição, deixamos de suprimir os realces, por meio de grifo e aspas, das primeiras edições, se bem que existam grandes variações nesse aspecto, sem que se possa determinar até onde iria a responsabilidade de Euclides da Cunha, dos revisores ou dos tipógrafos na sublinha, muitas vezes injustificável, de inúmeras expressões.

B) A grande maioria dos topônimos aparece, em todas as obras de Euclides, com partes abreviadas, assim: *S. Paulo*, *R. de Janeiro*, etc. Não nos preocupamos em alterá-los, a menos que houvesse dificuldades de identificação. Quanto à grafia, conservamos a tradicional sempre que, modernamente, esteja consagrada pelo uso uniforme; caso contrário, preferimos a preconizada pela lingüística.

Dermal de Camargo Monfrê

Transferindo de página e suprimindo explicações, mantenho os agradecimentos de O. S. A. a D. Noêmia, sua esposa; mais a Joel Bicalho Tostes, aos funcionários da Seção de Microfilmes da Biblioteca Nacional, ao Embaixador Maurício Nabuco, ao Professor Manuel Cardoso e Alexandre Eulálio, que contribuíram na compilação do livro para a primeira edição.

C. G.

CANUDOS

.....

A nossa Vendéia

I¹

14 de março de 1897

O Estado de S. Paulo – São Paulo

O

RELATÓRIO APRESENTADO em 1888 pelo Sr. José C. de Carvalho sobre o transporte do meteorito de Bendegó, os trabalhos do ilustre Professor Caminhoá e algumas observações de Martius e Saint-Hilaire fazem com que não seja de todo desconhecida a região do extremo norte da Bahia determinada pelo vale do Irapiranga ou Vaza-Barris, rio em cuja margem se levanta a povoação que os últimos acontecimentos tornaram histórica – Canudos.

Pertencente ao sistema huroniano ou antes erigindo-se como um terreno primordial indefinido entre aquele sistema e o laurenciano, pela ocorrência simultânea de quartzitos e gnaisses graníticos característicos, o solo daquelas paragens, arenoso e estéril, revestido, sobretudo nas épocas de seca, de vegetação escassa e deprimida, é, talvez mais do

1 *O Estado de S. Paulo* publicou, em suas edições de 14 de março e 17 de julho de 1897, os dois artigos aqui reproduzidos – págs 45 a 55 –, ambos sob o título *A Nossa Vendéia*. Entendemos que a forma portuguesa deveria ser *Vandéia*; contudo, mantivemos a mais usada e eleita pelo organizador desta edição. N. do R.

que a horda dos fanatizados sequazes de Antônio Conselheiro, o mais sério inimigo das forças republicanas.

Embora com a regularidade que lhes é inerente passem sobre ele impregnadas de umidade adquirida em longa travessia do Atlântico, na direção de noroeste, os ventos alísios – a ação benéfica destes é em grande parte destruída, simultaneamente, pela disposição topográfica e pela estrutura geognóstica da região.

Assim é que falta a esta, talvez, correndo em direção paralela à costa, uma alta cadeia de montanhas – destinadas na física do globo a individualizar os climas, segundo a expressão sempre elegante de Humboldt – na qual refletindo ascendam aquelas correntes às altas regiões onde um brusco abaixamento de temperatura, determinado pela dilatação num meio rarefeito, origine a condensação dos vapores e a chuva.

A observação do relevo da nossa costa justifica em grande parte esta hipótese despreziosamente formulada. De fato, terminada a majestosa escarpa oriental do planalto central do Brasil, a serra do Mar, que desaparece na Bahia, diferenciada em serras secundárias, acentua-se de modo notável para o norte a depressão geral do solo de ondulações suaves, patenteando num ou noutro ponto apenas, sem continuidade, as massas elevadas do interior.

Por outro lado, a estrutura geognóstica daquela região composta em grande parte de rochas dotadas de alto poder absorvente para o calor, determina naturalmente a ascensão quase persistente de grandes colunas de ar, ardentíssimas, que dissipam os vapores ou afastam as nuvens que encontram.

Da decorrência de tais fatos, acreditamo-lo, resulta provavelmente a causa predominante das secas que periodicamente assolam aquelas paragens, estendendo-se com maior intensidade aos Estados limítrofes do interior.

Daí a aridez característica, em certos meses, dos sertões do Norte.

Nessas quadras a relva requeimada, por meio da qual, como única vegetação resistente, coleiam cactos flageliformes reptantes e ásperos, dá aos campos, revestidos de uma cor parda intensa, a nota lúgubre da máxima desolação; o solo fende-se profundamente, como se suportasse

a vibração interior de um terremoto; as árvores desnudam-se, despidas das folhagens, com exceção do *juazeiro* de folhas elípticas e coriáceas – e os galhos que morreram ficam por tal modo secos que, em algumas espécies, basta o atrito de um sobre o outro para produzir-se o fogo e o incêndio subsequente de grandes áreas.

E sobre as chapadas desertas e desoladas alevantam-se quase que exclusivamente os *mandacarus* (*cereus*) silentes e majestosos; árvores providenciais em cujos galhos e raízes armazenam-se os últimos recursos para a satisfação da sede e da fome ao viajante retardatário – cactáceas gigantes que, revestidas de grandes frutos de um vermelho rutilante e subdividindo-se com admirável simetria em galhos ascendentes, igualmente afastados, patenteiam a conformação típica e bizarra de grandes candelabros firmados sobre o solo... “Então”, diz Saint-Hilaire, “um calor irritante acabrunha o viajante, uma poeira incômoda alevanta-se sobre seus passos e algumas vezes mesmo não se encontra água para mitigar a sede. Há toda a tristeza de nossos invernos com um céu brilhante e os calores do verão.”

Sem transição apreciável, entretanto, a estas secas intensas e nefastas, sucedem, bruscamente às vezes, as quadras chuvosas e benéficas: impetuosas correntes rolam sobre o leito de rios que dias antes ainda completamente secos davam idéia de largas estradas tortuosas, lastradas de quartzo fragmentado e grés duríssimos, conduzindo a lugares remotos do sertão.

E sobre os campos, em cujo solo depauperado vingavam apenas bromélias resistentes e cactos esguios e desnudos, florescem o *imbuzeiro* (*Spondia tuberosa*) de saboroso fruto e folhas dispostas em palmas; a *jurema* (*acácia*) predileta dos caboclos e os *murungus* interessantíssimos em cujos ramos tostados e sem folhas desdobram-se como flâmulas festivas grandes flores de um escarlate vivíssimo e deslumbrante.

“O ar que então se respira”, diz o ilustre Professor Caminhoá, “tem um aroma dos mais agradáveis e esquisitos. Uma temperatura de 16° a 18° à noite e pela manhã obriga a procurar agasalho aos que poucos dias antes dormiam ao relento e com calor. As aves que tinham emigrado para as margens e lugares próximos dos rios e mananciais voltam a suas habitações. Foi ali que compreendemos quanto é bem dado aos papagaios o nome específico de *festivus*. Com efeito, quando chegam os bandos

destas aves a gritarem alegremente, acompanhadas de um sem-número de outras, começam logo a se animar aquelas paragens e como que a natureza desperta.

“Então, o sertanejo é feliz e não inveja nem mesmo os reis da Terra!”

Como se vê naquela região, intermitentemente, a natureza parece oscilar entre os dois extremos – da maravilhosa exuberância à completa esterilidade. Este último aspecto, porém, infelizmente, parece predominar.

A este inconveniente alia-se um outro, derivado da disposição geral do terreno. Assim é que de todo contraposta à topografia habitual dos nossos campos do Sul – ligeiramente ondulados e descambando em suaves declives para os inúmeros vales que os rendilham –, caracterizam-se aqueles pelas linhas duras e incisivas das fundas depressões, terminando os *tabuleiros* bruscamente escarpas abruptas, separando os cerros² por desfiladeiros estreitos, flanqueados de grotas cavadas a pique...

Com muito maior intensidade que o Sul observa-se ali a ação modificadora dos elementos sobre a terra.

Nos lugares em que a ação mecânica das águas determinando uma erosão mais enérgica faz despontar a rocha granítica subjacente, observa-se quase sempre um fenômeno interessante. Esta última apruma-se, largamente fendida em direções quase perpendiculares dando a ilusão de lanços colossais e semiderruídos de ciclópica muralha, nos quais as lajes enormes dispõem-se às vezes umas sobre outras, com admirável regularidade. Este fato, largamente observado por Livingstone nas baixas latitudes africanas, traduz a inclemência do meio.

Patenteia a alternativa persistente do calor dos dias ardentíssimos e o frio da irradiação noturna de onde resulta a disjunção da rocha em virtude deste jogo perene de dilatações e contrações.

Estes rudes monumentos, aos quais não se equiparam talvez os dólmens da Bretanha, quebram em grande parte a monotonia da paisagem avultando, solenes, sobre o plano das chapadas...

2 No jornal está *serros*. Parece-nos que é engano tipográfico, pois, como se pode ver n'Os Sertões, Euclides distinguia muito bem os dois termos. N. do R.

* * *

É sobre estes tabuleiros, recortados por inúmeros vales de erosão, que se agitam nos tempos de paz e durante as estações das águas, na azáfama ruidosa e álacre das *vaquejadas*, os rudes sertanejos completamente vestidos de couro curtido – das amplas *perneiras* ao chapéu de abas largas –, tendo a tiracolo o laço ligeiro a que não escapa o garrote mais arisco ou rês alevantada, e pendente, à cinta, a comprida *faca-de-arrasto*, com que investe e rompe intrincados cipoais.

Identificados à própria aspereza do solo em que nasceram, educados numa rude escola de dificuldades e perigos, esses nossos patrícios do sertão, de tipo etnologicamente indefinido ainda, refletem naturalmente toda a inconstância e toda a rudeza do meio em que se agitam.

O homem e o solo justificam assim de algum modo, sob um ponto de vista geral, a aproximação histórica expressa no título deste artigo. Como na Vendéia o fanatismo religioso que domina as suas almas ingênuas e simples é habilmente aproveitado pelos propagandistas do Império.

A mesma coragem bárbara e singular e o mesmo terreno impraticável aliam-se, completam-se. O *chouan* fervorosamente crente ou o *tabaréu* fanático³, precipitando-se impávido à boca dos canhões que tomam a pulso, patenteiam o mesmo heroísmo mórbido difundido numa agitação desordenada e impulsiva de hipnotizados.

A justeza do paralelo estende-se aos próprios reveses sofridos. A Revolução Francesa, que se aparelhava para lutar com a Europa, quase sentiu-se impotente para combater os adversários impalpáveis da Vendéia – heróis intangíveis que se escoando céleres por meio das charnecas prendiam as forças republicanas em inextrincável rede de ciladas...

Entre nós o terreno, como vimos, sob um outro aspecto embora, presta-se aos mesmos fins.

Este paralelo será, porém, levado às últimas conseqüências. A República sairá triunfante desta última prova.

3 *Chouan* foi a designação dada, na França, ao camponês fanático e que, por dificuldades de adaptação, não aceitou a Revolução nem o Império. Euclides, como a quase totalidades dos historiadores da época, engloba num só os dois movimentos, na realidade distintos, da Chouannerie e da Guerra da Vendéia. N. do R.

.....

A nossa Vendéia

II

17 de julho de 1897

O Estado de S. Paulo – São Paulo

SOB ESTE TÍTULO, há tempos, ao chegar a notícia de lamentável desastre, descrevemos palidamente a região onde nesta hora, com extraordinário devotamento, batem-se as forças republicanas.

Adotemo-lo de novo.

Infelizmente prevíamos os perigos futuros e aquela aproximação histórica, então apenas esboçada, acentua-se definitivamente.

A situação não pode, entretanto, surpreender a ninguém.

Os tropeços que se antolham às forças da República, a morosidade das operações de guerra e os combates mortíferos realizados, surgem naturalmente das próprias condições da luta, como um corolário inevitável.

O nosso otimismo impenitente, porém, que preestabelecera às marchas das colunas do General Artur Oscar a celeridade e o destino feliz das legiões de César, mal sofreia uma nova desilusão e caracteriza

como um insucesso, como um prenúncio inequívoco de derrota, o que nada mais é do que um progredir lento para a vitória.

Esquecemo-nos de exemplos modernos eloqüentíssimos. A Inglaterra enfrentando os zulus e os afegãos, a França, em Madagascar, e a Itália, recentemente, às arrancadas com os abissínios, patenteiam-nos entretanto reveses notáveis de exércitos regulares aguerridos e bravos e subordinados a uma disciplina incoercível, ante os guerrilheiros inexper-tos e atrevidos, assaltando-os em tumulto, desordenadamente e desapa-recendo, intangíveis quase, num dédalo impenetrável de emboscadas.

A profunda estratégia européia naquelas paragens desconhecidas é abalada por uma tática rudimentar pior do que a tática russa do deserto.

De fato, nada pode perturbar com maior intensidade o mais seguro plano de campanha do que esse sistema de guerra que sem exa-gero de frase se pode denominar – a tática da fuga –, na qual, adaptadas de um modo singular ao terreno e invisíveis como misteriosas falanges de duendes, as forças antagonistas irrompem inopinadamente de todas as quebradas, surgem de modo inesperado nas anfractuosidades das ser-ras, nas orlas ou nas clareiras das matas e, fugindo sistematicamente à batalha decisiva, diferenciam e prolongam a luta, numa sucessão ininter-rupta de combates rápidos e indecisos.

A organização mais potente de um exército, que é um orga-nismo superior com órgãos e funções perfeitamente especializadas, vai-se, assim, em sucessivas sangrias, desaparecendo até a adinamia completa, ante as hostes adversárias, de uma organização rudimentar, cuja força está na própria inconsistência, cujas vantagens estão na própria inferioridade e que, desbaratados hoje, revivem amanhã, dos próprios destroços, como pólipos.

* * *

Ora, quem observa, esclarecido embora por escassas infor-mações, a disposição topográfica desse trecho dos sertões da Bahia, para o qual se dirige agora toda a atenção do nosso país, reconhece, de pronto, que ele se presta de modo notável à guerra de recursos com todo o seu cortejo de reveses.

Sem um sistema orográfico definido, na significação rigoro-sa do termo, a região caracteriza-se, de um modo geral, pela feição

caótica e acidental que lhe imprimiu o tumulto das águas nas épocas remotas em que a ação violenta destas, arrastando as camadas de grés que a revestiam, desnudou-a em muitos pontos, aprofundando-se em outros, segundo a resistência variável das rochas até aos terrenos mais antigos.

Daí o seu aspecto bizarro e selvagem.

Em que pese à sua imobilidade aparente, a natureza, ali, nas linhas vivas dos *plateaux* que terminam bruscamente em paredões a prumo, separados pelos vales profundos a que ladeiam escarpas abruptas e a pique, cindida pelas quebradas ou pelos desfiladeiros que recortam as serras, aprumando-se mais longe em afloramentos imensos de gnaisses “cujas formas fantásticas recordam ruínas ciclópicas” – parece haver estereografado toda a desordem, toda a ação violenta e atumultuada, dos elementos que a assaltaram.

A serra do Aracati, agremiação incoerente de serrotes contornando as caatingas que se desdobram até o Irapiranga, na direção média de NE, inflete vivamente antes de chegar a Monte Santo, numa direção perpendicular à anterior e subdividindo-se em morros isolados, mas próximos, determina entre aquela localidade e a de Canudos a linha mais acidentada, talvez, de toda a zona.

Prolongando-se para o norte, ao atingir o morro da Favela, eixo das operações do nosso Exército, os grandes acidentes de terreno derivam para leste e depois para o norte e subseqüentemente para noroeste, como que estabelecendo em torno de Canudos um círculo de cumeadas, cortado pelo Vaza-Barris em Cocorobó.

A marcha do Exército republicano opera-se nesse labirinto de montanhas.

Não é difícil aquilatar-se a imensa série de obstáculos que a perturba.

Por outro lado, na quadra atual, sob o influxo das chuvas, revestem-se os amplos tabuleiros, as encostas das serras e o fundo dos vales, de uma vegetação exuberante e forte, vegetação intensamente tropical, cerrados extensos impenetráveis, em cujo seio a trama inextrincável das lianas se alia aos acúleos longos e dilacerantes dos cactos agrestes.

Vestido de couro curtido, das alparcatas sólidas ao desgraçoso chapéu de abas largas e afeiçoado aos arriscados lances da vida pastoril, o *jagunço*, traçoeiro e ousado, rompe-os, atravessa-os, entretanto, em todos os sentidos, facilmente, zombando dos espinhos que não lhe rasgam sequer a vestimenta rústica, vingando célere como um acrobata as mais altas árvores, destramando, destro, o emaranhado dos cipoais.

Não há como persegui-lo no seio de uma natureza que o criou à sua imagem – bárbaro, impetuoso e abrupto.

Caindo inopinadamente numa emboscada, ao atravessarem uma garganta estreita ou um capão de mato, os batalhões sentem a morte rarear-lhes as fileiras e não vêem o inimigo – fulminando-os do recesso das brenhas ou abrigados pelos imensos blocos de granito que dão a certos trechos daquelas paragens uma feição pitoresca e bizarra, amontoados no alto dos cerros alcantilados, como formas evanescentes de antigas fortalezas derruídas...

Compreendem-se as dificuldades da luta nesse solo impraticável quase.

A Espanha não o teve melhor para abalar o Exército napoleônico que nela se exauriu depois de atravessar numa marcha triunfal quase que a Europa inteira; não o tem mais apropriado a ilha de Cuba, hoje, revivendo, um século depois, numa inversão completa de papéis, contra a Espanha, o mesmo processo de guerra perigosíssimo e formidável.

Ora, a estes obstáculos de ordem física aliam-se outros igualmente sérios.

O *jagunço* é uma tradução justalinear quase do *iluminado* da Idade Média. O mesmo desprendimento pela vida e a mesma indiferença pela morte dão-lhe o mesmo heroísmo mórbido e inconsciente de hipnotizado e impulsivo.

Uma sobriedade extraordinária garante-lhe a existência no meio das maiores misérias.

Por outro lado, as próprias armas inferiores que usam, na maioria, constituem um recurso extraordinário: não lhes falta nunca a munição para os bacamartes grosseiros ou para as rudes espingardas

de pederneira. A natureza que lhes alevantou trincheiras na movimentação irregular do solo – estranhos baluartes para cuja expugnação Vauban não traçou regras – fornece-lhes ainda a carga para as armas: as cavernas numerosas que se abrem nas camadas calcárias dão-lhes o salitre para a composição da pólvora, e os leitos dos córregos, lastrados de grãos de quartzo duríssimos e rolados, são depósitos inexauríveis de balas.

* * *

A marcha do Exército Nacional, a partir de Jeremoabo e Monte Santo até Canudos, já constitui por isto um fato proeminente na nossa história militar.

É uma página vibrante de abnegação e heroísmo.

E se considerarmos que, a partir daqueles pontos, convergindo para o objetivo da campanha, as colunas, nesse investir impávido para o desconhecido, como se levassem a certeza de uma vitória infalível e pronta, não se ligaram por intermédio de pontos geográficos estratégicos à longínqua base de operações em Monte Santo, deixando, portanto, que entre elas e esta última se interpusesse extensa região crivada de inimigos, somos forçados a admitir que a arte, esta sombria arte da guerra que obedece a leis inexoráveis, foi ofuscada num admirável lance de coragem.

As suas regras, entretanto, devem prevalecer.

Um exército não pode dispensar uma linha de operações, segura e francamente praticável, ligando-o à base principal afastada, através de pontos de refúgio intermediários ou bases de operações secundárias, para as quais refluem as forças em caso de revés ou seguem facilmente os recursos que se tornam necessários.

A viagem recente, de Canudos a Monte Santo, das forças sob o comando do Coronel Medeiros, é um exemplo frisante.

Toda a campanha ficou em função daquela força expedicionária; a sorte de um exército ficou entregue a uma brigada diminuta. Entretanto tal não sucederia se a linha de operações tivesse como pontos determinantes duas ou três posições estratégicas, onde forças em número relativamente diminuto se firmem, auxiliando eficazmente as comunicações entre a base de operações e o Exército.

As forças auxiliares que partem hoje do Rio de Janeiro irão, certo, iniciar estas medidas urgentes, corrigindo uma situação anormalíssima.

Não basta garantir Monte Santo – é indispensável ligá-lo o mais estreitamente possível ao Exército, cujo eixo de operações alevanta-se neste momento, em frente de Canudos.

Tomadas estas providências, a campanha que pode terminar amanhã repentinamente por um golpe de audácia, mas que pode também prolongar-se ainda, será inevitavelmente coroada de sucesso.

A morosidade das operações é inevitável, pelos motivos rapidamente expostos.

As tropas da República seguem lentamente, mas com segurança, para a vitória. Fora um absurdo exigir-lhes mais presteza.

Quem, ainda hoje, observa essas monumentais estradas romanas, largas e sólidas, inacessíveis à ação do tempo, lembrando ainda a época gloriosa em que sobre elas ressoava a marcha das legiões invencíveis, irradiando pelos quatro pontos do horizonte, para a Gália, para a Ibéria, para a Germânia, compreende a tática fulminante de César...

Mas, amanhã, quando forem desbaratadas as hostes fanáticas do Conselheiro e descer a primitiva quietude sobre os sertões baianos, ninguém conseguirá perceber, talvez, através das matas impenetráveis, coleando pelo fundo dos vales, derivando pelas escarpas íngremes das serras, os trilhos, as veredas estreitas por onde passam, nesta hora, admiráveis de bravura e abnegação – os soldados da República.

.....

A campanha de Canudos
(Série de reportagens publicadas em
O Estado de S. Paulo, de agosto a outubro de 1897,
enviadas do teatro de operações, no sertão da Bahia)

O Estado de S. Paulo, 7 de agosto de 1897 – São Paulo

BORDO DO *ESPÍRITO SANTO* – 7 de agosto de 1897⁴

DEPOIS DE QUATRO longos dias de verdadeira tortura subo pela última vez à tolda do vapor na entrada belíssima e arrebatadora da Bahia.

Não descreverei os incidentes da viagem, vistos todos por meio de inconcebível mal-estar, desde o momento emocionante da partida em que Bueno de Andrade e Teixeira de Sousa – um temperamento feliz, enérgico e bom, e uma alma austera de filósofo – representaram em dois abraços todos os meus amigos de S. Paulo e do Rio, até o seu termo final, nas águas desta histórica paragem.

4 A correspondência, aqui estampada na ordem cronológica da elaboração, foi publicada pelo *O Estado de S. Paulo* à medida que era recebida. A série iniciou-se no dia 18 de agosto de 1897, com o relato datado de 10 desse mês, seguindo-se, a 22, carta datada do dia 15, e a 23, esta, evidentemente a primeira, escrita ainda a bordo do navio que transportou o Estado-Maior do Ministro da Guerra para a Bahia. N. do R.

Escrevo rapidamente, direi mesmo vertiginosamente, acotovelado a todo o instante por passageiros que irradiam em todas as direções sobre o tombadilho, na azáfama ruidosa da chegada, por meio de um coro de interjeições festivas, no qual meia dúzia de línguas se amoldam ao mesmo entusiasmo. É a admiração perene e intensa pela nossa natureza olímpica e fulgurante, prefigurando na estranha majestade a grandeza da nossa nacionalidade futura.

E, realmente, o quadro é surpreendedor.

Afeito ao aspecto imponente do litoral do Sul onde as serras altíssimas e denteadas de gnaisses recortam vivamente o espaço investindo de um modo soberano as alturas, é singular que o observador encontre aqui a mesma majestade e a mesma perspectiva sob aspectos mais brandos, as serras arredondando-se em linhas que recordam as voltas suavíssimas das volutas e afogando-se, perdendo-se no espaço, sem transições bruscas numa difusão longínqua de cores em que o verde-glaucos das matas se esvai lentamente no azul puríssimo dos céus...

A ilha de Itaparica, à nossa esquerda e na frente, ridendo e envolta na onda iluminada e tonificadora da manhã, desdobra-se pelo seio da Bahia, revestida de vegetação opulenta e indistinta pela distância.

O mar tranqüilo, como um lago, banha, à direita, o áspero promontório sobre o qual se alevanta o farol da Barra, cingindo-o de um sendal de espumas. Em frente avulta a cidade, derramando-se, compacta, sobre imensa colina, cujos pendores abruptos reveste, cobrindo a estreita cinta do litoral e desdobrando-se, imensa, do Forte da Gamboa a Itapagipe, no fundo da enseada.

Vendo-a deste ponto, com as suas casas ousadamente apuradas, arrimando-se na montanha em certos pontos, vingando-a em outros e erguendo-se a extraordinária altura, com as suas numerosas igrejas de torres esguias e altas ou amplos e pesados zimbórios, que recordam basílicas de Bizâncio – vendo-a deste ponto, sob a irradiação claríssima do nascente que sobre ela se reflete dispersando-se em cintilações ofuscantes, tem-se a mais perfeita ilusão de vasta e opulentíssima cidade.

O *Espírito Santo* cinde vagarosamente as ondas e novos quadros aparecem. O Forte do Mar – velha testemunha histórica de extraordinários feitos – surge à direita, bruscamente, das águas, imponente

ainda mas inofensivo, desartilhado quase, mal recordando a quadra gloriosa em que rugiam nas suas canhoneiras, na repulsa do holandês, as longas colubrinhas de bronze.

Corro os olhos pelo vapor.

Na proa os soldados que trazemos acumulam-se, saudando, entusiastas, os companheiros de S. Paulo, vindos ontem, enchendo literalmente o *Itupeva*, já ancorado.

A um lado, levanta-se, firmemente ligado ao reparo sólido, um sinistro companheiro de viagem – o morteiro *Canet*, um belo espécime da artilheria moderna. Destina-se a contraminar as minas traidoras que existem no solo de Canudos.

Embora sem a pólvora apropriada e levando apenas sessenta e nove projéteis (granadas de duplo efeito e *shrapnels*), o efeito dos seus tiros será efficacíssimo. Lança em alcance máximo útil trinta e dois quilos de ferro, a seis quilômetros de distância. Acredito, entretanto, difficilimo o seu transporte pelas veredas quase impraticáveis dos sertões. São duas toneladas de aço que só atingirão as cercanias da Meca dos *jagunços* através de esforços inconcebíveis.

Maiores milagres, porém, têm realizado o Exército Nacional e a fé republicana.

A disposição entre os oficiais é a melhor possível.

A saudade, imensa e indefinível saudade dos entes queridos ausentes, desce, às vezes, profunda, dolorosíssima e esmagadora sobre os corações: as fronte anuviam-se; cessam bruscamente as palestras em que se procura afugentar tristezas numa guerrilha adoidada de anedotas; um pesado silêncio paira repentinamente sobre os grupos esparsos; o coração, batendo febrilmente nos peitos, perturba o ritmo isócrono da vida – e os olhares, velados de lágrimas, dirigem-se ansiosamente para o Sul... Ao mesmo tempo, porém, como um antídoto enérgico, um reagente infalível, levanta-se, ao Norte, o nosso grande ideal – a República – profundamente consolador e forte, amparando vigorosamente os que cedem às mágoas, impelindo-os à linha reta nobilitadora do dever.

E reagem.

Eu nunca pensei que esta noção abstrata da Pátria fosse tão ampla que, traduzindo em síntese admirável todas as nossas afeições, pu-

desse animar e consolar tanto aos que se afastam dos lares tranqüilos demandando a agitação das lutas e dos perigos. Compreendo-o, agora. Em breve pisaremos o solo onde a República vai dar com segurança o último embate aos que a perturbam. Além, para as bandas do ocidente, em contraste com o dia brilhante que nos rodeia, erguem-se, agora, por uma coincidência bizarra, cúmulos pesados, como que traduzindo fisicamente uma situação social tempestuosa. Surgem, erguem-se, precisamente neste momento, do lado do sertão, pesados, lúgubres, ameaçadores...

Este fato ocasional e sugestivo prende a atenção de todos. E observando, como toda a gente, as grandes nuvens silenciosas que se desenrolam longínquas, os que se destinam àquelas paragens perigosas sentem com maior vigor o peso da saudade e com maior vigor a imposição austera do dever.

Nem uma frente se perturba, porém.

Que a nossa Vendéia se embuce num largo manto tenebroso de nuvens, avultando além como a sombra de uma emboscada entre os deslumbramentos do grande dia tropical que nos alenta. Rompê-lo-á, breve, a fulguração da metralha, de envolta num cintilar vivíssimo de espadas...

A República é imortal!

BAHIA – 10 DE AGOSTO

Dizem os mais antigos habitantes da Bahia que nunca ela se revestiu na feição assumida nestes últimos dias.

Velha cidade tradicional, conservando melhor do que qualquer outra os mais remotos costumes, a sua quietude imperturbável desapareceu de todo. Modificaram-se hábitos arraigados e, violentamente sacudida na onda guerreira que irrompe do Sul, transfigurou-se.

Anima-a uma população adventícia de heróis: soldados que voltam mutilados e combalidos da luta, soldados que seguem entusiastas e fortes para a campanha. E presa nesse fluxo e refluxo de mártires que chegam e de valentes que avançam, sob o contágio dominador da febre que lavra nas almas dos combatentes, galvanizada pelo mesmo entusias-

mo, ela parece ligar, por meio de longos anos de apatia, os dias atuais aos dias agitados das lutas da Independência.

As velhas fortalezas de há muito abandonadas e em cujas muralhas disjuntadas vegetavam, numa exuberância singular, árvores enormes prontamente reparadas, afloram novamente à luz, imponentes e formidáveis como se – voltada atrás uma página da História – despontasse repentinamente, agora, a quadra gloriosa de há cem anos.

O Forte de São Pedro, onde aquartelou o Batalhão Paulista, tem, ainda, sulcando-lhe em todos os sentidos os largos muros, as grossas raízes de árvores recentemente cortadas, e aparece, denegrido pelo tempo, ladeando a rua que vai ao Campo Grande, como um retardatário sinistro despertando do sono secular pela vibração altíssima dos clarins de guerra que lhe animam a esta hora o seio enorme.

A cavaleiro da cidade, dominando-a e ao mar, a Acrópole baiana, o Forte de Barbalho, em cujo recinto se agitaram⁵ muitas vezes os destinos da nossa terra, comparte igualmente desta revivescência inesperada e heróica.

E por toda a parte, largamente desdobrada sobre a lendária cidade, passa uma aura guerreira impetuosa e arrebatadora...

O aspecto das ruas comove, porém, às vezes, muitíssimo.

Passam soldados que tornam dos sertões, feridos e convalescentes, trôpegos e alquebrados, fisionomias pálidas e abatidas das quais ressumbra uma resignação estóica; – acurvados alguns em bengalas toscas, caminhando outros amparados nas muletas ou pelo braço de companheiros mais robustos... E em todas as frentes e em todos os olhares o reflexo de uma dor indefinida e complexa, em que se pressente um misto de agruras físicas e morais – o latejar dolorido das chagas e a ansiedade dolorosa das saudades.

A população, vivamente emocionada, rodeia-os de uma simpatia respeitosa e espontânea.

5 Lê-se, no jornal: “...se agitou muitas vezes os destinos...” Alteramos porque, a quem quer que seja atribuível, foi cochilo que Euclides teria corrigido. N. do R.

Se estaca, antes de descer uma calçada mais alta – vinte braços estendem-se, solícitos, amparando o bravo enfraquecido; os bondes esvaziam-se ante um gesto lento, cada passageiro procurando ceder o lugar ao defensor obscuro da República.

Nos hospitais, repletos, um asseio e carinho admiráveis.

Percorri-os todos e em todos surpreendeu-me a ordem notável que reveste a generosidade sem par de um povo que se vai tornar credor do Brasil inteiro. Daí, talvez, a animação que revigora e alenta aos malferidos mesmo; sobre o aniquilamento físico, a esperança ressurgelhes amparada pelo amor de uma sociedade inteira e, aviventadas no íntimo aconchego dessa proteção nobilitadora, as almas palpitam vigorosas dentro dos peitos exaustos e inanidos.

Quando o General Savaget, ontem, visitou aos seus bravos companheiros da 2ª coluna – a *Coluna Talentosa*, segundo a denominação insuspeita dos *jaquãos*, observei uma cena que fixarei, indelével, na memória: quando ele atravessava lentamente a enfermaria – homens quase que absolutamente depauperados e exangues, nas fronteiras da morte, agitaram-se nos leitos; ergueram-se alguns, quase; os braços, até então imóveis, alevantaram-se convulsivamente, em gestos entusiásticos; bocas que não falavam rugiram saudações viris; afogaram-se em lágrimas olhos incendiados de febre e relampaguearam, fugazes, num repentino rutilar de lâmpadas que se apagam, olhos amortecidos de moribundos...

Um quadro sobre-humano, que não exagero.

Como reverso da medalha, surgem, por outro lado, fortes e impávidos, numa alacridade ruidosa de valentes, os que se aprestam à luta. O Batalhão de São Paulo, que deixou belíssima impressão, já está em Queimadas; o 37º e o 39º da Infantaria seguirão talvez amanhã e, à cadência retumbante dos tambores, acaba de desembarcar, atravessando a cidade em direção ao Forte São Pedro, onde aquartelará, o 29º Batalhão de Infantaria.

E aguardam-se outros.

Como uma praça enorme de guerra, a Bahia tem, nesta hora, ressoando em sua atmosfera, a vibração das marchas marciais, notas altas de clarins, brados de armas incessantes e incessante retinir de espadas.

* * *

Não são mais segredo para ninguém as causas determinantes do insucesso da quarta expedição.

Todos os oficiais que inquiri acordam confirmando dois graves erros de que se aproveitaram habilmente os *jagunços* – duplamente armados depois do fracasso da expedição Moreira César –, pela força moral da vitória e pelas armas tomadas.

O primeiro apontado completa outros que perturbaram altamente a marcha da primeira coluna: estando na véspera de alcançar o morro da Favela, a pouco mais de uma légua do comboio das munições de boca e de guerra, aquela coluna, como se marchasse fatalmente para uma vitória infalível resultando de um rápido combate, deixou-o desguarnecido, completamente isolado. Travado o combate e esgotadas, afinal, diante de inesperada e tenaz resistência, as munições de guerra que a tropa levava nas cartucheiras, ficou esta inerte, completamente desarmada, debaixo das balas do inimigo, fulminada, presa num círculo de ferro e de fogo – e sem poder reagir com um só tiro! Nessa mesma ocasião, o comboio, por assim dizer abandonado, à retaguarda, era assaltado e facilmente tomado.

O resto é conhecido – a segunda coluna, abandonando admirável posição estratégica arduamente conquistada, anulando todo o esforço despendido na travessia heróica de Cocorobó, refluíu vigorosamente sobre os bárbaros e salvou a primeira.

A este erro aliou-se um outro.

Na investida definitiva a Canudos a disposição geral dada ao ataque foi de tal natureza que, logo à entrada da grande aldeia, baralharam-se batalhões e brigadas, confundiram-se, enredaram-se, anularam-se as fileiras – e sem ordem, atumultuadamente avançando, rota a disciplina e ligado apenas pela bravura e entusiasmo de todos, o exército rolou sobre ela, sem orientação, como o extravasamento de uma onda impetuosa e enorme – alvo amplíssimo sobre o qual batia, caía em cheio a saraivada de balas dos *jagunços*, sem perder um tiro.

Foi ocupada apenas a metade da praça e as baixas foram extraordinárias. A bravura pessoal do soldado corrigiu em grande parte o desastrado plano de ataque.

Não antecipemos, porém, o juízo do futuro; passemos rapidamente sobre estes fatos lamentáveis.

* * *

A opinião geral, entre os combatentes que voltam, é que estamos no epílogo da luta.

Em grande parte assediado, Canudos liga-se agora aos sertões que o aviventam apenas pela estrada do Cambaio; fechada esta última pelas forças que seguem, os sitiados cederão pela fome. E esta última já se faz sentir entre eles, em que pese à sobriedade espartana que os garante. Vivem, inanidos quase. Diversos soldados que inquiri afirmam, surpreendidos, que o *jagunço* degolado não verte uma xícara de sangue.

Rude hipérbole, talvez, esta frase é singularmente expressiva.

Afirmam ainda que o fanático morto não pesa mais que uma criança.

Acredita-se quase numa inversão completa das leis fisiológicas para a compreensão de tais seres nos quais a força física é substituída por uma agilidade de símios, deslizando pelas caatingas como cobras, resvalando céleres, descendo pelas quebradas, como espectros, arrastando uma espingarda que pesa quase tanto como eles – magros, secos, fantásticos, com as peles bronzeadas coladas sobre os ossos, ásperas como peles de múmias...

Afirmam também um fato que eu já previra: quatro ou seis *jagunços* faziam estacar perturbado um batalhão inteiro. Ao atravessarem a estrada ladeada de caatingas, em cujo seio fervilham espinhos de mandacarus e xiquexique, assaltadas por tiros certos e rápidos, e sem poderem saber sequer qual a direção do ataque, porque a pólvora sem fumaça não o revela, as tropas sentem-se invadidas de um desânimo singular e atiram ao acaso, em inevitável indisciplina de fogo.

No princípio da luta eram cenas cotidianas estas – o que explica claramente o grande número de feridos e mortos.

A situação é, porém, hoje muito diversa. As imediações de Canudos mesmo são francamente praticáveis e já têm vindo, sós, sem perigo, dali a Monte Santo muitas pessoas. Está prestes a findar a dolorosíssima campanha.

BAHIA – 12 DE AGOSTO

Acabo de assistir na estação da Calçada ao desembarcar de cerca de oitenta feridos que chegam de Canudos e não posso, nestas notas ligeiras, esboçar um quadro indefinível com o qual se harmonizariam admiravelmente o gênio sombrio e o pincel funéreo de Rembrandt.

Ao apontar, vingando a última curva da estrada, o lúgubre comboio, a multidão, estacionada na *gare*, emudece, terminando bruscamente o vozear indistinto, e olhares curiosos convergem para a locomotiva que se aproxima, lentamente, arfando. Esta pára, afinal, e, abertas as portinholas, começam a sair – golpeados, mutilados, baleados –, arrastando-se vagorosamente uns, amparados outros e carregados alguns, as grandes vítimas obscuras do dever.

O frêmito de uma emoção extraordinária vibra longamente em todos os peitos, quase todas as fronte empalidecem e é sob um silêncio profundo que a multidão se cinde, espontaneamente, abrindo alas à passagem do heroísmo infeliz.

Os feridos chegam num estado miserando – relembrando antes turmas extenuadas de *retirantes* do que restos, desmantelados embora, de um exército. Dificilmente se distingue uma farda despedaçada e incolor: calças que não descem além dos joelhos, reduzidas a tangas, rotas, esburacadas, rendilhadas pela miséria; camisas em farrapos mal revestindo corpos nos quais absoluto depauperamento faz com que apontem, vivíssimas, todas as apófises dos ossos.

É como uma procissão dantesca de duendes; contemplo-a por meio de uma vertigem, quase.

Considero-os, à medida que passam – coxeando, arrastando-se penosamente, trôpegos, combalidos, titubeantes, imprestáveis –, trágicos candidatos à invalidez e à morte...

Uns trazem ao peito, suspensos em tipóias grosseiras, os braços partidos ou desarticulados; arrastam outros penosamente as pernas inchadas enleadas em tiras ensangüentadas; e os pés disformes de quase todos, salpicados de placas circulares denegridas, patenteiam, trazem ainda profundamente cravados os longos espinhos dilacerantes do sertão.⁶ Ladeado e amparado por dois homens robustos, passa um belo tipo de caboclo do Norte, ombros largos e arcabouço de atleta bronzeado e forte, onde as agruras físicas não apagam a energia selvagem do olhar; e, mais longe, um patricio do Sul, talvez, figura varonil irrompendo elegante entre os andrajos, alevanta, numa tristeza ativa, a cabeça, como se fosse uma auréola o trapo ensangüentado que lhe circunda a fronte baleada.

E mal caminham, muitos; e vêm, neste estado, de longa travessia pelas estradas, pelas serras aspérrimas do sertão, sob a adustão causticante do sol.

Alguns trazem à cabeça um paupérrimo troféu – o chapéu de couro dos *jagunços*.

A multidão contempla-os em silêncio; nem um brado de entusiasmo perturba a eloqüência de uma mudez religiosa quase e imensa. Apenas num ou noutro ponto, um amigo, um irmão, um pai, uma mãe reconhece, divisa inopinadamente um rosto idolatrado e ouve-se um grito indefinível afogando-se num soluço... Desvio o olhar do quadro sobre-humano e passa enfim o último sacrificado.

* * *

Estas irrupções intermitentes de feridos imprimem em toda cidade, sempre, uma tristeza lúgubre e acabrunhadora.

Serão as últimas, porém; o sacrifício feito pela República não irá além.

Para os que conhecem a situação, a campanha, prestes a findar, não fará mais vítimas.

6 Transcrição fiel do jornal, onde parece ter havido interpolação de linhas. Pensamos que a forma correta seria: “e os pés disformes de quase todos, salpicados de placas circulares denegridas, patenteiam, ainda profundamente cravados, os longos espinhos dilacerantes que trazem do sertão”. N. do R.

Em carta anterior expus já, firmemente baseado, as causas determinadas da hecatombe.

Não se fez uma guerra, subordinada a preceitos invioláveis – fez-se uma diligência policial com oito mil homens.

Daí as conseqüências funestas conhecidas.

Perdido no deserto, jungido a provações imensas, muitas vezes sem os mais elementares recursos e sob o ataque persistente e traiçoeiro do inimigo, o soldado brasileiro jamais patenteará abnegação maior. Dificilmente se encontra, folheando a História inteira, um exército que, já quase faminto de véspera e extenuado de combates, se bata durante quatorze horas, da madrugada à noite, sem tomar sequer uma gota d'água.

E isto deu-se ao investirem contra Canudos; afirmam-no, contestes, testemunhas insuspeitas: a aspiração predominante no momento, dos vencedores, ao penetrarem as casas da zona conquistada, indiferentes ao inimigo que acaso dentro delas armasse as últimas trincheiras, era encontrar uma bilha d'água e um punhado de farinha!

É inverossímil que o nosso soldado, batendo-se dentro da própria pátria, chegasse ao extremo de considerar uma raiz de imbu como um regalo raro, de epicurista.

Que maior abnegação se pode exigir desses que, apesar de tudo isto, ainda a esta hora lá estão, firmes, inabaláveis, ombro a ombro quase com o adversário traiçoeiro, sob as tendas de combate erguidas dentro daquela povoação maldita?

* * *

As providências inúmeras, urgentes e seguras do ministro da Guerra têm tendido todas para a remoção de inconvenientes sérios.

À proporção que seguem para Monte Santo e Canudos as tropas, seguem as munições que lhes garantem a subsistência naquelas paragens selvagens. Por outro lado, uma linha contínua de piquetes ligará permanentemente aqueles pontos, permitindo a marcha segura dos comboios de víveres e munições e a transmissão rápida de correspondências – ligando, em suma, o exército distante à zona protetora dos recursos.

A campanha, em seu termo embora, assume uma feição racional, regularíssima – de resultados positivos, que se traduzirão em próxi-

ma vitória ainda quando, o que não é provável, revivesse o inimigo com a primitiva pujança.

Fora longo enumerar a vasta série de obstáculos removidos e providências prontamente dadas nestes últimos dias – no preparar, equipar e armar mesmo, às vezes, batalhões que chegam desprovidos de recursos e alguns com as armas imprestáveis.

E não são exageradas tais medidas – ou injustificáveis pela própria consideração de estar quase terminada a cruenta empresa. Rude-mente provadas, as forças que assediam a Meca dos *jagunços* devem ser, em parte, quanto antes, substituídas e reforçadas.

Além disto – por que não o dizer? – o imprevisto tem exercido sobre a nossa existência política uma ação tão persistente que deve entrar como elemento preponderante em todas as combinações; é preciso contar com ele; é preciso esperar – o inesperado...

BAHIA – 13 DE AGOSTO

Ontem, na Cidade Baixa, ao atravessar em passeio uma rua, o General Savaget teve bruscamente tolhida a sua marcha cautelosa de convalescente.

Um cidadão qualquer reconheceu-o e pronunciou-lhe o nome, e, célere como um relâmpago, este nome imortal abrangeu num momento aquela zona comercial da cidade.

Estacaram, de súbito, negociantes que seguiam – passos estugados, azafamados, ruminando cifras, arquitetando transações – caminho dos bancos e da Bolsa; paralisou-se durante alguns minutos a movimentação complicadíssima de um mercado enorme e num dia comum, de trabalho, abriu-se repentinamente, como um parêntese, vibrante e festivo, um quarto de hora de verdadeira festa nacional.

A linguagem seca dos telegramas transmitiu para aí o fato, mas não o pôde definir.

O velho combatente, que reviveu em Cocorobó o heroísmo lendário de Leônidas, teve, talvez, a mais bela consagração da sua glória imperecível.

Compreende-se a majestade do triunfo dos heróis que chegam, longamente esperados, entrando nas cidades ornamentadas, sob arcos triunfais artisticamente constituídos, emergindo aureolados do seio de um povo que veio à praça pública com o propósito, a intenção preestabelecida de saudá-lo ardentemente.

Forra-se, porém, à compreensão vulgar, a cena extraordinária dessa ovação planeada num segundo, sem bandas marciais, sem hinos vibrantes, sem estandartes multicores palpitando nos ares, sem chefes, sem a *mise-en-scène* banal de sarrafos pintados – feita repentinamente, ao acaso, no ângulo de uma rua e fundindo as almas todas em um brado único de admiração, surgindo de chofre e surpreendendo mais aos manifestantes do que ao vitoriado.

E num bairro exclusivamente comercial, explodindo de dentro da frieza calculista e sistemática do egoísmo humano...

Como verdadeiro herói, vencido pela expansão afetiva dos corações, fragilimo ante as saudações carinhosas,

De verre pour gemir, d'airain pour resister

o velho lidador que atravessava, sob um chuva de balas, as gargantas das Termópilas do sertão, animando com um sorriso perene o soldado, comoveu-se profundamente.

Este fato, altamente expressivo, deve ser memorado; o povo aquilata com instinto admirável o valor desses homens e não erra nunca.

* * *

Eu conhecia de há muito, irradiando da História, definida em páginas notáveis, essa modéstia característica dos valentes e dos fortes.

Vi-a de perto, agora, ao visitar o General Savaget e o Coronel Carlos Teles.

Encontrei este último no quartel da Palma.

Almoçava, rodeado de amigos, convalescente ainda de dois ferimentos, tendo sobre os ombros o pala rio-grandense, veste tradicional e inseparável do soldado do Sul.

Afeito, de há muito, como testemunha das mais agitadas quadras da existência da República, a presenciar afogueadas expansões de bravura em que os valentes se revestem de uma feição teatral, que é como o charla-

tanismo da coragem – assombrou-me a placidez modesta de um homem, cujo nome é, hoje, na boca do nosso soldado, a palavra sagrada da vitória.

Inquiriu-me, solícito, pelos parentes ausentes, e ao referir-se depois, respondendo a perguntas dos circunstantes, aos episódios capitais da guerra, observei a preocupação de ocultar os próprios feitos, anulando-se voluntariamente, pelo patentear exclusivo de alheios rasgos de bravura.

Por outro lado, quem visitasse o General Savaget, no Forte de Jequitaiá, procurando o chefe impávido da 2ª Coluna e prefigurando uma feição expressiva e enérgica de lidador estrênuo, teria positivamente uma decepção, ante um homem de aspecto modesto e digno, conversando calmo, com uma dicção corretíssima e gestos comedidos, revestido de uma adorável placidez burguesa, de todo contrastando ao renome guerreiro que o circunda.

Ao despedir-me, em íntima evocação de antiquíssima leitura, iluminou-me o pensamento a frase de French ao deixar John Stirling: senti-me de algum modo enobrecido e elevado a uma esfera superior àquela em que de ordinário nos deixamos voluntariamente ficar.

E depois disto sinto uma piedade estranha pelos bravos – e são tantos em toda a parte! – que fervilham em todos os lugares, de postura desempenada como se vestissem fardas sob espartilhos justos, de olhar dominador e gestos sacudidos, espantando a burguesia tímida com o relatar de estrepitosas façanhas, arrastando estridulamente, retinindo nas pedras das calçadas, os gládios cintilantes...

BAHIA – 15 DE AGOSTO

Há dias era o Batalhão Paulista que aqui saltava, definindo uma ressurreição histórica – a aparição triunfal dos bandeirantes renovando as investidas ousadas no sertão; depois os batalhões do Sul, netos e filhos de farrapos, trocando aqueles pampas vastíssimos, alterados, apenas, num ou noutro ponto, pelas colinas levemente arredondadas, por um país diverso em que os horizontes se abreviam dentro de vales estreitos e as montanhas aprumadas paralisam as marchas; agora, do ex-

tremo norte, da Amazônia, tostados pelos raios verticais dos sóis do Equador, são os filhos do Pará que aqui chegam.

Vêm, sucessivamente, promanando de todos os pontos da nossa terra, convergindo todos para o seio da antiga metrópole, reunindo-se precisamente no solo onde pela primeira vez aparecemos na História, o paulista empreendedor e ativo, o rio-grandense impetuoso e bravo e o filho do Norte robusto e resistente. E a antiga capital abre-lhes o seio, agasalha-os no recinto sagrado de seus baluartes, despertando, transfigurada da quietude anterior, como que envolvendo no mesmo afago, carinhoso e ardente, a numerosa prole há séculos erradia, esparsa.

Índoles diversas, homens nascidos em climas distintos por muitos graus de latitude, contrastando nos hábitos e tendências étnicas, variando nas aparências; fronte de todas as cores – do mestiço trigueiro ao caboclo acobreado e ao branco – aqui chegam e se unificam sob o influxo de uma aspiração única.

Parece um refluxo prodigioso da nossa História. Depois de longamente afastados, todos os elementos da nossa nacionalidade voltam bruscamente ao ponto de onde irradiaram, tendendo irresistivelmente para um entrelaçamento belíssimo.

* * *

Este espetáculo é eloqüentíssimo e justifica de alguma sorte os que – otimistas nesta época tormentosa – vêem nele a feição útil e boa, se é possível, desta campanha inglória.

Não é, certo, a primeira vez, esta, em que se opera uma arregimentação geral de forças e se unem os brasileiros esparsos.

O caso atual, porém, é, sob muitos aspectos, o mais expressivo de todos. Não se trata de defender o solo da pátria do inimigo estrangeiro; a luta tem uma significação mais alta e terá resultados mais duradouros.

Observe-a de perto, sinto de perto a comoção extraordinária que abala, aqui, todos os nossos patrícios; e interpretando com segurança essa uniformidade extraordinária de vistas que identifica na mesma causa elementos tão heterogêneos, creio que a organização superior da nossa nacionalidade, em virtude da energia civilizadora acrescida, repele,

pela primeira vez, espontaneamente, velhos vícios orgânicos e hereditários tolerados pela política expectante do Império.

Porque, realmente, este incidente de Canudos é apenas sintomático; erramos se o considerarmos resumido numa aldeia perdida nos sertões. Antônio Conselheiro, espécie bizarra de grande homem pelo avesso, tem o grande valor de sintetizar admiravelmente todos os elementos negativos, todos os agentes de redução do nosso povo.

Vem de longe – repellido aqui, convencendo mais adiante, num rude peregrinar por estradas aspérrimas – e não mente quando diz que é um ressuscitado porque é um notável exemplo de retroatividade atávica, e no seu misticismo interessante de doente grave ressurgem, intactos, todos os erros e superstições dos que o precederam, deixando-lhe o espantoso legado.

Acredita que não morre porque pressente, por uma intuição instintiva, que em seu corpo frágilimo de evangelizador exausto dos sertões, se concentram as almas todas de uma sociedade obscura, que tem representantes em todos os pontos da nossa terra.

Arrasta a multidão, contrita e dominada, não porque a domine, mas porque é o seu produto natural mais completo.

É inimigo da República não porque lhe explorem a imaginação mórbida e extravagante de grande transviado, mas porque o encalçam o fanatismo e o erro.

E surge agora; – permaneceu em vida latente longo tempo e devia aparecer naturalmente, logicamente quase, ante uma situação social mais elevada e brilhante, definida pela nova forma política como essas sementes guardadas há quatro mil anos no seio sombrio das pirâmides, desde os tempos faraônicos, e germinando espontaneamente agora, quando expostas à luz.

Daí a significação superior de uma luta que tem nesta hora a vantagem de congregar os elementos sãos da nossa terra e determinar um largo movimento nacional tonificante e forte.

Porque – consideremos o fato sob o seu aspecto real – o que se está destruindo neste momento não é o arraial sinistro de Canudos: é a nossa apatia enervante, a nossa indiferença mórbida pelo futuro, a nossa religiosidade indefinível difundida em superstições estranhas, a

nossa compreensão estreita da pátria, mal esboçada na inconsistência de uma população espalhada em país vasto e mal conhecido; são os restos de uma sociedade velha de retardatários tendo como capital a cidade de taipa dos *jagunços*...

Escrevo no meio agitado dos que se aprestam rapidamente para a campanha; observo-lhes o sentimento uniforme irrompendo de temperamentos diversos e prevejo os resultados positivos desse movimento cuja feição destruidora é um incidente transitório.

E por uma coincidência notável é dentro da antiga metrópole que ele se realiza; aqui se aliam hoje compatriotas que chegam dos mais afastados pontos. Vão suportar juntos os mesmos dias penosos, ligados materialmente pelos mesmos trabalhos e pelos mesmos perigos nas marchas difíceis e na batalha, ligados espiritualmente pela mesma aspiração, comungando sob o mesmo ideal – e ao voltarem amanhã, uma aliança moral mais firme dirimirá talvez a distância entre o Sul e o Norte, tornará com certeza mais harmônicos os variados fatores da nossa nacionalidade.

Esta quadra difícil traduzirá então, somente, um rude trabalho de adaptação a condições mais elevadas de existência; evolvemos.

Além disto recebemos uma lição proveitosa e inolvidável.

Os que governam reconhecerão os inconvenientes graves que resultam, de um lado dessa insciência deplorável em que vivemos acerca das regiões do interior, de todo desconhecidas muitas, e, de outro, o abatimento intelectual em que jazem os que as habitam.

Sobretudo este último é um inimigo permanente.

Quando voltarem vitoriosas as forças que ora convergem aqui, completemos a vitória.

Que pelas estradas, ora abertas à passagem dos batalhões gloriosos, que por essas estradas amanhã silenciosas e desertas, siga, depois da luta, modestamente, um herói anônimo sem triunfos ruidosos, mas que será, no caso vertente, o verdadeiro vencedor: o mestre-escola.

* * *

Aguardando ainda, aqui, a próxima partida para os sertões, e sob a sugestão perene dos quadros que tenho exposto, mal releio as li-

nhas que escrevo, longe da tranqüilidade de um gabinete de estudo e da inspiração serena dos livros prediletos.

É possível que das notas rápidas de um diário, em que os períodos não se alinham corretos, disciplinados e calmamente meditados, ressumbrem exageros; é possível mesmo que eu os releia mais tarde com surpresa. Mas nessa ocasião estarei como os que agora as lêem – fora do círculo hipnótico de um entusiasmo sincero e não terei, como agora tenho, diante de mim a visão deslumbrante de uma pátria regenerada –, ao ver passar, ao ritmo retumbante dos tambores, os titãs bronzeados que chegam do Norte numa revivescência animadora de energias...

BAHIA – 16 DE AGOSTO

Ao chegar aqui e assaltado logo por impressões novas e variadas, perturbadoras de um juízo seguro, acredito, às vezes, que avaliei imperfeitamente a situação e dominado talvez pela opinião geral entre os que voltavam de Canudos disse também com eles:

– Está quase terminada a luta e não fará mais vítimas.

Homens da maior respeitabilidade, que por escusado me permito não citar, afirmaram-me categoricamente, convictos, que na povoação sitiada não existiam, talvez, duzentos rebeldes, diminuídos além disto cotidianamente pela fuga todas as noites, por meio da estrada franca do Cambaio e pelos estragos de um bombardeio persistente. Outras testemunhas de vista garantiram, contestes, que, nos combates subseqüentes à grande batalha de 18 de julho, foram vistos, os *jagunços*, desmoralizados e acobardados, a ponto de pelejarem entre dois adversários – os soldados pela frente e os chefes pela retaguarda levando-os, tangidos a bastonadas, ao combate não desejado.

Há muitas testemunhas oculares deste fato, definidor do máximo desânimo entre os fanáticos.

Por outro lado, prisioneiros de ambos os sexos concordam em afirmar um fato que patenteia um começo de discórdia: o Conselheiro quis ceder rendendo-se e foi tenazmente impedido por Vilanova, espécie de chefe temporal da grei rebelada.

– Fica; faze os teus milagres! foi a intimativa enérgica e dominadora do cabecilha. E o profeta claudicante que garantira que as tropas do *governo do Diabo* desta vez não veriam sequer as torres sagradas das igrejas de *Belo Monte* (Canudos), quebrado o primitivo encanto, cedeu.

Além de tudo isto, a miséria a mais profunda e a fome refletidas nos corpos quase inanidos, carcaças quase vazias dos prisioneiros feitos – e dos mortos cuja estranha magreza é a nota constante das narrativas que fazem os soldados –, iam, certo, lentamente, completando a destruição.

As estradas inteiramente francas e praticáveis, livres das emboscadas primitivas, atravessadas calmamente pelos que aqui têm chegado, indicam que a região em torno está de todo expurgada de inimigos.

Ora, todas essas versões já são velhas nesta quadra tormentosa em que uma hora tem um valor imenso; já têm quinze dias.

Há quinze dias que se aguarda a todos os minutos a rendição do arraial, já ocupado, em parte, pelas nossas forças e tendo apenas duzentos inimigos combalidos pelas fadigas e pela fome, cindidos pela discórdia e desalentados a ponto de irem para a batalha – a pau...

E se considerarmos que eles sabem dos reforços que seguem e dos que hoje, neste momento, devem estar chegando a Canudos, para completar o cerco, trancando-lhes definitivamente a única estrada livre – e da qual não se aproveitam, em tempo, fugindo à morte inevitável –, somos irresistivelmente levados a considerar a campanha, em vez de próxima ao seu termo, sob a sua feição primitiva, incompreensível, misteriosa.

Ela tem-no sido desde o começo; desde o princípio que os desastres sobrevêm – surpreendendo a toda a gente, inesperadamente, caindo de chofre no momento em que se espera a vitória e se antecipam ovações triunfais.

Por que razão os *jagunços*, desmoralizados, em número reduzido, tendo ainda franca a fuga para o sertão indefinido e impérvio onde não há descobri-los, no seio de uma natureza que é a sua melhor arma de guerra, esperam que lhes fechem a única estrada para a salvação,

aguardam que se complete o sítio do qual resultarão a rendição e todas as suas funestas conseqüências?

Afastada a hipótese de um devotamento sobre-humano que lhes imponha o sucumbir sob os muros dismantelados dos templos que alevantaram, quase que se é irresistivelmente inclinado a pensar numa nova cilada caindo *ex abrupto*, baralhando mais uma vez os planos da campanha.

Do mesmo modo que as nossas tropas anseiam por novos reforços que chegam, não esperarão eles, acaso, dos sertões desconhecidos que se desdobram ao norte e noroeste de Canudos, fortes contingentes que ponham a nossa gente entre dois fogos?

Não será também lícito conjecturar, afastada esta suposição, que o número relativamente pequeno dos que permanecerem no arraial, arrostando todos os perigos, tenha como objetivo atrair exclusivamente para ali o Exército e ali demorá-lo, iludido durante algum tempo, até que se revigorem os fanáticos e se reúnam e se reforcem em outro qualquer ponto de mais difícil acesso, mais profundamente encravado no sertão?

Estas interrogativas avultam em meu espírito desde o dia em que procurando tirar uma média das opiniões que aqui circulam não o consegui e compreendi que, grande parte dos que voltam daquelas para-gens, desconhecem a situação tanto quanto os que lá não foram.

Acresce mais que se ainda ontem, unânimes, oficiais distintíssimos afirmavam-me que a povoação estava quase que toda abandonada e destruída, hoje distintíssimos oficiais, recém-vindos, cujos nomes poderei citar, afirmam que ela ainda tem muita gente, perfeitamente municuada e apta para longa e tenaz resistência.

Procurar-se a verdade neste torvelinho é impor-se a tarefa estéril e fatigante de Sísifo.

O espírito mais robusto e disciplinado esgota-se em conjecturas vãs; nada deduz – oscila indefinidamente, intermitentemente, num agitar inútil de dúvidas, entre conclusões opostas, do desânimo completo à esperança mais alta.

Os próprios soldados, rudes homens sinceros, despeados das paixões que enlaçam os que atuam num plano superior da vida, não acordam muitas vezes no que afirmam. Muitos lá estiveram desde as pri-

meiras expedições e confessam ingenuamente, lealmente, que nada sabem, nunca viram o inimigo senão depois de morto, nunca o viram frente a frente, braço a braço, na refrega do combate, não o conhecem absolutamente, não sabem quantos existem.

Como se tudo isto não bastasse para impressionar vivamente e fazer vacilar o espírito mais enérgico, aí estão estas irrupções diárias, cuja descrição tenho feito sem exagero, de feridos, cujo número assombra – chegando invariavelmente todos os dias, enchendo inteiramente todos os hospitais e transbordando agora deles e derivando agora para o seio dos conventos. E aí estão mais tristes ainda se é possível, mais dolorosos e deploráveis – estes inqualificáveis pedidos de reforma feitos diante do inimigo, sob a bandeira da Pátria varada de balas; três ou quatro talvez que doem mais do que a derrota de uma brigada e cuja notícia chega de um modo lúgubre no seio dos que se aprestam para a luta.

E diante de tudo isto, diante de tantas opiniões desencontradas acerca de um inimigo que permanece inabalável dentro de um círculo de ferro, e que gera tantos males produzindo estas multidões de mártires heróicos menos tristes, digamo-lo de passagem, do que a meia dúzia dos que têm a coragem sobre-humana de dizer ao país inteiro que são covardes diante desta situação realmente indefinível, justificam-se amplamente todas as dúvidas, compreendem-se as interrogações que fizemos.

E se considerarmos ainda que, realmente, conforme ontem declaramos, este incidente de Canudos é apenas sintomático, falseando a verdade quem o considerar resumido nas agitações de um arraial sertanejo porque, nesta hora mesmo, falo com inteiro conhecimento de causa, nesta grande Capital – cuja população, em sua maioria, é de uma nobreza admirável e tem-se revelado de uma generosidade sem par nesta emergência –, nesta hora mesma, aqui, há velas que se acendem em recônditos altares e preces fervorosamente murmuradas em prol do sinistro evangelizador dos sertões, cujos prosélitos não estão todos lá – se considerarmos isto, então, não há conjeturas que se não justifiquem, por mais ousadas que sejam.

Realmente, quem quer que no momento atual, subordinado a uma lei rudimentar de filosofia, procure, neste meio, calcar as concepções subjetivas sobre os materiais objetivos, não as terá seguras e animadoras quando estes são tão incoerentes e desconexos.

Eu desejo, porém, estar em erro; desejo ardentemente que sejam estas linhas divagações exageradas e que o futuro fique eternamente mudo diante daquelas interrogações. Que ao chegar aí esta carta – alarmante, talvez, sincera com certeza – chegue também a nova da vitória, destruindo-a e impedindo a sua publicação.

Nunca desejei tanto receber uma réplica esmagadora, uma contradita vitoriosa.

BAHIA – 18 DE AGOSTO

Um Episódio da Luta

Em dias de junho último um dos filhos de Macambira, adolescente de quinze anos, abeirou-se do rude chefe sertanejo:

– Pai, quero destruir a *matadeira*. (Sob tal denominação indicam os *jagunços* o canhão Krupp, 32, que tem feito entre eles estragos consideráveis.)

O sinistro cabecilha, espécie grosseira de Imanus acobreado e bronco, fitou-o impassível:

– Consulta o Conselheiro – e vai.

E o rapaz seguiu acompanhado de onze companheiros atrevidos.

Atravessaram o Vaza-Barris seco e fracionado em cacimbas, investiram contra a primeira encosta à margem direita, embrenharam-se, num deslizar macio e silencioso de cobras, pelas caatingas próximas.

Ia em meio o dia.

O sol, num firmamento sem nuvens, dardejava a pino sobre os largos tabuleiros, lançando, sem fazer sombra, até ao fundo das quebradas mais fundas, os raios verticais ardentes.

Naquelas paragens longínquas e ingratas, o meio-dia é mais silencioso e lúgubre do que as mais tardias horas da noite. Reverberando nas rochas expostas, largamente refletidos nas chapadas desnudadas, sem vegetação, ou absorvidos por um solo seco e áspero de grés, os raios sola-

res aumentam de ardor; e o calor emitido para a terra reflui para o espaço nas colunas ascendentes do ar dilatado, morno, irrespirável quase.

A natureza queda-se silenciosa num aniquilamento absoluto; não sulca a viração mais leve os ares, cuja transparência perto do solo se perturba em ondulações rápidas, candentes; repousa dormitando a fauna resistente das caatingas; murcham as folhas, exsicadas, nas árvores crestadas.

O Exército repousava esmagado pela canícula.

Deitados e esparsos pelas encostas, bonés postos aos rostos para resguardá-los, dormitando, ou pensando nos lares distantes, os soldados aproveitavam alguns momentos de tréguas, restabelecendo forças para a afanosa lide.

Em frente, enorme, derramada sem ordem sobre a larga encosta em que se erige, com as suas exíguas habitações desordenadamente espalhadas, sem ruas e sem praças, acervo incoerente de casas, aparecia Canudos, deserta e muda, como uma tapera imensa, abandonada.

Circunvalando-a, em parte, como um fosso irregular e fundo, o Vaza-Barris prolonga-se à direita, sinuoso, desaparecendo, longe, entre as gargantas abruptas de Cocorobó. No fundo, fechando o horizonte, desdobra-se a lombada extensa da serra da Canabrava...

O Exército repousava... Nisto despontam, emergindo cautos, à borda do mato rasteiro e trançado de árvores baixas e esgalhadas, na clareira em que estaciona a artilharia, doze rostos espantados – olhares rápidos perscrutando todos os pontos –, doze rostos apenas de homens ainda mergulhados, de rastos, no seio trançado das macambiras.

E surgem lentamente; ninguém os vê; ninguém os pode ver; – dá-lhes as costas, numa indiferença soberana, o Exército que repousa.

Em frente, a cinqüenta metros apenas, eles divisam o objetivo da empresa.

Como um animal fantástico e monstruoso, o canhão Krupp, a *matadeira*, assoma sobre o reparo resistente, voltada para Belo Monte a boca truculenta e flamívoma – ali – sobre a cidade sagrada, sobre as igrejas, prestes a rugir golfando as granadas formidáveis – silenciosa agora,

isolada e imóvel – brilhante o dorso luzidio e escuro, onde os raios do sol caem, refletem, dispersam-se em cintilações ofuscantes.

Os fanáticos audazes aprumam-se à borda da clareira e arrojam-se impávidos sobre a peça odiada.

Vingam a distância de um salto e circundam o monstro de aço, silenciosos, terríveis – resfolegando surdamente.

Um dos mais robustos traz uma alavanca pesada; ergue-a e a pancada desce violentamente, retinindo.

E um brado de alarme altíssimo e viril, partindo bruscamente o silêncio universal das coisas, multiplicando-se nas quebradas, enchendo o espaço todo, desdobrado em ecos que ascendem de todos os vales, refluem rápidos nas montanhas, um brado de alarme alteia-se, numa vibração triunfal, estrugidor e imenso.

Formam-se rapidamente os batalhões; num momento os atacantes ousados vêm-se, presos, num círculo intransponível de baionetas e caem sob os golpes e sob as balas.

Um apenas se salva, golpeado, baleado, saltando, correndo, rolando, intangível entre os soldados, atravessando uma rede de balas, vinando as pontas das baionetas, caindo em cheio nas caatingas que atravessa velozmente e despenhando-se, livre afinal, alcandorado sobre abismos, pelos pendores aprumados da montanha...

* * *

Estas e outras histórias, contam-nas, aqui, os soldados, colaboradores inconscientes das lendas que envolverão mais tarde esta campanha cruelíssima.

BAHIA – 19 DE AGOSTO

O Coronel Carlos Teles trouxe de Canudos um *jagunço* adolescente.

Chama-se Agostinho – 14 anos, cor exatíssima de bronze; frágilimo e ágil; olhos pardos, sem brilho; cabeça chata e fronte deprimida;

lábios finos, incolores, entreabertos num leve sorriso perene, deixando perceber os dentes pequeninos e alvos.

Responde com vivacidade e segurança a todas as perguntas.

Descreveu nitidamente as figuras preponderantes que rodeiam o Conselheiro e, tanto quanto o pode perceber a sua inteligência infantil, a vida em Canudos.

O braço direito do rude evangelista – já o sabíamos – é João Abade, mameluco quase negro – impetuoso, bravo e forte –, de voz retumbante e imperativa; bem vestido sempre. Comandou os fanáticos no combate de Uauá. É o executor supremo das ordens do chefe. Castiga a palmatoadas na praça, em frente às igrejas, aos que roubam ou vergasta as mulheres que procedem mal. Exerce estranho domínio sobre toda a população.

Substituí-a-o, em certas ocasiões, Pajeú, hoje morto, caboclo alto e reforçado, figura desempenada de atleta, incansável e sem par no vencer rapidamente as maiores distâncias, transmitindo ordens, aparecendo em todos os pontos, violento e terrível na batalha, tendo na mão direita a espingarda contra o soldado e na esquerda longo cacete para estimular vigorosamente os *jaguços* vacilantes na refrega. Bulhento, tempestuoso, mas de costumes simples, sem ambições.

Vilanova, comerciante, dono das melhores casas de negócio que constituíam o *comércio*, riquíssimo e procurando agora uma função predominante.

Pedrão, mestiço de porte gigantesco; atrevido e forte. Comandou os fanáticos na travessia admirável de Cocorobó.

Macambira, velho rebarbativo e feio; inteligentíssimo e ardiloso. Com surpresa ouvi: Macambira é de uma cobardia imensa; as próprias mulheres não o temem. Ninguém, porém, prepara melhor uma cilada; é o espírito infernal da guerra, sempre fértil no imaginar emboscadas súbitas, inesperadas.

O filho Joaquim Macambira era, pelo contrário, valente; morreu tentando, em assalto audacioso, inutilizar, acompanhado apenas de onze companheiros, o canhão Krupp, 32.

Manuel Quadrado, homem tranqüilo e inofensivo; curandeiro experimentado, debelando as moléstias mercê de uma farmacopéia rudi-

mentar; conhecedor de todas as folhas e raízes benéficas, vivendo isolado num investigar perene, pelas drogarias inexauríveis e primitivas das matas.

José Félix, o *Taramela*, é o guarda do santuário e das igrejas; é quem abre as portas à passagem solene do Conselheiro ou introduz os que o procuram – o apelido sobreveio-lhe desta última função. Tem sob as suas ordens oito beatas, moças acabocladadas, servas submissas do evangelizador, servindo-lhe em pires exíguos a refeição frugal, trazendo-lhe o banho diário, cuidando-lhe da roupa, acendendo cotidianamente no vasto alpendre das orações as fogueiras que iluminam a multidão genuflexa, rezando o terço. Vestem roupas azuis, cingidas as cinturas por cordas de linho alvíssimo; não variam nunca este uniforme consagrado.

Quanto a Antônio Conselheiro, ao invés da sordidez imaginada, dá o exemplo de notável asseio nas vestes e no corpo. Ao invés de um rosto esquelético, agravado no aspecto repugnante por uma cabeleira mal tratada onde fervilham vermes, emolduram-lhe a face magra e macerada, longa barba branca, longos cabelos caídos sobre os ombros, corrediços e cuidados.

Raro abandona o santuário; não faz visitas. Todos, inclusive o João Abade, de aspecto minaz, dirigem-se a ele, descobertos, olhos fixos no chão. Nas raras excursões que faz, envolto na túnica azul inseparável, cobre-se de amplo chapéu de abas largas e caídas, de fitas pretas.

O seu domínio é de fato absoluto; não penetra em Canudos um só viajante sem que ele o saiba e permita. As ordens dadas, cumpridas religiosamente. Algumas são crudelíssimas e patenteiam a feição bárbara do maníaco construtor de cemitérios e igrejas.

Depois do combate de Uauá, heroicamente sustentado pela primeira expedição do Tenente Pires Ferreira, propalou-se no arraial que um dos seus habitantes, um certo Mota, havia prevenido a força expedicionária do grande número de inimigos que a aguardavam mais adiante e que a dizimariam⁷ fatalmente. O Conselheiro murmurou uma ordem a Pajeú: no outro dia o traidor e toda a família eram mortos.

7 Frequentemente, em Euclides da Cunha, a concordância no plural, em construções semelhantes. O relativo (que) refere-se à palavra imediatamente anterior (inimigos), por isso os plurais *aguardavam* e *dizimariam*. N. do R.

Tendo sucumbido muitos *jagunços* naquele combate, algumas viúvas esqueceram-se, cedo, escandalosamente, dos esposos mortos: amarradas firmemente em postes no largo, em frente a toda a população convocada, foram rudemente vergastadas por João Abade e, depois, expulsas do arraial.

É absolutamente interdito o uso da aguardente, a *caninha*, sócia amiga das horas desocupadas do sertanejo do Sul. Uma vez apareceu, inesperada, em Canudos, uma tropa pequena – seis cargueiros carregados de aguardente.

O tropeiro audaz, que ideava talvez altos lucros levando-a àquele recanto longínquo, teve, porém, a mais dolorosa decepção: os doze barris foram esvaziados na praça pública, derramando-se pelo solo o líquido condenado.

Por outro lado, uma tolerância inexplicável. Afirma o pequeno *jagunço* que o velho vigário de Cumbe, ali aparecia, de quinze em quinze dias dizendo missa nas igrejas diante do próprio Conselheiro que lhe permitia casar e batizar, obstando apenas os sermões.

Indaguei sobre a natureza dos trabalhos agrícolas – rudimentares, quase nulos. O trabalho sob a sua forma mais generalizada consiste em *ganhar* em Monte Santo, Jeremoabo e outras povoações circunjacentes. A criação mais numerosa é a de bodes, em número quase incalculável, enchendo, em torno, os plainos dilatados das chapadas, quase sem donos, sem trato, ariscos, retrogradando pelo abandono ao estado selvagem primitivo.

* * *

Depois destas informações interroguei-o sobre questões mais sérias:

– De onde provém todo o armamento dos *jagunços*?

A resposta foi pronta. Antes da primeira expedição consistia em espingardas comuns, bacamartes e bestas, destinadas, estas últimas, em cujo meneio são incomparáveis, não perdendo uma seta, à caçada dos *mocós* velozes e esquivos. Seis ou sete espingardas mais pesadas, de bala – carabinas Comblain, talvez. Depois do encontro de Uauá e das expedições que o sucederam é que apareceram novas armas, em grande número, no arraial.

Os canhões deixados pela Coluna Moreira César, cujo manejo não puderam compreender, foram, depois de inutilizados a golpes de alavanca e malhos, atirados num esbarrondadeiro próximo.

Terminamos o longo interrogatório inquirindo acerca dos milagres do Conselheiro. Não os conhece, não os viu nunca, nunca ouviu dizer que ele fazia milagres. E, ao replicar um dos circunstantes que aquele declarava que o *jagunço* morto em combate ressuscitaria, negou ainda.

– Mas o que promete afinal ele aos que morrem?

A resposta foi absolutamente inesperada:

– Salvar a alma.

* * *

Estas revelações feitas diante de muitas testemunhas têm para mim um valor inestimável; não mentem, não sofismam e não iludem, naquela idade, as almas ingênuas dos rudes filhos do sertão.

BAHIA – 20 DE AGOSTO

Aguardando ainda, contrafeito, a próxima partida para o sertão, percorro – desconhecido e só – como um grego antigo nas ruas de Bizâncio as velhas ruas desta grande capital, num indagar persistente acerca de suas belas tradições e observando a sua feição interessante de cidade velha chegando, intacta quase, do passado a estes dias agitados.

E lamento que o objetivo capital e exclusivo desta viagem me impeça estudá-la melhor e transmitir as impressões recebidas.

Porque é realmente inevitável esta intercorrência de sensações estranhas e diversas, invadindo de modo irresistível o assunto e programas preestabelecidos.

Numa hora assaltam-me, às vezes, as mais desencontradas impressões.

Visitando, há pouco, o Mosteiro de São Bento, por exemplo, onde se acumulam agora os feridos que chegam, depois de atravessar

por entre extensos renques de leitos contristadores, desci ao pavimento inferior.

Atravessei as naves extensas, cautelosamente, a passos calculados, olhos fixos no chão, procurando não pisar as lajes tumulares sobre as quais, indiferentes, pisam todos os devotos e onde se lêem ainda, semi-apagadas pelo atrito persistente das botas, nomes entre os mais velhos da nossa História. E despeando-me de todo o objetivo que me levaria até ali, acurvado sobre as lousas que aparecem como palimpsestos de mármore mal descobertos memorando remotíssimos dias, permaneci largo tempo, absorto.

Que transição enorme em cinco minutos apenas, nesse passar insensível e rápido, ao descer uma escada, de um presente agitado e ruído à penumbra silenciosa do passado indefinido...

Felizmente, prosseguindo atingi insensivelmente a ampla portada e, ao transpô-la, volvi, de chofre, ao presente.

* * *

Assomava, subindo em marcha forçada extensa ladeira e atingindo a Praça de Castro Alves, numa irradiação de baionetas cintilantes, o 4º Batalhão de Infantaria. Vem de longe, do Sul – é o último que aguardamos.

Completam-se com ele vinte e cinco batalhões de linha, aos quais se adicionam os corpos policiais daqui, de São Paulo, do Pará, do Amazonas e contingentes de artilharia e cavalaria.

Calculo com aproximação razoável em dez mil homens, no mínimo, a tropa que irá combater a rebeldia no sertão.

E diante dessa multidão armada, assombra-me, mais do que os perigos naturais da guerra, a soma incalculável de esforços para alimentá-la por meio de regiões quase impraticáveis pelos desnivelamentos bruscos das estradas que se apuram nas serras e se estreitam em desfiladeiros extensos.

Um cálculo rápido mostra-nos que aquele Minotauro de dez mil gargantas passará mal, jejuando quase, com cento e cinquenta sacas de farinhas e duas toneladas de carne, por dia!

E isto excluindo gêneros alimentícios elementares que constituem um luxo ante as condições estritas da guerra.

Este fato exprime uma das condições mais sérias e difíceis da campanha: é o combate tenaz, inglório e assustador a um inimigo que morre e revive todos os dias, envolvendo nos mesmos transe amigos e adversários – a fome.

As condições naturais do terreno, dificultando um transporte rápido, criando toda a sorte de tropeços, já determinaram mesmo, como é sabido, o aparecimento daquela no nosso Exército. Já se passaram dias cruéis num desordenado apelar para todos os recursos que pode fornecer a região – vivendo as forças à mercê do acaso, de raízes de imbu, ou talos túmidos de seiva de mandacarus, ou caçando os bodes ariscos das chapadas, em montarias ousadas nas caatingas.

Ora, essa situação lamentável está apenas atenuada hoje e cada comboio que chega ilude-a somente por um dia.

Imagine-se agora a série de dificuldades que sobrevirão com maior acúmulo de homens.

Além de demoradas as marchas, a falta de cargueiros torna diminutíssimas as munições transportadas. Porque, devemos dizê-lo francamente, o que há além de Monte Santo, e mesmo além de Queimadas, é o deserto na significação rigorosa do termo – árido, aspérrimo, despovoado.

As populações circunvizinhas, dispersas, perderam-se longe, ocultando-se nas matas, povoando os mais afastados arraiais, abandonando casas e haveres, espavoridas ante o espantalho aterrador da guerra. E têm razão.

Impressiona vivamente a narrativa de viagem dos que têm vindo, livres no entanto das primitivas emboscadas, atravessando as estradas que irradiam de Monte Santo. Desdobram-se pelo sertão absolutamente vazias e monótonas.

Apenas num e noutro ponto como variante sinistra: por um requinte de perversidade satânica os *jagunços* dispuseram em série nas duas bordas do caminho as ossadas dos mortos de anteriores expedições.

Dólmãs, bonés, galões, talins, calças vermelhas rutilantes, amplos capotes, camisas em pedaços, selins e mantas, pendurados nos galhos das árvores, oscilam lugubrememente sobre a cabeça do viajante que passa, aterrado, atravessando entre duas fileiras de caveiras adrede dispostas, enfileiradas aos lados.

É um quadro pavoroso capaz de perturbar a alma mais robusta.

O malogrado Coronel Tamarindo – um velho soldado jovial como havia poucos – foi reconhecido pela farda nesse cenário fantástico; sem cabeça, espetado num galho seco de angico e tendo sobre os ombros descarnados, pendido como num cabide, descendo-lhe pelo esqueleto abaixo, o dólmã.

Toda a Primeira Coluna passou, assombrada, diante do espectro formidável do velho comandante.

Todas estas causas justificam o pânico indescritível que lavra atualmente no sertão e o refluir desordenado de populações inteiras para os mais remotos pontos.

O Exército agita-se agora num deserto de trinta léguas de raio e é absolutamente necessário que a ação desta expedição – que será a última – seja rápida e fulminante a despeito de todos os sacrifícios que se tornem necessários.

* * *

Creio que partimos afinal por estes dias. Ajuizarei então, *in situ*, acerca do que até agora tenho sabido por meio de narrativas que nem sempre se ajustam nas mesmas conclusões.

E que aquela natureza selvagem, mas interessante, aquele recanto bárbaro de nossa terra, sob a atração persistente de seu aspecto ainda desconhecido, torne ligeiras e rápidas estas horas de saudade que não posso definir.

BAHIA – 21 DE AGOSTO

Em carta anterior declarei que aqui atravessava os dias aguardando próxima partida para o sertão, sob o domínio de impressões vivíssimas e diversas, num investigar constante acerca do nosso passado, vindo, intacto quase aos nossos dias, dentro desta cidade tradicional, como numa redoma imensa.

E lamentei que o objetivo exclusivo da viagem obstasse a manifestação de muitas coisas interessantes que dele se afastam.

A *poeira dos arquivos* de que muita gente fala sem nunca a ter visto ou sentido, surgindo tenuíssima de páginas que se esfarelam ainda quando delicadamente folheadas, esta poeira clássica – adjetivemos com firmeza –, que cai sobre tenazes investigadores ao investirem contra as longas veredas do passado, levanto-a diariamente. E não tem sido im-proficuo o esforço.

Tenho, agora, entre duas brochuras antigas, um documento relativamente moderno mas altamente expressivo acerca dos últimos acontecimentos.

É um jornal modestíssimo e mal impresso, a *Pátria*, de São Félix de Paraguaçu – nº 38, de 20 de maio de 1894. Tem, portanto, pouco mais de três anos.

Na última coluna da primeira página, encimando-a, avulta um título sugestivo: *Ainda o Conselheiro*.

O artigo é longo; a redação refere-se a uma carta recebida de um negociante filho de Monte Santo.

Transcrevo os trechos principais:

“Pessoas vindas dos Canudos, hoje *Império do Belo Monte*, garantiram a este nosso amigo que têm chegado grupos de assassinos e malfeitores do Mundo Novo a fim de fazerem parte do “exército garantidor das instituições imperiais”.

“As coisas não vão boas, e nós não escaparemos em caso de ataque. Já o Conselheiro, afora a canalha fanatizada e assassina, tem um batalhão de duzentos e tantos homens os quais fazem exercício de fogo todos os dias e vigiam os arredores.

“Não sabemos qual será a intenção desse homem tão ignorante e criminoso, armando batalhões e aliciando gente para a luta.

“É forçoso reconhecer, seja como for, que o governo pagará bem caro esta sua inação e que todo o sertão ficará sob o mais desolador e pungente definhamento. O Dr. Rodrigues Lima, filho dos belos sertões, deve compadecer-se dos seus irmãos do centro e pedir informações sobre os desmandos de Canudos. O combate *imortal* de Maceté, que, para experiência de desgraçada derrota e cobardia devemos recordar, foi o início de todos estes desvarios.

“Se, naquele tempo, as oitenta praças de linha que vieram até Serrinha marcham logo sobre o homem, certamente o tinham esmagado, porque o seu grupo era de oitenta e cinco homens, mal-armados e malmuniciados.

“Hoje a coisa é dez vezes pior, porque além de estar ele protegido pela posição estratégica dos Canudos, cercado de morros e caatingas incultas e difíceis, tem elementos fortes, gente superior e trincheiras perigosas.

“O Marechal Floriano, sábio na sua administração, enérgico e ativo nas suas medidas, deve empenhar-se para ser o salvador nessa tormentosa questão que tanto prejuízo há de causar à Bahia.”

Termina aqui o artigo.

Não o comentemos.

Há três anos que da pena inexperta de um sertanejo inteligente surgia a primeira página desta campanha cruelíssima.

BAHIA – 23 DE AGOSTO

Há quinze anos, em 1882, o Tenente-Coronel Durval Vieira de Aguiar foi incumbido pelo governo provincial da inspeção de todos os destacamentos policiais da Bahia.

Enérgico e resoluto, o digno funcionário atravessou de extremo a extremo as paragens perigosas do sertão, revelando-se observador perspicaz e inteligentíssimo.

E fez um livro no qual se condensam dados estatísticos valiosos sobre as povoações visitadas e interessantes notas acerca da existência primitiva das mais afastadas povoações – emoldurados por um estilo fluente e claro.

Extrato, respeitando todos os grifos, da página 79 daquele livro – *Descrições Práticas da Província da Bahia* – um longo trecho cuja significação é hoje maior do que na época em que foi escrito.

O autor refere-se à sua passagem por Monte Santo:

“Quando por ali passamos achava-se na povoação um célebre Conselheiro, sujeito baixo, moreno acaboclado, de barbas e cabelos pretos e crescidos, vestido de camisolão azul, morando sozinho em uma desmobiada casa, onde se apinhavam as beatas e afluíam os presentes, com os quais se alimentava. Este sujeito é mais um fanático do que um anacoreta e a sua ocupação consiste em pregar uma incompleta moral, ensinar rezas, fazer prédicas banais, rezar *terços* e ladainhas com o povo; servindo-se para isto das igrejas, onde, diante do viajante civilizado, se dá a um irrisório espetáculo, especialmente quando recita um *latinório* que nem ele nem os ouvintes entendem. O povo costuma afluír em massa aos atos religiosos do Conselheiro, a cujo aceno cegamente obedece e resistirá ainda mesmo a qualquer ordem legal, por cuja razão os vigários o deixam impunemente *passar por santo*, tanto mais quanto *ele nada ganha* e ao contrário promove os batizados, casamentos, desobrigas, festas, novenas e tudo mais em que consistem os rendimentos da Igreja. Nessa ocasião havia o Conselheiro concluído a edificação de uma elegante igreja no *Mucambo* e estava construindo uma excelente Igreja no *Cumbe*, onde, a par do movimento do povo, mantinha ele admirável paz.”

* * *

Há quinze anos...

À medida que nos avantajamos no passado aparecem de um modo altamente expressivo as diversas fases da existência desse homem extraordinário – fases diversas, mas crescentes e sempre numa sucessão harmônica, lógicas nas suas mais bizarras manifestações, como períodos sucessivos da evolução espantosa de um monstro.

Diante de tudo isto, é singular a teimosia dos que de algum modo o querem nobilitar, alteando-o ao nível de simples mediocridade agitada ou maníaco imbecil, quase inofensivo – arrancando-o, erguendo-o da profunda depressão em que jaz como homem fatal, tendo, diametralmente invertidos, todos os atributos que caracterizam os verdadeiros grandes homens.

Tudo é relativo; considerá-lo um fanático vulgar é de algum modo enobrecê-lo.

A matemática oferece-nos neste sentido uma apreciação perfeita: Antônio Conselheiro não é um nulo, é ainda menos, tem um valor negativo que aumenta segundo o valor absoluto da sua insânia formidável.

Chamei-lhe por isto, em artigo anterior, grande homem pelo avesso.

Gravita para o *minimum* de uma curva por onde passaram todos os grandes aleijões de todas as sociedades. Mas está em evidência; não se perde no anonimato da mediocridade coletiva de que nos fala Stuart Mill, embora seja inferior ao mais insignificante dos seres que a constituem.

E entrará na História – pela porta baixa e escura por onde entrou Mandrin.

Além disto, as condições mesológicas nas quais devemos acreditar, excluídos os exageros de Montesquieu e Buckle, firmando um nexó inegável entre o temperamento moral dos homens e as condições físicas ambientes, deviam formar, profundamente obscura e bárbara, uma alma que num outro meio talvez vibrasse no lirismo religioso de Savonarola, ou qualquer outro místico arrebatado numa idealização imensa. Porque, afinal, impressiona realmente essa tenacidade inquebrantável e essa escravização a uma idéia fixa, persistente, constante, nunca abandonada.

Que diferença existe entre ele e os grandes *meneurs de peuples* de que nos fala a História? Um meio mais resumido e um cenário mais estreito apenas.

Dominando há tanto tempo, irresistivelmente, as massas que cegamente lhe obedecem, a sua influência estranha avolumou-se, cresceu sempre numa continuidade perfeita e veio bater de encontro à civilização.

Se recuássemos alguns séculos e o sertão de Canudos tivesse a amplitude da Arábia, por que razão não acreditar que o seu nome pudesse aparecer, hoje, dentro de um capítulo fulgurante de Thomas Carlyle?

* * *

A carta do Coronel Carlos Teles tem sido diversamente comentada. Conhecia de há muito e transmiti mesmo para aí, antes da publicação daquele documento, a maneira de pensar do digno comandante, cuja sinceridade está a cavaleiro de quaisquer dúvidas. Entretanto, diante

de uma situação sob muitos aspectos indefinível, vacilo, ainda, considerando que os homens daquela estatura – feitos pelo molde de Bayard – têm uma tendência instintiva para reduzir dificuldades e perigos.

Além disto, são tão variadas as asserções, que, por maior que seja o peso de uma palavra, as dúvidas sobrevêm inevitáveis, incorrigíveis.

Por maior que seja o valor moral de uma opinião, neste tumulto de impressões diversas e de idéias que se entrecrocavam, a gente insensivelmente se recorda da original comparação de Fox: as concepções como que se formam por meio de um filtro invertido no qual os elementos entram límpidos e puros e saem impuros e turbados.

Eu sistematizo a dúvida.

Admitindo mesmo que esteja de todo desmoralizado e reduzido o inimigo há, apesar disto, dificuldades que não se pode⁸ dirimir.

Aquelas muralhas graníticas do Rosário onde, escalonadas e ascendentes num hemicírculo monumental, como baluartes ciclópicos, se dispõem blocos monstruosos de pedra; aquelas trincheiras naturais que coroam a serra do Cambaio, de encontro às quais embateu como uma onda rugidora e forte a expedição Febrônio; a serra de Caipã, inacessível quase, partida pelo meio a ossatura de gnaisses em duas muralhas a prumo, entre as quais corre o Vaza-Barris, fazem com que o número de adversários seja um fator insignificante de sucesso, cada homem, em tais condições, valendo por tantos homens quantos são os cartuchos que carrega na patrona.

* * *

Será esta a última carta que escreverei deste ponto onde, involuntariamente, fiquei retido, lutando com uma falta de assunto extraordinária, que já deve ter sido percebida.

Ao chegar ela aí, já estaremos a caminho do sertão.

8 Respeitamos a construção que aparece no jornal (devera ser: “...não se podem dirimir.”), pela impossibilidade de verificar a origem do erro. N. do R.

ALAGOINHAS – 31 DE AGOSTO

Ao tomar o trem na estação da Calçada prefigurei uma viagem incômoda, preso em vagão estreito puxado por locomotiva ronceira, esmagado por uma temperatura de 30° centígrados, mal respirando numa atmosfera impregnada de poeira. Iludi-me. A viagem correu rápida num trem ruidoso e festivo, velozmente arrebatado por uma locomotiva possante, e ao traçar estas notas rápidas do *Diário* não tenho sobre o dólmã uma partícula de pó. Pude observar com segurança a região atravessada. Pelo que consegui perceber, a partir de Camaçari, os terrenos antigos do litoral desaparecem prestes sobre grandes camadas terciárias de grés – um solo clássico de deserto –, em que os tabuleiros amplos se desdobram a perder de vista, malvestidos, às vezes, de uma vegetação torturada.

Em muitos pontos, porém, ilhados como oásis, uma povoação ridente ou um engenho movimentado e de plantação opulenta, indicam um afloramento de rochas cretáceas subjacentes, cuja decomposição determina a formação de um solo mais fértil. Em alguns cortes da estrada pareceu-me distinguir nitidamente a transição entre os dois terrenos: a minha observação, porém, já de si mesma resumida aos breves horizontes de imperfeitíssimos conhecimentos geológicos, fez-se em condições anormais na passagem rápida de um trem. Mudo cautelosamente de assunto.

A flora é variada e muda continuamente de aspecto – esparsa e rarefeita nos tabuleiros em que se alevantam as árvores pequenas das mangabeiras de folhas delicadas e cajueiros de galhos retorcidos, salpicada pelas flores rubras e caprichosas das bromélias – ela ostenta-se, nos terrenos em que despontam as rochas primitivas, exuberante, em grandes cerrados impenetráveis, sobre os quais oscilam as copas altas dos *dendezeiros* (*Elaeis*⁹ *guineensis*).

Nos pequenos banhados que em alguns pontos margeiam os aterros da estrada, vi, espalmadas, ajustadas como placas, na superfície lisa das águas, ninfêias de grandeza surpreendente.

9 Está, no jornal, *Elaeis*, forma que não encontra justificativa. N. do R.

Uma sucessão ininterrupta de quadros interessantes e novos destrói a monotonia da viagem.

A vizinhança de Pojuca é revelada por canaviais extensos que se estendem pelos plainos dos tabuleiros – miríades de folhas refletindo ao sol com um brilho de aço antigo, ondulantes, vacilando em todos os sentidos ao sopro da viração, um ciciar imenso e indefinido. Além do engenho central, uma casa apruma-se numa colina ligeira. Mal a observo. É uma vivenda histórica.

Recorda um belo nome de político honesto e incorruptível do passado regime. O ideal democrático melhor do que qualquer outro firma o culto dos grandes homens, fortalece a solidariedade humana e levanta a justiça suprema da posteridade: eu curvei-me ante a memória veneranda do Conselheiro Saraiva. Ainda não descí à concepção estreita de fazer de um grande dia, o 15 de Novembro, um valo entre duas épocas. Não há *autos-de-fé* na História.

Passemos adiante.

O aspecto do engenho central é animador, apesar de uma aparência modesta. Trabalhava quando chegamos e, por meio da movimentação complicada das máquinas, ouvimos a orquestração soberana do trabalho, alentadora e forte.

Interessantíssima a vila de Catu, casinhas brancas derramando-se por uma colina ligeiramente acidentada, encimada pela igreja matriz que tem à esquerda o clássico *barracão de feira*, inseparável de todas as cidades e povoações baianas.

Aqui chegamos às cinco e meia.

Alagoinhas é realmente uma boa cidade, extensa e cômoda, estendendo-se sobre um solo arenoso e plano.

Ruas largas, praças imensas; não tem sequer uma viela estreita, um beco tortuoso. É talvez a melhor cidade do interior da Bahia.

Convergem para ela todos os produtos das regiões em torno, imprimindo-lhe movimento comercial notável. Isto, porém, dá-se em condições normais.

Na quadra atual o *tabaréu* anda esquivo e foragido; a grande praça principal da cidade em cujo centro se levanta o *barracão de feira* de há muito não tem, aos sábados, a animação antiga. Cada trem que vai para

Queimadas repleto de soldados, cada trem que de lá volta repleto de feridos, é um espantinho assombroso para as populações sertanejas.

Esta situação lamentável reflete-se realmente sobre todas as cidades que se aproximam da zona agitada do sertão. Em todas a mesma apatia derivada de uma situação anormal e ameaçadora. Tanto quanto nós, a população laboriosa almeja, por isso, o termo da campanha.

* * *

Devo terminar estas notas registrando um fato que nos interessa muitíssimo. Há cerca de dez dias fui assaltado por uma notícia absolutamente inesperada.

Afirmava-se a deserção de grande número de praças do Batalhão de São Paulo, algumas das quais, em grupos dispersos, haviam sido presas na Feira de Santana. Faltou-me o ânimo para transmitir a deplorável nova; e foi bom. Transmito hoje a que a destrói inteiramente.

O Capitão Gomes Carneiro, do 15º de Infantaria – irmão do estrênuo lidador da Lapa –, acaba de chegar de Canudos e declarou-me haver encontrado o Batalhão Paulista nas paragens perigosas de Rosário. Declarou-me que o impressionou de um modo notável a aparência da força.

A despeito de longos dias de penosa marcha ela seguia numa ordem admirável – completa, disciplinada e robusta –, conduzindo e guardando cerca de setecentas reses, destinadas às forças em operações. E – garantiu-me o digno soldado – nos rostos abatidos pelas fadigas não havia a mais ligeira sombra de desânimo.

São 7½. Dentro de cinco minutos reataremos a marcha para Queimadas.

QUEIMADAS – 1º DE SETEMBRO

Encontramos esta localidade sem a agitação dos últimos meses. Voltou a primitiva quietude com a partida dos últimos batalhões, ontem realizada.

É pequeno e atrasado, vivendo em função da estação da estrada de ferro, este arraial obscuro – último elo que nos liga, hoje, às terras civilizadas.

A casaria – pobre, desajeitada e velha, agrupa-se em torno da única praça, grande mas irregular, transitoriamente animada agora pela passagem dos contingentes que trouxemos.

Em torno, amplíssimas, desdobram-se as caatingas. E não há a mais ligeira variante, a mais breve colina onde o olhar repouse exausto a dilatar-se pelos horizontes longínquos, cansado da monotonia acabrunhadora de extensos tabuleiros cobertos de arbustos requeimados.

Observar a povoação é mais monótono ainda. Não há um edifício regular, sofrível sequer.

O quartel-general está numa casinha baixa, de compartimentos minúsculos; a repartição telegráfica, numa melhor mas com a mesma feição deprimida.

Mal aparecem os habitantes, de sorte que a praça, rodeada de edifícios pequenos e imprestáveis, transitada apenas pelos soldados, é como o pátio de um quartel antigo e arruinado. Entretanto, quanta recordação, em torno.

Ali, em continuação à praça, acamparam sucessivamente todas as forças que aqui têm chegado e seguido para o sertão; um acervo informe de farrapos, trapos multicores de fardamento, botinas velhas, cantis arreventados, bonés inutilizados – esparsos, disseminados numa área extensa, indica a estadia¹⁰ das tropas que desde a segunda expedição ali têm acampado. Naquele solo comprimido confundiram-se, multiplicando-se em passadas inúmeras, os rastros de quinze mil homens. Impressiona a passagem pelo lugar onde se agitaram tantas paixões e se acalentaram tantas esperanças malogradas. Mais adiante, quem sobe pequena ondulação do terreno, divisa, retilíneo, prolongando-se numa extensão de dois quilômetros, um sulco largo de roçada, na caatinga: a linha de tiro em que se exercitou a divisão do General Artur Oscar. A um lado erige-se uma igreja humilde com o aspecto acaçapado de *barra-*

10 Em todas as obras de Euclides da Cunha aparece a forma *estadia*, onde deveria ser *estada*. N. do R.

cão de feira; nas paredes brancas, sobre a brancura da cal, a traços de carvão, numa caligrafia hieroglífica, ostenta-se a *verve*¹¹ áspera e característica dos soldados; todos os batalhões colaboraram na mesma página. Uma página demoníaca: períodos curtos, incisivos, assombrosos, arrepiadores, espetados em pontos de admiração maiores do que lanças...

Mais abaixo, caindo para a direita, uma vereda estreita e sinistra – a estrada para Monte Santo.

Percorri-a, hoje, pela manhã, até certa distância, a cavalo, e entrei pela primeira vez nas caatingas, satisfazendo uma curiosidade ardente, longamente alimentada.

* * *

Um quadro absolutamente novo; uma flora inteiramente estranha e impressionadora capaz de assombrar ao mais experimentado botânico.

De um sei eu que ante ela faria prodígios. Eu, porém, perdi-me logo, perdi-me desastradamente no meio da multiplicidade das espécies e atravessando, supliciado como Tântalo, o dédalo das veredas estreitas, ignorante e deslumbrado – nunca lamentei tanto a ausência de uma educação prática e sólida e nunca reconheci tanto a inutilidade das maravilhas teóricas com as quais nos iludimos nos tempos acadêmicos.

Percebi, entretanto, alguns traços característicos, frisando os aspectos principais desta vegetação interessante.

A constituição geológica do solo e as condições meteorológicas explicam-na de maneira notável. O terreno resume-se numa camada terciária de grés, tenuíssima às vezes, posta como uma capa ligeira e inconsistente sobre as rochas antigas que afloram em muitos pontos, definidas por um gnaisse de aspecto belíssimo sulcado caprichosamente pelas linhas de um feldspato cor de carne, ligeiramente desmaiada. As chuvas embebem durante algum tempo este solo a um tempo poroso e impermeável antes de descerem às camadas subjacentes. Prolongam-se, porém, muitas vezes, as secas, e, entre um chão inteiramente seco e uma

11 Embora dicionarizada, a palavra *verve* não é portuguesa. Mantivemos, por isso, o grifo do original. N. do R.

atmosfera cuja umidade é insignificante, a vegetação reflete singularmente a inclemência do meio.

E o que se sente observando esta multidão de árvores pequenas, diferenciadas em galhos retorcidos e quase secos, desordenadamente lançados a todas as direções, cruzando-se, trançados, num acervo caótico de ramos quase desnudados – é como um bracejar de desespero, a pressão de uma tortura imensa e inexorável.

A conservação individual e a da espécie adquirem por isto uma capacidade de resistência prodigiosa. A subdivisão enorme do caule em galhos inúmeros, revestidos de espinhos, exprime bem um trabalho de adaptação – a multiplicação exagerada dos órgãos destinados ao aproveitamento de elementos de vida escassamente disseminados no ar. Por outro lado, as sementes raramente apresentam-se desguarnecidas e têm em si mesmas a faculdade de espalharem-se na terra.

Na rápida travessia que acabo de fazer avaliei bem as dificuldades da luta em tal meio.

A cada passo uma cactácea, de que há numerosas espécies, além dos *mandacarus* de aspecto imponente, dos *xiquexiques* menores e de espinhos envenenados que produzem a paralisia, dos *quipás* reptantes e traiçoeiros, das *palmatórias* espalmadas, de flores rubras e acúleos finíssimos e penetrantes. Expressiva e feliz a denominação de *cabeça-de-frade* dada a uma espécie anã, cujos gomos eriçados de espinhos não destroem a forma esférica tendendo ligeiramente para a de um elipsóide.

Parecem cabeças decepadas esparsas à margem dos caminhos. Encima-as uma única flor, de um vermelho rutilante, como uma coroa, ensangüentada, aberta.

Este vegetal túmido de seiva procura de preferência terrenos absolutamente exsiccados.

Neste sentido fiz uma observação que jamais deixará de ser comprovada: do mesmo modo que a *canela-de-ema* (*Vellozia*), no norte de São Paulo, caracteriza a região dos quartzitos, a *cabeça-de-frade*, com uma constância singular, aparece invariavelmente quando por meio das camadas de grés despontam os terrenos graníticos antigos.

E surge ora sobre a camada pouco profunda que reveste a rocha, ora sobre ela mesma. A mais estreita frincha, na pedra inteiramente

nua, que permita a intrusão das raízes longas e finíssimas, determina-lhe o aparecimento.

Certos lugares são realmente impenetráveis – as *macambiras*, com a feição exata de ananases bravos, formam sebes compactas, intransponíveis, sobretudo quando nelas enredam-se as folhas de estomas longos¹² do *cansação* urticante, dolorosíssimo, queimando como um cautério ou cáustico abrasado.

É uma flora agressiva.

As próprias *umburanas* de casca lustrosa e de madeira compacta quase sem fibras, como uma massa homogênea e plástica com a qual o *tabaréu* ardiloso faz até sinetes admiráveis; as próprias *quixabas* de folíolos pequenos e pequenos frutos pretos e brilhantes como ônix – revestem-se de espinhos.

Agressiva para os que a desconhecem – ela é providencial para o sertanejo.

O viajante desgarrado numa *travessia*, atravessa em certas quadras, durante muitos dias, os vastos *tabuleiros*, livre de dificuldades.

Extinguem-lhe a sede as folhas ácidas e as raízes úmidas do *umbu*, os caules repletos de seiva dos *mandacarus*; alimentam-nos fartamente os cocos de *licuri*, as pinhas silvestres do *araticum*, os frutos da *quixaba*, da *mari* ou das *mangabeiras* de folhas delicadas e galhos pendidos como os dos salgueiros.

As folhas grandes e resistentes do *icó* cobrem-lhe a cabana provisória e sustentam-lhe o cavalo; o *caroá* de fibras longas permite-lhe obter rapidamente cordas flexíveis e fortes. E se, à noite, ao atravessar uma paragem desconhecida houver necessidade de aclarar o caminho basta-lhe quebrar e acender prontamente um galho verde de *candombá*, e agitar logo depois um facho rutilante...

* * *

Por mais singular que seja a afirmativa, nada de novo vim aqui saber sobre os negócios de Canudos.

12 Lê-se, no jornal, *estomas longas*, erro que não pode ser de Euclides. N. do R.

Notei apenas, tratando com os velhos habitantes de Queimadas, que a influência do Conselheiro é mais ampla do que supunha.

Dizem eles que há meses, promanadas de muitos pontos, passaram por esta povoação verdadeiras romarias em direção de Canudos. Uma imigração perfeita.

Lugares remotos, como o Mundo Novo e Entre Rios, ficaram, por assim dizer, desertos. As povoações relativamente mais próximas, como Inhambupe, Tucano e Cumbe, perderam igualmente grande número de habitantes.

Homens, mulheres e crianças, velhos trôpegos e titubeantes, moços robustos e desempenados – carregando imagens de todos os tamanhos e de todos os santos, acurvados sob andores, passaram, cruzeiros alçados à frente, entoando ladainhas, lentamente, pelas estradas. Teve, este fato, muitas testemunhas que aqui estão, contestes.

Sob uma atração irresistível famílias inteiras mudaram-se para Canudos que cresceu bruscamente em poucos meses, porque a edificação rudimentar permitia que a multidão sem lar fizesse uma média de doze casas por dia.

O fato é assombroso mas acordam, expondo-o, todos os informantes. Não é de espantar a ninguém a resistência espantosa desdobrada.

Além disto o homem do sertão tem, como é de prever, uma capacidade de resistência prodigiosa e uma organização potente que impressiona. Não o vi ainda exausto pela luta; conheço-o já, porém, agora em plena exuberância da vida. Dificilmente se encontra um espécime igual de robustez soberana e energia indômita.

Pela janela entreaberta vejo neste momento um deles, a cavalo, no meio da praça, todo vestido de couro. É um vaqueiro inofensivo, pendendo-lhe à mão direita a longa vara arpoada, o *ferrão*. Acaba de conduzir para Monte Santo cento e tantos bois destinados ao exército. É um nosso aliado, portanto.

Imóvel sobre a sela, todo vestido de couro, calçando botas que sobem até a cintura, chapéu de abas largas meio inclinado sobre a frente – a véstia rústica de um vermelho escuro imprime-lhe o aspecto de um cavalheiro antigo coberto ainda da poeira da batalha.

Considerando-o penso que a nossa vitória, amanhã, não deve ter exclusivamente um caráter destruidor.

Depois da nossa vitória, inevitável e próxima, resta-nos o dever de incorporar à civilização estes rudes patrícios que – digamos com segurança – constituem o cerne da nossa nacionalidade.

QUEIMADAS – 2 DE SETEMBRO

Acabo de obter as seguintes informações sobre as coisas em Canudos; são informações seguras. As forças continuam nas mesmas posições aguardando o resto de reforços para o ataque definitivo, ou complemento do cerco.

De dois em dois dias os *jagunços* atacam, à noite, a artilharia estacionada dentro do arraial; são ataques tenazes e constantes. Disse um prisioneiro que no espaço intermédio existem munições enterradas, o que justifica o açodamento e constância manifestados.

Têm-se distinguido extraordinariamente na luta os batalhões 12º, 25º, 30º e 31º de Infantaria. O Tenente-Coronel Tupi Caldas, comandante do 30º, foi atingido por quatro balas de um modo interessante: uma atravessou-lhe o chapéu, outra passou-lhe pelo flanco produzindo ligeira escoriação, uma outra, passando a uma linha dos olhos, determinou ligeira irritação apenas e a última, batendo em cheio, amolgou-se na chapa do talim. O bravo comandante não fraqueia, porém, no arrojo e no ímpeto guerreiro.

O Batalhão Paulista foi atacado nas proximidades do arraial. Repeliu o inimigo e não perdeu um único soldado. Foi recebido com entusiasmo pelas forças em operações.

Não se tocam mais sinos nem se entoam rezas em Canudos: à noite não brilha a menor luz – o arraial desaparece silenciosamente na sombra.

Não há epidemias; o estado sanitário das forças é, até hoje, o melhor possível.

Confirma-se a notícia de que Antônio Conselheiro está coagido; quis entregar-se, no que foi impedido por um explorador perigoso – Vilanova.

Entram e saem diariamente grupos numerosos na povoação.

Devem chegar, hoje à tarde ou amanhã, aqui, algumas prisioneiras.

A água continua rara e de obtenção difícil, adquirida em cacimbas abertas no leito seco do Vaza-Barris.

* * *

Quase que posso garantir que a luta não terminará pela exaustão lenta do inimigo, preso nas malhas de ferro de um assédio regular.

Este plano, efficacíssimo embora e apto para diminuir o sacrifício das vidas, tem o inconveniente de prolongar a campanha por muito tempo – inconveniente sério porque de outubro em diante começa na região de Canudos o regime das grandes trovoadas e chuvas torrenciais.

No leito, seco agora, dos regatos correm então rios de águas velozes e barrentas e o Vaza-Barris, avolumando-se repentinamente, transmuta-se todo ele numa onda imensa e dilatada, rolando impetuosamente entre as gargantas das serras, expandindo-se nos plainos – intransponível, enorme. E quando as torrentes se extinguem bruscamente, porque o turbilhão das águas se esvai no São Francisco com a mesma celeridade com que aparece, surgem outros perigos ainda mais sérios.

Sob a adustão dos dias ardentes, cada banhado, cada regato *cortado*, cada sanga umedecida, cada atascadeiro das estradas, cada cacimba aberta na pedra, cada poça de água é um laboratório infernal, destilando a febre que irradia, latente, nos germes do impaludismo, profusamente disseminados nos ares, ascendendo em número infinito de cada ponto onde bata um raio de sol e descendo depois sobre as tropas, multidão enorme, milhares de organismos nos quais as fadigas determinam uma receptividade mórbida extraordinária.

Canudos cairá pelo assalto. Assalto violento, brusco e rápido, porque vencido o inimigo que pode ser vencido, morto o inimigo que pode ser morto, restar-nos-á, eterna e invencível, envolvendo-nos inteiramente, num assédio mais perigoso, essa natureza antagonista, bárbara e nefasta, em cujo seio atualmente cada *jagunço* parece realizar o *mito* extraordinário de Anteu.

Tanto quanto for possível, logo após a queda do arraial, as tropas refluirão bruscamente para Monte Santo e Queimadas.

* * *

Ontem à tarde, novo passeio, a cavalo, pelas caatingas. Estou me exercitando nas dificuldades de que estão crivadas. Ontem, por exemplo, depois de rompermos habilmente por meio de inúmeras sebes agrestes, eivadas de espinhos, paramos, estacamos, eu e quatro companheiros de excursão, ante uma barreira impenetrável. Realmente, o *facão jacaré* mais afiado e mais destramente manejado não abre um atalho no cerrado trançado das *juremas*.

Voltamos. Encontrei na volta um novo espécime desta flora agressiva, espécime que não citei na carta que ontem escrevi daqui – a *favela*, cuja folha sobre a pele, ao mínimo contato, é um cáustico infernal, dolorosíssimo e de efeitos prolongados.

Fomos até o Itapicuru de margens ridentes e pitorescas, em cujo seio afloram ilhas de belíssimos gnaisses a que me referi ontem. Recolhi um pouco de areia claríssima, destinada ao exame futuro de pessoa mais competente.

Voltamos ao anoitecer. O *Cruzeiro do Sul*, muito alto, irradiava serenamente no espaço, envolvendo nas mesmas cintilações a mim e aos entes queridos que aí estão, tão longe...

QUEIMADAS – 3 DE SETEMBRO¹³

A nossa viagem foi transferida para amanhã, sábado. Estimei. Nestas paragens remotas todos nós temos uma revivescência de velhos erros: estava vendo já com maus olhos esse início de viagem numa sexta-feira. E neste momento mesmo lembro-me, com um ligeiro sobresalto, que esta carta é a 13ª que para aí envio...

A Arcádia viu-nos nascer a todos, disse Schiller; não há espírito emancipado que não tenha, mesmo em virtude da lei geral da

13 O mesmo exemplar d'O Estado de S. Paulo (14 de setembro de 1897) estampa a correspondência dos dias 2, 3 e 4 desse mês. Apenas na primeira há indicação do local de origem (Queimadas), embora seja evidente a procedência comum de todas. N. do R.

inércia, de ceder, em muitas ocasiões, à fantasia caprichosa ou enganadoras idealizações.

Não divaguemos, porém.

Acabam de chegar, há meia hora, nove prisioneiras; duas trazem ao seio crianças de poucos meses, mirradas como fetos; acompanham-nas quatro pequenos de três a cinco anos. O menor de todos, chama-se José. Assombra: traz à cabeça, descendo-lhe até aos ombros, um boné de soldado. O boné largo e grande demais oscila a cada passo; alguns circunstantes têm a coragem singular de rir – a criança volve o rosto, procurando vê-los e os risos cessam: a boca é uma chaga, foi atravessada por uma bala!

Das mulheres oito são monstros envoltos em trapos repugnantes; fisionomias duras de viragos de olhos zanagas ou traiçoeiros. Uma, porém, destaca-se. A miséria e as fadigas cavaram-lhe o rosto mas não destruíram a mocidade; a formosura ressurgiu, imortal, a despeito das linhas vivas dos ossos apontando duramente no rosto emagrecido e pálido. Olhos grandes e negros em que se reflete uma tristeza soberana e profunda.

Satisfez a curiosidade dos circunstantes contando uma história simples; uma tragédia em meia dúzia de palavras; um drama quase banal agora, com o epílogo obrigado de uma bala certa de Mannlicher ou estilhaço de granada.

Nem vale a pena narrá-lo.

O dia esgota-se em preparativos de viagem.

QUEIMADAS – 4 DE SETEMBRO

Partimos dentro de meia hora.

Metade da comitiva, já montada, atravessa em todas as direções a praça, numa confusão ridendo de uniformes multicores. Não poderíamos desejar melhor dia de viagem. É talvez um bom vaticínio esta manhã clara e ridendo que nos rodeia agora.

TANQUINHO – 4 DE SETEMBRO

São dez horas da noite. Traço rapidamente estas notas sob a ramagem opulenta de um juazeiro, enquanto, em torno, todo o acampamento dorme.

Tanquinho é positivamente um lugar detestável e o viajante que vence as cinco léguas que o separam de Queimadas tem a pior das decepções ante esta lúgubre tapera de duas casas abandonadas e estruídas, quase invadidas pela galhada áspera e inextricável do *alecrim-dos-tabuleiros* de cujo seio emergem cactos esguios imprimindo à paisagem uma feição monótona e tristíssima.

Chegamos à uma hora da tarde, depois de cinco horas de viagem sob um sol abrasador, por meio das caatingas intermináveis, por uma estrada magnífica, é certo, mas cujo leito arenoso multiplica enormemente os ardores da canícula.

Trouxe longamente sofreada uma sede indefinível.

Não se pode avaliar, de longe, o que é uma viagem nestas regiões estéreis onde não se encontra o mais exíguo regato, o mais insignificante filete de água. Apenas em raros pontos deparamos com minúsculas lagoas já numa transição perfeita para pântanos, com a superfície líquida revestida da vegetação característica.

Em uma delas – surgindo como todas nos pontos em que afloram, rompendo as camadas de grés, largas bossas de terreno granítico – aventurei-me a satisfazer a sede.

Ao desarmar, porém, subseqüentemente o filtro Grandjean, fiquei aterrado ante a crosta impura deposta sobre a placa: um microscópio vulgar ali descobriria dez espécies de algas. Sem exagero, este primeiro dia de viagem – que é um idílio ante os que nos aguardam – patenteia já todos os tropeços que se antolharam às expedições anteriores. E somos uma comitiva pequena, perfeitamente disposta, ligada pela melhor cordialidade, trazendo todos os recursos, perfeitamente montada.

O Marechal Bittencourt e mais alguns companheiros resistem galhardamente; alguns, porém, já se sentem extenuados.

Avistamos o Tanquinho com a íntima satisfação dos que se dirigem para um *oásis*. Antes seguíssemos, porém, a despeito do cansaço e do calor, demandando um ponto mais remoto.

Vou riscar da minha carta o pequeno círculo com que condecorei esse lugar maldito e substituí-lo por um ponto imperceptível. Que todos os viajantes fujam destas duas casas velhas e acaçapadas em cuja frente os *mandacarus* esguios alevantam-se silentes e rígidos, como imensos candelabros implantados no solo, segundo a bela comparação de Humboldt.

Às sete horas da noite, em companhia do comandante do Regimento Policial da Bahia e dois companheiros do Estado-Maior, dirigi-me ao *tanquinho* que batiza o lugar.

Naquele ponto, irrompendo entre possante camada de grés, surge uma apófise do terreno granítico subjacente. O tanquinho tem provavelmente como leito a rocha impermeável. Rodeado de *mandacarus* (tristes vegetais que são uma obsessão quase para o viajante) dificilmente se pode imaginar a feição lúgubre do lugar naquela hora.

Alguns doentes, que seguem para Queimadas, ali pousavam e, acesas as fogueiras em torno das quais passam a noite, formavam à claridade indistinta das chamas – acorados uns perto do fogo, caminhando outros claudicantes e vagarosos mais longe, projetando sobre a superfície das águas as sombras disformes – um conjunto trágico e interessante.

Ao abeirar-me sequioso da borda do pântano, uma múmia coberta de trapos ergueu-se, tentando fazer a continência militar.

Examinei-o e tive a fraqueza de deixar transparecer, talvez, invencível repugnância ao pensar que ia beber no mesmo lugar em que tocaram aqueles lábios gretados pela febre. Atirei porém, corajosamente, na água o tubo do filtro, sugando um líquido que tem saciado a todos os cavalos e lavado a todos os feridos das expedições anteriores.

É uma água pesada que não extingue a sede.

Às 8 horas todo o acampamento dormia.

Consulto o meu aneróide e vejo que estamos a 30 metros sobre Queimadas.

Escritas estas notas, não sei se poderei dormir.

Felizmente um céu fulgurante e amplo é o dossel do meu leito rude de soldado – um selim, uma manta e um capote.

Órion fulgura prodigiosamente belo a pequena altura sobre o horizonte, e eu irei afugentar as saudades profundas evocando noções quase apagadas de astronomia, percorrendo numa romaria olímpica os céus – perdido, entre as estrelas...

CANSANÇÃO – 5 DE SETEMBRO

Aqui chegamos às 9 horas da manhã – esplêndida manhã! – caminhando duas léguas a partir do Tanquinho. Cansanção, felizmente, já merece o nome de povoado. Tem onze casas, algumas cobertas de telhas, e um armazém paupérrimo no qual entramos com a mesma satisfação com que aí se penetra no *Progrebior*. Sentimo-nos deslumbrados ante as prateleiras toscas e desguarnecidas.

A povoação erige-se numa mancha de terreno argiloso – largo hiato no deserto de grés que a rodeia; e tem uma feição ridente erguida numa breve colina de onde se descortinam horizontes indefinidos. Nem uma elevação regular, porém, perturba a monotonia de um solo chato – sucessão ininterrupta de tabuleiros imensos.

A população, membros de uma só família, vivendo sob um regime patriarcal e primitivo, recebeu-nos numa quase ovação – capitaneada pelo chefe, o velho Gomes Buraqueira, que apesar dos oitenta anos bem contados alevantou, por três vezes, num amplexo formidável, a um metro de altura, o Coronel Calado.

Dois frades franciscanos, alemães, ainda bem moços, aqui estão com o intuito nobilíssimo de cuidar dos feridos que não possam vingar a distância de Monte Santo a Queimadas. Vieram convidar o ministro e todos para assistirem à missa. Assistimos.

Há quantos anos tenho eu passado indiferente, nas cidades ricas, pelas opulentas catedrais da cruz?

E assisti à missa numa saleta modesta, tendo aos cantos espingardas, cinturões e cantis e um selim suspenso no teto – servindo uma mesa tosca de altar e estando nove décimos dos crentes fora, na rua, ajoelhados. E ajoelhei-me quando todos se ajoelharam e bati, como todos, no peito, murmurando com os crentes o *mea culpa* consagrado.

Não me apedrejeis, companheiros de impiedade; poupai-me, livres-pensadores, iconoclastas ferozes! Violento e inamolgável na luta franca das idéias, firmemente abroquelado na única filosofia que merece tal nome, eu não menti às minhas crenças e não traí a nossa fé, transigindo com a rude sinceridade do filho do sertão...

Depois da cerimônia, passeamos pelos arredores e saciamos largamente a sede, agravada por um *churrasco* magnífico de novilho sadio, morto e assado em menos de uma hora.

Dentro de uma hora (são duas horas da tarde) reataremos a marcha devendo chegar hoje mesmo a Quirinquinquá.

Consulto o meu aneróide: altura sobre o nível do mar 395 metros.

A subida do terreno na direção média que levamos, leste-oes-te, é, como se vê, insensível mas contínua.

QUIRINQUINQUÁ – 5 DE SETEMBRO

Aqui chegamos às 7 horas e 38 minutos da noite, andando, a partir de Cansação, cinco léguas extensas, léguas de *tabaréu*, que valem 8 quilômetros cada uma.

O terreno vai-se pouco a pouco modificando, as caatingas tornam-se mais altas numa passagem franca para *cerrados* e o terreno mais movimentado. Encontramos as primeiras rampas fortes da estrada. Do meio do caminho, perto da Lagoa de Cima, começa-se a avistar, belíssima, fechando o horizonte para nordeste, a serra de Monte Santo. Predominam na flora novos espécimes; começam a aparecer em maior número os *angicos* de folhas miúdas e porte elegante, as *baraienas* altas, as *caraíbas* de folhas lanceoladas e *caçuquingas* de cheiro agreste e agradável. A três quilômetros de Quirinquinquá o terreno granítico aflora dominando a consti-

tuição do solo. A rocha tem para mim um aspecto novo; está cavada em muitos pontos em caldeirões de grandeza variável, nos quais se acumulam as águas da chuva. São reservatórios providenciais. Estão todos toscamente cobertos: algumas pedras sobre paus dispostos paralelamente.

Quirinquinquá, incomparavelmente superior ao Tanquinho, tem um horizonte menos monótono que Cansação.

A viagem segue sem incidentes notáveis. O acampamento, à noite, patenteia magnífico aspecto, diferenciado em grupos animados, conversando ruidosamente enquanto a soldadesca adestrada cuida da cavallhada extenuada.

Abrigados uns nas duas casas da fazenda graciosamente cedidas, dormindo outros ao relento, em redes ou sobre os apetrechos da montaria, vamos atravessar mais uma noite, a última, felizmente, desta viagem. Partiremos amanhã cedo para Monte Santo.

MONTE SANTO – 6 DE SETEMBRO ¹⁴

Finalmente chegamos, às nove horas da manhã, à nossa base de operações, depois de duas horas de marcha.

Ninguém pode imaginar o que é Monte Santo a três quilômetros de distância. Ereta num ligeiro socalco, ao pé da majestosa montanha, a povoação, poucos metros a cavaleiro sobre os tabuleiros extensos que se estendem ao norte, está numa situação admirável. Não conheço nenhuma de aspecto mais pitoresco que o deste arraial humilde, perdido nos seios dos sertões. O viajante exausto, esmagado pelo cansaço e pelas saudades, sente um desaforo imenso ao avistá-lo, depois de galgar a última ondulação do solo, com as suas casas brancas e pequenas, caindo por um plano de inclinação insensível até à planície vastíssima.

14 A edição de 22 de setembro de 1897, d'O Estado de S. Paulo, publicou esta carta, que não constou das edições anteriores, em livro. Copiamo-la da coleção do jornal e, segundo nos informou o Prof. José Calazans, parte dela foi publicada pelo *Diário de Notícias*, da Bahia. N. do R.

Na montanha, a um lado, ressalta logo à vista um quadro interessante e novo.

Galgando-a, primeiro numa direção, depois noutra, em ziguezague, até vingar a encosta e subindo depois pelo espigão afora até a ponta culminante da serra, aprumam-se vinte e quatro capelas, alvíssimas, destacando-se nitidamente num fundo pardo e requeimado de terreno áspero e estéril.

Não me demorarei, porém, neste assunto, do qual tratarei com mais vagar.

Quando entramos, formavam na praça 1.900 homens sob o comando do Coronel César Sampaio. À frente dos batalhões paraenses avultava o Coronel Sotero de Meneses – um chefe e um soldado como há poucos. Divisei logo, à frente do Batalhão do Amazonas, um digno companheiro dos velhos tempos entusiastas da propaganda, Cândido Mariano, contemporâneo de escola.

Houve um entusiasmo sincero e ruidoso quando, num movimento único, as mil e novecentas baionetas, num cintilar vivíssimo, desceram rápidas dos ombros dos soldados, aprumando-se na continência aos generais – numa ondulação luminosa, imensa.

Atravessamos, a galope, pela frente das tropas e paramos afinal diante do único sobrado, nobilitado com o título pomposo de quartel-general.

Apeei-me imediatamente e achei-me entre antigos companheiros, de há muito ausentes. Que diferença extraordinária em todos!

Domingos Leite, um belo tipo de *flaneur*, folgazão nos bons tempos da escola, um devoto elegante da Rua do Ouvidor, abraçou-me e não o conheci. Vi um homem estranho, de barba inculta e crescida, rosto pálido e tostado, voz áspera, vestindo bombachas enormes, coberto de largo chapéu desabado. Está aqui desde a Expedição Moreira César, na faina perigosa e tremenda da Engenharia militar, a traçar estradas no deserto, correndo linhas telegráficas, dirigindo comboios por veredas difíceis, nas quais o bacharel em Matemática teve muitas vezes de empunhar o ferrão e transformar-se em carreiro.

Abracei comovido o antigo colega em quem as fadigas não destruíram a jovialidade antiga.

Como se muda nestas paragens!

Gustavo Guabiru, outro engenheiro militar, foi uma vez encontrado por um contingente da Força Policial da Bahia em tal estado que foi preso como *jagunço*. E não teve meios de convencer aos soldados do engano em que haviam caído.

Encontrei, perto de Quirinquinquá, na estrada, quando vínhamos, Coriolano de Carvalho, ex-governador do Piauí, e respondi-lhe ao cumprimento sem o conhecer absolutamente na ocasião.

O Capitão Sousa Franco, um dos nossos melhores oficiais de cavalaria, transmudou-se num velho inútil e combalido.

Parece que esta natureza selvagem vai em todos imprimindo uma feição diversa.

O Major Martiniano, comandante da praça, um tipo desempenado de soldado que sempre vi, desde os tempos acadêmicos, no Rio, de boné atrevidamente inclinado “a três pancadas”, substituiu o antigo cavanhaque negro por uma barba branca. Está velho; está aqui há poucos meses.

A cor muda revestindo-se de tons ásperos de bronze velho; como que mirram as carnes e os ossos incham; rapazes elegantes transformam-se rapidamente em atletas desengonçados e rígidos...

Quase que se vai tornando indispensável a criação de um verbo para caracterizar o fenômeno. O verbo “ajagunçar-se”, por exemplo. Há transformações completas e rápidas.

O representante da *Notícia*, Alfredo Silva, assombrou-me: está num descambar irresistível para o tipo geral predominante – barba crescida, chapelão de palha, paletó de brim de cor inclassificável, bombachas monstruosas.

E cada um anda por aqui perfeitamente à vontade. Monte Santo é como uma única casa, imensa e mal dividida, com inúmeros cubículos, de uma só família de soldados.

Nada ainda poderei adiantar sobre a situação.

* * *

As informações que hoje obtive são pouco animadoras. Falo baseado no critério seguro de colegas que lá estão há meses, que de lá

voltaram ontem, e que pela educação que possuem podem ajuizar com firmeza sobre os acontecimentos que presenciaram.

Imaginem que, enquanto o Exército lhes ocupa grande parte de casas e os fulmina cotidianamente, num bombardeio incessante, os fanáticos distribuem de um modo notável a atividade, revezando-se, da linha de fogo para o campo onde cultivam mandiocas, feijão e milho!

Fazem roças que devem ser colhidas no ano vindouro!

Ora, esse assédio platônico que fazemos, parece que não perderá tal feição ainda quando cheguem a Canudos todas as forças com um efetivo de pouco mais de oito mil homens. Os meus colegas que ali andam, há meses, de bússola e aneróide em punho, garantem-me que o cerco regular exige um *minimum* de vinte e cinco mil homens. Porque o *jagunço* não tem apenas três ou quatro estradas para o acesso ao povoado, tem um número incalculável delas – qualquer ponto por mais escabroso é-lhe francamente praticável.

Resta o recurso de um assalto impetuoso, rápido e firmemente sustentado; não há outro.

O ataque será fatalmente mortífero. Basta examinar-se uma planta do imenso arraial. Canudos está militarmente construído e uma estampa que por aí anda nada traduz, absolutamente, de sua feição característica.

As casas, aparentemente em desordem, dispõem-se umas relativamente às outras, de modo tal que de qualquer das quatro esquinas de qualquer delas, o inimigo, sem mudar de lugar, rodando apenas sobre os calcanhares, atira para os quatro pontos do horizonte. É o que me afirmou um homem inteligente e engenheiro distinto – o Coronel Campelo França.

E se aliarmos a essa disposição, adrede preparada, a conformação bizarra do solo, definida por ondulações ligeiras e numerosas, cruzando-se em todos os sentidos, compreenderemos bem todas as dificuldades do combate.

É absolutamente necessário, entretanto, que ele se realize, quanto antes. Eu estou firmemente convencido que as nossas tropas não podem permanecer por dois meses no máximo, nestas paragens ingratas, apesar do estoicismo e abnegação revelados pelos seus chefes.

As dificuldades de transportes de munições de guerra e de boca podem, em parte, ser debeladas. Há tropeços, porém, irremediáveis, absolutamente insanáveis, e entre estes, espantinho que aterra a todos que vêm ou seguem para Canudos, a sede; sede devoradora e inextinguível que tem torturado a todos os combatentes.

Os pequenos pântanos, que ainda existem nas estradas, além de quase exauridos têm no seio toda sorte de germes de infecção. Num deles, um dos melhores, perto de Juetê, contam companheiros recém-vindos que viram, estendido horizontalmente na borda, a boca mergulhada na água esverdeada, o cadáver de um varioloso que até ali se arrastara, impellido pela sede ardente da febre e morrera.

Outros guardam no fundo, traiçoeiramente ocultos pela perfídia assombrosa do *jagunço*, cadáveres de homens e cavalos, numa decomposição lenta e nefasta.

Se as chuvas sobrevierem, desaparecerão estes inconvenientes, mas surgirão outros.

Imaginemos um só.

O Vaza-Barris, avolumando-se desmedidamente, cortará de todo as comunicações entre o exército sitiante e a base de operações. Só por um milagre da Engenharia, num lugar em que escasseiam materiais e pessoal adestrado, podem ser elas restabelecidas por uma ponte que deve ser feita no prazo mínimo de oito dias, com todas as condições de resistência definida pela carga perigosa da tropa em marcha, sob as balas certeiras e constantes dos fanáticos!

Não exagero perigos; mas o otimismo seria um crime nesta quadra. Além disto a maioria republicana da nossa terra precisa conhecer toda a verdade desta situação dolorosa, pela voz ao menos sincera dos que aqui estão prontos para compartirem do sacrifício nobilitador pela República.

Não sabemos ainda se o Marechal Bittencourt irá até Canudos; se esta resolução for tomada revestirei a minha incapacidade física com a minha capacidade moral e não abandonarei os dedicados companheiros.

Amanhã continuarei estas notas que, com certeza, aí vão chegar com grandes intervalos, porque o serviço de correios aqui é péssimo e moroso.

MONTE SANTO – 7 DE SETEMBRO

Uma alvorada triste.

No entanto vibravam nos ares as notas metálicas de seis bandas marciais e a manhã rompeu entre os deslumbramentos do oriente, expandindo-se num firmamento sem nuvens.

Olhando em torno, o que se observa é o mais perfeito contraste com a feição elevada desta data ruidosamente saudada.

As impressões aqui formam-se por meio de um jogo persistente de antíteses. Situada num dos lugares mais belos e interessantes do nosso país, Monte Santo é simplesmente repugnante. A grande praça central ilude à primeira vista. Quem ousa atravessar, porém, as vielas estreitíssimas e tortuosas que nela afluem é assoberbado por um espanto extraordinário. Não são ruas, não são becos, são como que imensos encanamentos de esgoto, sem abóbadas, destruídos.

Custa a admitir¹⁵ a possibilidade da vida em tal meio – estreito, exíguo, miserável – em que se comprimem agora dois mil soldados, excluído o pessoal de outras repartições, e uma multidão rebarbativa de megeras esqueléticas e feias na maioria – fúrias que encaçam o exército. E todo esse acervo incoerente começa, cedo, a agitar-se, fervilhando na única praça, largamente batida pelo sol. Confundem-se todas as posições, acotovelam-se seres de todos os graus antropológicos.

Passam oficiais de todas as patentes e de todas as armas, passam carreiros poentos e cansados, passam mulheres maltrapilhas, passam comerciantes, passam soldados a pé e a cavalo, feridos e convales-

15 Confira-se, n'Os *Sertões*, quando é traçado o perfil do Coronel Moreira César, construção semelhante: "Os que o viam pela primeira vez custavam a admitir...", corrigida na 2ª edição para "Os que o viam pela primeira vez, custava-lhes admitir...", com nota do Autor no final do livro.

centes; e cruzam-se em todos os sentidos, atumultuadamente, num baralhamento desordenado e incômodo de feira concorrida e mal policiada.

E isto todos os dias, no mesmo lugar, às mesmas horas – e são os mesmos indivíduos, vestidos do mesmo modo, estacionando nos mesmos pontos...

Tem-se a sensação esmagadora de uma imobilidade do tempo.

A terra realiza a sua rotação eterna, os dias sucedem-se astromicamente, mas não mudam aqui. Parece que é o mesmo dia que se desdobra sobre nós – indefinido e sem horas –, interrompido apenas pelas noites ardentes e tristes.

E quando o sol dardeja alto, ardentíssimo num céu vazio, tem-se a impressão estranha de um *spleen* mais cruel do que o que se deriva dos nevoeiros de Londres; *spleen* tropical feito da exaustão completa do organismo e do tédio ocasionado por uma vida sem variantes.

* * *

Nem uma só notícia de Canudos.

Os que lá se acham têm ao menos a diversão perigosa dos assaltos.

E não suponham que eles não se realizem diariamente quase.

Às vezes, toda a linha das nossas forças, que tem uma extensão aproximada de dois quilômetros, é, simultaneamente, à noite, atacada vigorosamente, em todos os pontos. Esse fato, que se tem reproduzido, combate de algum modo a opinião dos que julgam diminuto o número atual de fanáticos.

As antigas forças, que lá estão desde o princípio, afeiçoaram-se já, numa rude aprendizagem, a essas surtidas noturnas e repelem-nas brilhantemente, com uma mestria notável – deixando aproximar-se o assaltante e fulminando-o, muitas vezes à queima-roupa, em tiros certos, aproveitados todos. Estão perfeitamente disciplinadas para os ataques traiçoeiros. Não acontece, porém, o mesmo com as recém-chegadas; o que é natural.

Pagam ainda o tributo do sobressalto repentino e brusco.

Os corpos da ex-Brigada Girard e o Batalhão de São Paulo, que ocupam os flancos da linha, respondem ainda aos assaltos com

descargas cerradas, tiros perdidos na noite, desperdício inútil de balas. Os novos combatentes adaptar-se-ão, porém, como os outros, à situação.

Já temos alguns batalhões, entre os quais o 25º, o 32º e o 27º, que copiam de uma maneira admirável o modo de agir do inimigo. Dispersam-se como ele nas caatingas e caçam-no também como ele nos caça; deslizam como ele, destramente, entre os espinhos, de rastros, cozidos com o chão, acobertando-se em todos os acidentes do solo, engrimponando-se na galhada inextricável das umburanas; rápidos como ele, como ele aparecendo e desaparecendo de um modo fantástico, pondo a astúcia diante da astúcia, jogando a cilada contra a cilada.

Uma aprendizagem perfeita com instrutores selvagens.

Porque devemos dizê-lo – ninguém deve acreditar que os *jagunços* combatam sem ordem; há leis naquele tumulto aparente; na ordem dispersa em que se dispõem, invariavelmente, o trilar dos apitos determina evoluções rápidas corretamente executadas, dilatando, encurtando, fazendo avançar ou retroceder, movimentando em todos os sentidos, vertiginosamente, as linhas de atiradores perfeitamente dispostas.

Antônio Conselheiro percebeu as desvantagens de uma luta leal e franca com os nossos soldados – e declarou solenemente aos bárbaros que o combatente degolado não teria as recompensas de uma vida futura. Daí a celeridade com que fogem os *jagunços* quando ao toque de *degola!* os soldados se embrenham de baionetas caladas pelas caatingas.

Os resultados desse estratagema têm sido, como é sabido, extraordinários.

MONTE SANTO – 8 DE SETEMBRO

Quem sobe a longa via-sacra de três quilômetros de comprimento, ladeada de capelas desde a base até ao cimo, do Monte Santo, compreende bem a tenacidade incoercível do sertanejo fanatizado. É dificilmente concebível o esforço despendido para o levantamento dessa maravilha dos sertões.

Amparada aos dois lados por muros de alvenaria, capeados, de um metro de altura por um de largura, calçada em certos trechos, tendo noutros como leito a rocha viva, essa estrada notável, onde têm ressoado as ladainhas das grandes procissões da Quaresma e passado legiões incalculáveis de penitentes, é um milagre de engenharia rude e audaciosa. Percorri-a toda, hoje.

Começa investindo francamente contra a montanha, seguindo a normal de máximo declive, com uma rampa de cerca de 20 graus; na quinta capela inflete à esquerda e progride com uma inclinação menor; volta depois, mais adiante, bruscamente para a direita, numa diminuição contínua de declive até ao seio mais baixo, espécie de ligeira garganta do espigão. Segue por este horizontalmente por cerca de duzentos metros até aprumar-se de novo – investindo afinal contra a última subida íngreme e dilatada até à Santa Cruz, no alto.

Uma coisa assombrosa. Tem três mil metros aproximadamente e, em certos segmentos, foi rasgada através da rocha duríssima e áspera – porque toda a serra de Monte Santo é constituída de um quartzito que irrompe através das formações graníticas, visíveis nos terrenos planos que a circundam. A serra tem uma feição altamente pitoresca, aprumada sobre a povoação – escalvada em muitos pontos, revestida noutros de uma vegetação enfezada.

Com o extraordinário luar destas últimas noites, o seu aspecto é verdadeiramente fantástico; destacam-se nitidamente as capelinhas brancas e à luz reflexa e dúbia da lua as vertentes, que se interrompem em paredões a prumo em virtude da própria estratificação da rocha, dão a idêia de muralhas imensas, *sine calcis linimento*,¹⁶ recordando velhas trincheiras abandonadas de titãs.

Do alto descortina-se um horizonte de vinte léguas; toda a região como uma costa em relevo estende-se ante o olhar do observador, patenteando perspectivas belíssimas. Aproveitando convenientemente aquela altura aliada a mais dois ou três dos acidentes de terreno que

16 No jornal, lê-se *linimenti*, mas no fac-símile da pág. 105 vê-se claramente que Euclides escreveu *linimento*. A forma correta deveria ser *sine calcis lenimento* = sem o lenitivo do fim, isto é, interminável. N. do R.

apontam ao norte, poder-se-ia, de há muito, ter estabelecido um telégrafo óptico, de transmissão pronta, por meio de um jogo combinado de cores, com Canudos.

Infelizmente esta medida não foi tomada.

MONTE SANTO – 9 E 10 DE SETEMBRO

Nada ainda de novo sobre a luta.

Partiu ontem mais um comboio que deve ser escoltado pelo 33º Batalhão de Jueté para cima, ao entrar na zona perigosa. Não partiu ainda o General Carlos Eugênio e é possível que se prolongue a sua demora.

A nossa situação, os destinos da guerra estão, agora, em função de mil e não sei quantos burros indispensáveis para o transporte de munições.

Esta circunstância bizarra caracteriza as condições especiais da campanha. Ainda quando houvéssemos aqui, em Monte Santo, cem mil homens, não melhorariamos de sorte. Pode-se mesmo dizer piorariamos consideravelmente. Não nos faltam homens que se disponham a morrer pela República varados pelas balas.

A República é que não lhes pode exigir o sacrifício da morte pela fome.

Todas estas dificuldades promanam em grande parte da base de operações adotada, encravada no deserto e já de si mesma de acesso penoso.

Os comboios que seguem são o pão de cada dia das nossas forças e são insuficientes. Os dois mil homens prontos a partir, por uma inversão notável imposta pelos acontecimentos, ao invés de auxiliares serão concorrentes prejudiciais num combate surdo com a penúria.

Esse é o aspecto horroroso e dificilmente atenuado da luta. É por isto que entendo oportuna agora uma tática mais vertiginosa que a de César, chegar, lutar, vencer, voltar...

* * *

Nas longas investigações diariamente feitas pelos arredores, tenho estudado, com dificuldades embora, essa região ingrata que é

idêntica, com ligeiras variantes, à que circunda o arraial conselheirista. É uma das partes mais modernas talvez do nosso continente e surgiu das águas provavelmente depois da lenta ascensão da cordilheira dos Andes, como um fenômeno complementar.

A falta de matas, de vegetação opulenta, além das causas que resultam da natureza geognóstica do solo e dos agentes meteorológicos, tem como motivo preponderante essa idade recente.

O líquen ainda está decompondo a rocha; a natureza inteira ainda se prepara para a organização superior da vida.

Tudo indica (e fora longo enumerar as razões em que me baseio) o fundo, descoberto por uma lenta sublevação, de um mar geologicamente moderno, terciário talvez, em cuja amplidão a ponta culminante de Monte Santo despontava como um cachopo de quartzito.

MONTE SANTO – 11 DE SETEMBRO ¹⁷

Fomos hoje, à tarde, surpreendidos com uma agradável notícia. O General Artur Oscar comunicou ao ministro que, depois de longo bombardeio, caíram afinal as duas grandes torres da igreja nova de Canudos, pontos que dominavam todo o nosso acampamento e de onde faziam os *jagunços* um fogo diário e mortífero. Isto sucedeu no dia 6.

Uma outra notícia completa admiravelmente esta. O dia 7 foi brilhantemente comemorado no centro das operações. Foi, depois de tenaz resistência, em que perderam os fanáticos muitas vidas, tomada a trincheira mais avançada da estrada do Cambaio.

Esta notícia tem para nós uma significação mais íntima: segundo ouvi do Coronel Sampaio, comandante da Primeira Brigada da

17 O *Estado de S. Paulo* de 27 de setembro de 1897 publicou as notas datadas de 8, 9, 10 e 11 desse mês, expedidas de Monte Santo. Na edição de 11 de outubro, figurou a carta seguinte, datada de 10 de setembro, e dando, como local de expedição, o arraial de Canudos. Suspeitamos de engano, podendo-se atribuir à última missiva a data de 12 de setembro, quando seguiu para o campo de batalha a 2ª Brigada da Divisão Auxiliar, com a qual Euclides poderia ter feito a jornada de Monte Santo a Canudos. N. do R.

Divisão Auxiliar, aquela trincheira foi tomada pelo 37º de Infantaria e pelo Batalhão Paulista.

Seguirá amanhã para Canudos a 2ª Brigada dessa Divisão sob o comando do Coronel Sotero de Meneses.

CANUDOS – 10 DE SETEMBRO

... E vingando a última encosta divisamos subitamente, adiante, o arraial imenso de Canudos.

Refreei o cavalo e olhei em torno.

É extraordinário que os que aqui têm estado e escrito ou prestado informações sobre esta campanha, nada tenham dito ainda acerca de um terreno cuja disposição topográfica e constituição geológica são simplesmente surpreendedoras.

As inúmeras colinas que se desdobram em torno da cidadela sertaneja, todas com a mesma altitude quase e dando, ao longe, a ilusão de uma campina unida e vasta, alevantam-se dentro de uma elipse majestosa de montanhas. Olhando para a direita, avultam as cumeadas da Canabrava, Poço de Cima e Cocorobó ligando-se à esquerda com as do Calumbi, Cambaio e Caipã – infletindo a leste e a oeste uma curva amplíssima e fechada, com um eixo maior de doze léguas e um menor, de nove, traçando uma elipse perfeita.

Dentro dela estende-se a região caótica, irregularmente ondulada, em cujo centro, aproximadamente, se ergue Canudos.

O arraial não se distingue prontamente, ao olhar, como as demais povoações; falta-lhe a alvura das paredes caiadas e telhados encaixados.

Tem a cor da própria terra em que se erige, confundindo-se com ela na mesma tinta de um vermelho carregado e pardo, de ferrugem velha, e, se não existissem as duas grandes igrejas à margem do Vaza-Barris, não seria percebida a três quilômetros de distância.

Alevanta-se sobre oito ou nove colinas, suavemente arredondadas umas, terminando outras em rampas fortíssimas.

Visto de alguma distância, porém, parece uma cidade plana, mais abrigada, à direita, pelos acidentes um pouco mais fortes do solo, que, da Favela à Fazenda Velha, se ligam à última trincheira fechando a estrada do Cambaio, circumurando-o, em parte, a cavaleiro do vale profundo do Vaza-Barris que segue a mesma direção.

Do alto da trincheira Sete de Setembro, erguida num contraforte avançado do morro da Favela, quem observa tem a impressão inesperada de achar-se ante uma cidade extensa, dividida em cinco bairros distintos e grandes, revestindo inteiramente o dorso das colinas.

É um quadro surpreendente, o deste acervo incoerente de casas – todas com a mesma feição e a mesma cor, compactas e unidas no centro de cada um dos bairros distintos, esparsas e militarmente dispostas em xadrez nos intervalos entre eles.

Não há propriamente ruas, que tal nome não se pode dar às vielas tortuosas, cruzando-se num labirinto inextrincável – e as duas únicas praças que existem, excetuada a das igrejas, são o avesso das que conhecemos: dão para elas os fundos de todas as casas; são um quintal em comum.

À esquerda da linha definida pelo observador e a parede anterior da igreja nova, acha-se a parte rica – casas de telhas avermelhadas e de aparência mais correta, um tanto maiores que as demais e mais ou menos alinhadas num arremedo de arruamento. Estendendo-se em torno destas, apresentam-se, numerosíssimas e como que feitas por um único modelo, as casinhas que constituem a maior parte do clã¹⁸ de Antônio Conselheiro.

Feitas de pau-a-pique e divididas em três compartimentos, no máximo, são como que uma paródia grosseira da antiga casa romana: um átrio que é a um tempo a cozinha, sala de jantar e de recepção, um vestíbulo estreito em algumas, e uma alcova. Cobertas de uma camada de cerca de quinze centímetros de barro, lembram neste ponto as casas dos gauleses de César. Os nossos rudes patrícios têm, porém, um mate-

18 *Clã* significa, em sentido próprio, grupo aparentado, consangüíneo. No caso, há contaminação semântica: os fanáticos de Canudos eram a “família” de Antônio Conselheiro e o designativo do fenômeno (*clã*) estende-se à cidade por ela habitada. N. do R.

rial mais apropriado nas placas largas da rocha predominante da região, que ainda quando decomposta conserva a estratificação primitiva. Assentam-nas sobre as folhas resistentes de *icó*.

É uma cobertura eterna – e Canudos, como um vastíssimo *Kraal* africano, pode durar mil anos, se o bombardeio e os incêndios não o destruírem breve.

Tenho-a percorrido toda, de longe, cansado de acomodar a vista às lentes dos binóculos. Dois meses de bombardeio permanente não lhe destruíram a metade sequer das casas; somente uma análise mais demorada patenteia as ruínas que surgem num e noutro ponto, a própria construção rudimentar impedindo a irradiação eficaz das explosões das granadas. A bala atravessa violentamente, sem encontrar resistência, perfurando paredes estreitíssimas de argila, dez ou vinte casas e não as abala.

Deixa-as intactas quase, abertas apenas mais algumas seteiras para o espingardeamento traiçoeiro feito pelos *jagunços*.

As próprias igrejas, longos dias rudemente tratadas pela artilharia, conservam ainda as paredes mestras quase estruídas, como dois acervos monstruosos de pedras enormes. Os *jagunços* ainda se entrincheiram nelas, às vezes, travando tiroteios cerrados, à queima-roupa, com as linhas audaciosas dos Tenentes-Coronéis Tupi e Dantas Barreto.

E olha-se para a aldeia enorme e não se lobra um único habitante. Lembra uma cidade bíblica fulminada pela maldição tremenda dos profetas. E quando os tiros dela partem, de todos os pontos, irradiando para todos os pontos da linha amplíssima do cerco, a fantasia apenas divisa ali dentro uma legião invisível e intangível de demônios...

* * *

Se, considerando esta aldeia sinistra, se avaliam todas as dificuldades de um combate travado em seu seio, observando os arredores vê-se que deve ter sido difícilíssima a investida feita contra ela pelas nossas tropas. Qualquer secção transversal, neste terreno caprichoso, determina, desenhada, uma sinuosa. A marcha realiza-se ou seguindo pelos meandros dos pequenos vales ou em sucessivas e inevitáveis subidas e descidas, numerosas e fatigantes, agrupando-se as colinas pouco elevadas numa ordem e

feição tais que lembram grandes calotas esféricas dispostas num plano extenso, tangenciando-se no fundo das gargantas intermediárias.

Nada mais perigoso e difícil do que a marcha de um exército em tais lugares; é como se atravessasse o recinto complicado de uma fortaleza. Cada batalhão, cada brigada, o exército inteiro é fatalmente batido por todos os lados pelo inimigo invisível sempre, acobertado ora pelos valos que sulcam as encostas, cujas bordas mascaradas por enredados renques de macambiras não deixam perceber o atirador ousado, ora pelas trincheiras cavadas no alto, circulares ou elípticas, dentro das quais não caem as balas nem mesmo no ramo descendente das trajetórias.

Nos combates cruentos de 18 de julho ostentaram-se, de modo notável, estas condições táticas formidáveis.

Percorri o campo da batalha com o meu colega Gustavo Guabiru, e ele, que foi um dos protagonistas da luta, mostrou-me pontos em que meia dúzia de homens rarearam as fileiras de muitas brigadas.

Violentemente batida pelos flancos e pela frente, as forças, ao vingarem as eminências sucessivas do solo, nelas não encontravam do inimigo outro indício além de uma trincheira tosca e cheia de cartuchos detonados. Em compensação, mais adiante continuava a fuzilaria inextinguível e tremenda, fulminando-as novamente por todos os lados – e o inimigo ressurgia nas três ou quatro colinas mais próximas. E não havia abrigarem-se no fundo dos vales: os tiros mergulhantes desciam mais certos ainda.

Fazia-se um esforço indefinível, ordenavam-se as fileiras abaladas, os batalhões ascendiam, a passo de carga, para as novas fortificações e encontravam outra vez as trincheiras vazias, e, mais adiante, levantado nos acidentes mais próximos, o mesmo inimigo, intangível e rápido como um demônio, fulminando-os sempre e escapando sempre para novas posições, inteiramente idênticas às anteriores!

Uma coisa fantástica. E nem um plano sofrivelmente extenso, um ponto abrigado, insignificante embora, para a organização de uma resistência ou ataque mais bem orientado...

Numa das colinas, no alto, sob a ramada sem folhas de um umbuzeiro, o meu colega mostrou-me uma cavidade circular de pouco mais de meio metro de profundidade.

Ali esteve no dia da peleja um único homem; e esse homem torturou batalhões inteiros!

Ninguém o podia distinguir. Os tiros rápidos da Mannlicher que sopesava, dispensando a pontaria para um alvo enorme, caíam, repetidos, numerosíssimos, em cheio, dentro das fileiras. Era uma fuzilaria tenaz, impetuosa, mortífera, formidável, jogando em terra pelotões inteiros e feita por um único homem. Os soldados, estonteados, atiravam ao acaso, na direção provável dos tiros do maldito: uma saraivada de balas passava rugindo pela galhada do umbuzeiro; o atirador sinistro e nunca percebido abaixava apenas a cabeça e passada a onda de balas, continuava, de cócoras, no fundo da trincheira, a tarefa espantosa.

Os melhores binóculos não o distinguiam: agachado na cova, olhando segundo uma tangente à borda do fosso terrível e atirando, atirando, atirando sempre, despiado, terrível, demoníaco, num duelo de morte contra mil homens!

Ainda lá estão as cápsulas detonadas. Conteí 361.

361 tiros deu aquele ente fantástico e talvez perdesse muito poucas balas.

E não morreu. Por acaso uma fração das forças tomou em acelerado a direção da trincheira. Ele surgiu numa última explosão terrível e desapareceu prestes caindo pela encosta abrupta...

Ora, pelo alto de todas as tombadas que atravessasse, apareciam as mesmas trincheiras cavadas com uma disposição inteligente umas relativamente às outras cruzando os fogos da maneira mais eficaz, e dentro de todas elas os cartuchos detonados patenteavam o mesmo açodamento na peleja.

Não será por isto difícil demonstrar – e fá-lo-ei muito breve – que a batalha de 18 de julho é um dos feitos de armas mais notáveis da nossa história militar.

CANUDOS – 24 DE SETEMBRO

Completo ontem o cerco de Canudos, a luta correrá vertiginosamente, agora. Os sucessos de hoje o indicam.

Desde muito cedo a direita da nossa linha avançou estreitando o sítio e estabelecendo com o inimigo um combate que irá num *crescendo* inevitável.

Travaram-se combates parciais, peito a peito, dentro das casas mais próximas, rapidamente cercadas. À audácia indômita do *jagunço* contrapõe-se neste momento a bravura inigualável do soldado.

Escrevo rapidamente estas linhas, no meio do tumulto quase, enquanto a fuzilaria intensa sulca os ares a cem metros de distância.

Acabam de chegar alguns prisioneiros.

O primeiro é um ente sinistro – um estilhaço de granada transformou-lhe o olho esquerdo numa chaga hedionda, de onde goteja um sangue enegrecido; baixo e de compleição robusta, responde tortuosamente a todas as perguntas.

Está apenas há um mês em *Belo Monte* e nada tem com a luta; nunca deu um tiro porque tem *coração mole*, etc. Nada revela.

Chegam mais duas prisioneiras, mãe e filha; a primeira esquelética e esquelada – repugnante, a segunda mais forte e de feições atraentes. Evitam igualmente tanto quanto possível responder ao interrogatório do general. A filha apenas revela:

– Vilanova esta noite *lascou o pé no caminho* e há um *lote de dias* que um *despotismo de gente* tem *abancado* para o Cumbe e Caipã. *Está com muitos dias* que há fome em *Belo Monte*.

A velha nada sabe, evita todas as respostas e nada pode dizer sobre o número de inimigos porque só sabe contar até quarenta!

Morreu-lhe o marido há meia hora; era um baiano truculento; expirou atravessado pelas balas, cinco minutos depois de haver morto com um tiro de bacamarte o alferes do 24º, Pedro Simões Pontes, e murmurou com um sorriso sinistro ao expirar:

– Estou contente! Ao menos matei um! Viva o Bom Jesus!

São duas horas da tarde e já temos 13 baixas.

Chega mais um *jagunço* preso.

Deve ter sessenta anos – talvez tenha trinta; vem meio desmaiado: no peito desenha-se, rubra, a lâmina de uma espada, impressa por uma pranchada violenta. Não pode falar, não anda.

Mais outro: é um cadáver claudicante. Foi ferido há dois meses pela explosão de um *shrapnel* quando se acolhia ao santuário. Uma das balas atravessou-lhe o braço e a outra, o ventre. E este ente assim vive, há dois meses, numa inanição lenta, com dois furos no ventre, num extravasamento constante dos intestinos. A voz sai-lhe da garganta imperceptível quase. Não pode ser interrogado, não viverá talvez até amanhã.

No colo de um soldado do 5º chega um outro, – tem seis meses.

Foi encontrado abandonado numa casa. E o pobre enjeitado passa, indiferente ao tumulto, acobertado pela própria inconsciência da vida. Depois uma velha com a feição típica de raposa assustada.

E mais outros. Creio que entramos no período agudo da luta que talvez não dure oito dias. Está fechado o círculo de ferro em torno de Canudos.

CANUDOS – 26 DE SETEMBRO¹⁹

Os *jagunços* encurralados na igreja nova e no santuário anexo, desde às 10 horas da noite, de ontem, até o momento em que escrevo (10 ¼ da manhã), atiram desordenadamente numa fuzilaria contínua, frouxa às vezes, recrudescendo repentinamente outras. Não apontam mais, atiram ao acaso, para todas as direções, desesperadamente. É um vulcão numa erupção de balas aquele templo maldito.

O espetáculo de Canudos, presa das chamas que lavram em diferentes pontos, é extraordinário; a fumarada – enovelada e pardacenta – alevanta-se e desenrola-se e espalha-se por sobre os telhados, encobrindo a maior parte das casas e mal deixando perceber as bandeirolas vermelhas – pontos determinantes da linha do cerco –, alevantadas agora em torno do último baluarte dos rebeldes. E os tiros partem deste, constantes, multiplicados, inúmeros, num desperdiçar de munições capaz de exaurir o arsenal mais rico.

19 Não consta o local de expedição desta carta, no jornal de 13 de outubro de 1897. N. do R.

São balas que sibilam em todos os tons desde o ressoar áspero e rouquenho das Comblains à zoadá lúgubre dos projéteis grosseiros dos bacamartes, ao assovio suave quase delicadíssimo da Mannlicher, vergastando os ares.

Os canhões cuidadosamente conteirados para não atingirem aos sitiante próximos, atiram granadas e *shrapnels* certos no antro formidável; e a fuzilaria não cessa, e cada bala que ali cai parece estimular a insânia dos fanáticos.

Tem a mais sólida, a mais robusta tẽpera essa gente indomável! Os prisioneiros feitos revelam-na de uma maneira expressiva.

Ainda não consegui lobrigar a mais breve sombra de desânimo em seus rostos, onde se desenham privações de toda a sorte, a miséria mais funda; não tremem, não se acobardam e não negam as crenças mantidas pelo evangelizador fatal e sinistro que os arrastou a uma desgraça incalculável.

Mulheres aprisionadas na ocasião em que os maridos caíam mortos na refrega e a prole espavorida desaparecia na fuga, aqui têm chegado – numa transição brusca do lar mais ou menos feliz para uma praça de guerra, perdendo tudo numa hora – e não lhes diviso no olhar o mais leve espanto e em algumas mesmo o rosto bronzeado de linhas firmes é iluminado por um olhar de altivez estranha e quase ameaçadora. Uma delas acaba de ser conduzida à presença do general. Estatura pequena, rosto trigueiro, cabelos em desalinho, lábios finos e brancos, rugados aos cantos por um riso doloroso, olhos vinhos, cintilantes; traz ao peito, posta na abertura da camisa, a mão direita, ferida por um golpe de sabre.

– Onde está teu marido?

– No Céu.

– Que queres dizer com isto?

– Meu marido morreu.

E o olhar correu rápido e fulgurante sobre os circunstantes sem se fitar em ninguém.

O chefe da comissão de engenharia julgou conveniente fazer-lhe algumas perguntas acerca do número de habitantes e condições da vida, em Canudos.

– Há muita gente aí, em Canudos?

– E eu sei? Eu não vivo *navegando na casa* dos outros. *Está com muitos dias* que ninguém sai por via das peças. E eu sei contar? Só conto até quarenta e rola o tempo pra contar a gente de Belo Monte...

– O Conselheiro tem recebido algum auxílio de fora, munições, armas?...

– E eu sei? Mas porém em Belo Monte não *manca** arma nem gente pra brigar.

– Onde estava seu marido quando foi morto?

Esta pergunta foi feita por mim e em má hora a fiz. Fulminou-me com o olhar.

– E eu sei? Então querem saber de tudo, do *miúdo e do grande*. Que extremos!...

E uma ironia formidável, refletida nos lábios secos que ainda mais se rugaram num sorriso indefinível, sublinhou esta frase altiva, incisiva, dominadora como uma repreensão.

– Onde está Vilanova?

– *Abancou* para o Caipã.

– E Pajeú?

– *É de hoje* que ele foi pro Céu.

– Tem morrido muita gente aí?

– *E eu sei?*

Este *e eu sei?* é o início obrigado das respostas de todos; surge espontaneamente, infalivelmente, numa toada monótona, encimando todos os períodos, cortando persistentemente todas as frases.

– Fugiram muitos *jagunços* hoje, no combate?

– E eu sei? Meu marido foi morto por um *lote de soldados* quando saía; o mesmo tiro quebrou o braço de meu filho de colo... Fiquei *estatalada*, não vi nada... este sangue aqui na minha manga é de meu filho, o que eu queria era ficar lá também, morta...

E assim vão torcendo e evitando a todas as perguntas, fugindo vitoriosamente ao interrogatório mais habilmente feito. E que as interro-

* *Mancar* – faltar (*manquer*) – É singular este galicismo no ser tão. N. do A.

gativas assediem-nos demais, inflexivelmente, quando não é mais possível tergiversar lá surge o infalível – *e eu sei?* tradução bizarra de todas as negativas, eufemismo interessante substituindo o *não* claro, positivo.

* * *

São cinco horas da tarde. Os *jagunços* continuam inamolgáveis, na resistência. Tivemos ontem cerca de cinquenta baixas e as de hoje não serão talvez menores. Faleceu heroicamente, quando tomava posição perto das igrejas, o Capitão Cordeiro, do Batalhão Paraense, na mesma ocasião quase em que era ferido o Coronel Sotero de Meneses, comandante do mesmo Batalhão. Acaba de ser ferido por um tiro de bacamarte o Major José Pedro, do Batalhão Paulista, no braço esquerdo, no peito e na cabeça, sem gravidade. O sargento do 5º de Artilharia, Francisco de Melo – o mesmo que há menos de um mês, num belo lance de bravura, foi só à igreja nova lançar uma bomba de dinamite –, acaba também de ser ferido. E os estragos vão-se assim acumulando no final mesmo da luta, e pode-se avaliar o que foi ela no princípio quando o inimigo se revestia da força moral da vitória.

Onze horas da noite. A partir das 6 horas da tarde recrudesceu a fuzilaria que ainda perdura e, certo, continuará por toda a noite. Ela faz-se numa intermitência sucessiva de tiros numerosos, multiplicados como uma explosão e períodos mais calmos de fogo lento, como reticências passageiras no tumulto ruidoso do tiroteio.

Olho neste instante, cautelosamente, por uma fresta da trincheira para a igreja...

É uma cratera fulgurante. Assombra...

Não é possível que a munição de guerra daquela gente seja só devida à deixada pelas expedições anteriores. A nossa esgota-se todos os dias; todos os dias entram comboios carregados e, no entanto, já nos falta, às vezes.

Como explicar essa prodigalidade enorme dos *jagunços*?

Não nos iludamos. Há em toda esta luta uma feição misteriosa que deve ser desvendada.

Meia-noite. Mal posso, à luz mal encoberta de um fósforo, observar a temperatura e a pressão no meu aneróide, a fuzilaria continua tenaz de lado a lado.

Já se não distinguem os tiros – ouve-se um ressoar imenso lembrando o de muitas represas bruscamente abertas.

Os *jagunços* lutam agora pela vida, no sentido mais estrito da frase. Lavra entre eles a sede e as cacimbas ali estão, a poucos metros apenas, em nosso poder.

Mas não vacilam, não recuam, não se entregam, e atiram, atiram sempre dentro de um círculo de fogo formado pelas armas vivamente disparadas de seus batalhões.

A igreja sinistra avulta nas trevas, dominadora, formidável. Reflui sobre ela o relampaguear do tiroteio e a essa claridade indistinta e rubra creio distinguir, deslizando no alto dos muros estruídos, engrimpados alguns, nos restos dismantelados das torres derrocadas, os nossos rudes patrícios transviados.

CANUDOS – 27 DE SETEMBRO

7 e ½ horas da manhã – A fuzilaria cessou apenas às 5 horas. Durou a noite inteira. Acossado pela sede o inimigo abandonou por dezoito vezes os redutos, atacando as linhas, na direção das cacimbas abertas no leito do rio. Foram sempre rudemente repelidos embatendo de encontro a seis batalhões, o 34º, 38º, 25º, 37º de Infantaria e os corpos policiais dos Estados. Foram dezoito combates violentos e rápidos, alguns durante apenas dez minutos e extinguindo-se lentamente, diferenciados em tiros destacados, terminando bruscamente outros – descendo sem transição o silêncio da noite estrelada sobre os últimos ecos dos estampidos.

E o adversário atrevido conseguiu em parte realizar o intento que o levava ao ataque: alguns mais audaciosos desceram ao leito do rio, desafiando a morte, caindo pelas barrancas, batidos pelas trincheiras, alvejados à queima-roupa quase – rápidos e ágeis e terríveis –, enchendo as vasilhas e voltando prontamente, galgando velozmente a barranca, perdendo-se entre os escombros da igreja nova...

Presenciei de longe as evoluções de um desses seres fantásticos, agitando-se, meio afogado na noite, indistinto como um duende. Alguns não voltaram – lá estão, de bruços, à borda das cacimbas...

Com a temperatura máxima de 33º à sombra destes dias, deve ser cruelíssimo o martírio dessa gente indomável e custa a compreender a energia soberana que os alevanta por tal modo acima das imposições mais rudes da matéria. E lutam por um líquido altamente suspeito e envenenado quase – por uma água contaminada pelos detritos orgânicos de cadáveres que jazeram largo tempo sobre o leito do rio; uma água pesada e salobra que não extingue a sede e em cujo sabor repugnante se pressente a ação tóxica das ptomaínas e fosfatos dos organismos decompostos.

* * *

O General Artur Oscar, restabelecido agora de ligeira enfermidade, acaba de mostrar-me alguns tipos de balas caídas nos tiroteios da noite. São de aço, semelhantes às das Mannlicher, algumas, outras completamente desconhecidas. São inegavelmente projéteis de armas modernas que não possuímos.

Como as possuem os *jagunços*?

Estou aqui há quinze dias e há quinze dias que, quase sem interrupção, os fanáticos replicam vigorosamente, em tiroteios cerrados, a qualquer ataque; repilo de todo a idéia de que se utilizem ainda das munições tomadas às expedições anteriores. Sou levado a acreditar que tem raízes mais fundas esta conflagração lamentável dos sertões.

* * *

Canudos já patenteia o aspecto entristecedor de uma cidade em ruínas: surgem restos de cumeeiras carbonizadas, despontam traves e esteios fumegantes ainda, inclinam-se desaprumadas, amparadas, umas em outras paredes esburacadas e o acervo incoerente das coberturas de argila, desabadas, surge por toda a parte, desolador. Há dois dias que lavra em seu seio o incêndio – em fogo lento, lembrando a atividade latente dos fornos catalães, fogo sem chamas, progre-

dindo através dos obstáculos derivados da argila, que é o material predominante das casas, mas lavrando sempre – surdamente – desapidadamente, lançando sobre o arraial maldito a fumarada intensa como uma mortalha enorme.

As nossas forças marcham através das ruas tortuosas e estreitas da povoação, quase toda conquistada casa por casa, e vão impelindo, para a igreja nova e santuário a população inteira.

* * *

9 horas da noite – Com relativa comodidade escrevo na mesa de farmácia anexa ao hospital militar. Em frente alevantam-se barracões repletos de feridos e doentes e cheios de lamentos mal-abafados, de dores cruciantes. Sobre a cobertura de couro do casebre em que me acolho passam, sibilando, as balas.

Já me vou afeiçoando a esta orquestra estranha. Não há um único ponto do acampamento em que ela não se faça ouvir; um único ponto em que não caiam os projéteis constantemente arremessados pelo inimigo. No próprio hospital militar eles têm ido procurar os feridos e doentes, cortando rapidamente a vida de moribundos. O digno Dr. Curio, diretor daquele hospital, despertou hoje pela madrugada sentindo violenta pancada na cabeça.

Uma bala atravessara a tela da barraca, perpassando pela frente do distinto médico. Devia demorar-me algum tempo em referenda especial ao Dr. Curio, um homem que tem revelado dedicação exemplar pelo dever e que liga às funções de médico os atributos notáveis de uma alma profundamente religiosa. Jamais esquecerei a oração fúnebre solenemente entoada por ele no momento em que expirava, numa agonia tristíssima, o alferes do 24^o Simões Pontes, mortalmente ferido no dia 24. Destino, porém, a outras páginas, o estudo psicológico da campanha – incompatível com a rapidez destas notas. Além disto conheço que não poderei prolongar-me mais hoje. Acaba de recrudesce o tiroteio e o assobio das balas ressoa sobre todos nós lembrando uma ventania furiosa.

Não teremos outra noite.

CANUDOS – 28 DE SETEMBRO ²⁰

Durante a noite toda, com pequenos intervalos, continuou de parte a parte, intensa, a fuzilaria. Creio que os *jagunços* conseguiram agora, graças a sucessivos, inesperados e impetuosos assaltos às linhas e protegidos pela noite, tirar alguns baldes de água das cacimbas do rio. Nada de novo, entretanto, na nossa situação geral.

Persiste a monotonia estranha do cerco. No entanto há três dias acreditei que os nossos antagonistas não poderiam resistir três horas, esmagados numa brusca abertura do cerco. Mas lá estão, indomáveis, num círculo estreitíssimo, visados constantemente por mil e tantas carabinas prestes a disparar – e não cedem.

São incompreensíveis quase tais lances de heroísmo.

Para não perder tempo continuo, com o Tenente-Coronel Siqueira de Meneses – um tipo interessantíssimo e notável, ao qual mais longamente me referirei – a observar sistematicamente, hora por hora, a temperatura, a pressão e a altitude em Canudos. Faremos com todo o cuidado estas observações que são as primeiras realizadas nestas regiões e das quais se derivará a definição mais ou menos aproximada do clima destes sertões.

* * *

Ao meio-dia em ponto, por determinação do comando-em-chefe, cada bateria saudou a data feliz de hoje com uma salva de 21 tiros de bala. E todas as balas – uma a uma –, com uma precisão facilitada pela distância reduzida, caíram na área estreita em que fervilham os *jagunços*, explodindo e incendiando ou despedaçando as frágeis edificações; mas sobre a pressão do bombardeio forte eles atiravam vigorosamente sobre as linhas.

Às 5 ½ da tarde, entretanto, alvorotou-se o acampamento todo: correria, célere, a notícia de que se haviam rendido os *jagunços*. Alguns soldados haviam visto agitar-se entre as casas, à retaguarda do

20 No jornal de 21 de outubro de 1897 não figura o local de expedição nem o dia desta reportagem. Apenas, *setembro de 1897*. N. do R.

santuário, como um apelo desesperado à salvação, uma bandeira branca.

Além disto dera-se um fato absolutamente novo – cessaram completamente os tiros dos *jagunços*. A zona reduzida em que se acoitam parecia abandonada. Uma curiosidade irreprimível fez com que se alevantassem nos mais perigosos pontos grupos de observadores.

E nem um leve sinal de vida, adiante; na igreja nova nem um leve ruído; um silêncio tumular pairava solenemente sobre a ruína de pedra do templo gigantesco.

Em frente à sede da comissão de engenharia – ponto clássico das melhores palestras do acampamento –, o grupo habitual de que faz parte o general-em-chefe, comentava-se vivamente o acontecimento, preestabelecendo-se soluções a diferentes hipóteses prováveis.

Ter-se-ia entregue o Conselheiro?

Fora morto por algum estilhaço de granada?

Sacrificado pelos seus próprios sequazes desesperados ante os insucessos sucessivos dos últimos dias?

E que fazer se o trágico evangelizador se rendesse confiando na generosidade do vencedor?

Às 6 horas uma banda do 12º Batalhão começou a tocar, a vinte passos do nosso grupo. Até às 7 horas as notas vibrantes e marciais das marchas dominaram o silêncio. E quando os músicos se retiraram este último reinou novamente, inexplicável.

A que atribuí-lo?

Realmente alguma coisa de anormal passava-se em frente, no arraial; e os corações começavam já a bater febrilmente ante a quase evidência da vitória longamente esperada, quando uma explosão formidável feita pelos disparos simultâneos das armas despedaçou o silêncio e a noite e um turbilhão de balas caiu rugindo sobre a nossa gente...

Incompreensível e bárbaro inimigo!

E a fuzilaria, como a de ontem, parece que persistirá por toda a noite. A batalha crônica que aqui se trava há três meses teve apenas uma trégua de três horas.

CANUDOS – 29 DE SETEMBRO²¹

Durou a noite toda quase a fuzilaria, com intervalos maiores que a da noite anterior, porém.

Por doze vezes os *jagunços* investiram contra as linhas, sendo repelidos.

Conseguiram, entretanto, ainda, adquirir alguns litros d'água.

Às 7 ½, em companhia dos Generais Artur Oscar, Carlos Eugênio, Tenente-Coronel Meneses e outros oficiais, segui para uma excursão atraentíssima – um passeio dentro de Canudos!

Seguimos a princípio pelo alto das colinas que se desdobram para o flanco direito da linha e contornando-as depois numa inflexão para a esquerda descemos por uma sanga apertada e áspera em que as placas duríssimas e negras de talcoxisto cintilavam ao sol; e encontramos as primeiras casas do arraial, casas que ainda dois dias antes estavam adiante em poder dos nossos rudes e valentes adversários. A revolta dos trastes paupérrimos e toscos, quebrados ou incendiados, indicava toda a violência das refregas anteriores. À porta de algumas fumegavam ainda, como piras sinistras, cadáveres carbonizados de *jagunços*. E embrenhamo-nos inteiramente na tapera colossal.

Tive uma primeira decepção: não consegui descobrir a propalada disposição em xadrez, das casas, à qual eu mesmo me referi anteriormente. Nada que recorde o mais breve, o mais simples plano na sucessão de humílimos e desajeitados casebres. Ausência quase completa de ruas, em grande parte substituídas por um dédalo desesperador de becos estreitíssimos, mal permitindo, muitos, a passagem de um homem. Às vezes cinco ou seis casas alinham-se como que numa tentativa de arruamento, mas logo adiante em ângulo reto com a direção daquelas, alinham-se outras, formando martelo e dando ao conjunto uma feição indefinível, constituindo um largo imperceptível e imperfeito para o qual dão simultaneamente os quintais, a frente das casas que se enredam desordenadamente. As mais das vezes, porém, nem isto se dá: as casas acumulam-se em absoluta desordem, completamente isoladas, algumas entre quatro vielas estreitas, unidas outras, com as testadas voltadas para todos os pontos, cumeeiras

21 Também nesta carta não há indicação da localidade de onde foi enviada, mas somente a data. N. do R.

orientadas em todos os sentidos, num baralhamento indescritível, como se tudo aquilo fosse construído rapidamente, vertiginosamente, febrilmente – numa noite – por uma multidão de loucos!

E esse acervo incoerente de casebres escuros e pequenos, tendo quase todos uma só porta e muitos nem uma só janela, desdobra-se pelas lombadas, cai para o fundo das sangas, reveste uma extensão enorme.

Para se ir de uma casa a outra, afastada apenas meia dúzia de metros, tem-se de fazer um rodeio dilatado, e, em certos pontos, para dirigirmo-nos a determinada parte do povoado, temos que abandoná-lo, contornando-o por fora.

Afinal aparece uma das raras ruas – a Rua do Campo Alegre. Divide o arraial em duas partes quase iguais, seguindo a meridiana aproximadamente. Patenteia uma novidade, algumas casas de telhas. Segue, retilínea, pelo alto da extensa ondulação do solo, e era, certo, uma das paragens prediletas da melhor gente da terra.

Nos quintais abandonados nem o mais tênue traço de um canteiro, um arremedo qualquer de jardim; em compensação enche-o toda a velharia de trastes inservíveis, das casas; não tinham talvez outra função. Nem uma árvore, nem um pé de flor.

O interior das casas assusta...

Compreende-se que haja povos vivendo ainda, felizes e rudes, nas anfractuosidades fundas das rochas; que o *caraíba*, ferocíssimo e aventureiro, se agasalhe bem nas *tubanas* de paredes feitas de sebes entrelaçadas de trepadeiras agrestes e tetos de folhas de palmeiras ou os caucásios nas suas *burkas*, cobertas de couro – mas não se compreende a vida dentro dessas furnas escuras e sem ar, tendo como única abertura, às vezes, a porta estreita da entrada, e cobertas por um teto maciço e impenetrável de argila sobre folhas de *icó*!

Quando o olhar do observador se acomoda afinal à penumbra que reina no interior percebe uma mobília que é a de todas as casas quase: um banco grande e grosseiro (uma tábua sobre quatro pés não torneados); dois ou três banquinhos; redes de *cruá*; dois ou três baús de cedro de três palmos sobre dois. É toda a mobília. Não há camas; não há mesas, de um modo geral. Pendurada à parede distingue-se a *borracha* destinada ao transporte da água. É um traste precioso nestas áridas regiões – e que, tendo, além disto, a propriedade de deixar que se opere ligeira transudação, facilita, por uma evaporação contínua, o resfriamento

do líquido. A um canto um infalível par de *caçuás* (jacás) de cipó e alguns *aiós*, espécie de bolsa para caça, feita de tecido de malha de *cruá*. Os *aiós* são agora empregados pelos *jagunços* para o transporte das munições de guerra. Cada um pode conduzir até oitocentos cartuchos.

Atravessada a Rua do Campo Alegre guiou-nos a marcha Cândido Mariano, comandante da gente do Amazonas – marcha entre trincheiras e escombros.

O passeio tornou-se perigosamente atraente, com os *jagunços* a dois passos apenas, nas casas contíguas, prontos a abrirem nas paredes frágeis uma seteira à passagem dos canos truculentos. Diante das trincheiras, sobretudo, era inevitável o passo francamente acelerado, porque andar depressa sem correr em tal situação já é heroísmo. Ao passar por uma delas chamou-me uma voz conhecida e reconheci o Capitão Osório. A perigosa posição naquele ponto estava sendo guardada pela ala direita do Batalhão de São Paulo, que tem sido admirável de correção em toda esta campanha.

Afinal, de volta, atingimos as *Casas Vermelhas*, subúrbio minúsculo de Canudos, e deixamos, demandando o acampamento, aquela povoação estranha.

CANUDOS – 1ª DE OUTUBRO

Não há manhãs que se comparem às de Canudos; nem as manhãs sul-mineiras, nem as manhãs douradas do planalto central de São Paulo se equiparam às que aqui se expandem num firmamento puríssimo, com irradiações fantásticas de apoteose. Douram-se primeiro as cristas altas de Cocorobó, Poço de Cima e Canabrava e a onda luminosa do dia sulca-lhes, lentamente ascendendo, os flancos abruptos e ásperos semelhando uma queimada longínqua, nas serras. A orla iluminada amplia-se, vagarosamente, descendo pelos contrafortes e gargantas das montanhas fimbriadas de centelhas... Depois, a pouco e pouco, um raio de sol escapa-se, tangenciando as quebradas mais baixas, e sucedem-se rapidamente outros, e vingando logo após a barreira das montanhas o dia desdobra-se deslumbrante sobre a planície ondulada, iluminando-se

repentinamente todas as vertentes das serras do Cambaio, Caipã e Calumbi, até então imersas na penumbra.

E há como que uma harmonia estranha nos ares de uma região da qual fugiram, de há muito, espavoridas, todas as aves. Uma harmonia imperceptível quase e profunda, feita pela expansão íntima da terra ante o beijo ardentíssimo da luz, recordando o fato mitológico da estátua de Mnemon, de Tebas.

Hoje, porém – coincidência bizarra! –, observei pela primeira vez uma manhã enevoadas e úmida, persistentemente varada por uma garoa impertinente e fina; uma manhã de inverno paulista. E quando os primeiros tiros da artilharia ressoaram, dando começo a mais um encontro crudelíssimo com os nossos selvagens adversários, parece-me que mais lúgubre se tornou a manhã, agravada pela fumarada negra e espessa do bombardeio.

* * *

Este foi violento, desapiedado, formidável; assisti-o da sede da Comissão de Engenharia.

Uma a uma, com uma precisão matemática, as granadas estouravam dentro da área reduzida do inimigo, batendo-a em todos os pontos, casa por casa; ricochetando em certos lugares e abrindo um círculo amplíssimo de estragos, suspendendo além, bruscamente, numa explosão enorme, a poeira intensa dos escombros, alevantando mais longe a coma fulva e desgrenhada dos incêndios.

Durante quarenta e oito minutos os canhões da Sete de Setembro, do centro e da direita da linha fulminaram, reviraram, revolveram um trecho do povoado onde repugnava à razão admitir a existência de homens, sobre-humanamente bravos embora. E durante todo esse tempo, sob uma avalanche pesadíssima de ferro, nem uma voz se alteou da zona fulminada, imersa toda numa quietude pasmosa, inconceptível quase; nem um vulto correndo estonteado pelas vielas estreitas e tortuosas, nem a mais leve agitação patenteavam a existência de seres, ali dentro.

A artilharia fez estragos incalculáveis nas pequenas casas, repletas todas. Penetrando pelos tetos e pelas paredes as granadas explodiam nos quartos minúsculos despedaçando homens, mulheres e crianças sobre os quais descia, às vezes, o pesado teto de argila, pesadamente,

como a laje de um túmulo, completando o estrago. Parece, porém, que os malferidos mesmo sofriam os brados da agonia e os próprios tímidos evitavam a fuga, tal o silêncio, tal a quietude soberana e estranha, que pairavam sobre as ruínas fumegantes, quando, às 6 horas e 48 minutos, cessou o bombardeio.

Foi determinado o assalto. Dois batalhões de linha, o 4º e o 29º, atravessaram, de armas suspensas, aceleradamente, a marche-marche, o rio; galgaram, rápidos, o barranco empinado da margem esquerda e surgiram de baioneta calada em frente da igreja nova.

Um belo movimento heróico executado num minuto.

Nesse momento passou-se um fato extraordinário e inesperado em que pese aos numerosos exemplos de heróica selvaticidade revelada pelo *jagunço*.

De todas as casas, há poucos minutos fulminadas, irrompendo de todas as frinchas das paredes e dos tetos, saindo de todos os pontos, explodiu uma fuzilaria imensa, retumbante, mortífera e formidável, de armas numerosas rápida e simultaneamente disparadas – e sobre os batalhões assaltantes refluíu a réplica tremenda de uma saraivada, impenetrável, de balas!

Isto logo após o bombardeio, logo depois da agitação de metralha terrível e demolidora que os trucidou, despedaçou e mutilou – mas não destruiu a formatura para o combate...

Sejamos justos – há alguma coisa de grande e solene nessa coragem estóica e incoercível, no heroísmo soberano e forte dos nossos rudes patrícios transviados, e cada vez mais acredito que a mais bela vitória, a conquista real consistirá no incorporá-los, amanhã, em breve, definitivamente, à nossa existência política.

Vi caírem as primeiras vítimas sobre o acervo informe das ruínas da igreja, sobre os grandes blocos de pedra da fachada disjunta e desmantelada pelas balas. Foram muitas; tantas que a princípio acreditei que, obedientes a um preceito rudimentar de tática, muitos soldados houvessem caído de bruços para atirar com mais segurança e melhor.

O combate prosseguiu vivamente. Ressoaram as cornetas reproduzindo o toque partido da Sete de Setembro, onde se achava o General Artur Oscar.

Ouvi nitidamente a ordem para que avançasse o 5º de Polícia da Bahia.

O 5º avançou. Não foi a investida militar, o avançar franco, numa larga exposição do peito aos tiros, do 4º e do 29º; mas um como que serpear rápido e heróico, um cintilar vivíssimo de baionetas ondulantes, traçando uma sinuosa fulgurante de lampejos desde o leito do rio até às ruínas da igreja.

O mesmo avançar dos *jaguços* – célere, serpeante, escapando à trajetória retilínea – num colear indescritível e fantástico quase, como se aqueles duzentos homens fossem as vértebras mobilíssimas de uma serpente enorme investindo num bote atrevido contra o povoado e envolvendo, numa constrição vigorosa, com a cauda de aço flexível e forte, o baluarte sagrado do inimigo.

O 5º de Polícia é todo constituído por sertanejos do interior da Bahia e de outros Estados, e o seu desassombro no combate e a capacidade singular de adaptar-se às mais duras condições de uma campanha patenteiam admiravelmente o valor e a têmpera resistente dos nossos rudes patrícios dos sertões.

* * *

Momentos antes dessa investida, caíra mortalmente ferido o Major Queirós, comandante do 29º. Vi-o, depois, no hospital de sangue. Emoldurado o rosto arroxeadado pela barba branca maltratada, o aspecto do digno chefe comovia profundamente. Um ponto negro, de sangue coagulado, na raiz do nariz, indicava a entrada da bala. Um ponto negro, pequeníssimo, imperceptível a dez passos de distância; em compensação, porém, a fronte nobre e ampla, sulcada diagonalmente, mostrava o curso do projétil dentro do crânio.

* * *

Às 8 horas, era geral o combate em que se empenhavam outros corpos, além da 3ª e 6ª brigadas.

Nessa ocasião uma nova absolutamente inesperada abalou a todos: morrera, atravessado por uma bala, quando observava de binóculo, numa trincheira, o movimento da batalha, o Tenente-Coronel Tupi Caldas.

Era um oficial de carreira, um militar de raça, um esplêndido general do futuro.

Estatura pequena; magro, seco, nervoso, fisicamente frágil; olhar sem expressão animando-se, porém, repentinamente, nas discussões em que mal sofria as expansões de um temperamento apaixonado e forte; a um tempo simples e ávido de renome; modesto, mas tendo, perene, n'alma, o sonho indefinido, a idealização suprema e absorvente da glória.

Ultimamente atravessava o acampamento arrimado em comprido bordão, com o andar titubeante e incerto dos beribéricos.

Rodeava-o a simpatia de todos. Os seus comandados diretos, os soldados do 30º, respeitavam-no como a um pai.

No dia 30, à tarde, quando me dirigia para o acampamento do Batalhão Paulista, encontrei-o.

Interpelou-me de longe:

– Então, *seu doutor*, já recebeu o trabuco que lhe mandei? Uma arma interessante; há de fazer um sucesso enorme em São Paulo.

Agradei-lhe o presente na véspera enviado e, depois de breve troca de palavras, disse-lhe:

– Sabe que o general não concorda que entre amanhã no combate?

– Sei, sei, o Artur é muito meu camarada e teme pela minha moléstia... Mas não acha que é um contra-senso ficar na minha barraca, agora, no fim de tudo, eu, que suporte há tanto tempo este inferno?... Ficar na cama no fim da festa, justamente quando vão servir os doces... Não! falta só um dia, vou até o fim.

E faltava-lhe só um dia e foi até o fim o bravo e dedicado lidador, uma magnífica existência heróica atravessada ao ritmo febril das cargas guerreiras, uma vida que foi um poema de bravura tendo como ponto final uma bala de Mannlicher.

Correu um frêmito, misto de pavor, de espanto e de cólera pelas fileiras do 30º. Houve um momento de vacilação e depois, como um só homem, mudo, assombrado, terrível, o Batalhão rolou sobre a trincheira, transpô-la de um salto, caiu no solo violentamente batido pela fuzilaria e enfrentando a morte precipitou-se sobre o inimigo, a marche-marche, sem disparar um tiro, impetuosamente, varrendo-o à baioneta e a coice de armas!

E – fato que teve muitas testemunhas – o soldado ao voltar desta carga tremenda, ferido, mutilado ou chamuscado pelo incêndio, coberto pela poeira dos escombros, exausto e ofegante da luta, vestes despedaçadas nos pugilatos corpo-a-corpo, indiferente à dor, indiferente à vida que se lhe escapava lentamente pelas artérias rotas, vinha chorando, murmurando com uma veneração estranha o nome do denodado comandante.

* * *

Generalizado o combate às 9 horas era difícil conjecturar se-quer para que lado propendia a vitória. O inimigo resistia, indomável, dentro de um círculo de fogo.

Dissolveram-se nessa ocasião as névoas da manhã e um sol claríssimo iluminou a batalha.

Observei então que o incêndio lavrava a oeste do arraial, progredindo lentamente para a zona ocupada pelo inimigo.

Às 10 horas a vitória pairou um minuto sobre as nossas armas, mas desapareceu de pronto. Fora tomada a igreja nova e um cadete do 7^o cravara, audaciosamente, no alto da parede estuída do templo, a bandeira nacional.

As cornetas tocaram a marcha batida e um viva à República imenso e retumbante saiu de milhares de peitos.

Surpreendidos por esta manifestação estranha, os próprios *ja-gunços* cessaram, por momentos, o tiroteio.

Na larga praça das igrejas fervilhavam soldados, atumultuadamente, andando em todas as direções, trocando saudações entusiásticas.

Era a vitória, por certo.

Eu estava a cerca de 200 metros apenas da praça, no quartel-general do General Barbosa. Desci rapidamente a encosta e entrei na zona do combate. Não gastei dois minutos na travessia. Ao chegar, porém, ouvi, surpreendido, sobre a cabeça, o sibilar incômodo das balas.

Tudo é incompreensível nesta campanha: a batalha continuava mais acesa e mortífera se é possível.

Abeirei-me de uma trincheira.

Estava ali um batalhão sob o comando do Capitão Raimundo Magno da Silva.

Nessa ocasião três estampidos mais fortes que a explosão das granadas fizeram-se ouvir, próximo à latada.

Tinham sido arremessadas três bombas de dinamite sobre os *jagunços*. Senti o solo estremecer numa vibração rápida e forte de terremoto.

Cessaram os tiros do inimigo e três colunas de fumo, precursoras do incêndio, determinaram os pontos flagelados.

Mas estas não se tinham ainda dissolvido nos ares e a fuzilaria inimiga, reatando a refrega, batia outra vez, violentamente, as nossas linhas.

Mais violenta, se é possível, prosseguia a batalha.

Voltei para o meu posto de observação, cautelosamente, desafiando-me pelas casas e, ao atingir o alto da encosta, vi passar, numa rede, agonizante, o Capitão Aguiar, assistente do General Carlos Eugênio.

No extremo de um beco estreitíssimo, abrigado por uma casa a poucos passos das trincheiras, o malgrado oficial conversava com o Tenente-Coronel Dantas Barreto e o Capitão Abílio, assistente do General Artur Oscar, quando, ao passar, um batalhão que avançava, se afastou dos companheiros para observar, da esquina, a investida. E ao observá-la, vigorosa e impávida, o moço republicano, que era um oficial valente, jovial e bom, tirou o chapéu, agitando-o entusiasticamente, e ergueu – febricitante, – um viva fervoroso à República.

Essa saudação custou-lhe a vida; a vida fugiu-lhe do peito de envolta nas vibrações de um brado heróico, precisamente na ocasião em que a sua alma sincera ansiava pela existência eterna da República.

Morreu como sabem morrer os imortais, aquele digno, leal e esplêndido companheiro...

* * *

Às 10 horas e 52 minutos novos estampidos abalaram os ares e novamente estremeceu a terra em torno de um punhado de valentes transviados; novas bombas de dinamite derramaram a devastação e a morte na zona convulsionada em que lutavam os últimos *jagunços*. E despedaçados pelas explosões fortíssimas que dispartiam em todas as direções os restos das casas destruídas sob os escombros fumegantes, sob um chuva de balas, apertados num círculo de baionetas e de incêndios, aquela gente estranha não fraqueou sequer na resistência.

As nossas baixas avultavam. As padiolas e redes passavam, incessantemente, inúmeras, como uma procissão lutuosa e triste dos que seguiam a romaria trágica para o túmulo.

No hospital de sangue um quadro lancinante, indefinível.

Sem espaço mais dentro das amplas barracas, os feridos acumulavam-se, fora, no chão ensangüentado, sob o cáustico abrasado de um sol inclemente e fulgurante, atordoados pelos zumbidos agourentos e incômodos das moscas, fervilhando em número incalculável.

Quando à 1 hora da tarde contemplei o quadro emocionante e extraordinário, compreendi o gênio sombrio e prodigioso de Dante. Porque há uma coisa que só ele soube definir e que eu vi naquela sanga estreitíssima, abafada e ardente, mais lúgubre que o mais lúgubre vale do Inferno: a blasfêmia orvalhada de lágrimas, rugindo nas bocas simultaneamente com os gemidos da dor e os soluços extremos da morte.

Feridas de toda a sorte, em todos os lugares, dolorosas todas, gravíssimas muitas, progredindo numa continuidade perfeita dos pontos apenas perceptíveis das Mannlichers, aos círculos maiores impressos pelas Comblains, aos rombos largos e profundos abertos pelas pontas de chifre, pelos pregos, pelos projéteis grosseiros dos bacamartes e trabucos.

Vibrava no ar um coro sinistro de imprecações, queixas e gemidos. Quase todos contorciam-se sob o íntimo acúleo de dores cruciantes, arrastavam-se outros disputando um resto de sombra das barracas, quedavam-se muitos, as mãos cruzadas ou espalmadas sobre o rosto, resguardando-o do sol, imóveis, estóicos, numa indiferença mórbida pelo sofrimento e pela vida.

No fundo dos barracões, arrimados sobre os cotovelos ou sentados, os antigos doentes, os feridos dos combates anteriores, olhavam assustados para os novos companheiros de desdita, sócios das mesmas horas de desesperança e martírio.

A um lado, lançados sobre o chão duro, francamente batidos pelo sol, alinhavam-se três cadáveres – o Tenente-Coronel Tupi, o Major Queirós e o Alferes Raposo.

Felizes os que não presenciaram nunca um cenário igual...

Quando eu voltei, percorrendo, sob os ardores da canícula, o vale tortuoso e longo que leva ao acampamento, sentia um desapon-

tamento doloroso e acreditei haver deixado muitos ideais, perdidos, naquela sanga maldita, compartilhando o mesmo destino dos que agonizavam manchados de poeira e sangue...

* * *

À 1 hora e 45 minutos cheguei à sede da comissão de engenharia e observei o combate.

A situação não mudara.

Dentro de um *cumulus* enovelado e pardacento de fumaça agitava-se ainda, doidamente, o encontro. Cinco minutos depois partiu do comando-em-chefe um toque geral de “infantaria avançar!” sobre as trincheiras. A infantaria avançou sem conseguir tomá-las. À estrada, os sulcos profundos abertos pela dinamite eram trancados tenazmente pela fuzilaria.

Impossível formar-se a mais leve idéia sobre a situação. Insistentes, imprimindo em todo aquele tumulto a nota singular de uma monotonia estranha, reproduziam-se em todas as linhas, de minuto em minuto, incessantes, sem variantes, as notas estrídulas das cornetas determinando a carga.

E as cargas realizavam-se, sucessivas, rápidas, constantes, vigorosas, inflexíveis; pelotões, batalhões e brigadas, ondas cintilantes de baionetas feridas pelo sol, rolavam, quebravam-se ruidosamente sobre as trincheiras intransponíveis.

Vi, nessa ocasião, o Coronel Sampaio atravessar lentamente, a pé, a praça, na direção do combate. Não tirara os galões; encarava serenamente os perigos dentro do alvo tremendo da própria farda, francamente exposto aos tiros do inimigo, que visava de preferência os chefes. Desapareceu com o mesmo andar tranqüilo no seio dos combatentes.

À margem esquerda do Vaza-Barris uma linha de baionetas desdobrava-se, extensa, da igreja velha à nova. Era a ala direita do Batalhão Paulista, correto sempre, severamente subordinado ao dever e pronto a enfrentar os perigos à primeira voz.

A outra ala, dentro de Canudos, sustentava brilhantemente, no seio da refrega, as grandes tradições dos soldados do Sul.

Às 2 e 20 uma nova vibração do solo chegou até o ponto em que eu estava – novas bombas de dinamite eram lançadas sobre o inimigo

e um novo incêndio irrompeu, listrando a fumarada com as línguas vermelhas das chamas.

Mais violento e mortífero prosseguia o combate.

E pela encosta acima, defluindo da sanga profunda, dentro da qual se estendia a linha avançada do 25º Batalhão – longa, constante, subia sempre a trágica procissão dos mortos e feridos em direção ao hospital de sangue.

Em padiolas uns, carregados outros em redes, ascendiam lentamente a colina escavada pela longa estrada pontilhada de gotas de sangue.

Alguns subiram sós, a pé, vagarosamente, titubeantes, parando de minuto em minuto, exaustos, resfolegando penosamente, animando-se às casas, numa exaustão contínua de forças, arrastando-se num esforço extraordinário, até ao alto.

* * *

A verdade é que ninguém poderia prever uma resistência de tal ordem.

O ataque foi lógico, imposto severamente pelas razões mais sólidas, e o seu plano, perfeitamente bem concebido, resistirá com vantagem à crítica mais robusta.

Tudo, porém, são surpresas nesta campanha original.

À tarde reconheceu-se definitivamente que a situação não mudaria.

Só havia uma providência a tomar – conservar as posições arduamente conquistadas, embora não se revestissem de importância que compensasse os sacrifícios feitos.

Reduzira-se, entretanto, de muito, a área ocupada pelo inimigo.

Esta redução de espaço, porém, parecia haver determinado a condensação de sua energia selvagem.

A noite desceu serenamente sobre a região perturbada do combate e rasgando o seio da noite, caindo, insistentes, sobre todos os pontos da linha do cerco, sibilando em todos os tons sobre o acampamento, inúmeras, constantes, da zona reduzida em que se encontravam os *jaguços*, irrompiam as balas.

.....

*O batalhão de São Paulo*²²

26 de outubro de 1897
O Estado de S. Paulo – São Paulo

O

S BRIOSOS SOLDADOS que voltam da luta são dignos do entusiasmo com que o povo os recebe. Quando, em princípio de setembro, chegamos a Queimadas, eu já sabia que o Batalhão Paulista chegara a Canudos realizando uma marcha brilhante e rápida. Em Queimadas, a opinião unânime dos habitantes daquela cidade traduzia-se num elogio constante ao procedimento da força deste Estado durante o tempo em que ela ali esteve.

Nem uma voz discordante perturbava essa manifestação absolutamente sincera e franca, que ainda perdura e persistirá por muito tempo.

Em Monte Santo (enuncio um fato que me foi exposto pelas pessoas mais sérias da localidade), a população inteira ficou verdadeiramente surpreendida ante a entrada corretíssima de um batalhão, que acabava de realizar uma marcha de dezesseis léguas e ali chegava, em forma, numa ordem admirável, como se fosse tranqüilamente para uma simples revista.

22 Este artigo, com a assinatura de Euclides da Cunha, apareceu no *Estado de S. Paulo* de 24 de outubro de 1897. N. do R.

Quando segui para Canudos com o heróico Regimento do Pará, encontrei uma ala da nossa força já próximo ao termo da viagem. Foi entre Suçuarana e Juá, na estrada do Calumbi, havia pouco descoberta pelo Tenente-Coronel Siqueira de Meneses, trabalho notável que contribuiu muitíssimo para apressar o termo da luta, porque estabeleceu mais rápidas e seguras comunicações com Monte Santo.

Lá estava a ala esquerda do Batalhão Paulista, dirigida pelo bravo e dedicado Major José Pedro. A estrada do Calumbi, por onde os *jagunços* esperavam a expedição do General Artur Oscar, ladeada em parte pelas montanhas do Calumbi e Cachamangó, crivada de trincheiras ásperas de mármore silicoso, tendo um trecho de três quilômetros dentro do vale profundo do rio Sargento, cortando talvez quinze vezes as barrancas abruptas do rio Craíba, é de mais difícil travessia do que a do Cambaio. Guardá-la e ocupá-la, pois, não era empresa de pouca monta, sobretudo antes do estabelecimento de um tráfego franco e contínuo. Tanto isto é verdade que a ala do Batalhão Paulista foi depois substituída por uma brigada – a do Coronel Gouveia.

Assim, ao chegar a Canudos, no dia 15 de setembro, eu levava já a convicção de que os intrépidos soldados do Sul prosseguiram retilmente nas empresas rudes da guerra.

E, realmente, assim procederam sempre.

Exponho lealmente a verdade afirmando que o general-em-chefe repetidas vezes me manifestou, com a franqueza excepcional que o caracteriza, a confiança inteira, absoluta, que lhe inspirava o Batalhão de São Paulo:

– “Cada vez me agrada mais esta *sua* gente...”

Havia razões para isto. O Batalhão era perfeito na disciplina. Cumpria as ordens que recebia, mas rigorosamente, estritamente, com uma precisão verdadeiramente militar, sem delas se arredar nem mesmo para se atirar à aventura mais tentadora e aparentemente da mais fácil realização.

Teve poucos homens fora de combate; foi mesmo, talvez, o batalhão menos sacrificado de toda a campanha. Este fato, na aparência incompatível com os inegáveis serviços por ele prestados e cuja importância não se pode dirimir, explica-se, de um lado, pelo tempo relativamente curto em que esteve no campo das operações e, de outro, por um

acaso feliz, porque arriscadíssimas e sérias foram muitas vezes as posições que ocupou e não abandonou nunca.

O plano de ataque do memorável dia 1º de outubro demonstra-o. Apoiada pelo Batalhão do Pará, a ala direita do Batalhão Paulista, sob o comando imediato do Tenente-Coronel Elesbão Reis, garantiu a poucos metros do centro agitado da luta, desdobrando-se na margem esquerda do Vaza-Barris, da igreja velha à nova, um extenso segmento da linha do cerco, enquanto a ala esquerda, dentro do arraial, no mais aceso do combate, compartia os trabalhos e perigos que rodeavam as forças assaltantes do Exército, acompanhando-o dignamente na rara e notável subordinação ao dever e na extraordinária dedicação à República que ele sempre patenteou.

Isto é o depoimento simples e sincero de uma testemunha pouco afeiçoada à lisonja banal e inútil.

Mas, não era a primeira vez que os paulistas se aventuravam a arrancadas nos sertões.

O episódio trágico dos *Palmares* e a epopéia ainda não escrita dos *Bandeirantes* foram criados pela índole aventureira e lutadora dos sulistas ousados.

E o Batalhão de São Paulo, heróico e desassombrado no combate, fez reviver, por um momento, numa página da história do presente, todo o vigor guerreiro e toda a índole varonil dos valentes caídos há dois séculos.

OUTROS TEMAS

.....

*Distribuição dos vegetais no
Estado de São Paulo*

4 de março de 1897
O Estado de S. Paulo – São Paulo

O

XI BOLETIM da Comissão Geográfica e Geológica trata, entre outros, daquele interessantíssimo assunto que se traduz como uma novidade na deplorável inanidade do nosso ambiente intelectual e erige-se como a primeira tentativa séria, a par do recente trabalho de Warming sobre a flora da Lagoa Santa, em Minas, de um estudo sistemático da nossa flora local, e, talvez, sob um ponto de vista mais geral, da geografia botânica do nosso país.

De fato, os lineamentos gerais do nosso mundo vegetal, traçado pelo ilustre Martius em sua clássica divisão de províncias ou sub-reinos amplíssimos e de maldefinidas fronteiras, tinham demasiada amplitude para refletirem as modificações impostas pelas circunstâncias locais. Abrangendo cada uma daquelas divisões, às vezes, muitos graus de latitude, caracteriza-as a máxima generalidade, tal que se tocam e se confundem quase, na parte ocidental da nossa terra, as duas províncias extremas das Napéias extratropicais e Náíades intertropicais – as primeiras dominando exclusivamente no Rio Grande, Santa Catarina, Paraná

e sul de Mato Grosso e as segundas, mais disseminadas, acompanhando o curso dos grandes rios e definindo-se com admirável opulência na hiléia amazônica de Humboldt que desdobra pela extensão do grande vale uma vegetação incomparável e forte, sob a adustão perene dos grandes dias tropicais.

Torna-se, assim, claramente, necessário, por meio de um estudo mais íntimo da nossa natureza, definir os vários aspectos particulares inevitavelmente assumidos por aquelas divisões, ante as modalidades do meio. Foi o que intentou, para a flora paulista, o Sr. A. Loefgren após pacientes e longas investigações.

Compartindo o domínio da vegetação paulista as Dríades e Oréades de Martius, a que pertencem respectivamente as matas que revestem as montanhas graníticas do litoral e a flora das regiões montano-campestres intertropicais, cada uma dessas províncias, segundo as condições ambientes, pode revestir-se de feições particulares, perfeitamente definidas, transmudando-se lentamente, sob o influxo das reações exteriores, e estabelecendo, numa continuidade admirável, a transição das grandes florestas primitivas, *silvae primevae*, à vegetação rudimentar dos campos.

A traços largos embora e aproveitando habilmente as divisões criadas pela própria natureza, descreve o Sr. A. Loefgren esses diversos aspectos em que se repartem naturalmente aquelas duas grandes divisões do eminente iniciador da *Flora brasiliensis*, adotando para designá-las as denominações populares geralmente conhecidas. E com a máxima clareza liga os dois extremos naturais da vegetação, as matas e os campos, pelas séries decrescentes definidas pelos capoeirões, capoeiras e carrascais, de um lado e de outro pelas catanduvras, cerradões, cerrados e caatingas – formações derivadas, segundo a denominação de Warming, do Drias e Óreas martianos. Define estes diversos *facies* de uma flora que se adapta com singular plasticidade a um meio altamente complexo e inconstante e aborda afinal o ponto capital da questão – estudando-lhes as espécies vegetais características.

Compreende-se que tal estudo é apenas um ensaio, como declara o seu autor, e, acrescentamos, uma tentativa até certo ponto heróica.

Tendo, talvez, em parte, como única orientação as recentes deduções de Warming acerca do modo de ser da flora da Lagoa Santa, o

Sr. A. Loefgren esteve quase que inteiramente isolado nessas indagações persistentes por meio da flora opulenta e nimamente caprichosa de uma região, cuja disposição topográfica parece ter invertido a definição astronômica dos climas, impondo aos isotermos²³ deflexões bizarras e exageradas e imprimindo em sua zona extratropical do litoral a feição tropical por excelência, muitíssimo mais acentuada que no interior.

Daí o altíssimo valor do seu esforço, destinado a maiores resultados futuros e a inegável originalidade de um estudo para cuja apreciação exata carecemos de competência, não tendo estas linhas outra função além de impedir que o indiferentismo geral apague e extinga mais um tentame notável. Não acompanharemos por isto o infatigável botânico na criteriosa análise dos diversos tipos florais do Estado – da flora exuberante das matas à vegetação caótica das capoeiras ou dos campos, adstrita a um meio inclemente.

* * *

Ampliando as notáveis indagações iniciadas em Minas pelo ilustre secretário do Dr. Lund, abordou o Sr. A. Loefgren, com inteira segurança, sobre a larga base dos estudos a que nos vimos referindo, o problema interessantíssimo e atraente da gênese dos campos e a explicação segura das causas que determinam a persistência, a constância da sua vegetação deprimida, estacionária e sem a mínima tendência, por meio de um movimento evolutivo ascensional, a formas mais proeminentes.

É esta inegavelmente a feição mais diretamente útil do seu trabalho, sobretudo se considerarmos que preponderam neste Estado as regiões campestres geralmente consideradas estéreis e inaptas a qualquer cultura regular; regiões destinadas entretanto a notável ação sobre o nosso desenvolvimento econômico, em próximo futuro, quando o esgotamento das terras ora cultivadas, coincidindo com o aumento da população, determinar o surto de uma lavoura mais inteligente, na qual graças a um maior desdobramento de energias, exigidas pela cultura intensiva, a

23 A melhor forma é a do feminino *isoterma* ou o adjetivo substantivado *isotérmico* = linha de pontos de igual temperatura. N. do R.

inteligência do homem, em íntima colaboração, se alie à força inconsciente da terra.

Ora, dos estudos em questão resulta que, em contraposição à opinião geral, nenhuma causa insanável determina a esterilidade aparente dos campos, cabendo à composição química do solo influência diminutíssima em sua formação e conservação.

Observando a disposição geral dos chapadões do amplo planalto paulista, revestidos pela flora campestre, que descambam insensivelmente em suaves declives segundo a direção dos rios principais, nota o Sr. A. Loefgren que são eles varridos longitudinalmente pelos ventos dominantes – o SE, marítimo e saturado de umidade, que após vingar o antemural²⁴ da serra do Mar atinge o planalto determinando a ação benéfica do orvalho, e o NO ardente, oriundo das regiões adustas do interior, e originando intensa evaporação, visto como a ausência de obstáculos que não lhe oferece a superfície lisa das chapadas, conserva-lhe a temperatura alta e afastado, conseqüentemente, o ponto de saturação para a umidade. Esta condição desfavorável para a existência vegetal, própria dos vastos descampados, é agravada ainda pela irradiação noturna que é neles muito maior do que nas matas, de onde decorre o flagelo periódico das geadas. A estas causas porém, obstáculos opostos ao desenvolvimento vegetativo dos campos, alia-se uma outra.

Pertence esta à teoria estabelecida por Thurmmman, firmando a influência preponderante das qualidades físicas do solo e especialmente da sua desagregação mais ou menos completa de onde resultam a avidez com que retém a água ou a faculdade de filtrá-la rapidamente, deixando-a passar às camadas inferiores.

De fato, a observação revela nos planaltos das regiões campestres camadas terrosas nimamente espessas e permeáveis, nas quais a umidade derivada da atmosfera prestes desaparece, avidamente sugada pelo solo até às camadas impermeáveis profundas.

Da concorrência de tais obstáculos resulta a penosa adaptação imposta àquela flora, o seu estacionamento e a conservação persis-

24 A publicação original registra a *antemural*. N. do R.

tente de uma vegetação característica que não evolve e, ao contrário, deperece cada vez mais, ante o assalto brutal dos elementos.

Vegetação raquítica, torturada e desgraciosa, em que os galhos retorcidos e desordenados dão-nos a idéia de um bracejar de desespero, ela é, entretanto, interessantíssima e, melhor do que as majestosas florestas do litoral, patenteia vigor e resistência heróica na luta pela vida.

Segundo já fora observado por Warming, compõem-na entre tanto as mesmas famílias e gêneros que povoam as matas. As circunstâncias desfavoráveis apontadas imprimiram-lhes, porém, movimento retrógrado tão grande que à mais inexperta vista ressalta a diferença entre as Bignoniáceas quase acaules do campo e as suas esbeltas irmãs das florestas.

Chega-se assim, logicamente, à conclusão de que a persistência dos campos neste estado particular é o resultado de condições geológicas, físicas e topográficas – não sendo lícito acreditar-se numa esterilidade incompatível com uma flora variadíssima e idêntica à das matas e com a própria permeabilidade do solo. De sorte que a irrigação artificial nas épocas de seca debelaria em grande parte os males apontados, visto como a evaporação por um lado e a sucção do solo por outro são as causas predominantes daquela aparente aridez dos campos.

Se acrescentarmos agora que estes pela sua disposição mesmo, de superfície ligeiramente ondulada, constituem regiões em que se torna facilíma a aplicação dos arados, patenteando de modo notável essa *manageability of nature* de que nos fala Buckle, compreende-se claramente todo o seu valor e o papel que lhes destina o futuro.

Exaustas as regiões ubérrimas nas quais a decomposição das rochas eruptivas (augito-porfiritos) origina a terra roxa que está atualmente para o nosso desenvolvimento econômico como a terra negra da Ucrânia, a fecunda *tchernoizem*, para o da Rússia meridional, o aproveitamento das extensas zonas hoje abandonadas tornar-se-á inevitável e traduzirá uma expansão mais ampla da atividade do lavrador, que perdendo a feição quase parasitária atual terá necessidade de estimular antes e desencadear as energias latentes do solo. Os campos são assim, segundo a expressão de um belo talento, as reservas do nosso futuro. A sua estrutura geológica ou, de um modo geral, do planalto sedimentário que

os contém, composta de extratos horizontais de xisto e possantes camadas de grês, cindidas pelas erupções triássicas de diábase e meláfiro, torna eminentemente praticável a abertura de poços artesianos, pela probabilidade da existência da água a pequena profundidade, nas camadas daquelas rochas sedimentárias. Por outro lado, a extrema diferenciação hidrográfica do Estado, em que a maioria dos rios se subdivide em inúmeros afluentes, facilita a formação de represas e armazenamento de grandes massas de água, que podem ser distribuídas para o beneficiamento do solo, consoante as necessidades.

Estas conclusões notáveis completam admiravelmente os estudos do digno botânico da Comissão Geográfica e Geológica.

.....

O 4º centenário do Brasil

6 de maio de 1900
O Rio Pardo – São José do Rio Pardo

N O SÉCULO XVI a humanidade dilatou o cenário da História.

Despeada do tumulto medieval voltou-se para o passado, atraída pelo fulgor da Antigüidade clássica, reatando, pela cultura humanista, os elos da continuidade social partidos desde a irrupção dos bárbaros. E à medida que, por tal forma, o espírito humano renascia, crescendo na ordem intelectual, como que se lhe impôs indispensável ampliar também, na ordem física, o palco desmedido em que apareciam as sociedades transfiguradas.

De sorte que, logicamente, a Renascença coincide com a época dos grandes descobrimentos geográficos – que longe de traduzirem feitura do acaso favorecido pela audácia de alguns marinheiros temerários, foram um resultado imediato da reorganização geral.

Colombo, meditativo diante da *Imago Mundi* de Petrus Aliacus ou deletreando as cartas de Paolo Toscanelli, ligava-se por meio dos séculos a Strabo; Bartolomeu Dias, rumando impávido para o *mar immoto* do Atlântico Sul, singrava na esteira secular do périplo de Hanon...

Os países futuros iriam surgir indicados pelo passado.

Além disto, a atração irreprimível do Oriente opulentíssimo, por um lado, e, por outro, o anelo de atingir as terras misteriosas do Ocidente, onde demorava a Atlântide fantástica dos gregos, eram estímulos poderosos às gentes européias.

Norteados por tais desígnios os barinéis²⁵ ligeiros, as galés e as naves majestosas, e as caravelas atrevidas fizeram-se aos mares desconhecidos, velejando de Palos e Lisboa.

Procurando com Vasco da Gama as altas latitudes do Hemisfério Sul e contornando a África ou com Vicente Pinzón endireitando ponteiros para oeste, visando “el levante por el poente”, demandavam todos, variando na rota, um objetivo único – alcançar a Índia portentosa.

O descobrimento da nossa terra realizou-se, então, como um incidente inesperado, mas não inteiramente fortuito, dessa tentativa fascinadora. Pedro Álvares Cabral zarpara a 9 de março de 1500, de Lisboa para a Índia, onde ia suceder ao Gama, e este, mais experimentado àqueles mares, recomendando-lhe que se alongasse o mais possível para o ocidente, amarrando da costa africana de modo a evitar as calmarias do golfo de Guiné, tinha, talvez, o secreto intuito de ver realizada uma travessia nas paragens ignotas, cujas terras, ainda não descobertas, pertenciam, pelo recente Tratado de Tordesilhas, à coroa portuguesa.

Partiu o feliz navegador e inesperadamente, a 22 de abril (data inutilmente transposta pelo calendário gregoriano para 3 de maio) depa-rou com lugares nunca vistos naqueles mares nunca dantes navegados.

Foi há quatrocentos anos...

Em geral os nossos historiadores dão ao acontecimento um aspecto dramático: doze caravelas desarvoradas – mastros desaparelhados e velames rotos, sacudidas violentamente pelo Atlântico, arrebatados nas lufadas fortes dos ventos desencadeados – e arribando à enseada salvadora de “Vera Cruz”.

Estava descoberto o Brasil.

E como aqueles rudes lidadores, que haviam descolocado para o oceano tormentoso a bravura romanesca da cavalaria medieval,

25 Talvez a melhor forma seja *varinel* ou *varino*. N. do R.

não dilatavam somente o “império” mas também a fé, dias depois, a 1^a de maio, diante do gentio deslumbrado realizaram a primeira missa.

E partiram. Reataram a rota aproando outra vez para as Índias, deixando em terra, alteada sobre um monte, avultando nas solidões de novo continente e dominando o mar, uma cruz de madeira.

Estava cravado o primeiro marco da nossa história.

O belo símbolo cristão ali ficou; e muito alto, projetando-se nos céus entre as fulgurações do Cruzeiro, braços para a Europa, era como um apelo ansioso, o primeiro reclamo da terra ainda virgem à civilização afastada...

.....

As secas do Norte

29, 30 de outubro e 1º de novembro de 1900
O Estado de S. Paulo – São Paulo

O

I

NOSSE PAÍS é um meio sem uniformidade. Temos climas que se extremam, díspares, ao ponto de imporem adaptação penosa aos próprios filhos do território e, se exagerássemos o conceito mesológico de Buckle, prefiguraríamos na nossa terra a existência futura de muitas nacionalidades diversas. Porque a pressão barométrica, a temperatura e os ventos predominantes, seguindo o litoral extenso ou vingando as bordas dos planaltos, não se entrelaçam num regime único. Entretanto, o fato não decorre, como à primeira vista se poderia imaginar, de um vasto desdobramento em latitude, avassalando diferentes zonas. É uma resultante imediata da estrutura geognóstica do maciço continental completada pela orientação e relevo variáveis do majestoso antemural²⁶ de cordilheiras que o precintam e alteiam sobre os mares.

Abeiradas do litoral, sobre que se aprumam às vezes, acompanhando-lhe as inflexões, aqueles, consoante os rumos variáveis dos eixos principais, reagem diversamente sobre o regime das terras interiores.

26 Novamente aparece *antemural* como substantivo feminino, no jornal. N. do R.

E tão vivamente que transcorridos alguns graus além do trópico, na direção do norte, quando as cadeias se alongam perpendiculares ao alísio, observa-se, de pronto, inesperada anomalia climática entre a faixa de terras que lhes demoram a leste e as regiões sertanejas, desdobradas para o poente.

Dali por diante o clima, contraposto à sua definição teórica, começa a definir-se, anormalmente, pelas longitudes.

É um fato elucidado. Em todo o trato de terrenos, da Bahia à Paraíba, se notam transições mais acentuadas acompanhando os paralelos, para oeste, que os meridianos, demandando o norte.

A variedade nos aspectos naturais que na última direção só se apercebe depois de longa travessia, patenteia-se, de golpe, na primeira. Distendida até às paragens setentrionais extremas, a mesma natureza exuberante estadeia-se uniforme, sem variantes, nas matas que debruam a costa, iludindo a observação superficial do forasteiro.

Entretanto, logo a partir do 12º paralelo, escondem vastos territórios estéreis retratando nos plainos desnudos e ásperos os rigores máximos do clima.

Revela-o breve viagem para o ocidente.

Quebra-se o encanto de uma ilusão belíssima; a terra empobrece-se, de improviso; despe-se da flora incomparável; abdica o fastígio das montanhas; erma-se e deprime-se; e transmuda-se nos sertões exsicados e brutos malrecortados de rios efêmeros ou desatados em chapadas nuas que se sucedem, indefinidas, formando o palco assombrador das secas.

O contraste é empolgante.

A menos de cinqüenta léguas um do outro, vêem-se lugares de todo opostos criando opostas condições à vida.

Cai-se, de surpresa, no deserto. Ora, esta anomalia, derivada de causas secundárias facilmente apercebidas, conduz a um problema insolúvel, o problema formidável das secas do Norte, que, interessando a um quinto da nossa gente, não tem e não terá por muito tempo ainda, na sua fórmula complexa, todas as variáveis que o caracterizam.

Indeterminado e dúbio, permite um agitar exaustivo de hipóteses, de sorte que as soluções até hoje aventuradas têm, todas, um cará-

ter frisante: esclarece-nos por uma das faces aumentando a obscuridade de outras.

Assim é que se o contraste acima apontado entre os litorais do Sul e do Norte, relativamente à transição para o interior, pode ser explicado por Emílio Liais como oriundo da aspiração dos planaltos insolados, ao ponto de exercerem sobre o alísio de sudeste torção vigorosa, que o arrebatam pelos terrenos menos acidentados do último, sem que se precipitem, em chuvas, os vapores acarretados, tal fato, adstrito a circunstâncias locais, não explica absolutamente a larga expansão do regime inclemente que não raro, depois de assolar os Estados que se sucedem da Bahia ao Piauí, dilata-se pelos mares, refletindo-se em Fernando de Noronha, longamente afastada.

O Professor Hann, por sua vez, a cuja inegável competência faltou a base da observação direta, inspirado numa analogia inegável com a Austrália, procura a gênese das secas do Ceará à Paraíba, no paralelismo existente entre o litoral e o alísio. Tal explicação, porém, além de se contrapor à irrupção do flagelo no oriente, desde a Paraíba à Bahia, é de algum modo incompatível com a própria conformação geográfica de um território, cuja expansão triangular, extremada pelo cabo de São Roque, favorece singularmente a entrada no interior das terras do vento do quadrante indicado.

Se nos amparamos às lúcidas considerações de Fred Draener apontando, no fato, a influência inegável das montanhas e mostrando-as orientadas, de um modo geral, perpendicularmente ao alísio, como barreiras prejudiciais, vemos que, sobre não bastar, esse elemento único insurge-se contra outras circunstâncias climáticas.

Verificam-se, claros, alguns fatos isolados; o conjunto da questão, porém, engrossa.

Realmente, as serras dos Cariris, Borborema e Garanhuns antepostas às rajadas do sul e sudeste e absorvendo-lhes nas vertentes orientais toda a umidade, fazem com que, no transmontá-las, aquelas progridam exsicadas para o centro de Pernambuco e Ceará, de modo a contribuírem para as secas que ali aparecem; as da Chapada, Itiúba, Itabaiana e Dois Irmãos, antagônicas às mesmas correntes na Bahia e Sergipe, justificam da mesma sorte as que assolam os territórios adjacentes ao médio e baixo São Francisco.

Porém, a ação isolada desse argumento é insustentável.

A demonstração é simples.

De fato, aceito tal modo de julgar, as secas relativamente insignificantes do Piauí seriam inexplicáveis, porque a preponderância daquele motivo devia torná-las, entre outras, as mais duradouras e inclementes.

Indica-o um lance de vistas sobre um mapa.

Vê-se, então, que os restos escassos de vapores escapos à passagem das serranias, ao chegarem às raias daquele Estado, se deporiam nas encostas orientais das serras de Dois Irmãos e Ibiapaba, que os ventos transporiam por fim mais ásperos que no Ceará, tornando aqueles sertões os mais estéreis e brutos da nossa terra.

Sendo, porém, as secas do Piauí equiparadas às da Bahia e Pernambuco, de muito inferiores às do Ceará, é forçoso convir em que não reside nos entraves apontados à propulsão das correntes uma causa dominadora, senão mais um fator nesse entrelaçamento de agentes para a gestação de uma situação que, atingindo o período tormentoso nas terras cearenses, se alarga atenuado para as convizinhas.

A questão é plenamente geral; repele o influxo de causas isoladas.

Tem, entretanto, à primeira vista, a máxima simplicidade. Porque os ciclos das secas se abrem e se encerram com um ritmo tão notável que recordam a marcha inflexível de uma lei natural, ignorada, mas pouco complexa.

Revelou-o pela primeira vez o Senador Tomás Pompeu, traçando um quadro por si mesmo bastante eloqüente em que o aparecimento daquelas nos séculos passado e atual se defrontam em paralelismo singular, sendo de presumir que ligeiras discrepâncias indiquem defeitos de observação ou desvios na tradição oral que as registrou.

De qualquer modo, ressalta à simples contemplação uma coincidência repetida bastante para que se remova a intrusão do acaso.

Assim, para citarmos apenas as maiores, às secas de (1710-1711), (1723-1727), (1736-1737), (1744-1745), (1777-1778), do século XVIII, justapõem-se as de (1808-1809), (1824-1825), (1835-1837), (1844-1845), (1877-1879), do atual.

Esta coincidência, espelhando-se quase invariável como se surgisse do decalque de uma quadra sobre outra, acentua-se ainda na identidade das quadras remansadas e longas que em ambas atreguaram a progressão dos estragos.

De fato, sendo, no século passado, o maior interregno, de 32 anos (1745-1777), houve no nosso outro absolutamente igual e, o que é sobremaneira notável, com a correspondência exatíssima das datas (1845-1877).

Continuando num exame mais íntimo do quadro, destacam-se novos dados fixos e positivos, aparecendo com um rigorismo de incógnitas que se desvendam.

Observa-se, então, uma cadência raro perturbada na marcha do flagelo, intercortado de intervalos pouco díspares, entre 9 e 12 anos, sucedendo-se de maneira a permitirem previsões seguras sobre a sua irrupção.

Entretanto, apesar dessa simplicidade extrema nos resultados imediatos, o problema, que se pode traduzir na fórmula aritmética mais simples, permanece inabordável.

Impressionado pela razão dessa progressão raro alterada, e fixando-a um tanto forçadamente em onze anos, um naturalista, o Barão de Capanema, teve o pensamento de rastrear nos fatos extraterrestres, tão característicos pelos períodos invioláveis em que se sucedem, a sua origem remota. E encontrou, na regularidade com que repontam e se extinguem intermitentemente as manchas da fotosfera solar, um símile completo.

De fato, aqueles núcleos obscuros, alguns mais vastos que a terra, negreando dentro da cercadura fulgurante das fáculas, lentamente derivando à feição da rotação do Sol, têm, entre o máximo e o mínimo da intensidade, um período que pode variar de nove a doze anos. E como de há muito, a intuição genial de Herschel descobrira-lhes o influxo apreciável na dosagem de calor emitido para a Terra, a correlação surgia inabalável nesse estear-se em dados geométricos e físicos acolchetando-se um efeito único.

Restava equiparar o mínimo de manchas, anteparos e irradiação do grande astro, ao fastígio das secas no Planeta torturado – de modo a patentear, cômpanes, os períodos de uma e outras.

Falhou neste ponto, em que pese a sua forma atraentíssima, a teoria planeada: raramente coincidem as datas do paroxismo estival, no Norte, com as daquele.

O malogro desta tentativa, entretanto, denuncia menos a desvalia de uma aproximação imposta rigorosamente por circunstâncias tão notáveis do que o exclusivismo de atentar-se para uma causa única. Porque a questão, com a complexidade imanente aos fatos concretos, se atém de preferência a razões secundárias mais próximas e enérgicas e estas, em modalidades progredindo, contínuas, da natureza do solo à disposição geográfica, só serão definitivamente sistematizadas quando extensa série de observações permitir, do mesmo passo, a definição dos agentes preponderantes do clima sertanejo e, além disto, talvez mais séria a influência mediata sobre ele do regime noutras regiões do continente.²⁷

Esta última condição afigura-se-nos de importância extrema. Apontemos um caso único.

II

Está hoje descoberta – ainda que imperfeitamente delimitada – no âmago continental da América do Sul, enorme superfície abrangendo parte do Mato Grosso e da Bolívia, sobre a qual, alternadamente, se estabelecem, segundo o jogar das estações, pressões e depressões barométricas tão intensas que se vão exercitar sobre os mais longínquos tratos de território.

Dali irradiam, de abril a novembro, e se espalham, fortes correntes dilatando-se pelos quadrantes e estendendo-se sobre demarcadas áreas: o noroeste que rola pelos altos chapadões do Paraná e São Paulo até Minas Gerais e daí para o litoral, onde imobiliza e não raro repele o alísio, de sudeste; o vento sul enregelado, que rompe pela atmosfera

27 Sob o impacto da seca de 1900 que assolou o Ceará, Euclides publicou estes artigos, que são páginas não revistas d'*Os Sertões*. Daí o final incompreensível desse parágrafo; no livro, porém, ele termina assim: "...permitir a definição dos agentes preponderantes do clima sertanejo." (Cf.: *Os Sertões*, pág. 34 da 13ª edição.) N. do R.

adurente do Amazonas, levando até ao Equador, nos dias inaturáveis da friagem em que os peixes morrem de frio nas águas dos grandes rios, os ares das altas latitudes; ou o sudoeste vivo, que se alonga pelas lindes setentrionais de Goiás, até ao planalto do Parnaíba.

De novembro a março, à medida que se acentua, no mesmo centro dos maciços, um mínimo dominante de pressão, esboçam-se situações contrárias: o sudeste varre, então, livremente, os litorais do Sul, e, ao avantajar-se para o Norte vai sendo cada vez mais atraído pela mínima indicada, até torcer inteiramente o rumo, substituído pela monção de nordeste, que, de dezembro a março, entra perpendicularmente pelas costas setentrionais; ao passo que das altas latitudes, soprando contrapostos, penetram remoinhando, em rodeios,²⁸ até ao Mato Grosso, os haustos impetuosos do pampeiro...

Ora, se aquela área central influi por tal forma sobre lugares tão distantes, mercê daqueles agentes essenciais à dinâmica dos climas – que formam as súbitas tempestades de noroeste, em São Paulo e Minas, ou o inverno efêmero e paradoxal do Amazonas –, pode-se conjecturar que também reaja sobre a climatologia dos sertões do Norte, sobretudo se considerarmos que para isto se lhe alia o *facies* orográfico da região.

Realmente, considerando-se a disposição deste último e o sentido dos ventos que ali reinam no estio, evidencia-se o mais perfeito paralelismo.

Todas as principais serranias – dos últimos rebentos da serra Geral às do Piauí, Dois Irmãos e Cariris –, desenrolando-se uniformemente para nordeste, resulta que a monção reinante, embora repleta de vapores colhidos na travessia dos mares, entra-lhes pelos vales canalizada, sem deparar obstáculos que a alteiem provocando-lhe a condensação, e avançam, intactas, para o interior remoto.

Falta-lhes, como se vê, o anteparo de uma serra originando-lhes a ascensão e o resfriamento, a *dynamic cooling*, segundo um dizer expressivo. As lufadas passam velozmente sobre aqueles sertões, cujo ambiente abrasado alevanta-lhes ainda mais o ponto de saturação, dimi-

28 No jornal está *rodéos*, alterado, nas edições anteriores, para *rodéus*, ambas formas inexistentes. N. do R.

nuindo as probabilidades de chuvas, e vão condensar-se nos recessos do continente sobre os mananciais da opulenta rede hidrográfica que o recorta irradiando para as costas.

Neste caso não surgem objeções idênticas às que anulam o raciocínio dos que lobrigam a gênese das secas no antagonismo permanente entre o alísio e as montanhas. Estas tornam-se prejudiciais não pelo se alongarem perpendicularmente à direção daquele senão pela circunstância oposta, pelo acompanharem, paralelas, o traçado do Nordeste.

Compreende-se, então, limpidamente, que possam, as secas, alastrar-se até o litoral da Bahia e dali para os Estados próximos com o fastígio abrasado no Ceará.

As modalidades climáticas, neste caso, reforçam, ao invés de contrabater este modo de pensar.

Assim é que uma única serra, orientada em discordância com a tendência geral das outras, a de Ibiapaba, nos limites ocidentais do estado flagelado, traduz-se como argumento valioso no justificar o abrandamento do regime no Piauí, que lhe demora no ocidente.

Do mesmo modo que a do Araripe, correndo em ampla curvatura de leste para oeste, explica a formação da paragem remansada que centraliza e para onde afluem, muitas vezes, os retirantes dos Estados próximos.

Além disto, volvendo a encarar o assunto sob o aspecto geral, o aparecimento das chuvas sobre os sertões requeimados, realiza-se, sempre, entre duas datas, fixadas de há muito pela prática dos sertanejos, de 12 de dezembro a 19 de março. Fora de tais limites não há um exemplo único de extinção de secas, que, se os atravessam, prolongam-se fatalmente por todo o decorrer do ano, até que se reabra outra vez aquela quadra.

E sendo assim e lembrando-nos que é precisamente dentro deste intervalo que a longa faixa das calmas equatoriais, no seu lento oscilar em torno do equador, paira no zênite daqueles Estados, levando a borda até as extremas da Bahia, não poderemos considerá-la, para o caso, com a função de uma montanha ideal que, correndo de leste a oeste e corrigindo momentaneamente lastimável disposição orográfica, se anteponha à monção e provoque-lhe a parada, a ascensão das correntes e o

resfriamento subsequente e a condensação imediata nos aguaceiros diluvianos que tombam, então, de súbito, sobre os sertões?

Este desfiar de conjecturas tem o valor único de indicar quantos fatores remotos podem incidir numa questão que duplamente nos interessa, pelo seu traço superior, na ciência, e pelo seu significado mais íntimo no envolver o destino de extenso trato do nosso país. Remove, por isto, a segundo plano o influxo até hoje inutilmente agitado dos alísios, e é de alguma sorte fortalecido pela intuição do próprio sertanejo para quem a persistência do nordeste – o vento da seca, como o batiza expressivamente – equivale à permanência de uma situação irremediável e crudelíssima.

Como quer que seja, o penoso regime dos Estados do Norte está em função de agentes desordenados e fugitivos sem leis ainda definidas – sujeitos às perturbações locais derivadas da natureza da terra e a reações mais amplas promanadas das disposições geográficas. Daí um clima instável e revolto como as correntes aéreas que o desequilibram e variam.

As quadras benéficas chegam de improviso.

Depois de dois ou três anos, como de 1877-1879, em que a insolação rescalda violentamente as chapadas desnudas, a sua própria intensidade origina um reagente inevitável. Decai, afinal, por toda a parte, de modo considerável, a pressão atmosférica e apruma-se maior e mais bem definida a barreira das correntes ascensionais dos ares aquecidos antepostas às que entram pelo litoral. E entrechocadas num desencadear de tufões violentos, confundidas as lufadas, alteiam-se, retalhadas de raios, nublando em minutos o firmamento todo, desfazendo-se logo depois em aguaceiros fortes sobre os desertos recrestados.

Então parece tornar-se visível o anteparo das colunas ascendentes que determinam o fenômeno na colisão formidável com o nordeste.

Segundo numerosos testemunhos dos que o presenciaram –, as primeiras bátegas despenhadas da altura não atingem a terra; a meio caminho evaporam-se entre as camadas referventes, que sobem, e voltam, repulsadas, às nuvens para outra vez condensadas precipitarem-se de novo e novamente refluírem –, até tocarem o solo que, a princípio, não umedecem, tornando ainda aos espaços, com rapidez maior, numa vaporização quase, como se houvessem caído sobre chapas incandes-

centes –, para mais uma vez descerem, numa permuta rápida e contínua –, até que se formem afinal os primeiros fios de água derivando pelas pedras, as primeiras torrentes em despenhos pelas encostas, afluindo em regatos já avolumados entre as quebradas, concentrando-se tumultuariamente em ribeiros encachoeirados; adensando-se estes, em rios barrentos, traçados ao acaso, à feição dos declives, em cujas correntezas passa velozmente a galhada das árvores arrancadas – rolando todos e arrebenhando na mesma onda, no mesmo caos de águas revoltas e escuras.

Se ao assalto subitâneo sucedem-se as chuvas regulares, transmudam-se os sertões, revivescendo. Passam, porém, não raro, num giro célere, de ciclone.

A drenagem rápida do terreno e a evaporação que se estabelece mais viva, tornam-nos, outra vez, desolados e áridos. Penetrando-lhes a atmosfera ardente, os ventos duplicam a capacidade higrométrica, e vão, dia a dia, absorvendo a umidade exígua da terra – reabrindo o ciclo inflexível das secas...

Estas, assombradoras e inelutáveis, derivando na intercadência do ritmo que apontamos, sucedem-se inacessíveis até hoje a explicações rigorosas, como vimos.

Poderá a atividade humana, tão bem aparelhada agora pelos recursos da indústria moderna, senão destruí-las, atenuar-lhes os efeitos?

III

Quem atravessa as planícies elevadas da Tunísia, entre Beja e Bizerta, à ourela das primeiras estepes marginais do Saara, encontra ainda no desembocar dos vales, atravessando normalmente o curso caprichoso e em torcicolos dos *oueds*, restos de antigas construções romanas.

Velhos muradaís derruídos, embrechados de silhares e blocos rolados, assoberbados em parte pelos detritos de enxurradas de vinte séculos, aqueles legados dos grandes colonizadores delatam-lhes a um tempo a atividade inteligente e o desleixo bárbaro dos árabes que os substituíram.

Os romanos depois da tarefa da destruição de Cartago tinham posto ombro à empresa incomparavelmente mais séria de vencer a natureza antagonista.

E ali deixaram belíssimo traço de sua expansão histórica.

Perceberam com segurança o vício original da região – estéril menos pela escassez das chuvas que pela sua péssima distribuição adstrita, aos relevos topográficos. Corrigiram-no.

O regime torrencial que ali aparece, intensíssimo em certas quadras, determinando alturas pluviométricas maiores que a de outros países férteis e exuberantes, era, como nos sertões do Norte do nosso país, além de inútil, nefasto. Caía sobre a terra desabrigada, desarraigando a vegetação mal presa a um solo endurecido; turbilhonava por algumas semanas nos regatos transbordantes alagando as planícies e desaparecia logo derivando em escarpamentos, pelo norte e pelo levante, no Mediterrâneo, deixando o solo, depois de uma revivescência transitória, mais desnudo e estéril.

E o deserto ao sul parecia avançar dominando a paragem toda, vingando-lhe os últimos acidentes, que não tolhiam a propulsão do *simum*.

Os romanos fizeram-no recuar. Encadearam as torrentes; tolheram as correntezas fortes, e aquele regime brutal, tenazmente combatido e bloqueado, cedeu, dominado inteiramente, numa rede de barragens.

Excluído o alvitre de irrigações sistemáticas difíceis, conseguiram que as águas permanecessem mais longo tempo sobre a terra. As ravinas recortadas em gânglios estagnados dividiram-se em açudes abarreados pelas muralhas que trancavam os vales, e os *oueds*, parando, intumesciam-se entre os morros, conservando largo tempo as grandes massas líquidas até então perdidas, ou levando-as, no transbordarem, em canais laterais aos lugares próximos mais baixos, abrindo-se em sangradouros e levadas, irradiando por toda a parte e embebendo o solo. De sorte que este sistema de represas, além de outras vantagens, criava um esboço de irrigação geral. Ademais, todas aquelas superfícies líquidas, esparsas em grande número e não resumidas a um Quixadá único – monumental e inútil –, expostas à evaporação, acabaram reagindo sobre o clima, melhorando-o.

Por fim a Tunísia, onde haviam aprobeado os filhos prediletos dos fenícios, mas que até então se reduzira a um litoral povoado de traficantes ou nômadas erradios, com suas tendas de tetos curvos branqueando nos areais como quilhas encalhadas – fez-se, transfigurada, a terra clássica da agricultura antiga. Foi o celeiro da Itália; a fornecedora, quase exclusiva, de trigo, dos romanos. Os franceses, hoje, copiam-lhes em grande parte os processos adotados, sem necessitarem levantar mureamentos monumentais e dispendiosos.

Represam por estacadas entre muros de pedras secas e terras, à maneira de palancas, os *oueds* mais apropriados e talhando-lhes pelo alto das bordas, por toda a longura das serranias que os ladeiam, condutos derivando para os terrenos circunjacentes, por onde entram, subdividindo-se em redes irrigadoras.

Desse modo as águas selvagens estacam, remansam-se, sem adquirir a força acumulada das inundações violentas, disseminando-se, afinal, estas, amortecidas em milhares de válvulas, pelas derivações cruzadas.

E a histórica paragem, liberta da apatia do muslim inerte, transmuda-se volvendo, de novo, à fisionomia antiga. A França salva os restos de opulenta herança da civilização romana, depois desse declínio de séculos.

* * *

Ora, quando se traçar, sem grande precisão embora, a carta hipsométrica dos sertões do Norte, ver-se-á que eles se apropriam a uma tentativa idêntica, de resultados igualmente seguros.

A idéia não é nova. Sugeriu-a de há muito, em memoráveis sessões do Instituto Politécnico do Rio, em 1877, o belo espírito do conselheiro Beaurepaire Rohan, talvez sugestionado pelo mesmo símile que acima apontamos.

Das discussões então travadas, em que se enterreiraram os melhores cientistas do tempo –, da sólida experiência de Capanema à mentalidade rara de André Rebouças – foi a única coisa prática, factível, verdadeiramente útil que ficou.

Idearam-se, naquela ocasião, luxuosas cisternas de alvenaria; miríades de poços artesianos perfurando as chapadas; depósitos colossais

ou armazéns desmedidos para as reservas acumuladas nos dias de abastança: açudes vastos feito Cáspios artificiais; e, por fim, como para caracterizar bem o desbarate completo da engenharia ante a enormidade do problema, estupendos alambiques destinados à destilação das águas do Atlântico...

O alvitre mais modesto, porém, resultado imediato de um ensinamento histórico, calcado no mais elementar dos exemplos, suplantou-os. Porque é, além de prático, evidentemente o mais lógico.

Realmente, entre os agentes determinantes da seca se intercalam, de modo apreciável, a estrutura e a conformação do solo. Qualquer que seja a intensidade das causas complexas e mais remotas que anteriormente esboçamos, a influência daqueles é manifesta desde que se considere que a capacidade absorvente e emissiva dos terrenos expostos, a inclinação dos estratos que os retalham e a rudeza dos relevos topográficos, agravam, do mesmo passo, a crestadura dos estios e a degradação intensiva das torrentes. De modo que, saindo das insolações demoradas para as inundações subitâneas, a terra mal protegida por uma vegetação decídua, que as primeiras requeimam e as segundas erradicam, deixa-se, a pouco e pouco, invadir pelo regime francamente desértico.

As fortes tempestades que apagam o incêndio surdo das secas, em que pese à revivescência que acarretam, preparam de algum modo a região para maiores vicissitudes. Desnadam-na rudemente, expondo-a cada vez mais desabrigada aos verões seguintes; sulcam-na numa molduragem de contornos ásperos; golpeiam-na e esterilizam-na; e ao desaparecerem deixam-na mais bem aparelhada à adustão dos sóis. O regime decorre num intermitir deplorável que lembra um círculo vicioso de catástrofes.

Desse modo a medida única a adotar-se deve consistir num corretivo a essas disposições naturais. Pondo de lado os fatores determinantes do flagelo, oriundos da fatalidade de leis astronômicas ou geográficas, inacessíveis à intervenção humana, são, aquelas, as únicas passíveis de modificações apreciáveis.

O processo que indicamos em breve recordação histórica, pela sua simplicidade mesmo, dispensa inúteis pormenores técnicos. A França copia-o hoje, sem variantes, revivendo o traçado de construções velhíssimas.

Abarreirados os vales, inteligentemente escolhidos, em pontos pouco intervalados, por toda a extensão do território sertanejo, três consequências inevitáveis decorrem: atenua-se de modo considerável a drenagem violenta do solo com as suas consequências lastimáveis; criam-se-lhes à ourela, inscritas na rede das derivações, fecundas áreas de cultura; e forma-se uma situação de equilíbrio para a instabilidade do clima, porque os numerosos e pequenos açudes, uniformemente distribuídos e constituindo dilatada superfície de evaporação, terão naturalmente a influência moderadora de um mar interior, de importância extrema.

Não há alvitrar-se outro recurso.

As cisternas, poços artesanais e raros ou longamente espaçados lagos, como o de Quixadá, têm um valor local inapreciável.

Visam, de um modo geral, atenuar a última das consequências da seca – a sede; e o que há a combater e debelar no Ceará e Estados limítrofes²⁹ é o deserto.

O martírio do homem, ali, é o reflexo de tortura maior, mais ampla, abrangendo a economia geral da vida.

Nasce do martírio secular da terra...

29 *N' Os Sertões* – pág. 61 da 13ª edição – lê-se: “e o que há a debelar nos sertões do Norte...” O artigo, adaptando-se à contingência, res tringia ao “Ce ar á e Esta dos limítrofes”. N. do R.

.....

*Relatório sobre as ilhas dos Búzios e da Vitória*³⁰

8 de junho de 1902
Transcrito de *O Estado de S. Paulo*,
São Paulo – 18-4-1954

E *Considerações preliminares*

ESTA NOTÍCIA, resultado imediato de um reconhecimento ligeiro nas ilhas dos Búzios e da Vitória, indica-lhes os caracteres essenciais visando principalmente os que permitem, numa delas, a localização de uma colônia penal.

De acordo com as instruções verbais que me foram dadas pelo Sr. Dr. Cardoso de Almeida, chefe de Polícia do Estado de São Paulo, examinei-as sobretudo quanto aos vários aspectos físicos preponderantes, limitando-me quanto aos topográficos às operações expeditas capazes

30 O texto aqui apresentado está conforme a publicação da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo – 1903, por nós compulsada no Departamento do Arquivo de São Paulo. Trata-se do *Relatório Apresentado ao Secretário do Interior e Justiça pelo chefe de Polícia de São Paulo, José Cardoso de Almeida* – 135 páginas –, referente ao exercício de 1902, no qual se encontra, a partir da página 117, este trabalho, sob a epígrafe: “Colônia Penal – Relatório Apresentado pelo Dr. Euclides da Cunha”. Há, no final, esboços e mapas assinados pelo autor. N. do R.

de fornecer elementos aceitáveis para uma apreciação aproximada dos diversos contornos, relevos predominantes e dimensões principais.

Deste modo as plantas anexas são apenas um esboço sem a fixidez de linhas e a segurança matemática de um trabalho planimétrico modelado pelos processos normais. Como adiante demonstrarei, ainda quando ultrapassando aquelas instruções eu tentasse um levantamento regular, este só seria exequível num espaço de tempo sobremaneira longo, implicando a presteza essencial dos reconhecimentos.

Assim me limitei, quanto às posições geográficas daquelas ilhas, e conformação particular, a utilizar-me dos dados que se me antolharam sem grande dispêndio de tempo. Adotei para as primeiras as coordenadas averbadas nas cartas existentes, porque as ligeiras discrepâncias de alguns segundos, que acaso existam, certo não se revelariam em uma ou duas noites de observação nas operações expeditas do sextante. E quanto à segunda, diante da impossibilidade completa de praticar o mais simples caminharmento, fui obrigado, como se verá mais longe, a estear-me no mais antigo e simples dos recursos indicados para casos idênticos – o dos *levantamentos a vela*, consistindo em tornear, em canoa, a terra, avaliando as distâncias a relógio e orientando as linhas costeiras pelos azimutes e deflexões do trânsito.

Este meio, porém, além da instabilidade dos elementos que fornece, tem a agravante de exagerar quase sempre todas as linhas vivas dos relevos, ampliando-lhes os valores angulares relativos com o olvido quase sempre inevitável dos acidentes secundários. Embora sob o ponto de vista hidrográfico ele tenha o apoio franco e insistentemente proclamado de um geógrafo ilustre, o Almirante E. Mouchez – porque é o que melhor registra a impressão geral de quem, em pleno mar, contempla a terra –, está longe de bastar às exigências vulgares relativas às grandezas lineares horizontais ou verticais e áreas dos terrenos desenhados.

Quer isto dizer que este reconhecimento, feito embora com as maiores cautelas, sofrerá inevitáveis correções caso se realize ulteriormente, ali, qualquer outra operação topográfica.

E esta é necessária.

Aquelas ilhas, apesar de abeiradas do litoral, e aparecendo, nítidas, diante dos navegantes como o revelam os desenhos do quadro nº1 –, são pouco conhecidas.

Não têm existência histórica e não figuram em nenhuma narrativa de episódios de que foi, entretanto, notável teatro o vasto segmento de costa que fronteiam.

Ao atingi-las os mareantes tinham logo adiante, para o ocidente ou para o sul, na enseada aberta de Caraguatatuba, no abrigo seguro de Ubatuba, ou na curvatura setentrional intensamente articulada da ilha de São Sebastião, os atrativos de uma terra maior e de fundeadouros mais acessíveis; e passavam sem que nada os levasse aos dois ilhotes pouco distantes cujos contornos revoltos, de pronto apercebidos na alvura dos cordões de rochas dismanteladas que os debruam, lhes prenunciavam perigosos parcéis e desembarque penosíssimo.

Apesar disto foram notados desde os primeiros anos do século do descobrimento e tiveram os nomes que ainda persistem e se averbam no *Tratado Descritivo do Brasil* (1587), de Gabriel Soares.

Tais denominações, porém, abrangem-nos indistintamente, sendo trocadas consoante o capricho dos cartógrafos, de sorte que ainda hoje não há ajuizar-se acerca de suas aplicações reais, nem mesmo ante a admirável carta marítima de Mouchez (1869), onde a vacilação se põe de manifesto no denominar a ilha mais remota e setentrional de Búzios (*anct.* Vitória) e a mais próxima de Vitória (*anct.* Búzios).

E se considerarmos que o alvitre do notável hidrógrafo se contrapõe ao dos habitantes que chamam, hoje, Vitória à mais setentrional e Búzios à outra, vemos que não há critério algum para a fixação definitiva dos termos.

Temos por escusado citar sem-número de cartas espelhando idêntica ambigüidade.

Este fato delata por si só o grande olvido em que têm jazido aqueles dois fragmentos da nossa terra.

A pequena população de poucas centenas de almas, que existe na da Vitória (adotemos este nome para a mais próxima, de acordo com E. Mouchez), se bem que sob a jurisdição da comarca de Vila Bela, está de todo segregada do resto do país.

Vive sob o patriarcado de um octogenário, Joaquim de Oliveira, que, graças a notável ascendente moral, enfeixando todos os poderes, lhe regula todos os atos, dos que entendem com a organização da família

aos que visam a manutenção da ordem e aos que orientam uma atividade resumida em pequenas culturas de cereais e à faina pesada das pescarias no alto do mar.

Este último meio de vida é o mais generalizado.

Quem rodeia a ilha da Vitória observa, de espaço a espaço, irregularmente intervaladas, grosseiras armações de paus roliços entrecruzados ou amarrados com cipós e cordas, instáveis à ponta dos fráguedos, de onde descem em planos inclinados fortes para as águas. No alto um alpendre – quatro pés direitos e uma cobertura de sapê – completa aquele dispositivo indispensável num litoral sem praias, onde as embarcações mais ligeiras não podem permanecer encostadas no marulho das vagas sobre as pedras. Por ali descem ou sobem, diariamente, arrastando-as a pulso, os pescadores que não raro ao tornarem das longas excursões, no final de um dia inteiro de fadigas, têm ainda que realizar prodígios de agilidade e de força, para, saltando em plena arrebentação das ondas, salvarem a embarcação, o que conseguem sempre.

São naturalmente homens de compleição robusta, vigorosos e ágeis, afeiçoados aos perigos que afrontam todos os dias, porque, canoieiros eméritos, se distanciam às vezes para sueste até perderem de vista a terra, ou atravessam constantemente o largo braço de mar que os separa de São Sebastião, principal mercado para onde levam, salgados, os produtos de suas pescarias.

O mar tem-lhes sido uma escola de força e de coragem, sendo natural que a ele devam as únicas tradições locais que de certo modo se prendem a uma fase da nossa História.

De fato –, quando pelo *bill* de Aberdeen (1845), os cruzeiros ingleses exercitaram a repressão do tráfico africano até dentro de nossas águas territoriais, as ilhas da Vitória e dos Búzios foram as estações mais avançadas dos vigias que iludiam ou burlavam aquela fiscalização severa. Graças a sinais adrede combinados, de fogueiras acesas ao longo dos costões volvidos para o sul, ou de bandeiras de diversas cores levantadas no mais alto dos morros, os navios negreiros, ao longe, aproavam confiantes para a terra ou amaravam céleres furtando-se aos que os caçavam.

Toda a atividade naqueles pontos se resumia nas aventuras perigosas do contrabando de escravos.

Dali arrancavam em velozes canoas de voga os auxiliares dos traficantes, indo colher em pleno mar os negros manietados que conduziam para os recessos do Sombrio, ao fundo da baía dos Castelhanos, e para o litoral, de preferência na faixa vincada de pequenas angras que se estira de Mocooca às terras que defrontam o Bairro Alto.

Destas empresas arriscadas, nem sempre coroadas de êxito, resultam os únicos episódios da História, de todo destituída de interesse, daquelas ilhas.

Elas persistem no mesmo estado rudimentar.

Na única realmente povoada, a da Vitória, entre 358 pessoas, somente duas sabem ler e escrever. Um professor que ali esteve, há tempos, pouco se demorou, abandonando-a como quem foge a um degredo inaturável.

Por outro lado nenhum sacerdote houve ainda bastante abnegado para procurar a população esquecida, que é, digamo-lo de passagem, fervorosamente cristã.

Deste modo aqueles lugares, tão próximos do litoral, estão como que abandonados sem terem definidos os próprios nomes – como se estivessem a desmarcadas distâncias, em pleno Atlântico...

Merecem, contudo, alguma atenção.

Posto que diminutíssima a facção de nossa gente que por ali moureja numa atividade primitiva, enérgica e penosa, faz jus a melhores destinos. E uma escola – mesmo modestíssima – traduziria a mais bela intervenção dos poderes constituídos, no sentido de incorporar a uma pátria, que não conhecem, aqueles desprotegidos patrícios.

A Ilha dos Búzios – Esboço Topográfico

(23° 44' 15" lat. S. e 1° 51' 30" long. O. do R. Janeiro)

A planta anexa (nº 2), repitamos, não foi organizada segundo qualquer dos processos regulares. Tentei a princípio um caminhar expedito, contorneante, com o teodolito de Casela, mas não consegui realizar a terceira visada. Impossibilitou-a o aparelho litoral altamente perturbado de grandes acervos de blocos, já acumulados, já desordenadamente esparsos e desaparecendo apenas nos trechos em que a rocha desce em paredões a prumo, tornando inexequível a travessia.

Verifiquei depois também irrealizável o traçado de uma base central e dominante, tendo a condição essencial da visibilidade dos pontos principais do contorno, facultando uma triangulada rigorosa. O caráter ortográfico da ilha imporia, em tal caso, a escolha de muitas bases secundárias para o apercebimento de todos os vértices, e estas exigiriam demoradas aberturas de piadas, etc.

Idênticos inconvenientes acompanhariam os processos por irradiação e o de ordenadas a uma linha mediana desenvolvida segundo a dimensão maior do terreno.

Reconhecidos tais empecilhos, adotei para logo o recurso único e mais próprio a fornecer indicações razoáveis: rodear a ilha numa canoa de voga, de marcha tanto quanto possível uniforme, que me permitisse apreciar as distâncias pelo relógio, à medida que iam sendo determinadas, com auxílio da bússola, as deflexões das linhas principais da costa.

Assim procedi:

Partindo da estação A, no meio de pequeníssimo estreito que separa a ilha principal da do Paredão, e orientado pelo azimute ponto B, na Ponta do Oratório, segui para O e em ordem sucessiva para SO, S, SE, NE e N, tornando ao ponto de partida após 1 hora e 38 minutos de marcha ininterrupta.

Deste modo delineei o esboço citado, na escala de 1:20.000. Suficiente para que se forme idéia perfeita sobre a conformação geral do terreno, carece ele de rigor quanto aos elementos que sirvam para apreciar³¹ as várias dimensões.

A marcha da canoa não foi uniforme. Num percurso envolvente, volvida a proa para todos os ângulos dos quadrantes, saltearam-na lufadas diferentes e a movimentação variável das vagas.

Partindo com o mar remansado e chão, à medida que nos avantajávamos na direção do sul, avolumavam-se as ondas, sobretudo ao longo do desabrigado costão de sueste, onde se tornou sobremodo morosa a travessia.

31 A publicação oficial registra: *para se apreciar as várias dimensões*. N. do R.

Assim, ao organizar a planta definitiva, tive de atender a estas circunstâncias fugitivas e instáveis, adstritas a todos os efeitos da apreciação pessoal e sem um só coeficiente prático e fixo que a fortalecesse.

Apesar disto, como procurei equiparar as grandezas obtidas neste reconhecimento com as que adquiri depois, cortando a ilha, por terra, em diversos sentidos, acredito que os erros inevitáveis cometidos tenham sido em grande parte atenuados.

De qualquer modo ficaram definidas as linhas essenciais das costas.

Considerando-as, vê-se que a ilha principal se estende justa-posta ao traço do meridiano, com um comprimento total de 2.180 metros. Recortam-na pequenas enseadas, duas das quais maiores e mais reentrantes, a das Frecheiras e a do Abrigo para os ventos do sul, lhe dão a forma geral de um 8 incorreto, repartindo-a em duas partes desiguais, uma, a do norte, com 800 metros de eixo maior, e a outra, do sul, com 1.880 contados a partir do centro do istmo de Frecheiras.

Ora, se lhes dermos as larguras médias, respectivas, de 620 e 1.300 metros, consideradas as figuras como imperfeitos retângulos, o que basta para um cálculo aproximado, verificaremos para a primeira uma área de 496.000 m², e para a segunda a de 1.790.000 m², somando o total de 2.290.000 m², equivalentes, em medidas agrárias, a 229 hectares ou, em números redondos, 95 alqueires.

Tal é a superfície média a adotar-se, convindo, porém, observar que os habitantes do lugar a reputam ainda escassa e são acordes numa avaliação maior. Firmamo-nos, entretanto, nestes números.

A pequena ilha do Paredão, cuja situação real, bem definida na planta, é diversa da que lhe dá a carta de Mouchez, tem a forma mais ou menos triangular, permitindo avaliar-se-lhe melhor a superfície de cerca de 90.000 metros quadrados, correspondentes a pouco menos de 4 alqueires.

Concluimos, então, posto de lado o ilhote das Cabras, de solo arável, e insignificante, que se pode dar ao conjunto de terras a área total de 99 alqueires ou, arredondando o número, 100 alqueires de terras aproveitáveis – convindo aditar que este cálculo, segundo o preceituado, é calculado na projeção horizontal das terras, o que redundará na redução

das dimensões efetivas sobretudo em terrenos, como aqueles, bastante acidentados.

Verifica-se este caráter ao simples enunciado das suas costas proeminentes.

De fato, considerando-se a porção setentrional da ilha dos Búzios, propriamente dita, tem-se logo à distância de uns trezentos metros, num ligeiro patamar do morro, a primeira cota de 110 metros. A ascensão, sobretudo para quem entra pela face que defronta a ilha do Paredão, é penosa, derivando por um declive de 20° a 25°. Apesar disso é nesta vertente, livre das ventanias do sueste e sudoeste, que se encontram em maior número as vivendas que a planta indica, circundadas de pequenas culturas, estando a principal delas no ponto definidor da altura indicada. Aí se arqueia um ligeiro socalco, levemente côncavo, centralizado por um banhado de águas perenes e rebalsadas.

Seguindo-se pela linha firme do sul, o terreno sobe até atingir a altitude de 165 metros, da qual descamba logo para o istmo das Frecheiras, que se alonga pelo mesmo rumo, descaindo em pendores breves para o poente e para o levante, em forma de sela, da qual o ponto mais alto alcança apenas 24 metros.

Galga-se então o segmento meridional e maior da ilha, prosseguindo na mesma direção, até ao seu ponto culminante, onde se observa a altura máxima de 188 metros.*

Estes números fornecidos pelo aneróide comum, depois das correções de temperatura, revelam a feição montanhosa da ilha, ante a sua área relativamente estreita.

Apesar disto, excluídos a vertente do sueste, parte da do norte e pequenos esporões que vão descaindo para as pontas de leste e sudoeste, o terreno em geral permite subidas desaforadas e fáceis pelas rampas pouco íngremes que derivam para as pequenas enseadas expressas no desenho.

A um simples lance de vista nota-se que estas últimas se abrem da maneira mais própria a torná-las eficazes abrigos ante os ventos reinantes.

* Um farol ali estacionado, em posição admirável, teria um alcance geométrico, quase igual ao iluminativo, de 28 milhas, pela fórmula empírica $D = 2 \sqrt{H. N.}$ do A.

De fato, quem segue pelo rumo do reconhecimento feito, por mar, depara logo, transposta a pequena expansão que se lança para noroeste, estreitando um dos lados do pequeno canal, o Saco da Aguada, arqueado para o sul e francamente varrido pelos ventos alísios de sueste, mas protegido dos que também com muita regularidade sopram de nordeste. A sua concavidade reduzida, porém, prejudicada ainda e pelo revolto do aparelho litoral, torna-a um imperfeito ponto de desembarque.

Mas estes inconvenientes se atenuam logo adiante. Encontra-se a reentrância maior e mais praticável, das Frecheiras, oferecendo melhor garantia contra o sueste e o nordeste, ainda que este último, canalizado pela selada fronteira à enseada, deve agitá-la fortemente desde que adquira grande violência.

Das Frecheiras em diante, passada a Ponta do Parcel e inflitando para sueste e nordeste até a Ponta da Laje Preta, o costão é todo desabrigado. As vagas investem-no de chapa, perpendicularmente, batidas pelos ventos ponteiros. Não há um único ponto de desembarque em todo aquele trecho, do Parcel à Ponta de Leste, passando pela Laje Preta.

Contorneada a Ponta de Leste, porém, entra-se no melhor abrigo da ilha. A costa encurva-se vivamente para SO e, torcendo sucessivamente para ONO, NO, NNE e NE, até a Ponta do Meio forma um ancoradouro que contrapõe às tempestades perigosas dos quadrantes do sul toda a massa dominante da montanha.

Não tem, além disso, um único escolho ou recife encoberto; é praticável em todos os sentidos e tem profundidade para navios de calado regular, atingindo, mesmo perto da terra, as rápidas sondagens que realizamos, a 11, 12 e 15 metros.

Deixada esta baía, volve-se em cheio para o norte até à Ponta do Oratório, além da qual a borda meridional da ilha do Paredão completa um novo fundeadouro, igualmente abrigado, onde lançou a âncora, numa profundidade de 16 metros, o rebocador *Alamiro* que até lá nos conduziu.

É um abrigo perfeitamente seguro, malgrado o inconveniente, revelado pelo esboço que aqui traçamos, indicando o estreito que lhe demora a oeste e por onde nos dias de muito mar podem avançar as va-

gas impetuosamente. A pequena largura dele torna fácil e pouco dispendiosa a sua obstrução, para o que já existem, a um lado, nos grandes monólitos que o marginam, os materiais indispensáveis.

Dessas breves considerações conclui-se a existência de três ancoradouros regulares, por certo ineficazes ante os grandes temporais, mas bastante para as condições normais da navegação, sobretudo após a construção de pequenos cais de desembarque, permitindo que encostem francamente as embarcações, calando 9 a 12 pés.

E considerando ainda o último fundeadouro, traçado, maior, outro esboço, da sua face sul, onde se vêem em linhas pontuadas as secções que levantamos, verifica-se pelas sondagens indicadas, de que resultaram os cortes seguintes, que aquelas construções pouco avançarão nas águas para o alcance das profundidades convenientes.

*Considerações Gerais sobre a Formação da Ilha –
Natureza do Solo, Flora, etc.*

Quem segue o itinerário do reconhecimento anterior, contempla notáveis efeitos da força erosiva do mar, exercitada por meio das marés e dos ventos, sobre uma costa rígida, de pedra.

Ora arredondados com o *facies* completo de enormes blocos erráticos, ora duramente esquinados ou apontoando vivamente as alturas, os fragedos, alguns de muitos metros cúbicos de volume, se agrupam amontoados, em desordem, orlando inteiramente as ilhas, salvo os raros pontos em que se aprumam as *falaises* graníticas, verticais e extraordinariamente altas.

Não há um palmo de praia.

O aparelho litoral perturbadíssimo recorda um dismantelamento de muralhas. Não há descobrir-se uma única “itapeva” descendo, inclinada, para as águas, de modo a amortecer a violência das vagas. A força viva destas desencadeia-se, intacta, batendo em cheio na base dos costões. E mesmo nos trechos em que os núcleos mais resistentes da rocha originaram pequenos cabos ou pontas, como no Parcel, na Laje Preta ou no Oratório, os penedos se aglomeram retratando a mesma degradação poderosa e contínua. Apenas em quase todo o correr do costão de sueste a pedra se alevanta em *falaise*, inteiriça e largamente desdobrada, face volvida para os ventos impetuosos do sul. Mas mesmo nesta banda

notam-se, intervaladas e denunciando os pontos fracos atacados, largas frinchas, algumas já em forma de longas galerias, onde acachoadas as ondas, reprofundando-as e solapando-as, agravando todos os efeitos de uma decomposição mecânica em grande escala.

Uma destas furnas, que pelo se escavar à feição de um nicho deu o nome à ponta do Oratório, delata ainda na agulha que lhe permanece de pé, à entrada, o desabamento, porventura recente, da abóbada que ali se levantava.

O trabalho de erosão do mar, como o indicam estas observações, progride lentamente acompanhando as linhas de menor resistência do terreno.

Considerando-se entretanto, a planta anexa, parece que ele se exercita independente da estrutura do solo.

De fato, os incorretos arcos de círculo que ali se vêem abrem as concavidades precisamente para os pontos do horizonte de onde chegam os ventos mais constantes e fortes, e as tormentas, como se fossem feita exclusiva destes elementos.

Além disto, o costão várias vezes citado, de sueste, com ser mais vivamente trabalhado pelas águas e desdobrar-se sem reentrâncias, extremando-se mesmo em ligeira ponta volvida para o OSO, não invalida e antes reforça a conjectura, porque esta protuberância, lançada segundo a resultante das rajadas mais violentas de SO e SE, indica por si mesma o resultado de esforços que ali incidem em ângulo reto, de sorte que as degradações operadas de um lado se atenuam pela simultaneidade das que se realizam do outro.

De qualquer modo o que se verifica, de modo inegável, é a ação demolidora do mar, bastante vagarosa, entretanto, para que se garanta a existência daquela terra por muitos séculos ainda.

Dela se colhe, além disso, o principal elemento para afirmar-se que a ilha dos Búzios é, no rigorismo técnico do termo, uma “ilha de erosão”, um produto das costas devastadas pelo mar, um fragmento destacado, em remotíssimas idades, do continente que lhe demora fronteiro.

Realmente todos os outros dados que conseguimos obter numa breve excursão fortalecem esse conceito.

Há, por exemplo, a natureza das rochas que formam a ossatura da ilha. Gnaisse-graníticas como as da Mantiqueira e da serra do Mar, associam-se-lhes outra cuja existência é, para o nosso caso, extremamente expressiva.

Consistem nas que encontrei com os caracteres frisantes de nefelinas graníticas (foiaíto) e fonólito. Ora, esta ocorrência idêntica à verificada pelo Professor Orville Derby em vários pontos do continente, de Cabo Frio a Iguape, passando pelo Tingirá, Itatiaia, serra da Bocaina, Poços de Caldas, etc., afigura-se-nos de importância considerável. Estabelece entre os solos da ilha e do continente uma uniformidade estrutural só justificável pela antiga expansão daqueles antes que o desbastassem as vagas, deixando-o profundamente retalhado em toda aquela costa.

Por outro lado a carta hidrográfica de Mouchez indica outros elementos. Realmente, uma reta qualquer traçada da ilha dos Búzios para qualquer ponto do litoral vai, numa continuidade perfeita, à medida que se alonga, passando sobre profundidades cada vez menores, revelando um declive perfeito, sem as dobras súbitas das grandes profunduras em torno das ilhas oceânicas, repontando independentes das terras que avizinham.

* * *

Mas quando estas considerações não bastassem, uma simples excursão pelo interior da ilha confirmaria o conceito emitido.

Aí se nota logo o fato notável, e sem igual em qualquer outro país, da escala exagerada em que se realiza, sob a ação da atmosfera, a decomposição das rochas metamórficas no Brasil – pelas ações combinadas das chuvas violentas, das alternativas de calor e umidade e reação química das águas carregadas de carbonatos alcalinos –, enrugando e estriando as pedras mais duras, rachando-as de meio a meio, segundo as linhas naturais das litóclases, e, ao cabo, reduzindo-as à lama tenuíssima do caulim ou argilas vulgares coloridas pelo óxido de ferro das malacachetas decompostas.

Como nos demais lugares do continente em que o fato se patenteia, vêem-se ali espalhados pelos pendores ou pelo teso dos morros, raro acumulados, blocos graníticos de grandes dimensões às

vezes, cuja origem está na estrutura concêntrica da massa, feita de núcleos esféricos ou lenticulares, compactos e mais resistentes aos agentes exteriores que as camadas vizinhas envoltivas mais facilmente destruídas. Estes blocos dispersos, porém, não são em cópia tal que imprimam o caráter pedregoso à região onde o solo arável se evidencia franco como resultado dessas decomposições profundas. A sua cor escura tão contraposta à vermelha da dos solos graníticos, provém de uma circunstância favorável: a mistura longamente acumulada dos detritos vegetais em terreno insulado e há muito inculto e que tudo indica ser de fertilidade rara.

* * *

Mostram-no as matas exuberantes que o revestem. Com efeito, embora o porte dos vegetais maiores não atinja as grandes alturas dos que se alevantam nas serras do litoral, são sensíveis, na variedade das famílias e gêneros distintos, no trançado inextricável da vegetação rasteira e no colorido forte das ramagens, às energias criadoras da terra.

Notamos as espécies principais, à medida que se nos antolham, ao acaso, um rumo de picada:

Louro-pardo – (*Louro sassafras*) Laurácea; Ipê (*Tecoma ipê*); Cuticaém; Bicuíba – (*Myristica officinalis*) (anonácea?); Cedro – (*Cedrela brasiliensis*) meliácea; Goiabeira-do-mato (*Myrtus sylvestris*) mirtácea; Guapeba (*Hupanthea guapeva*) (Nhandiácea?); Guatambu; Bacubichaba; Ambiju; Pitangueira – (*Eugenia ligustrina*) mirtácea; Cubatã; Cabaceiro – (*Sttiffitia parviflora*) composta; Cambucá – (*Eugenia edulis*) mirtácea; Bacupari – (*Salacia campestris*?) hipodrateácea; Peroba; Araçarana; Cambará (*Leandra scalaria*) melastomácea; Batalha; Mossotanha; Cuticaém; Aroeira (*Schinus aroeira*) anacardiácea; Araribá – (*Centrolobium tomentosum*) leguminosa; Guaiacá; Guaracipó; Guiti; Brejaúba.

Além do grande número de espécies rasteiras que não foram anotadas.

Ora, se considerarmos que aí se averbam apenas vegetais ocasionalmente encontrados, seguindo rumo prefixo e sem a preocupação essencial de observarmos a flora, conviremos em que é ela farta de gêneros e famílias utilíssimas.

Ainda quando, porém, não bastasse este quadro para atestar a fecundidade da terra, revelá-la-iam as pequenas e mal cuidadas culturas que lá existem.

Reduzem-se a diminutas plantações de feijão, mandioca e cana. Os resultados dessas roças maltratadas, entretanto, equiparam-se aos das melhores terras; bastando dizer-se que a plantação de um alqueire do cereal indicado produz em média 88, atingindo as mandiocas e as canas a grandes dimensões. Além disso – circunstância digna de nota –, em que pese a uma produção escassa, dado o restrito das culturas –, o feijão dos Búzios é conhecido em todo o litoral vizinho, em São Sebastião, Vila Bela e mesmo em Santos, como tendo propriedade de não apodrecer nunca, conservando-se intacto por muitos anos.

Algumas árvores frutíferas, abacateiros, ameixeiras e outras, além de cerca de oitenta laranjeiras plantadas na ilha, faz poucos anos, já assumiram o porte que lhes é próprio e produzem magníficos frutos, assim como um sem-número de bananeiras de várias qualidades, de desenvolvimento realmente notável. O mesmo diremos de pouco mais de uma centena de pés de cafeeiros tendo pouco mais de cinco anos, mas já elevados a uma altura média de 4 metros e espelhando, na coloração firme de uma folhagem espessa, vigor pouco comum. A maturação dos frutos figurou-se-nos, contudo, bastante irregular.

Num tal terreno é natural que não escasseiem mananciais perenes. Observam-se vários, sendo os principais:

1º – O que deriva à meia-encosta do esporão determinante da Ponta da Aguada; o 2º, próximo e mais desviado para o sul, fluindo do minúsculo lago a que nos referimos anteriormente; e o 3º na selada das Frecheiras e descendo para o abrigo de nordeste, além de outros que tivemos por escusado examinar; sendo a água toda de limpidez perfeita e potável.

A despeito de uma despesa insignificante que subirá quando muito, nos maiores, a 0,0005 m³ (meio litro) por segundo (mas que poderá ser aumentada por uma captação racional) é permanente o seu regime, no dizer de todos os habitantes dali e da Vitória. E é natural que isso suceda, ainda nas quadras de prolongadas secas, desde que é aquela

terra varrida de modo regular pelos ventos SE e SO, preeminentes distribuidores de umidade.

Nem de outra maneira se explicaria a existência não de uma mas de quatro fontes perenes, na ilha menor, do Paredão, também fértil, revestida de mato e em pequena parte cultivada a despeito da exigüidade de sua área. Uma destas fontes, segundo informam os moradores, tem propriedades terapêuticas no facilitar a cura da opilação e outros males, sem que se conheça, entretanto, a natureza dos corpos que encerra, o que depende de análise ulterior.

Assim se compreende por que a ilha dos Búzios foi arrendada, ou aforada – mediante 50\$000 anuais, pagos à Câmara de Vila Bela por habitantes da Vitória, cuja superfície mais ampla lhes devia bastar às maiores culturas.

É que a estas condições naturais favoráveis outras se aliam, por igual apreciáveis.

A fauna terrestre é paupérrima, reduzida a duas espécies de cobras – a verde, de todo inofensiva, e jararacas das quais o veneno, ali, parece contestável –, lagartos e batráquios.

Em compensação, a do mar é vastíssima, salientando-se, entre os mais numerosos, os chernes, sargos, garoupas, badejos, cavalas, dourados, salernas, jaguariças, sororocas, pirajicas, cações, etc.

Vêem-se pássaros comuns no litoral: beija-flor, tico-tico, sabiá, juriti, tiê, canário, bem-te-vi, pomba-rola, araponga, saracura, etc.

E nas quadras mais propícias às pescarias, de agosto a outubro, por ali se abatem, de parceria com outras aves de rapina, e perturbando seriamente, às vezes, os trabalhos dos rudes pescadores, os alcatrazes errantes e selvagens.

Uma brevíssima estação de dois dias nenhum elemento nos poderia dar para a caracterização do clima.

Podemos entretanto imaginá-lo constante, transcorrendo um ritmo seguro desde que a abrange o quadro maior da climatologia do Atlântico Sul.

Em tal caso os seus reguladores dominantes são fixos: os alísios, os ventos regulares de SE e NE, agindo livres, salvante as anomalias

das quadras tempestuosas, com o rigorismo inflexível do fato astronômico que os determina, porque se forram, naquele ponto, à influência perturbadora das brisas diurnas periódicas, inevitáveis nas costas. Deste modo podemos prever a fixidez imanente aos climas marítimos e um regime em geral estável, sem as perturbações que o desequilibram nas paragens costeiras onde aqueles ventos, repuxados pelas componentes de intensidade variável, das brisas que não raro os suplantam, se desviam, incoerentes e vários, acarretando a variação perturbadíssima dos dados higrométricos e termométricos e a consequência forçada da instabilidade climática.

* * *

São estes, em imperfeito resumo, os caracteres mais salientes que deparamos na ilha dos Búzios – quase despovoada – com a sua população escassa (e adventícia porque é de moradores da Vitória) de 35 pessoas localizadas em nove casas humílimas, de pau-a-pique, cobertas de sapê, centralizando desvaliosas culturas, cuidadas apenas nos intervalos das pescarias.

Do que dissemos resulta que ela tem capacidade para povoamento muitas vezes maior, explicando-se o seu abandono pela distância* que a separa do litoral.

Ilha da Vitória

(23° 48' 20" L. S. e 0° 58' L. O. R. Janeiro)

A morfogenia e aspectos físicos desta, idênticos aos da anterior, dispensam o reproduzir de considerações já feitas. Por outro lado, a planta nº 3, anexa, revela a sua conformação geral e acidentes predominantes de modo a dispensar uma descrição pormenorizada.

Limitamo-nos por isto a apresentar, claros, os motivos que de todo a “impropriadão ao estabelecimento da colônia planeada”.

Destaquemo-los:

1º – O povoamento maior. A ilha tem 358 pessoas, repartidas em 52 famílias, vivendo estas em número igual de casas, das quais 18 são cobertas de telha, rebocadas e caiadas, e tendo um certo conforto.

* A ilha dos Búzios fica a 17 milhas de Ubatuba e a 23 de São Sebastião. N. do A.

Quer isto dizer que a sua escolha acarretaria uma indenização enorme porque, dado mesmo que isto lhe fosse permitido, nem um só habitante, conforme observei, ali permaneceria.

2º – Caráter da propriedade. Resultado de uma posse imemorial para uns e para outros de compras perfeitamente legalizadas, aquela é ali definida – o que não sucede na dos Búzios.

3º – Natureza da terra. Ainda que sob o aspecto geognóstico idêntico à da outra, o solo, cultivado há duzentos anos, é estéril, exaurido. Ademais uma moléstia recente, porventura favorecida pela debilidade da terra, está prejudicando as culturas. Denominam-na “saporé”.³² Ataca o vegetal pelas raízes, que incham, endurecem e negrejam, matando-o em poucos meses. Assim acabaram cerca de dez mil pés de cafeeiros de que restam poucas dezenas, progredindo na devastação contínua o mal que talvez mereça o estudo dos competentes.

Diante disso em que pese ao aspecto, à primeira vista mais atraente, da Vitória, e a sua área maior, e aos seus dois abrigos, das Pitangueiras e da Guaixuma, e aos seus nove mananciais perenes, considero-a imprópria para os fins acima indicados. S. Paulo, 8 de junho de 1902 – *Euclides da Cunha* – Chefe do 2º Distrito da Superintendência de Obras Públicas.

32 Na edição oficial consta *saporê*. Será *saporema*? N. do R.

.....

Viajando...

8 de setembro de 1902
O Estado de S. Paulo – São Paulo

Q

UEM SALTA em qualquer das estações da Central,³³ entre Roseira e Queluz, e segue a cavalo para o levante, entra, quase de chofre, em lugares que não lhe recordam mais as bordas pinturescas do Paraíba...

A terra – uma terra antiga recortada pela estrada real três vezes secular que ia do Rio de Janeiro a São Paulo – vai-se tornando cada vez mais pobre. Tumultuando em colinas desnudas, de flancos entorroados; afundando em pequenos vales sem encantos, rebalsando pauis frechados de tabuas; desatando-se em breves planuras arenosas e limpas – nada mais revela da opulência incomparável que por três séculos, da expedição de Glimmer aos dias da Independência, fez do vale do grande rio, alteado num socalco de cordilheiras e recamado de matas exuberando floração ridente, um dos cenários prediletos da nossa História.

33 A forma definitiva deste artigo, denominada *Entre as Ruínas* (cf.: páginas 32 a 34 do prefácio de Sousa Andrade, 1ª edição), pode ser lida nas páginas 211 a 218 de *Contrastes e Confrontos*, 9ª edição. N. do R.

E por mais inexperto que seja o viajante, rompendo pelas veredas em torcicolos, vai sendo invadido pela tristeza daqueles ermos desolados, e ao deparar, de momento em momento, as cruces sucessivas, que se alinham intervaladas às margens do caminho, tem a impressão de ir passando sobre um velho chão de batalhas, esterilizado e revolto pelos rastros dos exércitos. É uma sugestão empolgante.

Ressaltam a cada passo expressivos traços de grandezas decaídas.

Os morros despídos por onde trepa teimosamente uma flora rarefeita de cafezais de oitenta anos, ralos e tolhiços, mal revelando os alinhamentos primitivos, cintados ainda pelas faixas pardo-escuras dos carreadores tortuosos e longos por onde subiam outrora as turmas dos escravos; e tendo ainda pelos topos, à orela de antigos valos divisórios, extensos renques de bambuzais; e ao viés das encostas, salteadamente, branqueando nas macegas as vivendas humílimas por ali esparsas a esmo –, dão quase um traço bíblico às paisagens.

Sem mais a vestimenta protetora das matas extintas na faina brutal das derrubadas, desagregam-se, escoriados dos enxurros, solapados pelas torrentes, tombando aos pedaços nas “corridas de terra” depois das chuvas torrenciais, e expõem agora nos barrancos a prumo, laivados pelo colorido sangüíneo das argilas, em acervos de blocos, a rígida ossatura de pedra desvendada, ou se alevantam despídos e estéreis, mal cobertos dos restolhos das gramíneas resistentes, no horizonte monótono que abreviam entre as encostas íngremes.

Os caminhos tornejam-nos, galgam-nos, descem-nos. Mas os quadros não se animam.

Sucedem-se choupanas pobres, derruídas umas – tetos de sapê sobre escombros de taipa e paus roliços –, habitadas outras, centralizando exíguas roças incorretas, à beira dos córregos apaulados onde os lírios selvagens derramam no perfume insidioso os germes das maleitas...

As estradas são ermas.

De longe em longe, um caminhante. Mas este, por sua vez, é um decaído. Nada mais recordando aqueles mestiços rijos, incomparáveis mateiros que neste vale tiraram a facão as primeiras picadas das bandeiras.

O caipira desgracioso, sem o desempenho dos titânicos caboclos que lhe formam a linhagem obscura e heróica, saúda-nos com humildade

revoltante e deixa-nos mais impressionados como se deparássemos uma ruína maior naquela enorme rumaria da Terra...

Seguimos.

Em vários trechos cerradões trançados, tendo ainda entre os ásperos tabocais e as embaúbas frágeis raros pés de café, de remotíssimas culturas em abandono, se desdobram inextricáveis na lenta reconquista do solo despido da floresta primitiva.

A estrada vara-os entre espinheirais e barrancos, tendo não raro, ladeando-a em dezenas de metros, extensos lanços meio desmornados dos velhos muros de taipa, de sítios que floresceram noutras eras. Destes, alguns permanecem ainda habitados. Mas sem a animação antiga, sem o mourejar febril das colheitas fartas, sem os rechinos longos dos engenhos, sem o bulício, a azáfama estonteadora das moendas ruidosas – quando por aquelas encostas ondulavam e subiam vagarosamente à melopéia das cantigas africanas –, sem-número de dorsos luzidios rebrihando ao sol – os cordões desenvolvidos dos eitos.

Hoje lhes decorre a vida reduzida e precária, compassada no ritmo melancólico dos monjolos...

Quase todos num decair contínuo mal avultam nos terreiros desertos. Vão sendo a pouco e pouco afogados na lenta constrição do matagal que se lhes entrança à roda, e mata-lhes as plantações, e invade-lhes as pastagem, avançando até atingi-los; e penetrando-lhes depois pelas portas, enraizando-se-lhes nas paredes de barro e disjungindo-as, rachando-as, derribando-as, e estirando-se-lhes pelos telhados e abatendo-as – como uma reação surda e formidável da natureza contra os que outrora lhe ajustaram no seio, desnudando-o e ferindo-o, os cáusticos mordentes das *queimadas*...

Outros ainda repontam de improviso no bolear dos cerros ou à meia-encosta dos morros, dominantes, com a feição perfeita de depri-midos castelos, sem barbacãs e sem torres, gizados por esta arquitetura brutalmente chata, de adobes, em que primaram os nossos maiores de há dois séculos.

Em que pese, porém, ao abatido das linhas, essas vivendas retangulares e vastas, sobranceando as senzalas baixas, os moinhos es-truídos, as pequenas casas de agregados – servos do nosso feudalismo

achamboado – e os planos unidos dos terreiros que alteiam de chapa para a estrada os altos muramentos de pedra, guardam o primitivo aspecto senhoril.

Mas jazem para todo o sempre vazias, até que as destrua o absoluto abandono.

Porque o caipira crendeiro, por mais veloz que siga, e por mais que o fustiguem os aguaceiros e os ventos, não lhes pára à porta. Segue desabaladamente, sem desfrutar as esporas dos flancos do cavalo fazendo o “pelo-sinal”, e fugindo.

Nem olha para a vivenda sinistra e mal-assombrada onde imagina coisas pavorosas: contínuo pervagar de sombras, ulular de espectros adoidados, aparições macabras, longos arrastamentos de correntes ou arrepiadores *sabbats* de almas vagabundas e malévolas...

E quem, curioso e sem medos, as procura, justifica-lhe os temores.

Aproxima-se do largo portão cujos umbrais vacilam, abalados. Desapeia e avança pelos terreiros de pedra; sobe a velha escadaria pulando os degraus que faltam e estaca, sobre o patamar de ladrilhos, diante da porta escancarada, de entrada, dando para o amplo salão deserto. Penetra-o. Contempla, de relance, as molduras esboteladas das paredes e o teto onde adivinha resquícios de frisos dourados na cimalha de estuque. Enfia pelo longo corredor, adiante, afogado no bafio angulhento do ambiente imóvel, para o qual se abrem as portas de outros repartiamentos vazios onde cham e revoam desequilibradamente morcegos estonteados. Chega à sala de jantar, deserta...

E naquela quietude sinistra, se não o amedrontam os ecos dos próprios passos extinguindo-se vagarosamente em ressonâncias pelo âmbito da habitação vazia, comove-o, irreprimível, a visão retrospectiva dos belos tempos em que a vivenda senhorial surgia, triunfal, no meio dos cafezais floridos.

Então era o estrépito ruidoso das cavalgatas que chegavam; a longa escadaria por onde rolavam saudações joviais, risos felizes, tinidos argentinos, de esporas; e o vasto salão repleto de convivas; e a velha sala decorada para os banquetes fartos; e, à noite, as janelas resplandecendo, abertas para a escuridão e o silêncio, golfando claridades e a cadência

das danças – enquanto, fora, no terreiro limpo, turbilhonava o samba dos escravos ao toar melancólico e bruto dos caxambus monótonos...

É um contraste cruel.

O viajante deixa afinal a vivenda misteriosa com uma emoção mais funda que a dos roceiros.

Rompe entre portadas pensas e carunchosas caindo logo em matagal bravio onde adivinha restos de um jardim ou de um pomar; contorna, pulando sobre muradais, a vivenda; volve ao terreiro orlado de senzalas que desabam; galga o cavalo; e parte...

Não voltará mais. Segue pelos caminhos em torcicolos, torneja morros escavados, passa por outras fazendas antigas, divisa outras estâncias desertas, depara outros caminhantes taciturnos – rostos de convalescentes e torsos arcados – e topando de instante a instante, intermináveis, como se andasse pelas avenidas de um enorme campo-santo, as mesmas cruzeiras à margem dos caminhos – sente-se, sem o querer, invadido pelas crenças ingênuas dos caipiras...

Compreende-as e justifica-as.³⁴

* * *

Tem, em roda e em tudo, naquele recanto arruinado da Terra, a expressão concreta e iniludível da nossa inaptidão para a vida...

Um trecho admirável, a face mais bela talvez de toda a natureza, ali aparecia sob o eterno resplendor da linha tropical. E nenhuma se lhe equiparava, certo, no enfeixar os mais belos aspectos das paisagens e as melhores modalidades dos climas porque a rodeiam os agentes físicos de onde ressaltam as linhas preexcelentes dos quadros naturais – o mar e as montanhas.

E um grande rio – de nascentes eternas feitas na bafagem farta dos alísios, seguindo os mais caprichosos rumos, a princípio disperso em torrentes divagantes, afogadas nas grotas, pelos convales alteados dos Campos da Bocaina; depois, contravindo, no curso médio, ao sentido

34 Ao refazer este artigo, Euclides refundiu o curto parágrafo assinalado e eliminou os seguintes. N. do R.

primitivo, e acachando em despenhos vivos até perder o caráter torrencial no último infletir para nordeste em que se encaixa, volvendo águas tranqüilas, no terraço que alteia a Mantiqueira sobre a serra do Mar –, o Paraíba, ilhando o próprio vale, parecia destacá-lo, feito uma região privilegiada e rara.

E era-o.

Mostra-o o próprio desdobramento de vida que ali houve desde o alvorecer da nossa História.

A terra era rica e formosíssima; e fez-se o primeiro centro de atração das primeiras vagas humanas que demandavam o interior.

O bandeirante, porém, passou.

Galgado o teso dominante da Mantiqueira, salteou-o, empolgante, a vertigem das distâncias que se lhe desatavam no ocidente. Perdeu-se nos planaltos...

Ficou embaixo, no vale fértil, uma gente obscura e fraca; e esta volveu para o seio da terra carinhosa – golpeando-a fundamente e sarjando-a de mascarras negras – as suas únicas armas de combate: a enxada obtusa, o machado cortante, a foice destruidora e a queimada fumarenta...

Criou, por fim, todo aquele cenário emocionante...

Hoje, se houvesse refluxos na História, o sertanista destemeroso não encontraria mais naqueles ermos, passando desenfluído pelos carrancais maninhos, os mesmos estímulos para as empresas gloriosas.

Recuaria assombrado; e seguindo pelos caminhos em torcicólos, tornejando os cerros escavados, passando pelas fazendas decaídas, encontrando os caminhantes taciturnos, deixar-se-ia invadir pelos desalentos do caipira. E faria o que faremos: tiraria, religiosamente, o chapéu, ante as cruzes dos caminhos, como se por ali vagassem na quietude daqueles descampados, mudas e latentes, todas as sombras de um povo que morreu, errantes sobre uma natureza em ruínas...

.....

Posse no Instituto Histórico

Pos se: 20 de novembro de 1903
Revista do I. H. G. B. – Tomo LXVI –
2ª parte – págs. 288-293

E

XMO. SR. PRESIDENTE – Srs. Membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro:

Acudindo ao vosso chamado, venho ocupar o lugar que me designastes e agradecer-vos-lo, assegurando-vos ao mesmo tempo a ufania que me causa esta investidura, embora ela envolva grandes responsabilidades e me obrigue, de ora avante, a acomodar uma visão restrita e frágil às mais dilatadas perspectivas do nosso tirocínio histórico. Felizmente, malgrado tanta desvalia, chego ainda a tempo de aproveitar mais utilmente, no vosso convívio, uns restos da mocidade. Forrei-me ao domínio de alguns preconceitos sem sentido; reconheci a inanidade de não sei quantas fórmulas vãs, que os doutrinadores do momento – agitantes no vácuo de uma metafísica tacanha – remascam, ruminam e remoem, na mesma inconsciência com que certos brâmanes murmuram durante a vida inteira, sem os entenderem, os versículos do *Rig-Veda*;³⁵ e rompendo

35 Na *Revista do I. H. G. B.* lê-se dos *Rig-Vedas*, evidente engano, pois trata-se de um dos quatro livros da sabedoria hindu. N. do R.

as malhas de um ingênuo fetichismo político, ao mesmo passo que deixaram de atrair-me as aventuras de antigo caçador de miragens, posso vir, placidamente, para o vosso meio, trazendo-vos uma qualidade única e irredutível, mas que por si supre por outras, e que no momento atual, para ter algum valor, deve ser isolada: a qualidade de brasileiro.

Não é oportuno, e de algum modo fora arremeter com as praxes adotadas, o tentar demonstrar-vos que semelhante título não no-lo pode dar, na sua estrutura complexa, o fortuito do nascimento numa quadra do chão, ou os atributos artificiais de uma constituição parodiada – senão um intenso esforço consciente, diria melhor, uma espécie de aclimação histórica –, aparelhando-nos para compreender os destinos de um povo que, nascendo em condições especialíssimas, quando surgia a Renascença – em pleno transfigurar das sociedades já constituídas –, deparou, na própria marcha crescentemente acelerada do progresso geral, sérios estorvos, impossibilitando-lhe uma situação de parada indispensável ao perfeito caldeamento de suas raças constituintes – e chegou ainda característico à fase integradora do Império, que foi o órgão proeminente da sua unidade nacional.

Infelizmente me escasseiam competência e valor para congregar numa síntese rigorosa, com as suas recíprocas influências, as grandes fatalidades que perturbaram ou demoraram a nossa evolução: desde as condições físicas desfavoráveis do território amplíssimo e quase impenetrável em virtude da sua própria estrutura geognóstica, aos empecos e perturbações de ordem moral, em grande parte oriundas da circunstância de termos sido obrigados a efetuar, simultaneamente, a nossa formação étnica e a nossa formação política, dando traçados paralelos a fenômenos naturalmente sucessivos.

Então as notáveis vicissitudes da nossa existência coletiva, com os seus desvios, com os seus recuos, com os seus descompassados arrojos seguidos de subitâneos desfalecimentos, e com as suas grandes curvas quase fechadas, que fazem do Brasil exemplo único, a estear a fantasia filosófica de Vico, porque trouxeram a nossa Idade Média até ao nosso tempo, irmanando o feudalismo retrógrado dos donatários, que os alvarás nomeavam, com o feudalismo anárquico dos governadores, que as eleições não elegem – tudo isto, toda essa agitação tumultuária, onde raro se destaca o caráter social dos acontecimentos, nos revelaria

que aquele título não é uma coisa que se recebe, senão uma posição que se conquista, e acarreta deveres tão sérios que quem a merece não sabe distinguir os compatriotas de boa vontade pelas fórmulas inexpressivas e artificiosas dos partidos. Revelaria isto a mais ligeira análise da situação presente.

Não a farei, porém. Evito pormenorizar um assunto em que o funambulesco se conchava ao trágico, num dualismo abominável: o mesmo Tácito, neste lance, cederia muito a seu bom grado uma tal empresa ao mimógrafo Batilo...

Prefiro não deixar a atitude de curioso contemplativo, protegido pela obscuridade enobrecedora, mercê da qual passo por aí perfeitamente desconhecido, como um grego antigo transviado nas ruas de Bizâncio...

Ademais, para ser útil basta-me o cingir-me ao vosso belíssimo programa.

De feito, estas estantes iludem miraculosamente o encerro das paredes que nos cercam; têm a transparência ideal, e cheia de esplendores, dos próprios livros que as atestam; e dão aos escassos metros quadrados desta sala uma amplitude de quatro séculos, sem que se estranhe a falta de homogeneidade de uma tal comparação, porque a mesma realidade tangível nos ensina que, ao pisarmos as velhas tábuas desta casa, andamos sobre um trecho da terra misteriosa e sagrada do passado.

Aqui se conjugam, sem o emperramento de irritantes atritos, sem o dispersivo das paixões, e sem que os apequene a lógica caturra destes tempos, os efeitos máximos dos quatrocentos anos da nossa vida; passa intacta e intangível, sobranceira a um tempo ao livre-arbítrio dos homens e aos caprichos da Providência, a diretriz do nosso futuro, garantida pelo seu determinismo inflexível nesse eterno equilíbrio dinâmico das tendências psíquicas individuais e dos motivos – *perpetuum mobile* onde os nossos impulsos pessoais se corrigem, se retificam e se ampliam sob a disciplina austera da influência acumulada das gerações que passaram... E mesmo para os mais desalentados, salteados de assombros ante a situação presente, para os que prefiguram todos os desastres rompentos desta crise, mesmo para esses, há neste recinto, no esplêndido isolamento deste cordão sanitário de milhares de livros, um admirável e consolador exílio, um segredo que lhes permite ligar a vida objetiva

transitória à grande vida imortal da Pátria, sem que percam a contemplação de seus aspectos físicos formosíssimos dela, um belo ostracismo que escapou a todas as tiranias, porque é um prêmio – um exílio no tempo...

E eu aqui virei, sempre que mo permitirem as breves folgas da minha carreira fatigante, trazer-vos a minha boa vontade, que deve ser muito grande para nivelar-me tão despercebido de outros requisitos, à incomparável superioridade dos vossos intuitos e dos vossos esforços.

.....

*Entre os seringais**

A

ABERTURA DE UM SERINGAL, no Purus, é tarefa inacessível ao mais solerte agrimensor, tão caprichosa e vária é a diabólica geometria requerida pela divisão dos diferentes lotes. De feito, relegado a um *minimum* extraordinário o valor próprio da terra, ante a valia exclusiva da árvore, ali se engenhou uma original medida agrária, a “estrada”, que por si só resume os mais variados aspectos da sociedade nova, à ventura abarracada à margem daqueles grandes rios. A unidade não é o metro – é a seringueira; e como em geral 100 árvores, desigualmente intervaladas, constituem uma “estrada”, compreendem-se para logo todas as disparidades de forma e dimensões do singularíssimo padrão que é, não obstante, o único afeiçoado à natureza dos trabalhos.

Não há gizar-se um outro. Perdido na mata exuberante e farta, com o intento exclusivo de explorar a *hevea* apetecida, o seringueiro compreende, de pronto, que a sua atividade se debaterá inútil na inextricável trama das folhagens, se não vingar norteá-la em roteiros seguros, normalizando-lhe o esforço e ritmando-lhe o trabalho tão aparentemente desordenado e rude. É-lhe, ademais, indispensável que os seus

* *Kosmos*, ano III, nº 1, RJ, jan. 1906.

numerosos camaradas, *fregueses* ou *aviados*, destinados a agirem isoladamente, não se embaralhem, às tontas, iludidos pelos desvios da floresta.

As “estradas” resolvem a questão. Mas o seu traçado é, de si mesmo, o primeiro problema imposto a quem quer que intente abrir um sítio de borracha.

Assim é que, erguida rapidamente a primeira vivenda do *barração*, sempre à beira do rio principal, na barranca de uma *terra firme* a cavaleiro das águas – e feito um reconhecimento preliminar do latifúndio que o rodeia, o sitiante procura um sertanista experimentado a quem confia o encargo de dividir-lhe e avaliar-lhe a fazenda.

E o *mateiro* lança-se sem bússola no dédalo das galhadas, com a segurança de um instinto topográfico surpreendente e raro. Percorre em todos os sentidos o trecho de selva a explorar; nota-lhe os acidentes; apreende-lhe a fisiografia complexa, que vai dos *igapós* alagados aos *firmes* sobranceiros às enchentes; traça-lhe os *varadores* futuros; avalia-lhe rigorosamente, as “estradas”; e vai no mesmo lance, sem que lhe seja mister traduzir complicadas cadernetas, escolhendo à beira dos igarapés todos os pontos em que deverão erigir-se as pequenas barracas dos trabalhadores.

Feito este exame geral, apela para dois auxiliares indispensáveis – o *toqueiro* e o *piqueiro*; e erguendo num daqueles pontos predeterminados, com as longas palmas da *jarina*, um *papiri*, onde se abriguem transitoriamente, metem mãos à empreitada.

O processo é invariável. Segue o *mateiro* e assinala o primeiro pé de seringa, que se lhe antolha ao sair do *papiri*. É a boca da *estrada*. Aí se lhe reúnem o *toqueiro* e o *piqueiro* – prosseguindo depois, isolado, o *mateiro* até encontrar a segunda árvore, de ordinário pouco distante, a uns cinquenta metros. Avisa então com um grito particular, ao *toqueiro*, que parte a alcançá-lo junto da nova *madeira*, enquanto o *piqueiro*, acompanhando-o mais de passo, vai tirando a facão a picada, que prefigura a “estrada”. O *toqueiro* auxilia-o por algum tempo, abrindo por sua vez um *pique* para o seu lado, enquanto um outro grito do *mateiro* não o chame a reconhecer a terceira árvore; e assim em seguida até ao ponto mais distante, a *volta da estrada*. Daí, agindo do mesmo modo, retrogradando por outros desvios, vão de seringueira em seringueira, fechando a curva irregularíssima que termina no ponto de partida.

Ultima-se o serviço, que dura ordinariamente três dias, ficando a “estrada” *em pique*. Partindo do mesmo lugar, e adstritos ao mesmo sistema, abrem noutro rumo uma segunda estrada; e tantas, ao cabo, quantas comporte a natureza da floresta circundante, centralizadas todas pela mesma *boca*, junto do tejupar que localiza uma barraca. Busca então o mateiro um outro lugar, inteligentemente escolhido, e reproduz a mesma operação, até que, estradado todo o terreno, fique completamente repartido o seringal, como o revela este esboço, onde, presas pelos *varadores* ao barracão erguido à beira do rio, se vêem as barracas e as estradas que as envolvem, contorcidas à maneira de tentáculos de um polvo desmesurado. É a imagem monstruosa e expressiva da sociedade torturada que moureja naquelas paragens. O cearense aventureiro ali chega numa desapoderada ansiedade de fortuna; e depois de uma breve aprendizagem em que passa de *brabo* a *manso*, consoante a gíria dos seringais (o que significa o passar das miragens que o estonteavam para a apatia de um vencido ante a realidade inexorável), ergue a cabana de *paxiúba* à ourela mal destocada de um igarapé pinturesco, ou mais para o centro numa clareira que a mata ameaçadora constringe, e longe do barracão senhoril, onde o seringueiro opulento estadeia o parasitismo farto, pressente que nunca mais se livrará da estrada que o enlaça, e que ele vai pisar durante a vida inteira, indo e vindo, a girar estonteadamente no monstruoso círculo vicioso da sua faina fatigante e estéril.

A *pieuvre* assombradora tem, como a sua miniatura pelágica, uma *boca* insaciável servida de numerosas voltas constritoras; e só o larga quando, extintas todas as ilusões, esfolhadas uma a uma todas as esperanças, queda-se-lhe um dia, inerte, num daqueles tentáculos, o corpo repugnante de um esmaleitado, caindo no absoluto abandono.

Considerai a disposição das “estradas”.

É o diagrama da sociedade nos seringais, caracterizando-lhe um dos mais funestos atributos, o da dispersão obrigatória.

O homem é um solitário. Mesmo no Acre, onde a densidade maior das seringueiras permite a abertura de 16 estradas numa légua quadrada, toda esta vastíssima área é folgadoamente explorada por oito pessoas apenas. Daí os desmarcados latifúndios, onde se nota, malgrado a permanência de uma exploração agitada, grandes desolamentos de deserto...

Um seringal médio de 300 estradas corresponde a cerca de vinte léguas quadradas; e toda essa província anônima comportará, no máximo, o esforço de 150 trabalhadores.

Ora, esta circunstância, este afrouxamento das atividades distendidas numa faina dispersiva, a par de outras anomalias, que mais adiante revelaremos, contribui sobremaneira para o estacionamento da sociedade que ali se agita no afogado das espessuras, esterilmente – sem destino, e sem tradições e sem esperanças –, num avançar ilusório em que volve monotonamente ao ponto de partida, como as “estradas” tristonhas dos seringais...

.....

O povoamento e a navegabilidade do rio Purus³⁶

Junho de 1906 – Relatório sobre o Purus
Publicação de parte na
Revista Americana – Rio – 8/1910

L

I *Da foz às cabeceiras*

ENDO-SE AS “notícias da voluntária redução de paz e amizade da feroz nação do gentio mura”, nos anos de 1784, 1785 e 1786; e, principalmente, as longas correspondências entre o Tenente-Coronel Primeiro Comissário da Quarta Partida, João Batista Mardel, e João Pereira Caldas, acerca da prática com o gentio “que pelo centro e lagos habita desde o Purus até ao Juruá” – evidenciam-se antigos e persistentes esforços para o povoamento daquelas regiões.* Mas fora sobremaneira longo este perquirir de antigos documentos. Baste-nos saber que desde 1787, por efeito de belíssima campanha em que não entraram outras armas além das dádivas mais apetecidas do selvagem, se congraçaram os aborígenes daqueles pontos, inteiramente captados pelas gentes

36 O texto base para esta edição foi o do *Relatório da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus* – 1904/1905, Imprensa Nacional – Rio – 1906. Os quadros estatísticos e mapas, citados pelo Autor, não são reproduzidos dado seu caráter técnico e suas dimensões. N. do R.

* *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Tomo 36 (1873). N. do A.

civilizadas. O Purus, sobretudo, graças à sua incomparável riqueza de preciosas especiarias, abriu-se desde logo à faina, infelizmente desordenada e primitiva, que ainda hoje impera na Amazônia. Revela-o um fato, bastante eloqüente na sua mesma extravagância: em 1818 o último governador do Rio Negro, Manuel Joaquim do Paço, trancou-o; proibiu que o sulcassem os pesquisadores de drogas “indo-se-lhe os olhos cegos de sua ambição atrás dos preciosos frutos, porque queria antes ficassem as suas untadas com o copioso do seu produto.”* A Junta Governativa do Pará logo depois revogou a curiosa resolução que é, afinal, muito expressiva no delatar a importância que já naqueles tempos ia assumindo o grande rio.

Infelizmente, durante largos anos as “entradas” que, certo, continuaram pelo Purus acima, não deixaram documentos. Vislumbra em frágeis e discordes reminiscências de seus mais anosos povoadores, que pouca confiança inspiram.

Apenas em 1854 principiaram os primeiros dados seguros a tal respeito com o relatório do presidente do Amazonas, Conselheiro Herculano Pena, onde há referências à missão do Purus (São Luís de Gonzaga) confiada a Frei Pedro de Ciariana.

Daquela data em diante o povoamento foi contínuo e tão sensível que em 7 de setembro de 1858 um outro presidente, Dr. Francisco Furtado, justificou no seu relatório a necessidade de estabelecer-se a navegação regular naqueles lugares. Crescera, de fato, a população que ainda instável, ou errante em território desconhecido, não facultava um cômputo sequer aproximado, conjecturando-se apenas que não era diminuta pela circunstância de se haver criado em junho de 1857, próximo a Guajaratuba, uma enfermaria para os atacados de febres perniciosas que grassaram naquelas bandas.

Ora, entre estes primeiros povoadores estava um homem que os próprios antecedentes étnicos aparelhavam a fundar a sociedade nova na paragem recém-desvendada, Manuel Urbano da Encarnação. Já lhe vimos o papel admirável como batedor de desertos. Mas a sua ação como fundador de povoados é maior, sendo ainda hoje tradicionais no

* *Notícias Geográficas*. Cônego André Fernandes de Sousa. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Tomo 10 (1848). N. do A.

Purus o seu atilamento e a sua pertinácia, a par duma grande inteireza de caráter e uma bondade excepcional.

Foi o mediador entre as gentes novas que buscavam aquele rio e as tribos bravias que lhe ocupavam as margens. E esta simples circunstância eleva-o consideravelmente.

Basta considerar-se que o Purus foi talvez a maior estrada por onde passavam e repassavam, há muitos séculos, as tribos mais remotas dos extremos do continente. Os *muras* erradios e brancos, que tanto alarmaram o governo colonial, não são autóctones: desceram da Bolívia, pelo Mamoré, e são talvez colaterais dos *moxos*, sucessivamente batidos pelas expedições dos incas e pelas outras tribos do Sul do nosso país, espavoridas pelos paulistas; os *jamamandis* parece guardarem ainda hoje, entranhados nas terras e evitando as margens dos rios, a lembrança das antigas *bandeiras de resgate* que os expeliram do rio Negro; nos *ipurinás* Silva Coutinho lobrigou hábitos dos *ubaias* do Paraguai; e o aspecto e as vestes dos *canamaris*, como no-los descreve Manuel Urbano, recordam-nos vivamente a envergadura rija e a *cushma* inconsútil dos *campas* que vimos nas cabeceiras.

Estas tribos fervilhavam nas duas orlas do Purus.

Os *muras*, da foz ao Paraná-Pixuna, aldeados em Beruri, no Lago Hiapuí,* na Campina e em Arimã, onde desde 1854 os reunira Fr. P. de Ciariana. Da foz do Jacaré a Huitanaã espalhavam-se os *paumaris* e *juberis*, sob o nome geral de *puru-purus*. Habilíssimos fabricantes de ubás e incomparáveis remadores, viviam exclusivamente da pesca de tartarugas e piraras, de onde lhes provinha a moléstia singular que lhes salpintava a pele de numerosas manchas brancas. Os robustos e bravos *ipurinás* amalocavam-se do Pacia ao Iaco, em amplos barracões circulares contendo, às vezes, cem pessoas às ordens de uma tuxaua. Dali para cima os *canamaris* e *maneteneris*, à parte os *pamanás* e *jamamandis*, escondidos nas selvas.

Quem hoje sobe o Purus não os vê mais como os viram Silva Coutinho, Chandless e Manuel Urbano. Os *ipurinás* figuram-se mais numerosos, mas sem os caracteres de outrora; e os *puru-purus* (*paumaris*), que nos apareceram, em nada mais relembram aqueles curiosos selvagens, de todo

* Hoje Aiapuí. N. do A.

despeados das terras marginais e vivendo em enormes malocas flutuantes, numa permanente viagem, ancorando ao acaso pelas praias e “barreiras”.

É que cederam o lugar a uma imigração intensiva, ou foram absorvidos por ela. Já em 1862 Silva Coutinho, avançando somente até Huitanaã, passara por quatorze sítios ou barracas, desde a foz (sítio do Picanço), onde está hoje Redenção, até Canutama (costa de Canutamã), que Manuel Urbano desbravara com auxílio dos *paumaris*.

Em 1866 o diretor-geral dos índios, Gabriel Guimarães, no relatório daquele ano, refere-se a cinco diretorias parciais, estáveis: Alto Purus, Ituxi, Tapuá, Arimã e Hiapuá.

Compreende-se que naquele mesmo ano o presidente da província, Dr. Epaminondas Melo, renovasse a antiga tentativa duma navegação regular – que ao cabo se contratou com a Companhia Fluvial do Alto Amazonas, realizando-se a primeira viagem em dezembro de 1869.

A sociedade, a princípio errante, fixava-se, normalizando-se: uma coletoria estabelecida em Canutama arrecadava no ano financeiro de 1867–1868 a renda de 16:023\$540, o que era evidente progresso dado que a renda toda do Purus nos quinze anos anteriores (1852–1867), fora apenas de 29:155\$864. E por fim criava-se por ato de 24 de março de 1868 a Subdelegacia de Polícia do Alto Purus.

Apareceram novos pioneiros. Antes de 1870 Caetano Monteiro e Boaventura Santos avançaram na lancha *Canamari* até aos mais remotos pontos, e um sertanista desassombrado, Leonel Joaquim de Almeida, constituía-se modelo admirável aos rijos cearenses que em breve o encalçariam.

De feito, logo depois de inaugurada a navegação a vapor (1869), espalhou-se pelo Purus afora, progredindo em avançamento ininterrupto, uma poderosa vaga povoadora que ainda hoje não parou, pertinaz e intorcível, firmando-se no domínio estável das terras sobre que vai passando e animada de um ritmo que a impelirá às últimas cabeceiras.

Este movimento começou em 1870 e teve um guia, o Coronel Antônio Rodrigues Pereira Labre. Eficazmente auxiliado por Manuel Urbano, que o agasalhara em Canutama, o aventureiro maranhense pouco tem-

* Relatório da Presidência do Amazonas, de 1868. N. do A.

po depois prosseguiu pelo Purus acima, passando Huitanaã, *terminus* da navegação incipiente, e foi estacar nas vizinhanças da confluência do Ituxi.

Naquele ponto, sobre uma “barreira” sobranceando a margem direita do rio, derribou um lanço de floresta e alevantou num dia um *papiri* de folhas de palmeiras.

Plantara uma cidade. Lábrea surgiria em breve, no deserto, perpetuando-lhe o nome e tornando-se o mais avantajado ponto de apoio à conquista que prosseguia.

Não maravilha que, em 1873, B. Brown e W. Lindstone, viajando pelo Purus, notassem a toda a hora, filtrando-se nas folhagens da mata marginal, rolos de fumo revelando as barracas em que se defumava o “látex” das seringueiras; e que, em Mabidiri e Sepatini, distantes mais de 1.300 quilômetros da foz, deparassem opulentos seringais exportando 18.000 e 30.000 kg de borracha.*

Para não nos delongarmos demais não acompanharemos em todas as suas fases esta expansão povoadora, uma das mais enérgicas não já da nossa terra senão de toda a América do Sul.

O quadro estatístico junto** substituirá com o seu rigorismo aritmético a minuciosa descrição. Traçando-o escolhemos propositadamente os mais remotos pontos explorados no grande rio, e neles um trecho tendo apenas um décimo da sua enorme extensão de 2.624 quilômetros, toda ela exclusivamente povoada por brasileiros. Ora, considerando-se esse quadro, vê-se que na década de 1873–1883 o povoamento se alastrou até Triunfo Novo (1.375 milhas da foz), impulsionado por infatigáveis exploradores, em que se destacam Antônio Francisco Bacelar, Casimiro Pereira Caldas e Antônio Leonel do Sacramento.

Quanto ao desenvolvimento de todo o rio, inclusive o Acre – em cuja foz o vapor chegou pela primeira vez em 1878 –, o simples confronto de sua exportação nos últimos três anos daquele decênio com

* *Fifteen Thousand Miles on the Amazon and its Tributaries*, by C. Barrington Brown and W. Lidstone. N. do A.

** Vide o quadro anexo abrangendo somente os 25 seringais que se acham entre Macapá e Sobral, e que são os mais longínquos do Purus. Estão de fato, com aproximação razoável, num décimo apenas da extensão do Purus entre a sua foz e o último sítio brasileiro, Sobral. N. do A.

a do Madeira põe de manifesto que o Purus já era o mais rico entre todos os rios da Amazônia.

EXPORTAÇÃO DE 1881 A 1883

	<i>Do Purus</i>	<i>Do Madeira</i>
Borracha	5.423.164 kg	3.545.995 kg
Castanhas	40.749 hl	10.913 hl
Óleo de copaíba	34.253 kg	11.908 kg
Pirarucu seco	307.103 kg	26.438 kg
Salsaparrilha	5.729 kg	281 kg
Cumaru	1.073 kg	970 kg

Esta progressão assombrosa, salvo insignificantes intermitências, continuou, ao menos quanto à produção da borracha, averbando-se: 1.950.000 kg, em 1884; 1.648.000, em 1885; 1.967.000, em 1886; 1.990.000, em 1887...

Como se verifica também, num simples lance de vistas sobre a carta anexa a este relatório, já naquele tempo se estendiam pelas duas margens do Purus (não contando as do Ituxi, do Pauini, do Inaoini, as do Acre, do Iaco, etc.) mais de quatrocentos seringais, além duma cidade, Lábrea, erigida em comarca pela lei provincial de 14 de maio de 1881, e uma pequena vila, Canutama.

Advirtamos desde já que alguns desses sítios são verdadeiros povoados, onde se distinguem sólidas construções, certo desgraciosas, mas amplas e cômodas, contrastando bastante com as primitivas barracas de *paxiúba* e *ubuçu*:

Itatuba, com vinte e duas vivendas, na maioria cobertas de palha, adensadas sobre alta barreira, a cavaleiro das maiores enchentes; Parepi, vinte e cinco casas numa indecisa abra do Purus, que ali se alarga de mais de um quilômetro; Aliança, perto e a montante de Canutama, com quatorze habitações; Forte de Veneza; Nova Colônia, com dezesseis, cobertas, na maioria, de telhas; Açaítuba, em situação admirável sobre uma barreira de argila colorida, extremado um “estirão” dilatado;

Providência, com dois sobrados, e casas dispostas em arremedo de ruas; São Luís de Caçianã, o maior seringal do Baixo Purus; Sebastopol, localizada em “terra firme” complanada e alta, onde as vivendas se alinham bem construídas, extremadas por uma pequena igreja; Cachoeira, com mais de trinta casas, um sobrado, uma capela recém-construída e vastos armazéns; Realeza, com oito, de telha, grande armazém e muitas barracas; São Luís do Mamoriá, dezesseis; Ajuricaba, em terras onduladas e firmes, tendo doze casas além da vivenda senhoril; Seruri, dezesseis casas; Canacuri, com vastas habitações, cobertas de telha; Boca do Acre, em terreno alto de vinte e quatro metros sobre o rio, nas vazantes, mas cuja área não bastará à cidade que ali se há de erigir em virtude da sua situação privilegiada; Porta Alegre; Arapixi, nove casas e um sobrado recém-construído; São Miguel e Redenção, quase fronteiros, com vinte;* Campo Grande, com oito, extremando larga altiplanura; Novo Amparo; Talismã e Boa Esperança, que se ligam na mesma margem, com dezoito vivendas, à parte as barracas menores; Macapá, com os lotes próximos, quinze vivendas, sendo o barracão solidamente construído como os demais dos outros sítios; Catiana; Barcelona; Concórdia, um dos maiores estabelecimentos do Alto Purus; Novo Destino, com as suas vinte e duas habitações orlando alta barranca; Santa Maria Nova; Liberdade, com doze boas casas, além de numerosas barracas; Aracaju e São Brás, defrontando-se, com mais de vinte vivendas; Porto Mamoriá, em terrenos altos e ondulados, onde além de notável extração de caucho e seringa se distinguem culturas dos cereais mais comuns, etc.

* * *

* Maripuí, casas de telha e uma pequena igreja; Guajarraã, barracões de telha; Caçadua, com dois grandes agrupamentos de casas; Ajuricaba, entre cujas vivendas se destaca grande sobrado de pedra e cal; Quiçã, sobrado coberto de telha, grandes armazéns, vasto pomar; Peri, muito bem construído, com extensa ponte até ao porto; Sepatini, muitas casas de telhas e grande sobrado senhoril, de pedra e cal; Penha do Tapauá, sólidas vivendas e uma capela. Em São Luís do Mamoriá está o 4º juizado de casamentos de Lábrea e existe uma escola, o que acontece em muitos outros. N. do A.

No período subsequente (1882–1892) o povoamento não perdeu a marcha adquirida. Considerando-se o último trecho do rio a que nos referimos, verifica-se que só naquelas remotas paragens se fundaram doze novos sítios. A exportação total do Purus em 1892 pesava sobre os mercados com 3.459.455 quilogramas de borracha, mais que o dobro da de 1885; e Lábrea aparecia com as maiores parcelas nos quadros demonstrativos das receitas e despesas das intendências do Amazonas, inclusive a de Manaus. Ao mesmo tempo, amortecido o tumulto das primeiras entradas, a sociedade recém-estabelecida nas novas terras equilibrava-se, disciplinada;* e ia generalizando a sua atividade, forrando-a à faina exclusiva do preparo da borracha, com a pequena cultura dos gêneros mais comuns, ainda que numa escala reduzida ao consumo local. Em volta dos barracões fizeram-se as primeiras derrubadas, desafogando-os e aformoseando-os com as plantações regulares que vinculavam os povoadores à terra.

Mas a exportação da borracha sob as suas várias modalidades, que vão dos mais finos produtos da *hevea*, ao caucho e ao sernambi, continuou a ser o mais seguro estalão no aferir-se o progresso geral – que duplicou no decênio de 1892–1902, como o revela a simples referência das produções anuais nos últimos três anos daquele período: 5.520.000 quilogramas, em 1900; 6.016.000, em 1901; e, em 1902, 6.750.000, isto é, mais dum terço da produção total do Estado do Amazonas.

As levas povoadoras avassalavam quase todo o Alto Purus. À parte os demais afluentes e entre eles o Acre, onde, naquele período, o ímpeto das entradas determinou grave conflito com a Bolívia, que não vem ao nosso propósito historiar; adstringindo-nos ao curso principal do Purus, vemos que de 1898 a 1900 se fundaram mais cinco estabelecimentos nos mais afastados pontos.

Sobral, erguido em 1898, a 9° 15' 07" de lat., demarca hoje a mais avançada atalaia dessa enorme campanha com o deserto. Quem o alcança, partindo da foz do Purus e percorrendo uma distância itinerária de 1.417 milhas, ou cerca de quatrocentas léguas, tem a prova tangível

* Extrato do *Relatório do Chefe de Segurança do Amazonas* apresentado em 1880 ao governador do Estado: “Consigno, porém, que durante o longo período abrangido por este relatório não se reproduziram as lutas sanguinolentas travadas quase sempre por motivos de posse de seringais, nos rios Purus, Madeira, Juruá e outros.” N. do A.

de que quatro quintos do majestoso rio estão completamente povoados de brasileiros, sem um hiato, sem a menor falha numa área em abandono, ligadas as extremas de todos os seringais – estirando-se unida por toda aquela longa, que lhe define geometricamente a grandeza, uma sociedade rude porventura, ainda, mas vigorosa e triunfante.

Porque se realizou ali, e ainda se realiza, uma vasta seleção natural. Para esse afoitar-se com o desconhecido não basta o simples anelo das riquezas: requerem-se uma vontade, um destemor estóico, e até uma compleição³⁷ física privilegiada.

Lá persistem apenas os fortes. E sobrepujando-os pelo número, pelo melhor equilíbrio orgânico numa aclimação mais pronta, pela robustez e pelo garbo no enfrentarem perigos, os admiráveis caboclos cearenses que revelaram a Amazônia.

Há, certo, naquela sociedade principiante, os vícios e os desmandos imanentes aos grandes deslocamentos sociais – e que ali repontam como repontaram nos primeiros tempos do Transval e na azáfama tumultuária dos *rushs* no *Far West*, ou nas minas da Califórnia. A propriedade mal distribuída, ao mesmo passo que se dilata nos latifúndios das terras que só se limitam de um lado pelas beiradas do rio, reduz-se economicamente nas mãos de um número restrito de possuidores. O rude seringueiro é duramente explorado, vivendo despeado do pedaço de terras em que pisa longos anos – e exigindo, pela sua situação precária e instável, urgentes providências legislativas que lhe garantam melhores resultados a tão grandes esforços. O afastamento em que jaz, agravado pela carência de comunicações, redu-lo, nos pontos mais remotos, a um quase servo, à mercê do império discricionário dos patrões. A justiça é, naturalmente, serôdia ou nula.

Mas todos esses males, que fora longo miudear, e que não velamos, provêm, acima de tudo, do fato meramente físico da distância. Desaparecerão, desde que se incorpore a sociedade seqüestrada ao resto do país, e para isto requer-se, desde já, como providência urgentíssima, o desenvolvimento da navegação até ao último ponto habitado, completada pelo telégrafo, ao menos entre Manaus e a boca do Acre.

37 Lê-se, nas edições anteriores, *complexão*, o que é evidente engano. N. do R.

Veremos que tais medidas – sobradamente compensadas com as próprias rendas atuais daquelas regiões – não demandam dispêndios e esforços extraordinários.

II

Nas cabeceiras

Resumindo: a marcha ascensional do povoamento do Purus está hoje em Sobral. Entretanto a carta anexa indica, a montante daquele sítio, outros: Santa-Rosa, Catai, São João, Curanja, Santa Cruz... São *puestos* ou *caseríos* peruanos.

Mas não significam por maneira alguma o domínio definitivo e regular da terra. Já o demonstramos no Relatório misto e nada nos resta aditar à límpida concisão com que definiram a inconstância proverbial dos caucheiros as linhas que têm o alto valor de serem também subscritas pelo digno comissário peruano.

Não fora generoso renovar um assunto em que a nossa vantagem é integral e fulminante.

Notemos apenas, a correr, várias circunstâncias muito significativas.

Os peruanos só se localizaram no Purus depois de 1900, ocupando apenas três sítios aquém de Sobral, os de Hosana, Cruzeiro (Independência) e Oriente, na foz do rio Chandless – insinuando-se mansamente pelas terras desde muito ocupadas por brasileiros.

Permitiu-lhes isto a inata generosidade dos rudes sertanejos, que neles viam menos o estrangeiro que sócios na mesma empresa contra as dificuldades naturais. Mas, transcorridos os dois anos (1903), pretendeu-se sancionar politicamente o que era apenas uma benévola tolerância: tentou-se estabelecer, com todo o aparato oficial, uma “comisaría” peruana na foz daquele último rio.

Então despontaram as disparidades de caráter, que tanto separam “seringueiros” e “caucheiros”, tornando-se inevitável o conflito que nos inibimos de descrever, por demais sabido e em muitos episódios implicativo da serenidade imanente a estas páginas.

Observe-se apenas, ainda muito de relance, que os invasores, refugindo à luta, cederam todo o terreno que se lhes permitira calcar, e recuaram até Santa Rosa, na foz do Curinaá, extremo setentrional da sua ocupação.

Entre os dois sítios, Sobral e Santa Rosa, estira-se hoje a faixa neutra onde ainda se distinguem os restos de dois *puestos*, Unión e Fortaleza, abandonados pelos caucheiros.

Mas este abandono, imposto pela luta, efetuar-se-ia, em curto prazo e tranqüilamente, desde que se derribassem as árvores de caucho mais vizinhas. Porque os sítios peruanos, mesmo os maiores, como Curanja ou Cocama, são simples abarracamentos.

Não há em toda a extensão, que vai de Santa Rosa às últimas cabeceiras do Purus, uma única casa de telha. As vivendas de palha, construídas em dez dias, denunciam a existência instável da sociedade nômade que despoja a terra e vai-se embora. Caracteriza-a a inconstância irrequieta dos “infieles” predominantes em maioria esmagadora. Contam-se cinco peruanos, em geral loretanos, para cem *piros*, *campas*, *amauacas*, *cônibos*, *xipivos*, *xamas*, *coronauas* e *jaminauas*, que todos se deparam vários nas usanças e na índole, uns e outros, já “conquistados” a tiros de rifle, já iludidos por extravagantes contratos, jungidos à mais completa escravidão.

A família não existe: não se aponta um casal unido legalmente na maioria dos sítios, senão em todos; e pressente-se em tudo o desensofrido duma perpétua véspera de viagem naquelas escalas provisórias em que o homem predetermina ficar, um, dois, três anos no máximo, para enriquecer e partir, e não voltar.

Os “tambos” erigem-se de repente numa clareira; animam ruidosamente durante algum tempo um recanto da mata; e esvaziam-se, e arruinam-se, e desaparecem no abafamento das lianas.

Curanja há dois anos tinha cerca de mil habitantes. Tem agora uns cento e cinqüenta, e estará abandonada dentro em pouco se os caucheiros não vingarem suplantarem os *coronauas* bravios, ainda senhores das cabeceiras do rio que ali aflui.

Catai, sítio aberto por um brasileiro, o velho João Joaquim de Almeida, de Fronteira do Cacianã, estaria em ruínas se não o escolhessem para sede da Comissão Mista Administrativa.

Em Shamboyaco, quase fronteiro à foz do rio Manuel Urbano, a melhor cultura, um vasto mandiocal sobre pequena colina, é de um índio *campa*,* o curaca Antônio, estabelecido acima do *puesto* peruano.

Cocama e Santa Cruz, animadíssimos hoje, têm a duração ligada aos últimos troncos das *castilloas* que profusamente ainda viçam nas suas cercanias e não durarão três anos.

Em Tingoleales um imenso bananal e uma cultura mais permanente de algodão, pertencem ainda a um *campa*, o *curaca*** Venâncio, emigrado do Ucaiáli.

Por fim, Alerta, na confluência Cujar–Curiúja, onde a própria residência principal se reduz a um vasto “tambo” de paxiúba, não tem outra cultura digna de nota além das iúcas e canas plantadas pelas mulheres amauacas.

Entretanto naquela estância a terra é de exuberância rara e ondula em suave serra, alongando-se pelas margens do Purus e do Cujar, oferecendo magnífica base a uma fazenda mais duradoura e próspera. Mas para isto exigem-se outros estímulos além do anseio da riqueza fácil, dos que ali chegam dispostos a penarem durante três anos para fazerem jus à existência opulenta noutros climas.

Nada mais além dessa preocupação exclusiva, fora da qual não se vislumbram outros agentes de coesão social.

III

Trechos que devem ser melhorados – Urgência da navegação regular até às cabeceiras

Da foz do Purus para as suas cabeceiras notam-se modificações na estrutura do leito e regime das águas, que se sucedem em transições as mais das vezes insensíveis por meio de dilatadas distâncias. A princípio preponderam as várzeas quaternárias, que o desafogam nas enchentes, e por onde divagam os canais que o prendem ao Solimões, refletindo

* Os *campas*, graças à bravura pessoal, conservam a primitiva liberdade, apenas iludidas nas tortuosidades dos contratos que eceitam. N. do A.

** *Curaca* corresponde a taxuada dos índios amazônicos; é o chefe. N. do A.

na inconstância das suas correntes que ora, na vazante, vão do tributário para o rio principal, ora deste para aquele, nas cheias, os últimos traços da evolução geológica da Amazônia que se encerra. Enredam-se os *furos* e *paraná-mirins*, certo ainda em complicadas malhas distendidas sobre vastas superfícies, mas cada vez menos fartos e extinguindo-se escondidos pelos *igapós*, à medida que o esforço contínuo e imperceptível da flora exuberante, dominando a violência intermitente das águas, vai construindo a terra, sobre que ficam como fugitivos esboços, cada vez mais apagados, de seu *facies* antigo, os numerosos lagos que a salpintam.

Esses últimos, às duas margens do Purus, já existem hoje à custa das sobras do grande rio. Verdadeiros reservatórios compensadores alimentam-nos as cheias transbordantes; e, quando o nível daquele desce, rompem-se-lhes as estreitas barragens marginais, volvendo as águas para o Purus, cuja vazante em parte se atenua com essas reservas das enchentes.

As terras firmes, de quinze a vinte metros de altura relativa, constituídas invariavelmente de possantes camadas de argila colorida, caindo em taludes vivos para o rio, aparecem sob o nome local de “barreiras” em pontos ainda longamente espaçados até as cercanias de Canutama.

De sorte que todo este primeiro trecho, de 543 milhas, a contar da foz, derivando numa planura quase uniforme e de diminuto declive que imprime às águas uma correnteza insignificante, é francamente acessível à grande navegação, mesmo nas maiores vazantes em que só a perturbará um ou outro baixio nas vizinhanças do Tapauá a Caratiá.

No intervalo de 110 milhas, entre Canutama e Lábrea, vão desenhando-se novos aspectos e uma estrutura mais definida. Alargam-se as “terras firmes” sobretudo nas altas barrancas de Açaítuba, Umari e Pacιά; e no leito do rio, ao fim das vazantes, repontam as primeiras pedras de grés ferruginoso (*Parásandstein*), desvendadas pela erosão, principalmente em Apituã e na volta de Jadibaru.

De Lábrea para Cachoeira (158 milhas) vai num crescendo a nova conformação dos terrenos e surgem mais numerosos os sítios inacessíveis às enchentes: Lábrea, São Luís, Sebastopol, Catatiá, Huitanaã e muitos outros onde já se delineiam diminutos perfis de cerros ondeantes. Ao mesmo tempo diminuem os *furos*; define-se melhor o traçado do rio; e as formações de grés aumentam, substituindo-se os baixios e raros paus das grandes estiagens, pelas pedras que se mostram não já longa-

mente intervaladas senão cada vez mais próximas à medida que se avança, avultando em Caciañã e tornando-se numerosíssimas da Cachoeira para montante. O nome deste lugar revela a transição do leito, embora as pedras que aí o perturbam não impossibilitem a passagem das lanchas, mesmo nas vazantes, e mal apontem à flor das águas em montículos dispersos de blocos fraturados.

Lá está, porém, a estação *terminus* da atual navegação a vapor* e dos navios de mais de seis pés, no período que vai de fins de abril a princípios de novembro; e isto não em virtude da Cachoeira (porque a denominação é exageradíssima), senão porque dali por diante até à boca do Acre raro se aponta um “estirão” ou uma praia onde não abrolhem, ora ilhadas em acervos, ora arremessando-se em pequenos promontórios, as mesmas pedras de grés de que tratamos. Citam-se de Cachoeira para cima como paragens mais perigosas, onde, de fato, se vêem muitos restos de embarcações naufragadas – as do Pacoval, Peri, Ermida, Botafo-go, Ajuricaba, Caçaduá, Santa Quitéria, Canto da Fortuna, Guajarraã, Santa Cruz, Terruã, Seruri, Tenha-Modo, Tacaquiri, Cantagalo, Quiriã, etc., até à foz do Acre.

Entretanto, apesar desta resenha alarmante, pode-se afirmar que todo este enorme trato do Purus, da sua foz à do Acre, com 1.060 milhas, é navegável, mesmo em plena estiagem, para vapores de sessenta a oitenta toneladas, desde que eles se construam mais afeiçoados aos caracteres técnicos do rio, e se façam pequenos reparos nos pontos que citamos.

Há hoje embarcações do porte de quarenta toneladas, e mais, calando, no máximo, dois pés; e para estas sem nenhum reparo aquela travessia só exigirá as cautelas de um prático qualquer.

Os reparos indispensáveis a franquear-se inteiramente, em qualquer estação, o grande rio até àquele ponto não acarretarão, além disto, despesas excepcionais, atenta à natureza da rocha e a sua fratura generalizada, limitando-se o trabalho a uma remoção de blocos. Porque as demais condições são altamente favoráveis: o curso das águas é tranqüilo, sem contracorrentes ou remoinhos, derivando com uma velocidade cujo máximo, três milhas, só é atingido, em raros pontos, nas enchen-

* Amazon Steam Navigation Company, Limited. (Subvencionada.) N. do A.

tes; a largura decresce contínua e insensivelmente de 1.660 metros na foz para 1.300 metros em Paricatuba, para 600 metros perto do Tapauá, para 320 na Cachoeira e 236 na confluência do Acre; a profundidade que diminui também uniformemente, nas enchentes, de vinte e cinco metros na foz para dezesseis metros na Cachoeira, comporta, como vimos, na vazante, os calados das embarcações normais; e afinal, a despeito de um traçado sinuosíssimo, não há voltas vivas capazes de perturbar a passagem dos maiores vapores.

Da foz do Acre para as cabeceiras modifica-se ainda o regime do rio. As pedras diminuem, embora ainda aflorem, sobretudo, em São Miguel, Pau do Alho, até além da Liberdade, onde o grés ferruginoso é substituído por um conglomerado duríssimo.

As “terras firmes” são mais altas, expandindo-se em maiores áreas, correndo o rio mais encaixado entre barrancos, que não assoberba nas maiores enchentes.

Ao mesmo passo aumenta a força da corrente, que fixaremos em 3,3 milhas por hora, nas cheias.* Daí a consequência inevitável dum mais intenso ataque das partes côncavas das margens e o desabamento delas em grandes lances arrastando as árvores, que sustêm, indo arrebatados pela correnteza troncos e galhos numerosos que não raro obstruem o leito, enquanto as “terras caídas” formam os “torrões” e baixios.

Estes novos entraves substituem as pedras do Baixo Purus e são mais sérios, porque, originando-se de um esforço permanente das águas, exigem serviço de conserva organizado e constante, que nunca ali houve. As mui raras lanchas, que vão além do Iaco, evitam a subida durante a estiagem, de sorte que as comunicações se fazem apenas à custa das montarias e *ubás*, aptas a se insinuarem entre os paus ou a deslizarem sobre os bancos.

Entretanto, ainda nesta seção, não seria muito dispendioso um serviço sistemático de melhoramento, que a pouco e pouco a afeiçoasse a uma navegação mais regular e rápida.

* É um *maximum* atingido em raríssimos pontos. No estirão logo acima do Acre, encontramos pouco mais de uma milha por hora, em princípios de maio, numa enchente média. N. do A.

Não precisamos dar maior destaque à imperiosa necessidade de um tal serviço. Basta considerar-se que do Iaco para cima, onde se erigem mais de 120 seringais brasileiros, os transportes e comunicações estão adstritos à passagem aleatória de raríssimas lanchas, e de uma ou outra canoa, em travessia escoteira. Entretanto, a remoção parcial dos paus, que em trechos salteados atravancam o rio, seria facilíssima, facultando desde logo, em qualquer tempo, um tráfego de viagens seguidas, mesmo para as lanchas de três pés de calado.*

* * *

Estes reparos poderiam, depois, ser completados por um outro de efeitos admiráveis, ante as pequenas despesas que acarretará. Referimo-nos à retificação de muitos trechos por meio da seção dos “sacados”, estas formas tão curiosas dos rios amazônicos que não escaparam à mesma incuriosidade dos selvagens, que lhes deram, numa e noutra banda, no Brasil e no Peru, os nomes de *tipishcas* e *abuninys*.

Realmente, do Acre para cima, as sinuosidades características do Purus são mais sensíveis, mercê da menor largura do leito, tornando-se também mais delgados os sucessivos istmos que separam as suas margens fundamente recortadas. Deste modo a travessia de um para outro ponto da mesma borda, que exige em alguns trechos muitas horas de navegação, efetua-se em poucos minutos, por terra.

Considerem-se na planta que apresentamos, entre muitos outros, os seguintes pontos, da confluência do Acre para montante:

1^o *Pau do Alho—Cametá*: distam, por terra, cerca de uma milha, e mais de dez por água. Um caminhante, a pé, em passo natural, faz em vinte minutos a viagem dum dia de navegação a remo;

2^o *Vista Alegre—Santa Maria*: o istmo tem 462 metros de largo (cinco minutos de marcha), enquanto a curvatura do rio tem um desenvolvimento de quinze quilômetros;

* Mesmo no estado atual de completo abandono do rio, a nossa lancha *Cunha Gomes* e a peruana *Chuapanas*, calando cerca de cinco pés, subiram em plena estiagem quase, em fins de maio, até São Brás; e a *N-4* da nossa Marinha, calando mais de três pés, foi de São Brás à confluência do Chandlessem poucas horas. N. do A.

3º *Silêncio—Silêncio de Cima*: atravessa-se o istmo em meio minuto, tempo requerido, no máximo, a percorrer-se a sua largura de trinta metros, ao passo que a navegação é de 6.500 metros, em volta quase fechada;

4º *São Jorge—Novo Mirador*: vai-se em vinte e dois minutos, folgadamente, de um destes pontos a outro, o que pelo rio demandará muitas horas.

Poderíamos prolongar a lista enumerando outros nas cercanias da foz do Chandless, no Funil, no Mural, em Santa Rosa, e de Curanja para cima. Mas os exemplos referidos são bem significativos. Deles se colhe ainda que além do encurtamento das distâncias essas aberturas dos istmos acarretarão outras vantagens. Realmente, em todos os trechos que se retificarem, as quedas de nível que se distribuía em longas curvaturas irão efetuar-se, mais de golpe, em diminutos traçados retilíneos. Assim a correnteza aumentará sensivelmente e com ela, consoante um fato conhecido,* a escavação do leito, o que será um elemento favorável para a desobstrução dos lugares a jusante. É certo que, a pouco e pouco, o rio irá readquirindo a situação de equilíbrio anterior, por um alongamento do traçado, degradando outras barrancas e torcendo-se em outras voltas; mas os efeitos do primeiro desnivelamento já estarão completos, sendo facilmente mantidos por uma conserva regular e contínua.

Estes cortes não exigem dispendiosos trabalhos. Efetuam-nos por vezes os sitiante ribeirinhos com os diminutos recursos que possuem.

O processo é primitivo e simples. Consiste em descobrir na arqueadura a montante o ponto mais atacado pelo rio, abrindo-se nela um valo ou cava em toda a altura da barranca, completada em cima, na mata, por uma picada em linha reta que vá interferir a mesma margem a jusante, na outra volta. É o trabalho único. O resto entrega-o ao próprio rio. Sobrevém a enchente; as águas, cuja violência cresce com a correnteza, torvelinham penetrando no pequeno valo e solapa-o numa corrosão fortíssima desde a base, atacando-o em todos os pontos à medida

* “A retificação do Izar determinou (de 23 de outubro de 1878 e de 14 de fevereiro de 1885) um baixamento do leito de 1.443m, em cinco quilômetros de extensão. A do Reno, na planície alemã perto de Alsácia, diminuindo o percurso de 23% (81 quilômetros), motivou o abaixamento do leito, de mais de dois metros, entre Rheinweiller e Neuenburg...” — A. de Lapparent. — *Géographie Physique*. N do A.

que sobem, e determinando as *caídas de terra* que o reprofundam e alargam. E se dominam a crista da barranca, espraiaando-se pela mata, acompanham, naturalmente, formando às vezes verdadeira correnteza, o desimpedido do trilho que se abriu atravessando o istmo.

Desta sorte o canal vai abrindo-se por um duplo esforço de efeitos extraordinários ao fim de algumas enchentes.

É o processo primitivo e geralmente em uso.

Mas é lento e pode ser melhorado, sobretudo considerando-se o permanente auxílio do próprio rio. Baste-nos notar que este pela sua ação exclusiva vai retificando-se sensivelmente em muitos pontos.

Compare-se a carta atual com a de W. Chandless, e ver-se-ão divergências oriundas apenas desse fato. Assim para citar apenas um pequeno número, se destacam entre os sacados mais modernos: o de Quibeburian, aberto pelo só esforço das águas em 1884; o de São Joaquim, perto de Mapiá, em 1883; o de Caratiá abaixo de Canutama, em 1900, onde a direção do rio se deslocou, de golpe, de quase 90°; e o de Juruçuá, em 1903. Neste último passam hoje, mesmo na estiagem, embarcações calando cinco pés, e reduz-se a pouco mais de uma milha a travessia anterior que se alongava numa volta de seis, aproximadamente.* Noutros pontos ainda não se ultimou o esforço persistente das águas, mas o seu progredimento é visível. Comparem-se, por exemplo, as duas cartas nas cercanias da foz do Sepatini: ver-se-á que os complicados meandros que ali se retorcem já acentuaram vivamente as suas voltas, não sendo difícil prever-se em poucos anos um grande encurtamento do traçado, pelo rompimento de dois istmos e formação simultânea de dois vastos circos de erosão, mais dois lagos anulares centralizados por uma ilha, a exemplo dos que no Anori, na Providência e em Vera Cruz vão ajustando-se às duas bandas do Purus e desenhando, numa imprimadura fidelíssima, todas as fases da sua evolução geológica notável.

Da Forquilha para as nascentes, pelos dois galhos Cujar e Curiúja, as viagens, em qualquer tempo, podem realizar-se em *ubás* e mesmo

* Da boca do Acre à Forquilha desenvolvem-se 607 milhas, ao passo que em linha reta há 290 milhas. Assim, a distância itinerária, ali, é mais do dobro da geográfica, sendo fácil concluir-se que os trabalhos precitados poderão reduzir consideravelmente esta diferença notável. N. do A.

em grandes montarias. Nós a efetuamos em plena estiagem (julho e agosto) em pesadas canoas de *itaúba*. Mas a navegação ali jamais perderá esta forma primitiva. As numerosas itaipavas e quedas, talhadas de ordinário em rocha viva duríssima, exigirão trabalhos excepcionais, que redundariam talvez em maiores dificuldades e estorvos – porque, como já o notamos, na extrema escassez de águas daqueles dois rios, as pequenas cachoeiras têm o efeito de barragens, anulando a montante longos e sucessivos baixios. Os nossos canoeiros e varejadores reanimavam-se quando as encontravam. Vinham sucumbidos de cansaço na lenta travessia dos rasos “estirões” – onde as quilhas embebidas na areia exigiam o emprego de alavancas – e estavam certos de que transpondo-as teriam a montante um ou dois quilômetros de navegação desafogada e livre.

Nas enchentes todas as pedras dos rápidos são cobertas pelas águas, favorecendo a passagem a vapores de regular calado. Mas isto com os maiores riscos porque o nível delas pode baixar de súbito deixando-os em seco, no alto de uma barranca, além de que talvez não vençam a rápida correnteza capaz de arremessá-los de encontro às concavidades das numerosas voltas em extremo vivas, em que coleiam os dois pequenos rios. Os mesmos índios nas *ubás* aligeiradas aguardam naqueles pontos que se atenuem as enchentes para reatarem as jornadas interrompidas pelos grandes repiquetes.

* * *

Terminando estas breves considerações advirtamos que elas visam sobretudo atrair a atenção dos poderes públicos para este assunto de relevância intuitiva. A incumbência honrosíssima que nos levou àquele departamento do nosso país era, por sua natureza, expedita: *não comportava vagares* para estudos que nos aparelhassem a apresentar esclarecimentos pormenorizados e seguros acerca dos caracteres técnicos das várias seções que apontamos, ou a definir a importância dos melhoramentos requeridos com as parcelas dum orçamento rigoroso.

No quadro que aditamos a estas páginas, indicamo-los sob um aspecto geral. É um esboço em largos lineamentos, mas absolutamente fiel. Poderá ser aivado em vários pontos; em nenhum, corrigido. Dele se colige que o Purus pode ser francamente acessível à grande navegação regular, ininterrupta, até à Forquilha, numa distância itinerária-

ria de 1.667 milhas, desde que a sua navegabilidade incomparável se re-mate apenas com alguns reparos de todo alheios a processos ou serviços excepcionais de engenharia.

Ora, só neste trecho (3.087 quilômetros), não incluindo os seus numerosos tributários, ele domina todo o desenvolvimento de famosos cursos d'água entre os maiores da Terra* e ocupa, como rio navegável, o primeiro lugar entre todos os do nosso continente, excluídos o Amazonas e o Prata.

Vimos, por outro lado, embora muito de relance, em páginas anteriores, a sua considerável importância econômica.

Não precisamos prosseguir, demonstrando a necessidade, a urgência imperiosa e a vantagem, sob todas as formas incalculável, de uma navegação que em breve há de transfigurar as paragens por onde se alonga a mais dilatada diretriz da expansão do nosso território.

Rio, 10 de março de 1906
Euclides da Cunha

* Notem-se ao acaso: o Danúbio (2860 quilômetros), o Reno (1.300), o Dnieper (2.150), o Orinoco (2.250), o Ganges (3.000), o Amu-Daria (2.200), o Murray (2.870), o Orange (2.050), o Zambeze (2.660), etc.

Observem-se também entre os maiores afluentes do Amazonas: o Madeira é interrompido pela seção encachoeirada que começa em Santo Antônio (670 milhas da foz); o Tapajós, depois de 1.300 quilômetros, interrompe-se no Salto Augusto; o Tocantins mais perto ainda da confluência, de onde dista 133 milhas a cachoeira do Guariabas; o rio Negro, depois de São Gabriel, não é um rio navegável, etc. O Purus desenvolve-se em 3.087 quilômetros sem a mais diminuta queda, ou águas quebradas. N. do A.

.....

Última visita

30 de setembro de 1908
Jornal do Comércio – Rio

N

A NOITE em que faleceu Machado de Assis, quem penetrasse na vivenda do Poeta, em Laranjeiras, não acreditaria que estivesse tão próximo o desenlace de sua enfermidade. Na sala de jantar, para onde dizia o quarto do querido mestre, um grupo de senhoras – ontem meninas que ele carregara nos braços carinhosos, hoje nobilíssimas mães de família – comentavam-lhe os lances encantadores da vida e reliam-lhe antigos versos, ainda inéditos, avaramente guardados em álbuns caprichosos. As vozes eram discretas, as mágoas apenas rebrilhavam nos olhos marejados de lágrimas, e a placidez era completa no recinto, onde a saudade glorificava uma existência, antes da morte.

No salão de visitas viam-se alguns discípulos dedicados, também aparentemente tranqüilos.

E compreendia-se desde logo a antilogia de corações tão ao parecer tranqüilos na iminência de uma catástrofe. Era o contágio da própria serenidade incomparável e emocionante em que ia a pouco e pouco extinguindo-se o extraordinário escritor. Realmente, na fase aguda da sua moléstia, Machado de Assis, se por acaso traía com um gemido e

uma contração mais viva o sofrimento, apressava-se em pedir desculpas aos que o assistiam, na ânsia e no apuro gentilíssimo de quem corrige um descuido ou involuntário deslize. Timbrava em sua primeira e última dissimulação: a dissimulação da própria agonia, para não nos magoar com o reflexo da sua dor. A sua infinita delicadeza de pensar, de sentir e de agir, que no trato vulgar dos homens se exteriorizava em timidez embaraçadora e recatado retraimento, transfigurava-se em fortaleza tranqüila e soberana.

E gentilissimamente bom durante a vida, ele se tornava gentilmente heróico na morte...

Mas aquela placidez augusta despertava na sala principal, onde se reuniam Coelho Neto, Graça Aranha, Mário de Alencar, José Veríssimo, Raimundo Correia e Rodrigo Otávio, comentários divergentes. Resumia-os um amargo desapontamento.

De um modo geral, não se compreendia que uma vida que tanto viveu outras vidas, assimilando-as por meio de análises sutilíssimas, para no-las transfigurar e ampliar, aformoseadas em sínteses radiosas – que unia vida de tal porte – desaparecesse no meio de tamanha indiferença, num círculo limitadíssimo de corações amigos. Um escritor da estatura de Machado de Assis só deveria extinguir-se dentro de uma grande e nobilitadora comoção nacional.

Era pelo menos desanimador tanto descaso – a cidade inteira, sem a vibração de um abalo, derivando imperturbavelmente na normalidade da sua existência complexa quando faltavam poucos minutos para que se cerrassem quarenta anos de literatura gloriosa...

Neste momento, precisamente ao enunciar-se este juízo desalentado, ouviram-se umas tímidas pancadas na porta principal da entrada.

Abriram-na. Apareceu um desconhecido: um adolescente, de 16 a 18 anos no máximo. Perguntaram-lhe o nome. Declarou ser desnecessário dizê-lo: “Ninguém ali o conhecia; não conhecia, por sua vez, ninguém; não conhecia o próprio dono da casa, a não ser pela leitura de seus livros, que o encantavam. Por isto ao ler nos jornais da tarde que o escritor se achava em estado gravíssimo tivera o pensamento de visitá-lo. Relutara contra essa idéia, não tendo quem o apresentasse: mas não lograra vencê-la. Que o desculpassem, portanto. Se não lhe era dado ver o enfermo, dessem-lhe ao menos notícias certas do seu estado.”

E o anônimo juvenil – vindo da noite – foi conduzido ao quarto do doente.

Chegou. Não disse uma palavra. Ajoelhou-se. Tomou a mão do mestre; beijou-a num belo gesto de carinho filial. Aconchegou-o depois por algum tempo ao peito. Levantou-se e, sem dizer palavra, saiu.

À porta José Veríssimo perguntou-lhe o nome. Disse-lho.

Mas deve ficar anônimo. Qualquer que seja o destino dessa criança, ela nunca mais subirá tanto na vida. Naquele momento o seu coração bateu sozinho pela alma de uma nacionalidade. Naquele meio segundo – no meio segundo em que ele estreitou o peito moribundo de Machado de Assis – aquele menino foi o maior homem de sua Terra.

Ele saiu – e houve na sala há pouco invadida de desalentos uma transfiguração.

No fastígio de certos estados morais concretizam-se às vezes as maiores idealizações. Pelos nossos olhos passara a impressão visual da Posteridade.

.....

Numa volta do passado

Outubro de 1908
Revista *Kosmos* – Rio

T

ALVEZ AINDA ASSISTA em seu decaído sítio perto de Silveiras, o Capitão Antônio Pinto da Silveira, que se sobrenomeia como aquela vila paulista fundada pelos seus maiores. Vi-o e conversei-o em 1903, num dos lances desta minha engenharia andeira que acertara de varar naqueles lugares.

Cheguei à estância solitária ao cair da noite, exausto de fadiga, ao cabo de dez horas a fio de marcha, aos boléus pelos borocotós de um desvairado atalho do mais antigo e esquecido caminho de rodagem do Brasil. E, certo, a não faltar ainda longo estirão de três léguas para ir-se até Areias, ou a não serem de todo impraticáveis à noite aquelas veredas que os tabocais cegavam, invadindo-as – eu teria prosseguido suplantando o cansaço, fugindo à espora fita do mal-assombrado pouso que se me oferecera. Na verdade, era preferível qualquer rancho aberto de tropeiros, varado das chuvas e dos ventos, àquela tapera desgostante. Como tantas outras, que se topam de longe em longe ao longo das trilhas multívias daquele trato de São Paulo, ela me aparecia como um espantelho de grandeza decaída: desgracioso casarão antigo, de paredes esborcinadas

e pensas, sob telhado levadio de beirais saídos, bojando no recosto de um morro no breve claro de um carrascal bravio. À frente da porta principal, sobre um monte de seixos, um cruzeiro alto, sacudindo aos ventos o estropalho de um sudário em tiras. A uma banda, à esquerda, uma tigüera pobre de mandiocal raquítico, onde fora vasto pomar aprazível. À outra, adivinhavam-se os restos de um jardim invadido das samambaias. Ao fundo, desmoronando, um terreiro de pedra, feito enorme muralda de lájeas disjuntadas. Mais longe, por todos os lados, cobrindo a morraria até ao pino, os galhos caóticos e sem folhas de um vasto cafezal seco, de cem anos. Nada mais. Pelo menos nada mais vi relanceando o cenário que o crepúsculo entristecedoramente empastara...

Transpus estreito pontilhão sem guardas sobre um córrego entupido de tábuas, ao compasso martelante de um monjolo, que se não via, muito embaixo no grotão mascarado de inhames bravos e sororocas.

Desapeei no terreiro deserto. O camarada bradou o “ó-de-casa!” tradicional, batendo as palmas; e logo desmontando, amarrou a um moitão de cabiúna as nossas cavalgaduras abombadas.

A acolhida, como sempre acontece entre os nossos patrícios sertanejos, foi carinhosa e simples.

Mas, ao penetrar o repartimento principal da vivenda, mal atentei no hospedeiro que me acolhera, rodeado de três ou quatro netos ou bisnetos.

Estropiara-me demasiado a sobrecarga muscular da travessia exaustiva, sob o rescaldo das soalheiras. Renuí, por isto, a tudo, a começar pelo oferecimento de um jantar “que se arranjará num instantinho”; e atalhando logo as costumeiras desculpas antecipadas, que aquelas gentes boas com tantos requintes de gentileza sempre apresentam ao forasteiro que agasalham, expus para logo um empenho único, improrrogável, urgentíssimo: dormir. Mas que se não incomodassem: eu me recostaria por ali em qualquer banco com o travesseiro de lombinho retovado, e dormiria de botas e esporas – montado heroicamente nas fadigas – para acordar cedo e prosseguir, reavivando-me à rota escoteira e rápida para frente. E assim dei as boas-noites ao nonagenário tranqüilo que me contemplava, complacentemente, sorrindo.

Felizmente ele se não picara de tamanha incivilidade. Arcado, como se o dobrasse o peso da candeia de azeite suspensa a uma das

mãos, foi até à porta; considerou um momento o céu já todo estrelado; e trancou-a. Voltou-se; retribuiu-me a saudação; e foi dirigindo-se para o interior da casa.

A meio caminho, porém, estacou; e, como em irreprimível desabafo, ouvi-lhe, que resmoneava:

– Moços de hoje... já nascem velhos...

Depois, em tom mais alto, levemente irônico:

– Olhe, meu senhor, aqui onde me vê já vi muito graúdo, que anda hoje na memória do mundo. Sou mais velho do que a Independência... e digo-lhe que ficaria passado se depois de torar por essas bibocas brabas ficasse tão mofino e sem talento...

Disse; e as fadigas, o sono pesadíssimo que me chumbava os olhos, as irritações da viagem, foram-se-me, por verdadeiro encanto. Vi-me, de golpe, de pé, ao lado do velho surpreendido e desorientado por não sei quantas perguntas ansiosíssimas que me acorriam desconexas e várias; e minutos depois achei-me, de improviso, ali, naquela beira de caminho desfreqüentado, à margem da nossa História. E lá me fui numa viagem maior e mais indefinida, pelos tempos afora, sem notar a tardeza das horas a escoarem-se vagarosamente, ao compasso das pancadas tristonhas do monjolo batendo, fora, ao longe, à surdina, na noite...

Fora uma invocação. Na estrada que passava cerca – naquelas mesmas trilhas quase impraticáveis, balizadas de *santas cruces* agoireiras e onde disparam em pinchos desabalados as mulas-sem-cabeça da bronca mitologia sertaneja – começaram a derivar então, indistintos nos seus traços dúbios, a diluírem-se em formas vagas, a aparecerem para logo depois ralearem diluindo-se em neblinas, e a reaparecerem e a decompor-se, entrelaçando-se, confundindo-se ou desatando-se, em longas filas silenciosas, os vultos singularíssimos de uma cavalgata de redivivos. Imagens esfumando-se vagamente no escuro a recordarem as figuras destingidas de antiqüíssimos quadros descoloridos, sem contornos, sem gradações, sem relevos, imperfeitamente esbatidos na memória desbotada do narrador, ou embruscando-se no esquecimento completo, mal pude restaurá-las a todo poder da fantasia, atônito e comovido diante de antiga e maravilhosa realidade...

* * *

Desfilaram-me fugitivas e breves.

Foi numa noite qualquer de meados de setembro de 1822. O meu interlocutor era “dest’amaninho” – esclareceu-me espalmando a mão à pequena altura do assoalho – quando o sobressalteou, e a toda família havia muito recolhida, o inopinado estrupido de uma cavalaria estranha a tropear pelos caminhos e avançando num crescendo vertiginoso: a princípio surdo rumor distante; logo depois o estrépito acentuado de centenas de cascos sobre pedras; por fim o estrondo de um trovão repentino denunciando que o esquadrão fantástico rolava ruidosamente sobre o tabuleiro reboante da ponte. Sobreveio o silêncio; uma parada; um esbarro violentíssimo de dezenas de ginetes desensofridos. A patrulha misteriosa estacara, de golpe, no terreiro.

Calcule-se o assombro da obscura família sertaneja.

Mas o seu chefe, paulista de peito largo e coração firme, mediu-se galhardamente pela conjuntura: pulou do leito; correu às armas; furtou-se de arremesso aos braços da esposa e dos filhos pequeninos, que o enleavam retransidos de espanto; aperrou o bacamarte, e arremeteu, resolutamente, com a porta da entrada mal garantida por uma tranca insegura. Predispusera-se num relance para o que desse e viesse.

Fora, no relativo silêncio que se formara, ouviam-se estalidos de loros e cabeçadas entrebatidos, resfolegos e manotaços de cavalos irrequeitos, palavras precipites, breves, entrecruzando-se, e risos – inexplicáveis risos em tão temerosa conjuntura! Por fim três aldravadas intimativas e rijas.

E o sitiante destemeroso não titubeou: depôs candeieiro em terra; fez o “pelo-sinal”; correu as vistas pela fecharia prateada do trabuco; abeirou-se da porta; destrancou-a. Escancarou-a toda, temerariamente... e ficou estuporado, com a arma inútil quase a escapar-se-lhe dos dedos trêmulos, tolhido de surpresa indescritível: estavam-lhe adiante vinte, ou cem, talvez mil cavaleiros garbosos e magníficos. Não havia contá-los. A luz escassa dos quatro bicos da candeia morrendo num raio de dez passos parecia extinguir-se mais depressa, subdividida num espadanar de lampejos dourados, joeirando-se num círculo coruscante de jaezes de prata e nos alamares de um sem-número de fardas refulgentes. Ao fundo, aos lados, por toda a cercadura do terreiro, até à ponte e pela ponte

afora, desbordando dela para a estrada, e estirando-se talvez pela estrada, enchendo-a, numa massa compacta e informe, onde se riscavam a súbitas repentinos brilhos de dragonas e talins metálicos – adivinhava-se uma legião ao parecer inumerável toda afogada na treva.

À frente, num redomão lavado de suor e freios brancos de espuma, destacava-se envolta nas dobras de amplo poncho de viagem uma figura varonil de moço. Inclina-se-lhe à nuca o sombreiro de moles abas derrubadas, deixando-lhe completamente escampa a fronte bombeada e larga irradiando no fulgor dos olhos dominadores, muito negros e vivos. As largas botas russilhonas colavam-se-lhe firmes às espendas do selim, denunciando nos respingos de lama, que as salpintavam desde o alto do cano às rosetas das esporas, o dilatado da viagem. À mão esquerda, preso a uma corrente de prata, um rebenque de couro cru.

Nada mais notou, ou departiu, a criança amedrontada, naquela figura estranha, cuja lembrança a acompanharia pela existência em fora. Ficou-lhe apenas aquele vulto de estátua mutilada, meio delida, entre o sonho e a realidade na noite.

Também não reteve uma só palavra do rápido diálogo para logo entretido entre o estranho recém-vindo à testa de tão formidável escolta e o seu progenitor surpreso.

Apenas considerou que, ao se trocarem as primeiras palavras, este último – que ele até então vira sempre altivo e quase um rei naquela redondeza, imperando sobre a escravatura numerosa e os agregados submissos –, que o seu pai tão altaneiro e bravo se desbarretou numa atitude a bem dizer humilde, que nunca lhe notara, e se acercou timidamente do garboso adventício fazendo menção de beijar-lhe a destra, o que este impediu, furtando-lha; ao mesmo passo que inclinando-se agilmente nos arções colheu o sertanejo nos braços vigorosos, soerguendo-o por momentos num grande abraço gentilíssimo e amigo.

A cena foi instantânea. Logo depois com um gesto rápido, de despedida, o cavaleiro deu de rédeas, voltando-se, com uma palavra breve, de mando, para o séquito numeroso, que se abriu logo em extensa ala respeitosa; e correu as chilenas no bojo do cavalo, transpondo em dois galões impetuosos a ponte, encaçado de pronto pelos condutícios.

Depois: uma imensa confusão de corpos obscurecidos sarjados dos reflexos vivos das espadas; o trovejar estrepitante de centenas de

cascos entaloados rufando no tabuleiro ressoante da ponte transposta num disparo; e o estrupido do esquadrão fantástico esfarelando os calhaus esparsos dos caminhos – cada vez menor, amortecendo, lento e lento em ressoar a mais e mais imperceptível e surdo, até desaparecer de todo ao longe, perdendo-se entre os rumores indefinidos da noite –, desaparecendo ao longe, para sempre, o Imperador Pedro I e a sua comitiva romântica, na volta gloriosa do Ipiranga...

* * *

Fora as pancadas monótonas do monjolo soavam entristecedoramente; e figuraram-se-me as de um pêndulo invertido, que marcasse um recuo misterioso do tempo, batendo todos os segundos atrasados de um século desaparecido.

.....

Um atlas do Brasil

29 de agosto de 1909
Jornal do Comércio — Rio

A GEOGRAFIA BRASILEIRA é ainda estritamente descritiva. Faltam-lhe os fundamentos geológicos. Excetuando-se a metade de São Paulo, de estrutura em grande parte conhecida, graças aos trabalhos de O. Derby e Gonzaga de Campos, o centro de Minas, a Bahia Central, recentemente perlustrada por Branner, nos demais Estados as várias formações até hoje definidas fragmentam-se em zonas tão largamente desunidas que, apesar da competência dos exploradores e valia real de seus estudos, dificilmente estes se ligam ou se articulam, de modo a facultarem o traçado contínuo das grandes linhas da nossa arquitetura continental. Ao mesmo tempo, faltam-nos as relações entre a constituição dos terrenos e as formas topográficas que dão à Geografia moderna, noutros países, o caráter dedutivo de uma ciência inteiramente organizada.

Mas como, por outro lado, as induções do geólogo bem pouco valem fora do quadro ou da moldura geográfica, que elas pressupõem, compreende-se que a fase meramente descritiva, a que nos referimos, é uma preliminar obrigatória. Temos que traçar as linhas essenciais de relevo da Terra, antes de lhe perquirirmos as origens profundas. Ao

geólogo, a quem pediremos a gênese das nossas aparências terrestres superficiais, cumpre-nos fornecer de antemão os pontos de referência indispensáveis. Antes da Geomorfologia, de Morris Davis, ou da Geomorfogenia, de Lawson, impõe-se-nos a constituição definitiva da Geografia propriamente dita, que somente em nossos dias vai completando-se por maneira a fixar, de par com a configuração exata dos territórios, os seus acidentes principais.

Basta recordar a este propósito que são ainda recentíssimos os descobrimentos das últimas cabeceiras do Turuá, do Purus e do Acre, desvendadas pelas últimas comissões mistas brasilíio-peruanas, e pelos trabalhos do Major Fawcett, da Real Sociedade Geográfica de Londres; ou que ainda nesta hora, descendo as derradeiras vertentes ocidentais do Chapadão dos Parecis, o engenheiro militar Cândido Rondon vai atravessando, em demanda de Santo Antônio do Madeira, região tão inteiramente desconhecida, que renova em nosso tempo, com o mesmo destemor e sem a mesma ferocidade, o ciclo glorioso das “bandeiras”.

É que a nossa geografia está ainda em marcha. Dilata-se no desconhecido. Está em plena idade heróica das explorações ou longínquas batidas no deserto.

Sendo assim, vê-se desde logo que aos devotados à tarefa de fixar-lhe, cartograficamente, as linhas principais, não incumbe apenas a empresa incalculável de reunir e comparar e combinar um sem-número de elementos, oriundos de investigações largamente esparsas em superfícies amplíssimas, em mais de três séculos de estudos, sob os infinitos aspectos em que estes se nos mostram, desde as simples indicações dos roteiros dos missionários aos cálculos precisos das coordenadas astronômicas.

A tarefa é mais vasta e mais séria. Perdido na infinidade dos pormenores, enleando-se nas curvas de nível embaralhadas dos relevos, ou em tortuosos *talvegues* mal definidos, titubeante no meio de informes, e dados, e plantas, que raro conchavam, que não raro se contrariavam, e muitas vezes se anulam diante de novos dados mais recentes – os nossos geógrafos de gabinete submetem-se, quase sempre, a um trabalho tão árduo quanto o dos que vão diretamente bater de frente as regiões ignoradas. Hoje, diante da geografia sul-americana, eles restauram a mesma atitude de Guilherme Delisle ou de Bourguignon D’Auville, ante a geo-

grafia européia do século XVIII: isto é, carecem de exercitar uma crítica superior e profunda, capaz de norteá-los com segurança no labirinto das cartas particulares, permitindo-lhes eliminar os traçados intrusos que as pervertem, corrigir as divergências que as separam, e, ao cabo, articulá-las umas às outras, mais em virtude de um esforço dedutivo que da expressão visível de seus desenhos contrastantes. Agindo desta forma, Delisle, sem se arredar da sua prancheta de cartógrafo, retificou o eixo do Mediterrâneo, e deu, pela primeira vez, à Europa, a figura real que ela conserva até hoje; ao mesmo passo que D'Auville, prolongando a mesma norma, cotejando e discutindo os resultados das expedições até então realizadas, instituiu a cartografia geral como se fora uma ciência positiva capaz de deduções infrangíveis, ou de previsões tão rigorosas que alguma vez o cartógrafo experimentado, nas suas viagens ideais, pode ir retificar os itinerários efetivamente trilhados pelos exploradores.

Mas para isto compreendem-se os atributos raros de paciência, de lucidez, de claro discernimento na análise dos documentos e de lance indutivo no remate sintético dos estudos, que se lhes requerem.

É o que nos revela – folgamos em registrá-lo – o *Atlas do Brasil*, recém-elaborado pelos Srs. Barão Homem de Melo e Dr. Francisco Homem de Melo. Não relutamos em incluí-lo entre os raros modelos que possuímos de uma cartografia racional e lúcida.

Folheando-o, logo às primeiras páginas do texto explicativo que o precede, observa-se que, se porventura os autores não enfeixam a totalidade dos requisitos precitados, tiveram inegavelmente distinta compreensão da empresa complexa a que se abalçaram, iniciando-a à luz de um critério esclarecido e firme. Assim que, considerando as linhas dominantes do relevo terrestre, elidiram desde logo o costumeiro abuso, ou vulgaríssima ilusão, de imaginar-se, necessariamente, uma serra ou cadeia de morros, feito *divortium aquarum* inevitável de todos os rios; e esta simples circunstância, se a defrontamos com a profusão incomparável das nossas redes hidrográficas, bastaria a revestir de excepcional valia o novo Atlas. Pelo menos, desde as suas primeiras linhas, ele se forrou ao nefasto preconceito daquela “orografia sistemática” com a qual Filipe Buache e os seus numerosos imitadores perturbaram por mais de um século toda a geografia européia; já repartindo as terras em bacias fluviais obrigatoriamente separadas por serranias; já falseando de todo o caráter

real das regiões com o fragmentá-las e vincá-las, arbitrariamente, de barreiras naturais inteiramente imaginárias.

Conforme observa Marcel Dubois, este sistema só desapareceu na Europa em meados do século passado, ao surgir a renascença geográfica, no período das *cartas de estado-maior*, isto é, quando o estudo matemático das projeções e outros aperfeiçoamentos técnicos, de par com a crítica escrupulosa de todos os acidentes, partiram ou atenuaram as cadeias rígidas com que se urdiam e entreteciam, caprichosamente, todas as malhas das redes hidrográficas.

Entre nós, porém, persistiu. Temos ainda cartas modernas, onde o Brasil se ostenta feito uma Suíça desmesurada. Não há borda viva de planalto escavado, ou terreno intermediando dois cursos de água a correrem em diversos rumos, que não ondule em cerro ou ressaia em alcantis. Revendo-as, as vistas baralhadas numa infinidade de acidentes caóticos não distinguem a característica preeminente da nossa estrutura maciça exposta nos vastos planaltos ondeantes, que se arrimam, de uma banda, nos grandes morros de arrimo da cordilheira marítima, e de outra descem suavemente para o interior do continente.

Ao complanado dos chapadões contrapõe-se um fervilhar de píncaros; e, no meio deles, lançando-se, contorcida, desde Minas Gerais até aos confins de Mato Grosso, as formas opulentas de uma cordilheira imaginária – a maior das nossas serras, a serra das Vertentes –, monstruosa idealização geográfica, que não sabemos se deve atribuir-se a Eschwege, ou aos precipitados cartógrafos, que tanto exageraram aquela denominação, transmutando em cadeia contínua de montanhas um simples sistema de vertentes.

Entretanto, à parte as reservas do próprio Eschwege, completadas pelas observações de Fred. Hartt e Aug. Saint-Hilaire – o Professor Orville Derby, em duas excursões notáveis aos vales do Rio Grande e do São Francisco, desfez há muito a miragem dessas falsas serranias, de simples denudação, onde as magistras raro se ajustam à orientação geral das rochas sotopostas. Destarte se manifesta uma das raras contribuições geológicas feitas à nossa constituição geográfica, que o Barão Homem de Melo aproveitou, esclarecendo-a, além disto, com os mais frisantes exemplos enfileirados em longa série de observações: umas antiquíssimas e reproduzidas por d'Orbigny e Castelnau, acerca da divisória do Amazonas

e do Prata; outras mais recentes, como as de Em. Liais, relativamente à insignificante ondulação que separa os tributários extremos do São Francisco e do rio Grande; ou as averbadas por W. Chandless, no abati-mento amazônico dos planaltos brasileiros.

Certo, em tudo isto nada existe de original. O nosso eminente compatriota reproduz pareceres conhecidos, e renova apenas um conceito geográfico generalizado – que ainda recentemente se constatou no Purus e no Turuá, mas separados dos derradeiros galhos orientais do Ucaiáli por diminutíssimas colinas.

Tais pareceres ou conceitos, porém, até hoje esparsos em monografias, como incidentes de outros assuntos, pela primeira vez se erigem entre nós em preliminar expressa de um trabalho cartográfico.

Poder-se-ia também aditar que a divisão da nossa orografia, adotada pelos autores – a) serra do Mar; b) serra da Mantiqueira; c) ramificações do sistema interior –, se ultima de um modo vago, e é, evidentemente, provisória. O lance, porém, vem de molde a denunciar-lhes a crítica cautelosa – atendendo-se em que para a classificação exata das nossas verdadeiras montanhas carecemos ainda da definição geognóstica da maioria delas, assim como da história geológica dos movimentos orogênicos que as ergueram. Durante largo tempo as nossas idéias a este respeito serão forçadamente provisórias.

Os autores confessam a deficiência inevitável desta sistematização com a descri...*

* Obs.: – Este trabalho Euclides não chegou a terminar.

.....

Duas cartas

A

PRIMEIRA FOI ENDEREÇADA a Joaquim Nabuco, por meio de José Veríssimo em carta da mesma data. O voto para a Academia, ao qual se refere, foi, com a desistência dos candidatos com os quais Nabuco tinha compromissos, dado ao próprio Euclides, como se observa em carta de Machado de Assis àquele seu amigo, em 7-10-1903. A de Euclides a Nabuco, aqui publicada, é documento de grande e singular nobreza que, sobre desfazer histórias relativas a diferenças de natureza pessoal entre os dois, contém em seu final belíssima confissão sobre Os Sertões. A outra, endereçada a Oliveira Lima, é do ano em que o escritor foi morto, assinalando preocupações com a estabilidade para a vida, desvelos para com a família, sempre presente nas suas cartas aos grandes homens de seu tempo, seus amigos que, não raro, a cumulavam de gentilezas.

O. S. A.

Na opção pela essência com clareza absoluta, escuso-me de maiores explicações aos euclidianistas clássicos e à grafologia, por sacrificar parte das cartas manuscritas de Euclides da Cunha, pondo os textos impressos na íntegra, nos seus lugares.

C. G.

Lima - 18-11-903

Meu Ilustrado e simpático,

devo - primeiro - de seu escripto no almanac
to "magnum", e escripto de seu Tercio escripto,
revela, e foi de seu - e de, com seu seu dis-
tinguimento, com raro toque de nobreza, eschade-
rando e sublimando antipathia em grande-
za e amavelmente sobre as antipathias reliquias
em poesia. Me pleneamente accorde com
o seu pensar, e agradeço. Me anti o tal...
escripto de seu redator, (pois me foi - justica
de acreditar me de modo algum e me poder
antes abate, me plene de seu de seu notu-
remente sempre anti aquella notu-
remente sempre. Me seu mais amavelmente a
sua candidatura de a linha de escripto
a de antio de "de seu de momento".

Lorena, 18-10-1903

Meu venerando compatriota,

Dando a preferência de seu sufrágio ao Almirante Jaceguai, e explicando-a com tanta superioridade, o senhor deu à carta, com que me distinguiu, um raro traço de nobreza, sobredoirando o valiosíssimo autógrafo que guardarei carinhosamente entre as melhores relíquias que possuo. De pleníssimo acordo com o seu pensar, e agradecendo-lhe muito o tê-lo exposto sem rodeios (porque me fez a justiça de acreditar que de modo algum eu me poderia sentir abatido no plano secundário que naturalmente ocupo ante aquele notável compatriota), posso afirmar-lhe que não aumentaria a minha consideração se a tivesse de opor à do autor do *Dever do Momento*, livro que devemos em parte a felicidade de vermos restituído à atividade política aquele cuja “Formação” reflete incisivamente, sintetizado numa existência individual, a própria formação do que há de mais brilhante, de mais sério e de mais robusto na nossa consciência coletiva atual.

Não vai a mínima lisonja nestas linhas. Todos os da minha geração devemos muito à sua palavra, porque a ouvimos precisamente na quadra em que a sua tonalidade prodigiosa se harmonizava admiravelmente a todos os grandes arrojos e desinteresse da mocidade.

Ela – que por uma circunstância notável tantas vezes se levantou em frente à Escola Politécnica – dominava não raro a dos nossos mestres e ampliava o nosso destino subalterno de engenheiros, dando-me um significado superior tão bem expresso naquela “triangulada do futuro” a que se referiu imaginosamente, golpeando de súbitos lances de gênio a secura matemática da aula de construção, o bom e grande André Rebouças.

Não me demorarei neste assunto, para não me delongar. Basta-me assegurar-lhe que nenhum de nós, rapazes daquele tempo, traíam aquela admiração antiga, para que o senhor aquilate bem a verdadeira ufanía com que recebi as suas letras.

Quanto aos *Sertões*, aguardo tranqüilo o resultado de sua leitura. Os deslizos de forma que o inquinam (e José Veríssimo inflexivelmente os denunciou) empalidecerão na escala da sinceridade com que esbocei as suas páginas. Aí está o seu único valor, mas este é desmesurado. Releve-me esta vaidade. Dante, para reviver os desmandos de Florença, idealizou o Inferno; eu, não; para bater de frente alguns nomes do nosso singular momento histórico, copiei, copiei apenas, incorruptivelmente, um dos seus aspectos... e não tive um Virgílio a amparar-me ante o furor dos condenados!

Não lhe devo mais tomar seu tempo, que nesta ocasião pertence todo à nossa terra. Termino assegurando-lhe o meu maior apreço, e consigno a crescente admiração, como compatriota att^o e cd.^o obrdo.

Euclides da Cunha
(a Joaquim Nabuco)

- de sua lectura. Os scribas se fazem em
 "Mangueiras" (e José Vasconcelos suplenaturalmente os de
 natureza), propozendo-nos os textos de autoridade
 com os seus em duas paginas. Ah! não! e em
 outras partes "e os seus" e desmanchados. Não em
 toda a sua obra e sim, para certos os estudos
 dos de Placido e de outros e de outros; e, não,
 para todos os pontos alguns outros de mais tempo.
 Com os seus estudos, depois, depois outros,
 naturalmente, mas dos seus aspectos... e
 não há com Virgílio a comparsa, os seus
 e depois dos seus estudos!

Não há dois livros mais em tempo em
 estes estudos, pois todos a nossa obra, e
 mais, corrigindo. Não e mais mais outros,
 outros e outros e outros, como
 compõem os seus e os seus
 Outros, e os seus

Rio, 10 de Janeiro de 1909

Amigo Dr. Oliveira Lima,

Demorei-me em escrever-lhe respondendo a sua última carta e agradecendo as delicadas lembranças do ano novo, porque andamos todos em casa, durante muitos dias, às voltas com a última proeza do filhinho mais novo. A sua carta, a carteira, as rendas e os livros chegaram quando atravessávamos o período agudo da crise; e não preciso dizer-lhe quanto nos consolou, no transe, o recordarmo-nos da afeição longínqua dos bons amigos ausentes. A S'Anninha ficou encantada com as rendas – gentilíssima lembrança de D. Flora – e eu, com a carteira (embora considerasse, melancolicamente, que, só durante os breves dias da travessia de Bruxelas até aqui, aquela carteira se veria unida a rendas). Assim perpetrei o primeiro trocadilho desta vida – muito diferente da sua, aí, conforme verifiquei pelo invejável horário que me mandou. Por ele vi – e com verdadeira satisfação – que o meu distinto amigo tem muito tempo para o exercício da sua atividade predileta, do espírito. Ao passo que eu, se tivesse tempo para pormenorizar os meus dias, teria de os repartir não em horas, mas em minutos, tão atrapalhados e cindidos de preocupações diversas, eles correm. Por exemplo no meio dos quefa-zeres do ofício, tenho, agora, todos os quartos de hora forros entregues ao estudo da Lógica, porque me inscrevi num concurso desta cadeira, que se realizará em abril no Ginásio Nacional. Não tenho muita confiança num estudo feito sem método ou continuidade – mas não posso deixar de aproveitar a oportunidade que se me oferece de adquirir uma posição mais fixa independentemente da boa vontade de outrem. Continuo na Secretaria, pelas razões expostas na carta anterior. E a este propósito agradeço-lhe muito os generosos conceitos da sua última carta.

O Vicente de Carvalho ficou satisfeitíssimo com o seu voto, reunindo-o aos que mais o nobilitam. A vitória dele é agora inevitável; já

tem 21 votos, ao passo que o Emílio (candidato do Graça) mal conseguirá 10; e o Gen. Dantas Barreto, 4.

Não tenho visto os amigos. A partida do Gastão agravou o meu retraimento. Oscilo, sem variantes, da Secretaria para casa, e desta para aquela.

Há cinco ou seis dias, o Dr. José Carlos Rodrigues, dizendo-me que lhe havia passado ao senhor um telegrama de boas-festas, referiu-se incidentemente ao livro *D. João VI* noticiando-me que não demoraria em vir à publicidade. A boa nova, recebi-a com a maior satisfação; e espero ser dos primeiros a ler aquele livro.

O fim quase exclusivo desta é agradecer-lhe e a Exm^a Sr^a D. Flora, em meu nome e no da S'Anninha as apreciadíssimas lembranças. Noutra carta, próxima, conversaremos mais longamente.

Creia sempre em quem é muito cordialmente seu

Euclides da Cunha

P. S. — Amanhã ou depois procurarei o Calmon e transmitir-lhe-ei o seu recado.

(Candidato de praça) - mal conhecido, e o 2.^o Sr. Carlos Pereira, 4.^o

Seu 1.^o voto deu ao Sr. Carlos Pereira. A par-
ticipação de Carlos Pereira, e sua relação
com o Sr. Carlos Pereira, com o Sr. Carlos Pereira,
relação para casa, e desta para aquela.

Na noite em que fui a 8.^o Avenida,
Pernambuco, tendo com mim o Sr. Carlos Pereira,
aqui fui ^{no dia} telegrafado de dois pontos - re-
feri-se ao movimento de Carlos Pereira. D. João,
notando-se que não houve demonstração em
sua opinião pública. E não houve,
resposta a quem a minha intenção; e
expres de seu favor a ler a respeito de
voto.

O Sr. Carlos Pereira desta a agradecer
lhe a 8.^o Avenida D. João, em nome
me a Sr. Carlos Pereira as apresentações
nos trabalhos. Ainda entre, por
me, com o Sr. Carlos Pereira, e
Sr. Carlos Pereira com quem a 1.^o carta
deve ser

Encyclusica

P.S. - Comenta-se de novo, por meio
interno a Sr. Carlos Pereira, e
de outro

O

S QUATRO ARTIGOS SEGUINTEs são de 1892, de um Euclides aos 26 anos, interessadíssimo ainda na política militante, que logo mais abandonaria para sempre. Três deles fazem parte de uma série de 21 – “Dia a Dia” –, sendo o último colocado fora dela, embora reafirmado por outro ali incluído. Os quatro são, portanto, anteriores à fase dos estudos brasileiros em profundidade à qual pertencem os inéditos em livro constantes deste volume. Todos foram publicados em O Estado de S. Paulo.

A série destinou-se à defesa do contragolpe de Floriano, no qual Euclides tivera a sua participação, como revelamos na História e Interpretação de “Os Sertões”, mas nela se encontram também artigos como os que se seguem, que deixam de lado as questões políticas locais, avançando longe no futuro, como o leitor verificará.

O de 27 de abril, como o de 1º de maio – no qual já se liam frases que passariam para escritos posteriores –, poderiam complementar bem a leitura de “Um Velho Problema”, de 1904, incluído no Contrastes e Confrontos. Seriam complemento nesse sentido de nos darem certas cores e nuances do pensamento de Euclides acerca do futuro político do mundo em relação ao tempo em que viveu, cores e nuances que vemos aqui e ali, na sua obra inteira, até em artigos dos 20 anos, num dos quais, falando da Declaração dos Direitos do Homem, dissera que a Revolução devia ter parado aí, sendo demais o assassinio de um rei e a institui-

ção do regime sinistro do terror... O de 22 de maio é sobre a morte de Vítor Hugo, e nós já temos insistido no significado das referências de Euclides a esse nome grandioso.

No último, aqui transcrito, ficou a essência do pensamento do escritor sobre o ensino, a sua indispensável autonomia em face do Estado. Sua atualidade é flagrante.

Não cogitamos da série toda porque sendo em sua quase totalidade de atuação política, de interesse de um momento, não é ela propriamente inédita, transcrita que foi em setembro de 1959 pela Revista do Livro, do I. N. L.

O. S. A.

.....

Dia a dia

27 de abril de 1892

O

IDEAL DA POLÍTICA MODERNA – tudo o indica – está numa dependência, cada vez mais íntima, do indivíduo para com a sociedade e numa independência, cada vez mais acentuada, de ambos para com o Estado. As próprias imposições sempre crescentes da vida civil imprimem, dia a dia, a todos os espíritos uma disciplina bastante sólida, para dispensar as repressões contínuas dos poderes constituídos ou o seu constante apoio.

O futuro – e é isto uma verdade já velha – pertence ao industrialismo. Ele operará, tonificado vigorosamente pela fórmula soberana da divisão do trabalho, a mais vasta diferenciação e conseqüente aperfeiçoamento da feição mais nobre da atividade humana; crescerá, portanto, paralelamente, com o progresso material o desenvolvimento moral do mundo; a sociedade será uma amplificação da família e restará ao Estado, exclusiva, a garantia da ordem.

Um olhar para o passado nos mostra limpidamente que a luta pela existência, na sociedade, tende sobretudo para este objetivo – a emancipação individual.

Entre as nacionalidades do presente, as que se aproximam mais desta fase de ampla independência são, realmente, as que mais nobilitam o nosso século pelas maiores criações do trabalho. À proporção que se fortalecem e crescem dispensam naturalmente a intrusão dos governos, cujo papel restringe-se por fim em unicamente assegurar-lhes o próprio engrandecimento.

Esse grande ideal político será realizado.

Não é uma utopia; garante-o vantajosamente todo o maravilhoso espetáculo da evolução humana.

Compreendemos, porém, toda a distância a que nos achamos dele; e embora com a maior tristeza, confessamos que a sociedade brasileira não pode dispensar, tão cedo, para as questões mais simples do seu desenvolvimento, o prestígio oficial do governo.

Temos como em extremo trabalhosa a missão do Estado, nos tempos de hoje; não lhe basta dedicar-se exclusivamente à garantia da ordem, é-lhe indispensável que, de alguma sorte, exorbite, estabelecendo os primeiros elementos do progresso.

Filhos de uma terra tão vasta e tão rica, pode-se dizer que nunca precisamos viver através de um contínuo apelo à própria atividade; nunca necessitamos travar com o meio cosmológico estas admiráveis lutas, em que se retempera tão bem a índole de todos os povos; a concorrência vital, graças à extensão do território, aliada a uma população rarefeita, nunca se constituiu como um motivo da seleção do nosso espírito, de acordo com as condições exteriores, de modo a nos dar esse conjunto de tendências e aspirações comuns, que definem qualquer nacionalidade.

É fácil a qualquer dizer, graças à maravilhosa plasticidade do estilo amoldado a todas as causas, que somos já uma nação, com aspirações bem definidas de futuro, em harmonia com uma exata compreensão do passado.

Neste caso, o governo poderia verdadeiramente se restringir à missão, menos trabalhosa, de mero condensador das energias sociais e guarda da estabilidade geral.

A verdade, porém, é que, ante o assalto da crise atual nos sentimos inermes e fracos, fazendo-se precisa, para os mais simples fatos de

economia, a ação do Estado; isto desde as questões rudimentares da alimentação e da higiene às mais sérias.

O que o Estado tem feito até hoje, além da função difficílissima de velar pela segurança comum, é estimular, substituindo-a muitas vezes, essa tão fecunda iniciativa particular que somente agora se esboça entre nós, com probabilidade de desenvolvimento.

A iniciativa oficial tem absorvido mesmo as grandes manifestações do sentimento, fazendo-se indispensável o seu influxo para que não se olvide tudo o que há de verdadeiramente grande na nossa existência histórica.

Precisamos porém libertá-lo dessa duríssima tarefa, libertando-nos dessa tutela generosamente concedida.

Por mais necessária que pareça a proteção oficial, ela é efêmera; por isto mesmo que toda a força dos governos promana das sociedades.

Faz-se necessário portanto que se iniciem desde já todos os passos para uma maior independência de vida e comecemos afinal a auxiliar o governo ao invés de,³⁸ como até hoje, recebermos dele uma proteção constante e incondicional; só assim poderemos seguir com as demais nações para esse ideal que enobrece e dignifica tanto a política moderna.

E. C.

38 No jornal aparece *ou em vez de*, naturalmente por erro tipográfico. N. do R.

.....

Dia a dia

1º de maio de 1892

E

XTRAORDINÁRIO AMANHECER o de hoje nas velhas capitais da Europa...

Como que assaltada por uma síncope, subitamente, se paralisa a complicadíssima vida da mais alta civilização; todo o movimento das grandes sociedades, toda a espantosa atividade de um século e a admirável continuidade dessa existência moderna tão poderosa e tão vasta, se extinguem, aparentemente, esvaindo-se em vinte e quatro horas de inatividade sistemática.

Abandonam os cérebros dos políticos os interesses nacionais mais urgentes; desaparecem por um dia todas as fronteiras; reconciliam-se incorrigíveis ódios seculares de governos – e aqueles exércitos formidáveis, que a todo instante ameaçam abalar a civilização, num espantoso duelo, formam silenciosos, pela primeira vez, sob uma mesma bandeira...

Tudo isto porque o anônimo extraordinário que é o maior colaborador da História, o Povo que trabalha e que sofre – sempre obscuro –, entende, nessa festiva entrada da primavera, deixar por momentos

as ásperas ferramentas e sonhar também como os felizes, pensar, ele que só tem um passado, no futuro.

O escravo antigo, que ia nos circos romanos distrair o humor tigrino dos reis, num pugilato desigual e trágico com as feras; o servo da gleba, o vilão cobarde que atravessou a Idade Média, à sombra dos castelos sob o guante do feudalismo; que tem alimentado com o sangue a alma destruidora das guerras; ele – a matéria-prima de todas as hecatombes, seguindo sempre acurvado a todos os jugos – transfigura-se realmente, alentado por uma aspiração grandiosa e apresenta esta novidade à História – pensa!

Deu todas as energias ao progresso humano, sempre inconsciente da própria força, e, quando no fim do século XVIII, uma grande aura libertadora perpassou a Terra, ele se levantou, aparentemente apenas para trazer, às costas, até os nossos dias, a burguesia triunfante.

Cansado de escutar todas as teorias dos filósofos ou os devaneios dos sonhadores, que de há muito intentam-lhe a regeneração – desde os exageros de Proudhon às utopias de Louis Blanc –, ele inicia por si o próprio levantamento.

E para abalar a Terra inteira basta-lhe um ato simplíssimo – cruzar os braços.

E que triste e desoladora perspectiva esta, de vastas oficinas e ruidosas fábricas desertas, sem mais a movimentação fecunda do trabalho, e as profundas minas, abandonadas, abrindo para os céus as gargantas escuras, num tenebroso bocejo...

* * *

Se entrarmos na análise dos cambiantes que tem assumido o socialismo, temo-lo como uma idéia vencedora.

O quarto estado adquirirá, por fim, um lugar bem definido na vida universal. Nem se lhe faz para isto preciso agitar o horror da anarquia ou fazer saltar a burguesia a explosões de dinamite. Fala todas as línguas e é de todas as pátrias.

Toda a sua força está nessa notável arregimentação, que ora desponta à luz de uma aspiração comum; a anarquia é justamente o seu

ponto vulnerável – quer se defina por um caso notável de histeria, Luísa Michel, ou por um caso vulgar de estupidez, Ravachol.

Não existe, talvez, um só político proeminente, hoje, que se não tenha preocupado com esse grave problema; e o mais elevado deles, o menos inglês dos pensadores britânicos, Gladstone, cedendo à causa dos *home-rulers* o espírito robusto, é, verdadeiramente, um socialista de primeira ordem.

Realmente, a vitória do socialismo bem entendido exprime a incorporação à felicidade humana dos que foram sempre dela afastados. Em nossa pátria – moça e rica – chegamos às vezes a não o compreender – transportando-nos porém aos grandes centros populosos, observando todas as dificuldades que assoberbam a vida ali, sentimos quão criminosa tem sido a exploração do trabalho. Ali, onde o operário mal adquire para a base material da vida, a falsíssima lei de Malthus parece se exemplificar ampla e desoladora. Preso a longas horas de uma agitação automática, além disso cerceado da existência civil, o rude trabalhador é muito menos que um homem e pouco mais que uma máquina.

* * *

Os governos da Europa hão de transigir porém; hão de entabular os preliminares da paz, pelas concessões justas e inevitáveis que terão de fazer.

Nós assistimos ao espetáculo maravilhoso da grande regeneração humana.

Pela segunda vez se patenteia na História o fato de povos que se fundem num sentimento comum – e não sabemos qual mais grandioso, se o quadro medieval das Cruzadas ou se esta admirável cruzada para o futuro.

Seja qual for este regime por vir, traduza-se ele pela proteção constante do indivíduo pela sociedade, como pensa Spencer, ou pelas inúmeras repúblicas, em que se diferenciará o mundo, segundo acredita Aug. Comte – ele será, antes de tudo, perfeitamente civilizador.

Que se passe sem lutas este dia notável. O socialismo, que tem hoje uma tribuna em todos os parlamentos, não precisa de se despenhar nas revoltas desmoralizadas da anarquia.

Que saia às ruas das grandes capitais a legião vencedora e pacífica; e levante altares à esperança, nessa entrada iluminada de primavera, sem que se torne preciso ao glorioso vencido – o Exército – abandonar a penumbra em que lentamente emerge à medida que sobe a consciência humana.

E. C.

.....

Dia a dia

22 de maio de 1892

H

Á SEIS ANOS desoladora nova perpassou a Terra: extinguia-se em Paris o poeta extraordinário, que se nacionalizara em todas as pátrias, pelo condensar melhor do que qualquer outro talvez, no amálgama ideal de bronze e ouro de seus versos eternos, essa síntese afetiva continuamente crescente, que se espelha em todas as literaturas, e é o ponto de apoio de todas as nacionalidades e a garantia mais sólida de todas as civilizações.

Realmente, se qualquer literatura define uma nacionalidade, pelo se basear inteira no sentimento hereditário da raça e a subordinação às tradições nacionais, Vítor Hugo, o genial e extraordinário romântico, é mais do que o poeta da França; pertence ao nosso século – porque o que todos nós sentimos, palpitando veemente, fulgurante e sonoro, por meio dos seus alexandrinos imortais, não é a alma de uma sociedade, mas sim todo sentimento humano!

O sentimento da pátria, a inexaurível fonte dos maiores lirismos, em torno ao qual têm vivido todas as musas, não lhe bastou à desmedida afetividade e vemo-lo ligando-o ao sentimento maior da

solidariedade humana – intentando assim, por uma intuição de vidente, esse consórcio final da Arte com a Filosofia, a que chegaram também os pensadores modernos, porém por meio de longas, penosas e severas meditações.

É por isto talvez que ele não foi um clássico; o classicismo, que se pode definir como uma veneração exagerada pelo passado, quebrara por largo tempo a continuidade do sentimento humano – restaurada felizmente na Idade Média pela Renascença e no século XVIII pelo Romantismo – e não podia por certo satisfazê-lo.

Nascendo com o seu século, parece ter-se indissolúvelmente ligado à época extraordinária das maiores revoluções da Filosofia, da Política e da Arte e intentado a tarefa de refleti-las todas.

Assim é que por meio dos seus livros notáveis, vemos, além do estudo exagerado das paixões, defluindo – ora um vago e indefinível misticismo, uma filosofia singular – a idealização maravilhosa de um Deus sem altares, cabendo melhor nos corações do que nas catedrais; ora um formidável e impenitente delírio revolucionário e vingativo, explodindo na orquestração selvagem e maravilhosa dos *Castigos...*

A revolução ocidental, que é inegavelmente o melhor trabalho dos Enciclopedistas, pusera no seio de todos os povos os germes de regeneração política e, em todos os cérebros, os primeiros elementos de regeneração filosófica.

Era preciso, porém, alguém que idealizasse, essa existência moderna, que dela se derivou, alguém que, exagerando embora as verdades da Filosofia e da Política, as interpretasse à humanidade, sob a forma atraente de utopias e de ideais deslumbrantes.

Esta função foi admiravelmente exercitada pelo homem extraordinário, de cujo nome nos lembramos hoje.

Não nos damos à tarefa, ademais dispensável, de enumerar-lhe todas as fases, em sua translação pela Terra, nem todas as grandezas de seus sonhos, que dimanam, multiformes, das páginas tranquilas das *Contemplações*, às páginas explosivas do *Ano Terrível*. Temos, além disto, unicamente o objetivo de impedir que passe despercebido, hoje, um

nome, sobre o qual parece que se começa a fazer um esquecimento além de injusto, ingrato.

Embora reconheçamos que ele não é o primeiro homem deste século, não nos inibe isto de venerarmos profundamente o sonhador extraordinário que tão bem idealizou a fraternidade humana – que será amanhã uma conquista de filosofia – e tão bem preconizou a república universal – o que será a maior conquista, amanhã, da política moderna.

E. C.

.....

Instituto Politécnico

I

24 de maio de 1892

SEM NOS FILIARMOS a escolas filosóficas – o que é um verdadeiro absurdo na mocidade, na quadra exuberante em que, para a formação imprescindível da consciência, nos voltamos indistintamente para todas as idéias, abrindo com igual interesse e igual curiosidade todos os livros, ouvindo com igual respeito todas as crenças e tributando igual veneração a todos os sábios – vamos definir o nosso modo de pensar acerca do projeto apresentado pelo Sr. Dr. Paula Sousa ao Congresso do Estado, assistindo-nos, a nós que estas linhas traçamos, para isto, mais do que o fato insignificantíssimo de um bacharelado em Matemática e Ciências Físicas, o direito de crítica, dessa crítica ousada e intransigente, destinada a desaparecer no futuro – mas que é ainda um mal necessário, o defeito mais brilhante e indispensável das sociedades modernas.

Levamos a imparcialidade mesmo ao ponto de afastar do início do assunto a questão fundamental que se refere à intrusão do Estado no desenvolvimento do ensino. Está hoje limpidamente demonstrado que este cresce na razão inversa da proteção daquele; e que os programas oficiais, estáveis, mudando-se com intervalos mais ou menos longos, por

meio das reformas periódicas, imobilizam a instrução, no meio da movimentação sempre ascensional e crescente dos conhecimentos. Muito menos estabeleceremos em abono destas idéias o paralelo entre as universidades francesas sem autonomia, afogadas pelo protecionismo oficial, esterilizadas por uma uniformidade aniquiladora de métodos imutáveis, e as escolas alemãs, quase que autônomas, em cujo seio para cada ramo de conhecimentos existem muitas vezes duas ou três cadeiras rivais, estabelecendo, assim, franca, a máxima variação de métodos, uma grande concorrência de idéias, o que, na crise moderna, é de muito mais fecundidade do que a estagnação da rotina.

Realmente, todos compreendemos que se faz infelizmente necessária, entre nós, povo afeito à passividade hibernante do passado regime a ingerência do Estado nas questões mais simples do nosso progresso, embora, acerca do que diz respeito à instrução superior, a iniciativa individual já tenha despontado, com sensível eficácia, na criação das faculdades livres de Direito.

Segundo a judiciosa observação de um pensador contemporâneo, em todas as agitações sociais existe sempre uma estreita solidariedade entre as instituições políticas, que se transformam, e as disciplinas pedagógicas. Assim é que o primeiro esboço da secularização do ensino pelas universidades decorre, no século XIII, do alevantamento do proletariado à existência civil – e a criação de escolas profissionais, a especialização do ensino, decretada pela convenção, auxiliada pela brilhante elaboração científica dos séculos XVII e XVIII, foi como que o coroa-mento indispensável da grande revolução. O que desta sorte assim se evidencia, nas mutações que afetam em geral a todas as sociedades, dá-se do mesmo modo em cada uma delas especialmente.

Desde que a reforma política tende para um estado mais elevado da existência civil, há como que a imprescindível necessidade de por ele nivelar os espíritos, pela íntima subordinação inegável da Política à Filosofia.

Daí a tendência notável de todos os legisladores que se voltam, nas quadras da reorganização social, afanosamente, para questões sérias e interessantes do ensino.

Esta tarefa porém, altamente louvável, é altamente difícil.

Temos disto uma prova irrecusável e eloqüentíssima no desastroso projeto, apresentado agora ao Congresso do Estado, e que é entretanto amparado por um nome respeitável por muitos títulos.

Trata-se da criação de um instituto politécnico no qual as diferentes profissões irradiam de uma vasta base subjetiva, comum, de verdades científicas.

Nada realmente mais necessário do que o critério uniforme da Filosofia pairando sobre todas as formas da atividade; somente ele as esclarece e orienta, imprimindo-lhes os mais elevados destinos.

Da mesma sorte que as nossas teorias científicas abstratas, gerais, embora nos permitam previsões racionais, não se podem tornar úteis, pela modificação do meio de harmonia com as nossas necessidades, sem a intervenção dos processos práticos que, modificando as leis adquiridas pela abstração, as aproximam da realidade objetiva; do mesmo modo a prática, nas suas indagações, nada pode produzir sem as indicações teóricas que lhe limitam e fortalecem a ação.

Um curso preparatório, eminentemente teórico, de onde defluam as verdades amplamente gerais da ciência, deve presidir portanto aos cursos especiais, que criam as profissões.

* * *

Estas breves considerações, indicando a maior harmonia de vistas acerca da idéia fundamental que parece caracterizar o projeto do Sr. Paula Sousa, não impedem, apesar disto, que vejamos nele, tal qual se acha elaborado, uma coisa desastrosa, que, se for convertida em lei, definirá de um modo deplorável a feição superior da nossa mentalidade.

Deixando de parte as incorreções imperdoáveis, que ressaltam de pronto à simples leitura do artigo 1º do projeto, pelo qual fica criada em São Paulo uma escola superior de *matemáticas e ciências aplicadas às artes e indústrias*, etc., como se houvesse mais de uma Matemática e não fosse ela a única ciência a adquirir, num de seus ramos, a Mecânica, um caráter de inteira unidade; como se ela não fosse a mesma, do mais simples cálculo de valores, às mais sérias das questões da Termologia; deixando de parte isto e a desnecessária redundância *artes e indústrias*, como se a indústria não fosse uma modalidade das artes técnicas, consideremos o art. 3º do projeto, onde vêm explícitas as matérias constituintes da escola

preparatória; copiamo-las tal qual ali se acham respeitando a ordem em que estão formuladas.

Estas matérias são: “Língua Portuguesa, Álgebra Elementar e Superior, Geometria Plana e no Espaço, Trigonometria Plana e Esférica, Geometria Descritiva e Geometria Analítica e Geometria Superior e Cálculo Diferencial e Integral, Mecânica Racional, Física Experimental, Química Geral, Inorgânica e Orgânica, Topografia e Geodésia, Desenho de mão livre, linear, de ornamentação e topográfico.”

Compreendendo que estas diferentes matérias não poderiam ter uma sucessão ilógica, de uma a outra, e convictos da impossibilidade – no estado atual do espírito humano – da iniciação de estudos superiores, sem o indispensável critério de uma classificação científica, procuramos entre as inúmeras classificações de ciências alguma que justificasse a colocação da Geometria Analítica antes do Cálculo Transcendente e a da Geodésia depois da Química, e nem a de Bacon, nem a de Ampère, nem as modernas de Bordeau, Spencer e Aug. Comte, nos satisfizeram o espírito inexperiente e ávido de conhecimentos.

Não acreditamos, apesar disto, que um legislador eminente e que intenta o alevantamento mental de seu país perdesse tão boa ocasião de se definir acerca do encadeamento indispensável dos conhecimentos científicos, lançando a esmo, num projeto sujeito à discussão, disciplinas que estamos acostumados a ver subordinadas a uma certa hierarquia.

Prosseguindo, vemos logo após à *Geometria Plana e no Espaço* (do que conhecemos em ciência sob a designação de *Geometria Especial*) a *Trigonometria Retilínea* e a *Esférica*, guindadas à categoria de ciências, quando não passam de soluções analíticas do triângulo retilíneo e do ângulo triedro, e nesse caráter nada mais são do que capítulo da própria Geometria Especial. É no entanto isto uma coisa facilmente compreensível e que já ninguém discute.

Logo após a Geometria Analítica, o projeto nos patenteia uma novidade – a *Geometria Superior*. Não tripudiamos, porém, sobre este erro lamentável. Acreditemos que o ilustre legislador se quis referir à Geometria Diferencial e Integral; realmente não existe na Matemática esta Geometria Superior, a não ser por uma designação caprichosa e por isto mesmo altamente reprovável.

Notamos, após isto, entre as matérias indicadas a ausência da Astronomia, a ciência ilustre por excelência, representando, na frase de D'Alembert, o monumento mais incontestável do sucesso a que se pode elevar por seus esforços a inteligência humana.

Por que este inteiro abandono da cosmologia celeste, quando o projeto dá o máximo desenvolvimento à cosmologia terrestre e o estudo do movimento e da figura dos astros é uma aplicação constante e fecunda das teorias gerais, estabelecidas anteriormente, no domínio da Matemática?

Numa escola preparatória, destinada à construção ideal de mentalidades formadas para a orientação de elevadíssimas atividades técnicas, é imensamente criminosa a exclusão da ciência onde se esboça e se desenvolve sistematicamente a observação, e onde o método indutivo, que tão vigorosamente reage sobre as ciências superiores, se estabelece definitivamente.

Já que este curso preparatório tende sobretudo a criar uma base subjetiva de conhecimentos às diferentes profissões, esta exclusão equivale à sua mutilação a mais dolorosa, porque além da ação filosófica, que imprime às demais ciências, a Astronomia é, em muitos pontos, a base científica da Geodésia, apontada no projeto, e cujo estudo, baseado quase todo no conhecimento das teorias astronômicas, é verdadeiramente impossível, sem o influxo da ciência fundamental.

É verdadeiramente consternadora a leitura do projeto que cria o Instituto Politécnico de São Paulo.

Vazio de orientação, incorretíssimo na forma, e filosoficamente deficiente, repelimos de todo a idéia de que ele possa vir a modelar a nossa mentalidade futura.

É de fato para espantar que um projeto, ostentando tanto luxo de erudição, e intentando um preparo científico anterior às especializações técnicas, tenha olvidado o conhecimento geral da Biologia e da Economia Política, ciências igualmente preparatórias e indispensáveis a todas as carreiras.

Nos diferentes cursos especiais não existe o de Engenharia Geográfica, embora a existência da Geodésia, no curso preparatório, tenha legitimado a sua aparição. Por que razão esquecê-la, quando nos é

totalmente desconhecida a metade do país e somente ela pode desvendá-la?

Tudo isto seria ainda desculpável, se sobre o projeto em questão se refletisse o brilho de uma orientação segura – o que é a garantia mais robusta da ação legislativa.

Procuramo-la debalde. Nada há mais ali além da enumeração arbitrária de matérias e a fixação do prazo de três anos, em que devem ser estudadas, segundo programas organizados pelo futuro diretor da escola.

O legislador abdica, assim, num terceiro, que pode ser um incompetente. De sorte que a organização do projeto pertencerá afinal a este e não ao poder legislativo que a devia formular.

Já que temos um Congresso destinado a legislar, semelhante incompetência, tacitamente formulada, é um desastre e uma profunda desilusão para todos.

* * *

Daí é possível que estejamos em erro.

Abandonando ainda ontem uma academia, somente agora começamos realmente a estudar.

Este protesto balbuciante, pois, não tem a pretensão de abalar sequer um projeto – fruto de um espírito mais experiente, que deve ser mais solidamente constituído e infinitamente mais lúcido do que o nosso.

EUCLIDES DA CUNHA

.....

Instituto Politécnico
II

1º de junho, 1892

N A FALTA DE ASSUNTO, consideremos mais uma vez o projeto do Instituto Politécnico de São Paulo.

Em artigo anterior deixamos limpidamente patenteada, de uma maneira geral, a sua deficiência relativamente à sua idéia capital.

Adeptos de uma iniciação científica que nobilite e oriente a todas as atividades, em breves, mas seguras, observações que então fizemos, tenderam sobretudo a demonstrar que ela, tal qual foi planeada pelo legislador, está muitíssimo aquém desse elevado objetivo.

Não fomos contestados: talvez não fôssemos lidos, talvez não fôssemos compreendidos.

Não nos demoraremos, considerando qualquer destes dois casos. Temos a vaidade natural a todos que são conscientes do próprio mérito; uma polêmica não nos honraria, embora com adversário ilustre, preferimos este contínuo enobrecimento, que se realiza através da meditação e do estudo.

Apontando os defeitos e incorreções, muitos dos quais gravíssimos, de que está eivado o projeto, agora apresentado ao Senado, cumprimos um dever rudimentar – combater o erro.

Praticamo-lo corretamente; não são possíveis controvérsias a esse respeito – e a ausência de uma contradição, que entretanto esperávamos, quer dizer disto – vencemos.

Realmente, ninguém ousaria arrostar as conseqüências de negar os defeitos que apresentamos; nem mesmo o autor do projeto.

Que potência de imaginação seria capaz de arquitetar argumentos em prol desta *geometria superior*, extraordinária novidade científica, a maior talvez deste século, por que em verdade não é fácil coisa uma ciência nova?

Quem ousará afirmar como exeqüível um estudo consciencioso da geodésia, sem o apoio da astronomia?

Quem condenará aos que exigem do legislador, que aborda questões elevadíssimas do ensino, o imprimir, nas leis que elabora, o brilho de uma orientação filosófica? E etc.

Apesar disto, esperamos alguns dias; tão sério e tão grave se nos afigura qualquer ataque, embora delicadíssimo e visando a entidade abstrata que se diz homem público, cuja existência tem a feição nimia-mente geral dos símbolos – que esperamos uma reação natural, a qual teria, para nós, sobretudo, o mérito de mostrar que não agimos irrefletidamente, porque – sem violação da modéstia – qualquer réplica, partisse de onde partisse, se versasse sobre a questão de que tratamos – seria vitoriosamente anilada.

Não é uma frase de retórica a aristocracia mental. Fendem-se brasões heráldicos ao clarão ideal do pensamento. Daí talvez esta aparência, até certo ponto antipática, de orgulho, que circunda aos que tendo, na história da existência, unicamente uma página em branco – o futuro – ousam analisar as ações dos que já se constituíram credores do menor respeito, por um passado de esforços. Existe, porém, uma atenuante salvadora, para os que assim se julgam e procedem – e é que toda a personalidade se lhes extingue, num grande e inextinguível amor pelas idéias que adotam.

Que isto nos absolva.

Sigamos uma outra ordem de considerações já que, em artigo anterior, deixamos limpidamente provada a incompetência do projeto criador do Instituto Politécnico, relativamente ao grandioso fim a que se destina.

Após a função destruidora era perfeitamente lógica a missão reconstrutora.

Intentá-la, porém, seria não só alçar demasiadamente a nossa competência, como invadir atribuições estranhas e patentear inteira ignorância do nosso meio.

De fato, considerando, não dizemos a sociedade paulista, para não ferir de perto, mas toda a sociedade brasileira – compreendemos que ela não comporta esse grande ideal de um preparo filosófico comum, presidindo a todas as atividades.

Ele é difícil e longo, não pode surgir das noções gerais, porque a íntima solidariedade das ciências não faculta isto; porque as mais simples noções de umas requerem muitas vezes um conhecimento profundo de outras. O encadeamento indestrutível das relações científicas é, além disto, a única fonte das verdades filosóficas e as noções superficiais não o esclarecerão com a limpidez indispensável.

O fato mais simples tem muitas vezes, em torno, para explicá-lo, um admirável conjunto de leis, sucedendo-se numa ordem maravilhosa. Uma noção de ciência especial pode evocar quase todas as ciências. Partindo, por exemplo, da verdade universalmente sabida do calor central, em geologia, o nosso espírito, concorrentemente, encontra para esclarecê-la a química, a física, a astronomia e a matemática, sendo verdadeiramente incompleta a explicação, desde que se exclua qualquer uma destas ciências e assim sucessivamente, em inúmeros fatos, que fora demasiado apontar.

Por mais admirável, porém, que seja essa continuidade necessária dos conhecimentos científicos – é inexecutável nas escolas práticas, pelo menos entre nós. Compreende-se que o indivíduo que se destina à agricultura entenderá e ninguém o convencerá do contrário, que nada tem que ver com o cálculo infinitesimal, que irá perder um tempo precioso com a mecânica ou a astronomia e fugirá do instituto que lhe impuser estas matérias. Da mesma sorte o futuro engenheiro mecânico, julgará,

sem razão embora, não se sobrecarrega inutilmente com o estudo da astronomia, de cujas noções nunca terá que se utilizar; e assim por diante.

Além disto, a nossa indústria nascente não pode ter veleidades de erigir-se original e criadora; pela simples imitação do que se faz no estrangeiro pode tornar-se fecunda e natural; têm, gratuitamente, toda uma infinidade de processos práticos, oferecidos pela civilização geral, e não se lhe faz evidentemente precisa uma alta dose de ciência, para utilizá-los com eficácia.

Embora não fosse deficiente e incorreta a iniciação científica comum que caracteriza o projeto de que tratamos, exprimiria pois uma aspiração nobilíssima elevada – e irrealizável. Para útil esta educação superior precisa de ser completa, e já que não a podemos possuir assim e já que assim ela não se pode realizar, que se a diferencie, de acordo com as diferentes carreiras; ficando entretanto o pensamento capital do projeto recordando uma tentativa eminentemente civilizadora, ainda que mal baseada.

EUCLIDES DA CUNHA

ANEXOS

.

Depoimentos
sobre *Canudos e Outros Temas*

E

MBORA longe de situar-me nas mesmas alturas literárias e de descortino sociopolítico do meu antecessor na Presidência do Senado, o meu nobre colega Mauro Benevides, não poderia furtar-me de reiterar, ao assumir o cargo, em fevereiro de 1993, o seu compromisso com o jornalista e escritor Cyl Gallindo, de publicar, através do Cegraf, a 2ª edição de *Canudos e Outros Temas*, do grande Euclides da Cunha, em comemoração aos 90 anos da publicação de *Os Sertões*.

E, mesmo já habituado a promover outras publicações de grande importância para o desenvolvimento cultural de nosso País, quando da minha anterior gestão na Presidência desta Casa, nos anos de 1987–88, senti-me, desta feita, tomado de um inusitado contentamento. É que aquela segunda edição de *Canudos* teve uma repercussão retumbante. E, evidentemente, não apenas no âmbito do Congresso Nacional.

Com efeito, além de nós senadores e dos nobres deputados federais, de certo plenamente convictos da importância da obra, não foram poucos os jornalistas, e, junto com eles, um expressivo número de outros intelectuais do Brasil e do exterior, a se manifestarem positivamente sobre ela, mesmo antes do seu lançamento. Numa demonstração

inequívoca da extensão universal da obra euclidiana. A reconfirmar-nos que, por sua completeza lingüística, não só em termos estruturais e literários, mas sobretudo temáticos, se constitui uma das mais importantes obras escritas em língua portuguesa.

Daí, o justificado interesse de que, dispensando maiores apreciações burocráticas, esta 3ª edição de *Canudos e Outros Temas* viesse logo para as ruas, atendendo a um sem número de solicitações, que, do mesmo modo que aconteceu com a edição anterior, já vem sendo feitas desde o primeiro momento de sua anunciação.

E, para mim, ser nordestino, movido pelo mesmo telurismo e profundamente empatizado com a essência revolucionária dos personagens de Canudos, é, sem dúvida, uma honra ser um dos responsáveis por essa publicação. Compreendendo que a saga daqueles seres, que na brilhante pena e na arguta visão de Euclides da Cunha, transformou-se em um dos trabalhos da nossa literatura que nada fica a dever a outras obras clássicas, não se restringiu a um momento histórico, factual e punctual da vida do nosso país, em um limitado ambiente geográfico, ou uma mera manifestação de ira social de um agrupamento de desvalidos.

Diferentemente, Canudos ultrapassou todos os limites. E, encontrando na magia literária de Euclides um inigualável vetor histórico e sociopolítico de sua retumbância, está mais do que presente nos dias difíceis que hoje enfrentamos, no afã de construir uma nação verdadeiramente democrática e justa para com seus cidadãos. Não é só um registro.

Como disse lapidarmente Cyl Gallindo: “A Canudos que falsamente afronta o poder, envergonhando a burguesia, não é mais um arraial fincado no sertão baiano, é toda a região, com formidáveis ramificações no Brasil inteiro.” Que a 3ª edição deste livro nos ajude a continuar nesse exercício de reflexão fundamental para o nosso País.

Senador Humberto Lucena

Então presidente do Senado Federal
Texto publicado na orelha do livro – 3ª edição

* * * * *

Excelentíssimo Senhor
Senador Humberto Lucena:

Encaminhamos a V. Ex^a Termos da Moção nº 13/94, de autoria dos Vereadores José Osvaldo Costa, Hélio Escudero, José Roberto Vichini e Batista Zanitti, ratificada pelos Vereadores Mário Aparecido Gusmão, Antônio Fernando Torres e José Carlos Xavier, apresentada e aprovada, por unanimidade, por ocasião da sessão ordinária de 9-3-94, com o seguinte teor:

“Requeremos à Mesa, ouvido o Plenário, que se oficie ao Senador Humberto Lucena, digníssimo Presidente do Senado Federal, em Brasília, manifestando-lhe os agradecimentos desta Casa, pela publicação da obra *Canudos e Outros Temas*, comemorativa do transcurso dos noventa anos de publicação de *Os Sertões*, que muito sensibilizou a comunidade rio-pardense que, há 82 anos ininterruptos, cultua a memória do escritor engenheiro Dr. Euclides da Cunha.”

“Desde que aprovada que se encaminhe cópia da presente propositura ao Jornalista Cyl Gallindo e ao Professor Álvaro Ribeiro de Oliveira Neto, Diretor da Casa de Cultura Euclides da Cunha.”

Luiz Osvaldo Merli
Presidente da Câmara dos Vereadores
São José do Rio Pardo – São Paulo.

* * * * *

Prezado Cyl Gallindo:

Agradecendo o seu esforço valioso no sentido de obter a reedição de *Canudos*, a família Euclides da Cunha, por meu intermédio, encarece também a gentileza de fazer chegar aos Srs. Senadores Mauro Benevides e Humberto Lucena, e ao Sr. Manoel Vilela de Magalhães,

igual reconhecimento pela anuência e compreensão que viabilizaram o projeto. A homenagem que o Senado Federal presta a Euclides, com esse trabalho, cresce de valor quando se pode ver aí o empenho de homens públicos – assoberbados com a busca difícil e inadiável de caminhos para o País, que vive momentos gravíssimos – em prestigiar e ajudar a combalida cultura nacional.

Quando, por outro lado, disse ao amigo que a adição, ao volume, de comentário seu sem dúvida honraria Euclides, vi confirmar-se que a intuição quase sempre conduz a previsões corretas: a apresentação que redigiu (fugido à rotineira prevalência da apologia) traçou síntese perfeita dos tempos atuais, permitindo ao leitor atento concluir que a denúncia euclidiana deve ser cada vez mais difundida e defendida.

Parabéns. Pelo seu empenho, certamente árduo, para conseguir a publicação; e pelo desenho doloroso e chocante que soube objetivamente oferecer à sociedade: os exemplos que apontou ocorridos no Rio Grande do Sul e na ponte Rio–Niterói bastam e mostram-se como ponta de imenso *iceberg*. Entristecem. Mas não causam desânimo; ao contrário, vivificam esperanças e certezas no grande destino desta Nação quando há vozes a apontá-los e a denunciá-los publicamente.

Joel Bicalho Tostes

Representante da Família Euclides da Cunha – Rio de Janeiro

* * * * *

Meu caro amigo Cyl Gallindo:

São momentos felizes da vida: receber inesperadamente, desde prolongado silêncio, uma lembrança dum velho amigo em forma de livro, que ele acaba de editar. Assim recebi a 2ª edição de: Euclides da Cunha, *Canudos e Outros Temas* (1993).

O Euclides é e tem sido excelente amigo desde decênios, e só o conheço pelo livro *Os Sertões*, que li e reli várias vezes. Mas aqui nos é

materialmente impossível encontrar os artigos que ele escreveu para diversos periódicos da sua época e é justamente esse aspecto da sua atividade que nos oferece no livro que acaba de mandar.

Agradeço de todo o coração!

B. N. Teensma

Professor de Literatura e Língua Portuguesa

Universidade de Leiden – Holanda

* * * * *

Senhor Cyl Gallindo:

Canudos e Outros Temas. Realmente uma obra e tanto que facilita o acesso aos estudos euclidianos. São textos escolhidos com o critério já conhecido do conterrâneo Olímpio de Sousa Andrade.

.....

Mas se Euclides se preocupou em revelar a divisão de dois Brasis contando aspectos sociológicos, geográficos, ou históricos daquela região, o senhor se preocupou em relatar estes mesmos problemas depois de quase 100 anos, observando-lhes como causa uma política desengonçada que nos aflige até hoje, quando vemos insatisfeitas as tentativas das mais espúrias ligações políticas envolvendo ideologias contrárias tão-somente para se tentar chegar ao poder... Não se pensa no povo!

Estive na Câmara Municipal a convite dos vereadores para lhes falar sobre a organização da Semana Euclidiana deste ano.

Entreguei-lhes um livro com sua assinatura, recomendando que lessem cuidadosamente a apresentação, sob o argumento de que são informações necessárias a todos os militantes políticos.

Suas palavras são uma orientação segura para se analisar como ainda andam as coisas neste País, e uma injeção de ânimo para todos aqueles que têm um mínimo de preocupação com o social e de se

estabelecer um critério de igualdade e fraternidade relacionado com o Norte e o Nordeste do Brasil.

Saudações euclidianas.

Álvaro Ribeiro de Oliveira Netto

Diretor da Casa de Cultura Euclides da Cunha

São José do Rio Pardo – São Paulo

* * * * *

Camarada Gallindo

Candango pernambucano da peste!

I – Enorme o presente, meu caríssimo Cyl Gallindo, e ainda mais suas palavras de apresentação à 2ª edição de *Canudos e Outros Temas*.

Deixei para ler no meio da madrugada daquele mesmo dia, quando o silêncio da casa abrigava melhor penetração. O Gallindo jogou ali o muito que sabe: limpeza de informação segura e adesão ao assunto. Com o mérito maior. Não se enredou na erudição, nem deixou-se levar pela frieza das letras. O protesto que lavra é a atualização de *Os Sertões*, garantia de que o que lhe deu substância e perenidade não foi a forma ou a sabença, mas a descoberta da terra e do homem, o que importa fazer para resgatá-los e fazer com que andemos de cabeça erguida. De agora em diante, a palavra alienação some pra quem se acercar do livro, e a prática das letras impõe o exercício da ação, a mais valia fica remoendo no fundo da consciência... para ser moída de vez.

Do Chuí ao Cabedelo, irmão pernambucano, vai então o meu abraço solidário e agradecido.

II – Aqui, olhando o mesmo rio em cujas margens Euclides concluiu *Os Sertões*, enquanto reedificava a ponte, releio a Apresentação de Cyl Gallindo à nova edição do *Diário da Campanha*, publicado sob o título de *Canudos e Outros Temas*.

Gesto igual, como um símbolo, fez Gallindo com o livro. Resgatou do olvido chave apta a abrir a memória nacional, identificando

a crise. E somou-lhe, na análise, o que por certo o próprio gênio agregaria à visão do Brasil, encarado sob o sol da ciência atual e sua urgência real: a nossa remissão.

Assim completam-se texto e introdução. Como, nas águas ou no tempo, perduram a palavra, o granito e o ferro da mais completa lucidez pragmática.

José Santiago Naud

Escritor e professor aposentado da UnB – Brasília – DF

* * * * *

Caro confrade Cyl Gallindo

Obrigado pelo *Canudos*. Sua apresentação é um ensaio talentoso, que enriquece a biografia euclidiana.

Um magnífico ensaio. Uma das mais sucintas e substanciosas apresentações. Parabéns!

Adelino Brandão

Biógrafo de Euclides da Cunha – Jundiá – SP

* * * * *

Caro Gallindo:

Li, emocionado, sua introdução a *Canudos e Outros Temas*. Euclides da Cunha, nos arraiais celestes, está orgulhoso de você, que soube com grande lucidez sintetizar os dramas e contradições de um país incapaz, ainda, de encarar seus sertões, rurais e urbanos. Somos cada vez mais uma grande senzala. Como você bem escreveu. *Canudos* tem hoje “ramificações no Brasil inteiro”.

Senti falta apenas de uma palavra sobre o papel dos militares na campanha de Canudos. Mas isso evidentemente exigiria um artigo inteiro.

Jason Tércio

Jornalista-escritor – Brasília – DF

* * * * *

Senhor Senador Álvaro Pacheco:

Fui informado de que teria saído pela gráfica do Senado uma publicação sobre Euclides da Cunha. Se a informação for procedente ficaria grato se você pudesse enviar esse texto ou por mala diplomática, via Itamaraty, ou diretamente pelo correio para Berlim.

Quanto ao mais, repito que estou às suas ordens nesta linda cidade e que espero vê-lo por aqui, em breve.

Um abraço saudoso,

Sérgio Paulo Rouanet

Cônsul-Geral do Brasil em Berlim

* * * * *

O escritor pernambucano Cyl Gallindo foi pego de surpresa por um convite inesperado: escrever a apresentação do livro *Canudos*, de Euclides da Cunha, que será editado pelo Senado Federal, em comemoração aos 90 anos de publicação de *Os Sertões*. Gallindo diz que ainda não alcançou a cidadania em nível de Euclides da Cunha.

Regina Beltrão

Diário de Pernambuco – Recife – PE

Na apresentação, Cyl Gallindo, de maneira indignada, fala de uma região massacrada pelo secular descaso dos mandatários da Nação. É texto tão tenso quanto verdadeiro. Daí o lamento pelo fato de ainda não termos aprendido a ler os nossos clássicos.

Maurício Melo Júnior
Correio Braziliense – Brasília – DF

Senhor Gallindo:

Quanto ao livro em si, gostaria de dar uma sugestão para uma futura 4ª edição: trata-se do artigo “Instituto Politécnico”, de 24 de maio de 1892 (p. 257-61), que, ao meu ver, deveria ser complementado pelo artigo de 1º de junho de 1892, também publicado no jornal *O Estado de S. Paulo* na coluna “Dia a Dia”, e que é o prosseguimento do “Instituto Politécnico”.

O artigo de 1º de junho já foi publicado tanto na *Obra Completa* (I, p. 391-93) como na *Revista do Livro* (nº 15 – set./1959, p. 158-60).

A seqüência citada forma um todo que melhor expressa a visão de Euclides sobre a futura Escola Politécnica de São Paulo e também é responsável pelos posteriores insucessos do escritor quanto tenta entrar para essa Instituição.

Com um abraço e sinceros agradecimentos,

José Carlos Barreto de Santana
Estudante maratonista em São José do Rio Pardo, à época

* * * * *

Ilmo. Sr.

Manoel Vilela de Magalhães:

Informamos a V. S^a que este Departamento de Estudos de Formação da AEUDF (Associação de Ensino Unificado do Distrito Federal), a exemplo do que foi feito no último semestre de 1993 e primeiro de 1994, com o livro *Um Morto Coberto de Razão*, do escritor Cyl Gallindo, adotou, deste mesmo autor, a “Apresentação” do livro *Canudos e Outros Temas*, de Euclides da Cunha, à publicação pelo Senado Federal, para a leitura e análise no Curso de Português ministrado pela Professora Maria do Carmo Pereira Coelho, envolvendo mais de 400 alunos, no enfoque de fundamentação da questão da cidadania.

Diante do exposto, solicitamos, a título de doação, 300 exemplares, em separata, da referida “Apresentação”, para o estudo em foco e posterior inclusão no acervo permanente da Biblioteca Central da AEUDF.

Maria Leda Rezende Dantas

Departamento de Formação da AEUDF – Brasília – DF

.....

Dados sobre o autor da Apresentação
de Canudos e Outros Temas

CYL GALLINDO é jornalista filiado ao Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Distrito Federal – Brasília, e escritor, membro da Academia de Letras do Brasil – Brasília – DF, do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal – Brasília – DF, da ANE – Associação Nacional de Escritores – Brasília – DF e da União Brasileira de Escritores – seção de Pernambuco. Nasceu em Buíque – PE, de onde saiu aos 15 anos de idade, conheceu todo o Brasil e já visitou 14 países. Atualmente está radicado no Recife.

Foi assessor de Comunicação Social no Senado Federal (Gabinete 25), trabalhou para o *Jornal do Commercio*, *Diário de Pernambuco*, *Jornal da Cidade* e *TV Universitária* (Recife), foi correspondente do *Jornal de Letras* (RJ), colaborador da *Gazeta do Povo* (PR), *Jornal de Mato Grosso* (MT) e membro (fundador) do Conselho Municipal de Cultura do Recife. Atualmente, é o representante, para todo Brasil, de *FRANCACHELA* – Revista Internacional de Literatura e Arte, editada na Argentina, com diversos Estados brasileiros.

Conquistou prêmios de âmbito nacional com poesias e contos, um os quais foi reproduzido na revista *PRISMAL* – University of Maryland – USA. Outro conto, traduzido para o alemão pelo professor

da Universidade de Viena, Dr. Friedrich Frosch, publicado na revista *XICÓATL*, em Salzburgo – Áustria. Assim como poemas seus foram publicados na França, na antologia *Poésie de Brésil*, organizada por Lourdes Sarmiento. O escritor cubano Eduardo Frank, radicado no Canadá, está traduzindo contos seus para o espanhol.

Cyl Gallindo publicou catorze livros de prosa e poesia, sempre bem acolhidos pela crítica, com depoimentos favoráveis de Carlos Drummond de Andrade, Joaquim Cardoso, Maria do Carmo Barreto Campelo, Ênio Silveira, Dulce Chacon, Regina Igel (USA), Nélida Piñon, Luís da Câmara Cascudo, Moacir Scliar, Nilo Pereira, Ana Maria Lisboa de Melo (UFRS), B. N. Teensma (Holanda), Luiz Forjaz Trigueiro (Portugal), entre outros. Acaba de escrever seu primeiro romance.

Foi ele o responsável pela ampliação do acervo do Brasil do Museu Tropical da Holanda, em Amsterdã. Em 1976, em companhia do Dr. Hans de Marez Oyens, percorreram vários Estados brasileiros, reuniram 408 peças, cuja exposição, à época, foi inaugurada pela rainha Juliana.

A *Enciclopédia de Literatura Brasileira*, de Afrânio Coutinho, 2ª edição, 2002, Global Editora/MinC/ABL traz verbetes a seu respeito, assim como diversos dicionários de Literatura.

Tanto no Rio de Janeiro, como em Brasília – DF, onde residira, empenhou-se em promover e divulgar a cultura pernambucano-nordestina, inclusive reorganizando, na Capital da República, a Casa de Pernambuco. No Rio de Janeiro, tornou-se amigo íntimo do poeta Manuel Bandeira, de Joaquim Cardoso, que prefaciou seu primeiro trabalho; de Carlos Drummond de Andrade, Luís Luna, Plínio Doyle, Nélida Piñon, Vinícius de Moraes, entre outros.

Prefaciou e apresentou dezenas de livros, entre os quais *Canudos e Outros Temas*. Proferiu conferências e palestras na UFPE, UERJ, UnB, AEUDE, UFPA, UFSE, UNICAP, UNESCO, Congressos Nacionais de Literatura e Semana Euclidiana entre outras instituições.

Além dos publicados, C. G. terminou de escrever seu primeiro romance, que está em processo de entendimento de sua tradução para o holandês e publicação na Holanda.

.

Dados sobre o autor da capa

REGINALDO ESTEVES

Pernambuco – Brasil – 1930

Concluiu arquitetura em 1954 na Escola de Belas Artes do Recife e passou a lecionar desenho no Curso de Arquitetura da UFPE até 1978.

Participou de exposições coletivas e realizou individual no Museu de Arte Contemporânea de Pernambuco.

Foi diretor do MAC e integrou o júri da II Bienal da Bahia.

É membro do Conselho Curador do Instituto de Arte Contemporânea de Pernambuco.

Trabalho uma série sobre Canudos desde janeiro de 1995.

Endereço: Escritório/Atelier – Avenida, 1578 – Casa Forte – CEP 52061 – 590 – Fone/Fax. 3441-7443 – Recife/PE.

.....
Índice Onomástico

A

ABADE, João – 39, 40, 41
ABERDEEN – 140
ABÍLIO (capitão) – 101
AGOSTINHO – 38
AGUIAR (capitão) – 101
AGUIAR, Durval Vieira de – 47
ALENCAR, Mário de – 190
ALMEIDA, João Joaquim de – 180
ALMEIDA, José Cardoso de – 137
ALMEIDA, Leonel Joaquim de – 172
ALIACUS, Petrus – 119
AMPÉRE – 232
ANDRADE, Bueno de – 15
ARTUR OSCAR (general) – 9, 54, 77, 89,
93, 97, 99, 101, 108
ASSIS, Machado de – Ver MACHADO
DE ASSIS

B

BACELAR, Antônio Francisco – 173
BACON – 232
BARBOSA (general) – 100
BATOLO – 163
BAYARD – 50
BITTENCOURT (marechal) – 63, 70, 71
BLANC, Louis – 222
BORDEAU – 232
BRANNER – 199
BROWN, B. – 173

BUACHE, Filipe – 201
BUCKLE – 49, 117, 123

C

CABRAL, Pedro Álvares – 120
CALADO (coronel) – 65
CALDAS, Casimiro Pereira – 173
CALDAS, João Pereira – 169
CALDAS, Tupi – 59, 80, 98, 102
CALMON – 212
CAMINHOÁ (professor) – 3, 5
CAMPELO FRANÇA (coronel) – 70
CAMPOS, Gonzaga de – 199
CÂNDIDO MARIANO – 68, 95
CAPANEMA (barão de) – 127, 134
CARLOS EUGÊNIO (general) – 76, 93,
101
CARLYLE, Thomas – 49
CARVALHO, Coriolano de – 69
CARVALHO, José C. de – 3
CARVALHO, Vicente de – 211
CASTELNAU – 202
CÉSAR – 9, 14, 76, 79
CHANDLESS, W. – 171, 186, 203
CIARIANA, Pedro de (frei) – 170, 171
COELHO NETO – 190
COLOMBO – 119
COMTE, Auguste – 223, 232
CONSELHEIRO, Antônio – 4, 29, 30,
32, 36, 39, 40, 41, 42, 46, 48, 49, 58,
59, 74, 79, 86, 92

CORDEIRO (capitão) – 87
CORREIA, Raimundo – 190
CUNHA, Euclides da – 105, 153, 188,
203, 205, 208, 209, 212, 213, 215, 216,
234, 238
CURIO (doutor) – 90

D

D'AUVILLE, Bourguignon – 200, 201
D'ORBIGNY – 202
D'ALEMBERT – 233
DANTAS BARRETO – 80, 101, 211
DANTE – 101
DELISLE, Guilherme – 200, 201
DERBY, Orville – 148, 199, 202
DIAS, Bartolomeu – 119
DRAENER, Fred – 125
DUBOIS, Marcel – 202

E

EMÍLIO – 211
ENCARNAÇÃO, Manuel Urbano – 170,
171, 172
ESCHWEGE – 202

F

FAWCETT (major) – 200
FLORA (dona) – 211, 212
FLORIANO (marechal) – 47, 215
FRENCH – 28
FURTADO, Francisco – 170

G

GAMA, Vasco da – 120
GASTÃO – 212
GLADSTONE – 223
GLIMMER – 155

GOMES BURQUEIRA – 65
GOMES CARNEIRO – 53
GOUVEIA (coronel) – 108
GRAÇA ARANHA – 190, 211
GUABIRU, Gustavo – 69, 81
GUIMARÃES, Gabriel – 172

H

HANN – 125
HARTT, Fred – 202
HERSCHEL – 127
HOMEM DE MELO (barão) – 201, 202
HUMBOLDT – 4, 64, 114

J

JACEGUAÍ (almirante) – 207
JOSÉ (criança) – 62
JOSÉ FÉLIX – 39
JOSÉ PEDRO (major) – 87, 108

L

LABRE, Antônio Rodrigues Pereira –
172
LAWSON – 200
LEITE, Domingos – 68
LEÔNIDAS – 26
LIAIS, Emílio – 125, 203
LIMA, Rodrigues – 46
LINDSTONE, W. – 173
LIVINGSTONE – 6
LOEFGREN, A. – 114, 115, 116
LUND – 115

M

MACAMBIRA – 36, 39
MACAMBIRA, Joaquim (filho) – 39

MACHADO DE ASSIS – 189, 190, 191, 201
MALTHUS – 223
MARDEL, João Batista– 169
MARTINIANO (major) – 69
MARTIUS – 3, 113, 114
MEDEIROS (coronel) – 13
MELO, Epaminondas – 172
MELO, Francisco de – 87
MELO, Francisco Homem de – 201
MICHEL, Luísa – 223
MILL, Stuart – 49
MNEMON – 96
MONTEIRO, Caetano– 172
MONTESQUIEU – 49
MOREIRA CÉSAR – 21, 42, 68
MORRIS DAVIS – 200
MOTA – 40
MOUCHEZ, E. – 138, 139, 143, 148

N

NABUCO, Joaquim – 205

O

OLIVEIRA LIMA – 205, 211
OLIVEIRA, Joaquim de – 139
OSÓRIO (capitão) – 95

P

PAÇO, Manuel Joaquim do – 170
PAJEÚ – 39, 40, 86
PAULA SOUSA – 229, 231
PEDRO I (imperador) – 198
PEIXOTO, Floriano – 215
PENA, Herculano (conselheiro) – 170

PINZÓN, Vicente – 120
PIRES FERREIRA (tenente) – 40
POMPEU, Tomás – 126
PONTES, Pedro Simões – 83, 90
PONTES, Simões – 90
PROUDHON – 222

Q

QUADRADO, Manuel – 40
QUEIRÓS (major) – 98, 102

R

RAPOSO (alferes) – 102
REBOUÇAS, André – 134, 207
REMBRANDT – 23
REIS, Elesbão (tenente-coronel) – 109
RODRIGO OTÁVIO – 190
RODRIGUES, José Carlos – 212
ROHAN, Beaurepaire – 134
RONDON, Cândido – 200

S

SACRAMENTO, Antônio Leonel do – 173
SAINT-HILAIRE, Auguste – 3, 5, 202
SAMPAIO, César (coronel) – 68, 77, 103
S'ANNINHA – 211, 212
SANTOS, Boaventura – 172
SARAIVA (conselheiro) – 52
SAVAGET (general) – 20, 26, 27, 28
SAVONAROLA – 49
SCHILLER – 61
SILVA COUTINHO – 171
SILVA, Alfredo – 69
SILVA, Raimundo Magno da (capitão) – 100
SILVEIRA, Antônio Pinto da (capitão) – 193

SIQUEIRA DE MENESES (tenente-coronel) – 91, 93, 108

SOARES, Gabriel – 139

SOTERO DE MENESES (coronel) – 68, 78, 87

SOUSA FRANCO (capitão) – 69

SPENCER – 223, 232

STIRLING, John – 28

T

TÁCITO – 163

TAMARINDO (coronel) – 45

TÂNTALO – 55

TARAMELA – Ver QUADRADO, Manuel

TEIXEIRA DE SOUSA – 15

TELES, Carlos (coronel) – 27, 38, 49

THURMMAN – 116

TOSCANELLI, Paolo – 119

U

URBANO, Manuel – Ver ENCARNANÇA, Manuel Urbano

V

VERÍSSIMO, José – 190, 191, 205, 208

VICO – 162

VÍTOR HUGO – 216, 225

VILANOVA – 32, 39, 59, 83, 86

W

WARMING – 113, 114, 117

Canudos e Outros Temas, de Euclides da Cunha,
foi composto em Garamond, corpo 12, e impresso em
papel vergê areia 85g/m², nas oficinas da SEEP (Secretaria
Especial de Editoração e Publicações), do Senado
Federal, em Brasília. Acabou-se de imprimir
em abril de 2003, de acordo com o
programa editorial e projeto gráfico
do Conselho Editorial do Senado Federal